

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Departamento de Psicologia – Mestrado em Psicologia Clínica

Luís Henrique Fuck Michel

A vivência de psicoterapia de mães enlutadas

Curitiba

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUÍS HENRIQUE FUCK MICHEL

A VIVÊNCIA DE PSICOTERAPIA DE MÃES ENLUTADAS

Dissertação apresentada como requisito parcial ao título de Mestre em Psicologia, na linha de pesquisa Psicologia Clínica do Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joanneliese de Lucas Freitas

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Virginia Filomena Cremasco

CURITIBA

2017

Catálogo na publicação  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Michel, Luis Henrique Fuck.

A vivência de psicoterapia de mães enlutadas. – Curitiba, 2017.  
508 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joaneliese de Lucas Freitas  
Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Maria Virginia Filomena Cremasco

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Educação da Universidade  
Federal do Paraná.

1. Luto – aspectos psicológicos. 2. Psicologia fenomenológica. 3. Psicoterapia.  
I.Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
Setor CIÊNCIAS HUMANAS  
Programa de Pós Graduação em PSICOLOGIA  
Código CAPES: 40001016067P0

## ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM PSICOLOGIA

No dia trinta e um de Março de dois mil e dezessete às 10:30 horas, na sala 208, Prédio Histórico - Setor Psicologia, do Setor de CIÊNCIAS HUMANAS da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos de arguição do mestrando **LUIS HENRIQUE FUCK MICHEL** para a Defesa Pública de sua Dissertação intitulada: "**A VIVÊNCIA DE MÃES ENLUTADAS EM PSICOTERAPIA.**". A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: JOANNELIESE DE LUCAS FREITAS (UFPR), ADRIANO FURTADO HOLANDA (UFPR), MARIA JULIA KOVÁCS (USP). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra ao discente, para que o mesmo expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. O aluno respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais e, depois, solicitou que os presentes e o mestrando deixassem a sala. A Banca Examinadora, então, reuniu-se sigilosamente e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela aprovação do aluno. O mestrando foi convidado a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, JOANNELIESE DE LUCAS FREITAS, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

Observações: A banca inclui a co-orientadora M<sup>te</sup> Virginia Filemna Cremasco. O título correto é "A vivência de psicoterapia de mães enlutadas".

Curitiba, 31 de Março de 2017.

JOANNELIESE DE LUCAS FREITAS  
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

ADRIANO FURTADO HOLANDA  
Avaliador Interno (UFPR)

MARIA JULIA KOVÁCS  
Avaliador Externo (USP)

*À minha mãe, Anna,  
que semeou e cultivou  
tudo que em mim há de bom,  
dedico os frutos desse trabalho.*

## AGRADECIMENTOS

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joanneliese de Lucas Freitas, por sua enorme disponibilidade e abertura. Por ter me guiado e inspirado desde a graduação, tornando-se minha maior referência profissional, na psicologia e na docência.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Virginia Filomena Cremasco, pela confiança em mim depositada e pela generosidade que tornaram possíveis meus primeiros passos na pós-graduação. Por ter enriquecido este trabalho com suas observações sempre perspicazes.

Aos Professores Dr.<sup>a</sup> Maria Júlia Kovács e Dr. Adriano Furtado Holanda, pelos quais tenho profunda admiração, por me honrarem com suas participações nas bancas de defesa e de qualificação, trazendo inestimáveis contribuições para esta dissertação.

À minha família, Anna, Hamilton e Tales, por terem sido desde sempre meu suporte, minha fortaleza. Pelas marcas indeléveis que deixaram em mim por meio de seus exemplos e por terem me ensinado as lições essenciais da vida.

À minha esposa, Mariana, por me permitir sonhar e por sonhar junto comigo. Em sua companhia encontro um lar que torna as utopias mais plausíveis.

À minha amiga, Giovanna Segalla, por ter tornado esse período de mestrado mais leve e agradável, com seu apoio e cumplicidade.

Aos meus amigos, pela paciência e compreensão nos momentos de ausência desses últimos dois anos.

Aos colegas do projeto de extensão “Luto: vivência e possibilidades”, pelo companheirismo e pelas enriquecedoras trocas de aprendizado.

Aos membros do grupo Amigos Solidários na Dor Luto, especialmente as mães que participarem deste estudo, por compartilharem suas dores e a riqueza de suas histórias.

À Mariângela Rezende, secretária do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da UFPR, pela atenção e cuidado que demonstrou, comigo e com os demais mestrandos, no desempenho de sua função.

À CAPES, pelo auxílio financeiro que possibilitou o desenvolvimento dessa pesquisa.

Não, meu coração não é maior que o mundo.  
É muito menor.  
Nele não cabem nem as minhas dores.  
Por isso gosto tanto de me contar.  
Por isso me dispo,  
por isso me grito,  
por isso frequento os jornais, me exponho cruamente nas livrarias:  
preciso de todos.  
Sim, meu coração é muito pequeno.  
Só agora vejo que nele não cabem os homens.  
Os homens estão cá fora, estão na rua.  
A rua é enorme. Maior, muito maior do que eu esperava.  
Mas também a rua não cabe todos os homens.  
A rua é menor que o mundo.  
O mundo é grande.  
Tu sabes como é grande o mundo.  
Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão.  
Viste as diferentes cores dos homens,  
as diferentes dores dos homens,  
sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso  
num só peito de homem... sem que ele estale.  
Fecha os olhos e esquece.  
Escuta a água nos vidros,  
tão calma, não anuncia nada.  
Entretanto escorre nas mãos,  
tão calma! Vai inundando tudo...  
Renascerão as cidades submersas?  
Os homens submersos - voltarão?  
Meu coração não sabe.  
Estúpido, ridículo e frágil é meu coração.  
Só agora descubro  
como é triste ignorar certas coisas.  
(Na solidão de indivíduo  
desaprendi a linguagem  
com que homens se comunicam.)  
Outrora escutei os anjos,  
as sonatas, os poemas, as confissões patéticas.  
Nunca escutei voz de gente.  
Em verdade sou muito pobre.  
Outrora viajei  
países imaginários, fáceis de habitar,  
ilhas sem problemas, não obstante exaustivas e convocando ao suicídio.  
Meus amigos foram às ilhas.  
Ilhas perdem o homem.  
Entretanto alguns se salvaram e  
trouxeram a notícia  
de que o mundo, o grande mundo está crescendo todos os dias,  
entre o fogo e o amor.  
Então, meu coração também pode crescer.  
Entre o amor e o fogo,  
entre a vida e o fogo,  
meu coração cresce dez metros e explode.  
- Ó vida futura! Nós te criaremos.

(Mundo Grande, Carlos Drummond de Andrade)

## RESUMO

O luto é definido existencialmente como uma vivência que emerge da mudança abrupta de um relação, com a supressão da corporeidade de um ente querido. Com a morte desse outro, fica impossibilitado um modo de ser do enlutado que se apresentava de maneira única e especial naquela relação. A perda desse outro a quem o enlutado está sensivelmente entrelaçado, é vivida por ele como a perda de um mundo. Segundo esta perspectiva, o luto materno pode ser compreendido como um fenômeno que emerge do rompimento de uma relação partilhada entre uma mãe e um filho, com a supressão abrupta da corporeidade desse filho. O luto materno lança essa mãe em um mundo de impossibilidades. O filho falecido, que antes era com ela parte de uma mesma intercorporeidade, passa a ser uma presença-ausente em sua rotina e sua memória. Em situações de perdas significativas como essa, frequentemente se recorre à um psicólogo clínico, dando-se início a um processo psicoterápico. O modo como este processo é vivenciado pelo enlutado, no entanto, ainda é pouco estudado. Pesquisas empíricas sistematizadas que abordem o processo psicoterápico ainda são escassos. Pesquisas sobre a experiência de psicoterapia de mães enlutadas, mais especificamente, ainda não existem na literatura nacional. No intuito de preencher esta lacuna, o presente estudo assumiu o objetivo de compreender a vivência de mães enlutadas de seus processos psicoterápicos. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, aplicando-se o método fenomenológico. Foram realizadas entrevistas com quatro mães participantes de um grupo de ajuda mútua para enlutados de Curitiba intitulado “Amigos Solidários na Dor do Luto” (ASDL). Este grupo foi criado e é coordenado pela comunidade leiga, sendo composto em sua maioria por mães que perderam seus filhos. As entrevistas com as mães que aceitaram participar da pesquisa foram realizadas individualmente, tendo sido iniciadas pela pergunta disparadora: “Você pode relatar a vivência de seu processo terapêutico durante o luto?”. Com o consentimento das participantes, as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Para a análise dos dados foram seguidos os quatro passos metodológicos desenvolvidos por Giorgi. A análise das entrevistas revelou 19 elementos que constituem a vivência de mães enlutadas da psicoterapia, a saber: sentir dificuldade inicial para falar, sentir-se acolhida, sentir-se escutada, sentir-se respeitada, sentir-se compreendida, raiva do psicoterapeuta, falar sem reservas, expressar sofrimento, sentir-se livre para abordar outros temas que não o luto, revelar o sentimento de culpa, poder se queixar dos familiares, perceber novas possibilidades, alcançar autocompreensão, aceitar a morte, deixar de culpar os outros pela morte do filho, aceitar o modo dos outros lidarem com o luto, experiência de fortalecimento, sentir-se melhor de saúde, retomar a vida. Concluiu-se que esta é a vivência de uma relação particular, entre mãe enlutada e psicoterapeuta, que pode propiciar a abertura de possibilidades de novos sentidos desde que contemple determinadas condições.

Palavras-chave: Luto; Luto materno; Psicoterapia; Psicologia fenomenológica.



## ABSTRACT

Mourning is defined existentially as an experience that emerges from the abrupt change of a relationship, with the suppression of the corporality of a loved one. With the death of this other, a way of being of the mourner that presented itself in a unique and special way in that relationship becomes impossible. The loss of this other to whom the mourner is sensibly interconnected is experienced by him as the loss of a world. According to this perspective, maternal grief can be understood as a phenomenon that emerges from the breakup of a shared relationship between a mother and a child, with the abrupt suppression of that child's corporeity. Maternal grief throws this mother into a world of impossibilities. The deceased son, which shared with her the same intercorporeality, becomes a presence-absent in his routine and his memory. In situations of significant losses such as this, a clinical psychologist is often referred to, starting a psychotherapeutic process. The way this process is experienced by the bereaved, however, is still little studied. Systematic empirical research that addresses the psychotherapeutic process remains scarce. Research on the experience of psychotherapy of bereaved mothers, more specifically, does not exist yet in the national literature. In order to fill this gap, the present study assumed the objective of understanding the experience of bereaved mothers of their psychotherapeutic processes. For that, a qualitative research was carried out, applying the phenomenological method. Interviews were conducted with four mothers who are participants of a mutual aid group for mourners in Curitiba entitled "Amigos Solidários na Dor do Luto" (ASDL). This group was created and is coordinated by the lay community, being composed mostly by mothers who lost their children. Interviews with the mothers who agreed to participate in the research were conducted individually, and were initiated by the triggering question: "Can you relate the experience of your therapeutic process during mourning?" With the consent of the participants, the interviews were recorded in audio and later transcribed. For the analysis of the data the four methodological steps developed by Giorgi were followed. The analysis of the interviews revealed 19 elements that constitute the experience of bereaved mothers of psychotherapy, namely: initial difficulty to speak, to feel welcomed, to feel listened, to feel respected, to feel understood, rage towards the psychotherapist, speak without reservations, express suffering, feel free to address other issues beyond mourning, reveal guilt, complain about relatives, realize new possibilities, achieve self-understanding, accept death, stop blaming others for the death of the child, accept others' way of dealing with mourning, strengthening experience, feel healthier, resume life. It was concluded that this is the experience of a particular relationship between a bereaved mother and a psychotherapist, which may allow the opening of possibilities of new meanings as long as it contemplates certain conditions.

Keywords: Mourning; Maternal grief; Psychotherapy; Phenomenological psychology.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>11</b>
<b>1. Revisão bibliográfica .....</b>	<b>21</b>
1.1 A experiência de estar em psicoterapia.....	21
1.2 A maternidade e o luto pela perda de um filho .....	28
1.2.1 A maternidade através da história.....	32
1.2.2 Ser mãe de um filho que morreu .....	40
1.2.3 O luto materno: estrutura constituinte da vivência .....	45
<b>2. Método .....</b>	<b>58</b>
<b>3. Resultados e Discussão .....</b>	<b>69</b>
<b>4. Considerações finais.....</b>	<b>98</b>
<b>Referências.....</b>	<b>104</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>110</b>
Anexo I.....	110
Anexo 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	110
Anexo 2 – Parecer Consubstanciado do CEP .....	112
Anexo II - Transcrições .....	116
Anexo 3 – Análise das Entrevistas.....	116

## Introdução

O presente estudo, “A vivência de psicoterapia de mães enlutadas”, como indica o título, aborda dois temas e os articula: luto materno e psicoterapia. Estes são temas caros ao autor dessa pesquisa, estando intimamente ligados à sua trajetória desde a graduação, quando passou a acompanhar as reuniões do grupo Amigos Solidários na Dor do Luto (ASDL) – um grupo de apoio mútuo para enlutados, criado e gerido por pessoas da comunidade. O início do acompanhamento ocorreu devido ao interesse do pesquisador em compreender o fenômeno do luto. Esta experiência propiciou um primeiro contato com a temática, por meio da escuta do relato de pessoas enlutadas, participantes do grupo.

Durante as reuniões do ASDL, eram frequentes os elogios dos participantes aos professores e estudantes de psicologia por acompanharem o grupo com o intuito de compreender a vivência do luto. Não raro, os elogios vinham acompanhados de críticas a psicólogos e médicos com quem eles tiveram contato após a perda de um ente querido. Eram comuns os comentários sobre a insensibilidade desses profissionais e o despreparo que possuíam para lidar com pessoas enlutadas. O impacto negativo da relação com estes profissionais e o anseio que tinham por profissionais qualificados era tão grande que, ao permitirem que estudantes de psicologia acompanhassem suas reuniões, os participantes do grupo acreditavam que poderiam estar contribuindo para a formação de profissionais mais qualificados para trabalhar com a questão do luto.

Um fato que chamava atenção nas reuniões do ASDL era a prevalência de mães enlutadas, o que provocava reflexões quanto às especificidades do luto pela perda de um filho. Essas reflexões originaram uma pesquisa que teve por objetivo apresentar os elementos constituintes do luto materno (Freitas & Michel, 2014) e mais tarde um capítulo de livro que abordava o mesmo tema (Freitas & Michel, 2015). Como resultado desta pesquisa, foram identificados 19 elementos constituintes que compõem a estrutura desta vivência, a saber:

golpe ao receber a notícia, perda do sentido do mundo-da-vida, revolta, desespero, negação, dor, impotência, vontade de morrer, quebra do tabu da mortalidade, culpa, oscilações de humor/instabilidade emocional, fragmentação dos laços afetivos, perda de um modo de existir, idealização do filho morto, transcendência, engajamento em projetos que tenham relação com o filho, perpetuação da memória do filho, estreitamento de laços com pessoas significativas para o morto, e relações significativas. Este estudo permitiu que se alcançasse uma descrição da vivência do luto materno, contribuindo para uma compreensão fenomenológico-existencial do luto materno no campo da psicologia.

Outra experiência significativa para a compreensão do luto (especialmente o luto materno) foi o atendimento psicoterápico de mães enlutadas durante o estágio de quinto ano na Clínica de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Além de permitirem este aprofundamento em relação à compreensão da vivência do luto, esses atendimentos suscitaram questões importantes sobre os limites e as possibilidades dos profissionais da área clínica em relação ao trabalho com enlutados. Em relação aos limites, algumas pacientes relatavam a dificuldade que sentiam para “voltarem a ser quem eram” antes da perda de seus filhos, ou mesmo de “superarem” o luto – retorno ou superação que elas acreditavam ser possível quando iniciavam psicoterapia. Ao mesmo tempo, o atendimento clínico de mães enlutadas mostrou-se um processo em que possibilidades particulares de ressignificação da relação com o filho falecido eram desveladas, revelando um novo modo de existir dessas mães.

O conjunto dessas experiências, questionamentos e reflexões delinearam o objetivo do presente estudo: compreender a vivência que mães enlutadas tiveram de seus processos psicoterápicos. Tendo em vista a dificuldade em se estudar diversas experiências de luto em um período tão breve de tempo, optamos por realizar um recorte, abordando o luto por uma relação particular – a relação mãe e filho. O luto materno pareceu uma escolha óbvia devido à

proeminência de mães enlutadas no grupo de apoio mútuo acompanhado pelo pesquisador, sendo também uma possibilidade de aprofundar estudos que têm sido realizados por este desde a graduação. Para a realização da pesquisa, mães do grupo ASDL foram convidadas a relatar suas experiências de psicoterapia após a perda de seus filhos.

O enfoque, no presente estudo, é dado ao modo de aparecer do objeto ao sujeito, ou ainda, a vivência que mães enlutadas tiveram de seus processos psicoterapêuticos após a perda de seus filhos. Para tanto, optamos pela realização de uma pesquisa empírica, com entrevistas abertas, utilizando o método fenomenológico de Giorgi para a análise dos relatos (Giorgi & Sousa, 2010), justamente por este método nos permitir “captar o sentido ou significado da vivência para a pessoa em determinadas situações, por ela experienciadas em seu existir cotidiano” (Forghieri, 1993/2012, p. 59). Seguindo os passos inerentes ao método, tornou-se possível encontrar a estrutura da vivência de psicoterapia de mães enlutadas.

Devido ao fato de enfocarmos o modo como as mães enlutadas vivenciaram a experiência, não iremos contemplar a segunda pessoa que compõe a relação terapêutica - o psicoterapeuta. Buscaremos apreender o vivido das participantes, considerando que a abordagem que orienta o trabalho do psicólogo só nos interessa à medida que isso se faz presente no discurso das mães enlutadas. Justamente por isso, também nos abstermos de avaliar teorias. Até este primeiro momento, este estudo tem um aspecto meramente descritivo, em que mesmo a perspectiva teórica do pesquisador é colocada em suspensão (por meio da *epoché* e da redução fenomenológica). Apenas em um segundo momento, realizaremos uma discussão teórica a partir dos dados encontrados. Mais uma vez, vale ressaltar que não estaremos preocupados em discutir as abordagens teóricas da psicologia. Propomos uma discussão anterior, em que o que nos importa é a maneira como as mães enlutadas vivenciam o processo terapêutico.

Esta pesquisa responde a uma demanda expressa pelos próprios participantes do grupo de apoio mútuo ASDL que percebem os profissionais da área clínica como despreparados para lidar com situações de luto e alheios ao que é a vivência de estar enlutado. Dessa forma, afirmam a necessidade de uma melhor formação para profissionais desta área, que eventualmente irão se deparar com pessoas que estão vivenciando o luto. Kovács (2003) corrobora esta percepção dos participantes do grupo de apoio mútuo para enlutados e também chama a atenção para o pouco espaço destinado ao tema da morte na formação do psicólogo. De acordo com a autora, é paradoxal o fato da morte não ser um tema primordial para a psicologia enquanto campo de estudo e prática profissional, visto que esta se ocupa das relações do homem com o mundo, e a morte, por sua vez, é uma preocupação universal da humanidade (Kovács, 1992). No que se refere ao luto, a autora ressalta que esta é uma questão muito presente no trabalho do psicólogo clínico, a quem pessoas enlutadas frequentemente recorrem após perdas significativas (Kovács, 2003).

O estudo de Koury (2003) sobre o luto na sociedade brasileira urbana contemporânea vai ao encontro das afirmações de Kovács (2003) ao apontar o “tratamento especializado” como um novo modo de amparo para pessoas enlutadas. De acordo com o autor, neste momento histórico, temos instâncias que antes auxiliavam o indivíduo em sua reintegração à vida social (como a família e a religião) já não sendo mais tão acreditadas como décadas atrás na sociedade ocidental e o tratamento especializado surgindo como nova instância capaz de amparar o sujeito (Koury, 2003). Resta, porém, a indagação sobre o que seria este tratamento especializado que vem sendo demandado por pessoas enlutadas. E, antes que caíamos no erro de pensar neste tratamento de modo genérico, é importante salientar que existem diversas propostas de trabalho com enlutados, fundamentadas em diferentes concepções de luto. Não adentraremos nas especificidades dessas propostas neste estudo, mas julgamos ser fundamental ressaltar que quando nos deparamos com um fenômeno complexo como o luto,

percebemos que não existe uma única maneira de compreendê-lo, ou uma única teoria que procura explicá-lo.

De um ponto de vista existencial, do qual partimos ao abordar o luto nesta pesquisa, prevalece a compreensão de que este é um fenômeno que tem início com a abrupta supressão do outro enquanto corporeidade (Freitas, 2013). A interrupção abrupta da intercorporeidade impossibilita o modo habitual de ser nesta relação, exigindo uma ressignificação desta. O luto não seria, portanto, um processo linear, passível de superação, mas uma nova condição a que é lançado quem perde um ente querido, exigindo novos sentidos e um novo modo de ser-com aquele que morreu.

É a partir dessa ausência do outro no mundo do “eu” que “a experiência do luto surge como essa novidade carente de sentido que coloca em jogo as especificidades relacionais, o horizonte histórico e o mundo-da-vida do enlutado” (Freitas, 2013, p.99). Em outras palavras, o que Freitas defende é que a experiência do luto deve ser compreendida em seu aspecto particular, seu horizonte histórico e seu aspecto transcendental. No que diz respeito ao horizonte histórico, é importante demarcar as significativas mudanças de atitude do homem diante da morte, ainda que estas alterações tenham se dado de forma sutil com o passar do tempo. Há uma clara diferença entre a forma como nos relacionamos com a morte hoje e a maneira como se dava esta relação séculos atrás.

Preocupado em compreender como o homem ocidental relacionou-se com a morte ao longo dos séculos, o historiador Philippe Ariès descreveu as transformações dessa relação em sua obra clássica “História da Morte no Ocidente” (1975/2003). Ariès afirma que até a Idade Média as pessoas tinham uma atitude de familiaridade e proximidade em relação à morte. Era a chamada “morte domada”. Nesse determinado momento histórico, o moribundo percebia quando a própria morte se aproximava e organizava, ele mesmo, sua cerimônia pública de despedida. O leito do paciente era rodeado por inúmeros amigos, vizinhos e familiares e,

dentre eles, era comum a presença de crianças. Os ritos eram aceitos e cumpridos com simplicidade. Este era um tempo propício para resolver questões pendentes, perdoar e ser perdoado, despedir-se da vida. Nesse sentido, torna-se compreensível o temor que havia naquela época de se morrer repentinamente.

Ariès (1975/2003) aponta que a partir do século XVIII, o homem ocidental passa a atribuir um novo sentido à morte. Ele já não se ocupa tanto com a própria finitude, mas com a morte do outro. A saudade e a lembrança deste outro que morre irá inspirar, nos séculos seguintes, o culto dos túmulos e também dos cemitérios. Já no século XIX, temos o início do que Ariès denominou de “morte romântica”. Neste período, a morte se torna admirável por sua beleza e também passa a ser percebida como um momento de ruptura. A ideia de separação parece insuportável aos sobreviventes. A morte no leito, que se mantém igual em diversos aspectos que caracterizavam esta cerimônia, agora deixa de ser um evento banal, passando a contemplar expressões espontâneas de dor apaixonada por parte daqueles que rodeavam o leito.

A atitude de familiaridade aos poucos foi desaparecendo, dando lugar a uma morte que é vergonhosa, objeto de interdição: no século XX, a morte é interdita (Ariès, 1975/2003). A morte que é considerada “boa” passa a ser aquela que ocorre repentinamente, em oposição ao que se dava na Idade Média. O moribundo perde seu papel central na organização do fim da própria vida. Muitas vezes, a verdade sobre seu estado de saúde é ocultado por aqueles que o cercam, no intuito de poupá-lo. A comoção dos enlutados também se torna, nesse momento, motivo de embaraço, vergonha. A emoção deve ser evitada, escondida, podendo se dar apenas no âmbito particular. O luto deve ser “tratado, abreviado e apagado” (Ariès, 1975/2003, p. 95).

O lugar da morte também se modifica a partir do século XX, da casa para o hospital. Os avanços tecnológicos permitem que se evite ou adie o momento da morte. Morre-se



solitariamente e em etapas, com a perda da consciência, a parada respiratória, a falência dos órgãos. “A morte é um fenômeno técnico causado pela parada dos cuidados, ou seja, de maneira mais ou menos declarada, por decisão do médico e da equipe hospitalar” (Ariès, 1975/2003, p. 86). Apesar de sabermos que podemos morrer, sentimo-nos imortais. Morrer deixa de ser um aspecto natural da vida, passando a representar o fracasso do médico e da tecnologia (Ariès, 1975/2003). Diante da ameaça da morte, como nos lembra Leis (2003), já não buscamos por milagres vindos do além, mas por soluções vindas do aquí:

Quando nossa vida enfrenta ameaças que podem levar-nos à morte corremos a pedir auxílio à ciência e à técnica, do mesmo modo que recorremos a esse show de representações sobre a morte dos outros para tentar enganar suas ameaças quando estas ainda não são visíveis ou não se fazem sentir. Todos estes fatores estão intimamente relacionados: a crescente falta de contato físico e espiritual dos seres humanos com a experiência da morte está certamente vinculada à não menos crescente necessidade de assistir à morte como um espetáculo, como uma representação simbólica (p. 346).

A descrição da história da morte contempla também, atualmente, a “morte escancarada”, que diz respeito justamente a esta morte violenta que é apresentada como um espetáculo pelos meios de comunicação (especialmente pela televisão). A morte, que se mantém interdita, torna-se ao mesmo tempo presente no cotidiano das pessoas, sendo exibida em ritmo acelerado, de modo impessoal e invasivo, chocando o telespectador, sem lhe oferecer o tempo necessário para refletir acerca daquilo que está assistindo (Kovács, 2003, 2008).

A atitude do homem diante da morte apresenta ainda variações culturais. Ao comparar as perspectivas que se tem da morte no Ocidente e no Oriente, Kovács (1992) afirma que entre os ocidentais, “a morte é vista como fim, ruptura, fracasso, como interdita, oculta,

vergonhosa” (p. 48) e os rituais que seguem este evento são, por conseguinte, procedimentos de vergonha, ocultamento, raiva e também temor. No caso da sociedade oriental, ao contrário, se percebe a morte como um momento de transição e evolução, o que demandaria ao mesmo tempo um preparo. De acordo com a autora, embora o homem seja o único ser capaz de ter consciência da própria finitude, a sociedade ocidental tem lhe tornado inconsciente e lhe privado da própria morte. Esta seria, segundo ela, uma sociedade que não suporta enfrentar os sinais da morte, fato que também explica a supressão do luto, das manifestações e da vivência da dor desde o século XX (Kovács, 1992).

Segundo Koury (2010), na sociedade brasileira urbana atual, o que se percebe é justamente um estranhamento em relação à demonstração de dor e de sofrimento em público. Nesse contexto, a discrição é apontada como o comportamento socialmente esperado quando se perde alguém ou quando alguma pessoa próxima está passando por um luto. A descrença em instâncias institucionalizadas desindividualizadoras e o enfraquecimento das fórmulas rituais integrantes são razões que explicam a vivência de um luto cada vez mais individualizado. A recusa das regras relacionais tradicionais também é motivo de insegurança quanto à forma de agir em situações de morte e luto. Não se sabe como se comportar diante da própria morte ou do morrer de alguém próximo. Sente-se impotente para atos de solidariedade ou para a busca de conforto social. Cria-se, assim, uma “cumplicidade pela indiferença aparente”, em que o enlutado não expressa seu sofrimento, julgando as demais pessoas incapazes de compreendê-lo, enquanto que os outros, aparentam acreditar em sua suposta insensibilidade diante da morte de um ente querido, como se a dor e a morte não existissem socialmente (Koury, 2010). É dessa maneira que a sociedade em que estão inseridas as participantes dessa pesquisa costuma lidar com a morte e o luto. Este contexto histórico e cultural específico apresenta possibilidades de articulação de sentido particulares diante da perda de um filho. Resta compreender o que há de particular neste contexto no que

diz respeito à relação que se estabelece entre mãe e filho, o que será abordado em outro momento deste estudo.

O primeiro capítulo desta pesquisa está dividido em dois tópicos principais. O primeiro deles abordará a experiência de estar em psicoterapia. Inicialmente, serão apresentados dados sobre a produção científica relacionada ao campo das psicoterapias, oferecendo um panorama geral sobre a literatura da área. Também serão expostas metodologias utilizadas em pesquisas sobre psicoterapia e alguns vácuos que permanecem existindo em estudos com esta temática. As pesquisas de Gomes, Reck e Ganzo (1988) e Gomes (1990) sobre a experiência de estar em psicoterapia serão relatadas, pois estão entre os raros estudos que se propõem a investigar esta experiência a partir da perspectiva dos próprios pacientes (fato este que permite um paralelo com a proposta da presente pesquisa). Ainda neste tópico, os resultados de um estudo que se propôs a compreender como a psicoterapia pôde auxiliar uma viúva a lidar com a morte de seu cônjuge serão apresentados (Ferreira, Leão, & Andrade, 2008). Considerando a inexistência de pesquisas que abordem especificamente a vivência de psicoterapia de mães enlutadas, o estudo de Ferreira et al. (2008) é aquele que mais se aproxima de nosso objetivo.

O segundo tópico presente no primeiro capítulo desta pesquisa, abordará temas associados à vivência da maternidade e o seu valor na formação da identidade feminina. Apresentaremos questões históricas e sociais que são fundamentais para a compreensão do que é ser mãe (e que também nos auxiliam a compreender o que é ser mãe de um filho que morreu), pois a experiência vivida da maternidade só pode ser compreendida em sua facticidade, no entrelaçamento entre homem e mundo. Conforme nos lembram Telles e Moreira (2014), não há na experiência vivida uma distinção nítida entre natureza e cultura, o que implica em dizer que a visão social da maternidade faz parte da experiência vivida de ser mãe. A concepção de luto materno que adotamos neste estudo está ancorada no conceito de

intercorporeidade de Merleau-Ponty (Freitas, Michel & Zomkowsky, 2015) e corrobora com esta perspectiva apresentada por Telles e Moreira. Discorreremos sobre esta perspectiva existencial do luto também neste primeiro capítulo. A estrutura constituinte da vivência do luto pela perda de um filho será descrita na sequência, complementando a leitura fenomenológico-existencial que fazemos deste fenômeno. A exploração dos aspectos presentes na experiência do luto materno é fundamental para que possamos, mais adiante, compreender a vivência do processo psicoterápico de mães enlutadas. Afinal, a vivência do luto materno se coloca como “pano de fundo” para a experiência psicoterapêutica dessas mães, tendo sido esta a razão delas terem procurado por psicoterapia.

No segundo capítulo será delineada a metodologia utilizada, apresentando o método fenomenológico tal qual pensado por Husserl e descrevendo detalhadamente o método fenomenológico de investigação em psicologia desenvolvido por Amedeo Giorgi (Giorgi & Sousa, 2010). Aqui, cabe um esclarecimento que consideramos fundamental para que se possa melhor compreender o objetivo da pesquisa e o posicionamento do pesquisador diante do tema a ser trabalhado. Para se chegar à compreensão da forma como mães enlutadas vivenciam o processo psicoterápico após a perda de seus filhos por meio do método fenomenológico, aplica-se a redução fenomenológica-psicológica, suspendendo-se, assim, a atitude natural do investigador em relação ao fenômeno estudado (Giorgi & Sousa, 2010). Isso significa que: 1- o pesquisador reconhece a impossibilidade de uma postura neutra diante do fenômeno estudado, reconhecendo a influência de sua perspectiva teórica em sua forma de percebê-lo; 2- reconhecendo aquilo que constitui sua atitude natural diante do fenômeno, o pesquisador se propõe a colocá-la “entre parênteses”, procurando lançar um olhar completamente novo ao fenômeno, com o intuito de perceber o modo como este se apresenta às participantes, sem realizar interpretações ou teorizações acerca do fenômeno estudado. A

estrutura geral alcançada é uma descrição da vivência, igualmente relevante para as diversas teorias que orientam o trabalho dos profissionais que atuam com a psicoterapia.

A apresentação da estrutura da vivência de psicoterapia de mães enlutadas se dará no terceiro e último capítulo. A revelação dessa estrutura é o objetivo principal deste estudo, sendo aquilo que possibilita a compreensão da maneira como elas vivenciam a psicoterapia após a perda de seus filhos. Os elementos que constituem a vivência serão descritos individualmente. A discussão dos resultados se dará no mesmo capítulo, aprofundando a análise dos resultados, revelando as relações existentes entre os elementos constituintes da vivência e estabelecendo um diálogo com a literatura existente sobre os temas abordados.

## **1. Revisão bibliográfica**

### **1.1 A experiência de estar em psicoterapia**

As pesquisas sobre psicoterapia passaram a figurar na literatura científica a partir da primeira metade do século XX (Pieta, DeCastro, & Gomes, 2012). Desde então, surgiram ramificações no que diz respeito às prioridades investigativas em pesquisas sobre a área. No que concerne à produção de estudos empíricos em psicoterapia no Brasil, Pieta et al. (2012) afirmam que o número de publicações no país ainda se encontra muito aquém daquilo que é atualmente produzido no exterior. Há escassez de pesquisas empíricas sistematizadas que abordem o processo psicoterápico e seus resultados, indicando a necessidade do fomento de estudos dessa natureza. De acordo com os autores, as publicações nacionais sobre psicoterapia se limitam a textos teóricos e revisões de literatura que seguem teorias específicas, revelando um movimento por parte dos pesquisadores de se aproximarem da tradição e da autoridade de suas perspectivas teóricas em detrimento da busca por informação.

Ao discorrerem sobre os estudos que envolvem o campo das psicoterapias, Pieta et al. (2012) destacam ainda que, tradicionalmente, as pesquisas na área se alternam entre exames

de eficácia e efetividade. Nos estudos de eficácia, são feitos testes que buscam averiguar a relação direta entre técnicas de tratamento e resultado, havendo um elevado grau de controle das variáveis envolvidas na pesquisa. Os estudos de efetividade, por sua vez, enfatizam as variáveis latentes do processo, procurando investigar o impacto do processo psicoterápico na percepção do terapeuta e também do paciente. Há ainda uma terceira via de estudos sobre psicoterapia que procura aliar metodologias de eficácia e efetividade, buscando a verificação empírica de resultados.

Também segundo os autores, pesquisas sobre a experiência de psicoterapia indicam que uma das melhores maneiras de se avaliar um processo psicoterápico pode se dar por meio do relato dos pacientes sobre suas experiências. Dessa maneira, torna-se possível acessar os diversos elementos que fazem parte desse processo e obter informações relevantes relacionadas aos efeitos da psicoterapia, tais como os aspectos que, de acordo com a perspectiva dos pacientes, podem ser considerados positivos.

Um dos raros estudos empíricos sobre a experiência de estar em psicoterapia realizados no Brasil contou com a participação de dez estudantes de psicologia, de 21 a 26 anos, que descreveram suas vivências. Os tratamentos psicoterápicos a que eles se submeteram contemplavam diferentes abordagens teóricas da psicologia, tais como: psicoterapia psicanalítica, análise lacaniana, psicoterapia analítica, psicodrama, bioenergética e análise transacional (Gomes et al., 1988). A pesquisa partia do pressuposto que “a qualidade de uma experiência terapêutica é criticamente percebida pelo sujeito (cliente, paciente, etc.) e avaliativamente expressa em seu discurso” (p. 190).

De acordo com o estudo supracitado, a vivência de psicoterapia, em um sentido amplo, era percebida pelos participantes como uma experiência boa, intensa e forte. As descrições sobre as sessões terapêuticas foram divididas entre fase inicial e fase de consolidação. Em relação à fase inicial, a experiência de ir à psicoterapia contemplou

significados que abrangem: ansiedade, tranquilidade, obrigação de comparecer a sessão e medo. Durante a fase de consolidação, as expectativas parecem ter dado lugar a uma postura de permitir que o processo simplesmente aconteça, já havendo a assimilação e a compreensão do esquema terapêutico.

O momento da sessão foi descrito pelos entrevistados por meio de pares opostos de significação que se encontram inter-relacionados. Alguns exemplos desse pares opostos são: conforto e desconforto, fala e silêncio, naturalidade e artificialidade, produtividade e redundância, determinação e indeterminação, entendimento e irritação. O momento pós-sessão foi vivenciado de diferentes modos pelos participantes, a depender da produtividade da sessão e dos aspectos abordados. Após sessões produtivas e que trouxeram contribuições imediatas para o sujeito, foram experienciados sentimentos de alento e ânimo. Quando foram abordados durante a sessão aspectos negativos que até então não eram reconhecidos pelo paciente, o pós-sessão foi triste e depressivo. Os sentimentos de irritação e de perda de tempo foram experienciados após sessões percebidas como improdutivas. O período entre uma sessão e outra foi descrito pelos participantes como momentos de continuidade da reflexão terapêutica. Ou seja, são momentos em que aquilo que foi abordado ou descoberto durante as sessões é elaborado e reelaborado, agora em confronto com as situações do dia a dia. Nesse confronto, também surgem novas alternativas diante de antigas questões.

Ainda no mesmo estudo, os entrevistados descreveram os comportamentos verbais e não-verbais, suas opiniões e sentimentos, bem como os de seus terapeutas ao longo da experiência de psicoterapia, relatando, desse modo, a maneira como percebiam a relação terapêutica. Durante as descrições, foi possível perceber a existência de uma oposição no comportamento verbal do paciente, entre poder ou não falar aquilo que desejava. A sensação de sentir-se livre ao falar foi apontada pelos autores como uma indicação de progresso no processo psicoterápico. No que diz respeito aos comportamentos não-verbais, os participantes

relataram algumas de suas percepções acerca das expressões faciais do terapeuta, a prática de contatos físicos (como segurar as mãos) e o incômodo com o silêncio.

O andamento do processo psicoterápico revelou-se, nos relatos dos entrevistados, como uma experiência dividida em fases. Esse processo teria um início crítico e turbulento, em que acontecem progressos rápidos, mas também se encontram dificuldades para se entrar na dinâmica da psicoterapia. Essas dificuldades se apresentaram, por exemplo, no bloqueio da fala e na frustração da expectativa que se tinha de que os problemas seriam magicamente solucionados pelo tratamento. O término dessa fase inicial acontece em diferentes momentos para cada paciente, sendo seguida pela diminuição da ansiedade. A partir de então, as questões são trabalhadas durante as sessões com menos angústia e maior clareza, com o paciente ficando mais à vontade.

O processo de mudança em psicoterapia foi descrito como lento e incerto. Apesar da existência de diversos aspectos e impactos relacionados às mudanças relatadas pelos entrevistados, os autores perceberam que essas se dirigiam, em sua maioria, a variadas formas de autoconhecimento e diferenciação perceptiva (que pode ser compreendida como um novo modo de perceber as coisas e os problemas). O autoconhecimento foi percebido, por vezes, como o único benefício de um processo psicoterápico e pode ser definido como crescimento, compreensão interna, compreensão mais acurada dos problemas e identificação de novos problemas, propiciando também mais condições de autoanálise. Já a diferenciação perceptiva, se apresentou no discurso dos entrevistados como um modo de ver e reestruturar as coisas, sendo também compreendido como um entendimento gradativo daquilo que estava errado. Além disso, a diferenciação perceptiva foi percebida na postura frente aos problemas, na identificação de mudanças nas atitudes e no ato de se estar mais atento a todas elas. As mudanças relatadas também estavam relacionadas ao comportamento e à experiência interpessoal.



Devido ao fato de que a maioria dos participantes do estudo ainda estava em psicoterapia quando a entrevista foi realizada, seus relatos a respeito da previsão do encerramento do processo psicoterápico foram cautelosos. Aqueles que já haviam encerrado esse processo, revelaram o desejo de retornar à psicoterapia eventualmente ou caso houvesse necessidade. Todos eles afirmaram que recomendariam a psicoterapia para outras pessoas, sendo que parte deles ponderou que essa é uma experiência interessante, embora não seja sempre necessária.

Após um intervalo de dois anos da realização desse estudo, os entrevistados foram procurados para uma entrevista de seguimento (Gomes, 1990). Nessa nova pesquisa, os objetivos eram os seguintes: verificar a extensão temporal dos ganhos terapêuticos, marcar possíveis alterações nas descrições das vivências dos pacientes e realizar um mapeamento da estrutura do processo de alta em psicoterapia. Dentre os dez entrevistados que participaram da primeira entrevista (Gomes et al., 1988), apenas dois não foram localizados para serem entrevistados novamente.

Os pacientes entrevistados relataram a percepção que tinham da extensão temporal das mudanças provocadas pelo processo psicoterápico (mudanças que foram consideradas nesse estudo como ganhos terapêuticos). Em suas descrições, uma variedade de respostas foi encontrada, variando desde um não reconhecimento de mudanças até o reconhecimento de que essas mudanças só se tornaram claras após o término do processo psicoterápico. Também estiveram presentes nos relatos dos participantes a admissão da possibilidade de mudança e o reconhecimento de mudanças superficiais. De maneira geral, o que se pôde observar foi o fato de que as mudanças, enquanto ganho terapêutico, podem ser percebidas em diferentes momentos, mesmo após a conclusão do processo psicoterapêutico.

O autor destacou o fato de que os entrevistados não relataram a percepção de equívocos no que diz respeito as descrições fornecidas por eles durante as entrevistas do

primeiro estudo, evidenciando a consistência das descrições dos pacientes em relação à percepção de mudança que tiveram durante o tratamento e dois anos depois disso. A comparação das descrições da experiência psicoterápica pelos mesmos participantes nesse intervalo de tempo demonstrou “uma consistência diacrônica de relato e sincrônica de estrutura” (Gomes, 1990, p. 100). Sendo assim, o autor concluiu que as descrições dos participantes foram capazes de fornecer um retrato realístico e abrangente do processo psicoterápico, apresentando também, dessa maneira, indicativos sobre o caráter dos ganhos terapêuticos.

No que concerne à questão da alta no processo psicoterápico, notou-se que esta acontece após uma avaliação do processo, seguida pela percepção da inexistência de alguma justificativa para sua continuidade. Essa percepção dificilmente é experimentada de maneira comum entre terapeuta e paciente. Os relatos dos entrevistados demonstraram que o encerramento do processo psicoterápico pode se dar por iniciativa do paciente - estando associada à episódios internos (relacionados à questões da própria terapia) ou externos ao tratamento (eventos que ocorrem na vida do paciente) – ou do psicoterapeuta. De acordo com o relato dos entrevistados, quando a iniciativa de propor o término do processo parte do terapeuta, os pacientes se surpreendem ou se assustam. O autor concluiu que o perfil estrutural da alta identificado por meio desse estudo não apresentou maiores novidades quanto ao tema.

Após chegar ao desfecho desses estudos estreitamente relacionados, Gomes (1990) assume a defesa de que o confronto de certezas doutrinárias com a dúvida empírica pode trazer inovações para a clínica que podem culminar na prestação de um melhor serviço aos pacientes. Dessa maneira, o autor vai ao encontro dos dados apresentados por Pieta et al. (2012), citados anteriormente, que denunciam a escassez de estudos empíricos que abordem a experiência de psicoterapia e apontam a necessidade de pesquisas dessa natureza serem

fomentadas no Brasil. Pesquisas sobre a experiência de psicoterapia de mães enlutadas, objeto do presente estudo, ainda não existem na literatura nacional. A pesquisa que mais se aproxima dessa proposta aborda a vivência de viúvas da psicoterapia (Ferreira et al., 2008). Esta pesquisa teve como um de seus objetivos investigar se uma viúva poderia se beneficiar ao realizar um processo psicoterápico na abordagem gestáltica. Para tanto, os pesquisadores selecionaram uma viúva que estava em psicoterapia nessa abordagem específica. Foi realizada uma entrevista semiaberta em que lhe foi perguntado em que momento ela buscou por psicoterapia e como esta pôde lhe auxiliar a lidar com a perda do cônjuge.

A entrevistada relatou que logo após a perda do marido procurou esconder o que estava sentindo de seus familiares para que não percebessem sua dor, nem sofressem mais do que estavam sofrendo por sua causa. Alguns meses mais tarde, segundo seu relato, não conseguiu mais conter seus sentimentos e, ao notarem sua dor, suas irmãs sugeriram que realizasse um acompanhamento psicoterápico. A busca por psicoterapia, de acordo com a descrição da participante da pesquisa, estava diretamente associada à perda do cônjuge e à perda de sentido que emergiu com este evento. Ela relatou que apresentava sintomas depressivos e sofrimento intenso no início do processo psicoterapêutico - que já durava três anos - sentindo uma vontade imensa de morrer. A entrevistada afirmou que, três anos depois da morte de seu cônjuge, ainda se sentia triste, abatida e com vontade de morrer em alguns momentos, embora tenha resgatado a vontade de viver e o interesse pela vida com a ajuda da psicoterapia.

Ferreira et al. (2008) afirmaram que no relato da entrevistada ficou evidente a vivência de uma relação dialógica na psicoterapia. A paciente descreveu a psicoterapeuta como um anjo em sua vida, que tem lhe sido uma mão amiga e que tem até lhe ensinado a viver. A vivência da psicoterapia se apresentou em seu discurso como estando associada a experiências de resolução de problemas cotidianos e de sentimentos evocados pela viuvez.

Em seu relato, também destacou sua percepção de que naquele momento, com o processo psicoterápico, se sentia mais fortalecida para enfrentar dificuldades. Ela ressaltou, por fim, a importância do processo para que pudesse resgatar o interesse pela vida. De maneira geral, a psicoterapia foi avaliada por ela como uma experiência que lhe proporcionou grandes melhoras.

Os dados encontrados no estudo de Ferreira et al. (2008) sobre a vivência de psicoterapia de viúvas revela sentimentos que emergem dessa experiência específica de perda e o reconhecimento de melhoras que o processo psicoterápico pode proporcionar aos que vivem o luto pela perda do cônjuge. Compreender como a psicoterapia é vivenciada por mães enlutadas pode também revelar particularidades desse processo que venham a ajudar os profissionais a prestarem um melhor atendimento aos pacientes que busquem por terapia devido a perda de um filho. A compreensão dessa experiência psicoterápica requer, antes disso, que nos aproximemos de uma vivência que a precede, a saber: a experiência do luto - e mais especificamente, do luto materno.

## **1.2 A maternidade e o luto pela perda de um filho**

O luto é um tema recorrente na literatura psicológica, podendo ser abordado por viesses teóricos distintos. Outrossim, diferentes modos de compreender o luto materno são possíveis. Convém esclarecer, portanto, que ao abordar o luto materno partimos de uma perspectiva específica, dentre as várias possibilidades de entendimento do tema. Nossa concepção de luto se fundamenta em uma perspectiva existencial, ancorada no conceito de intercorporeidade, desenvolvido por Merleau-Ponty.

Antes de abordar o conceito de intercorporeidade, é necessário esclarecer que Husserl distingue o corpo em *Körper* e *Leib*. O primeiro (*Körper*), seria o corpo físico, em carne osso, o corpo que eu tenho. Já o segundo (*Leib*), pode ser definido como o corpo vivencial, aquele que abre os campos de percepção, ou ainda: o corpo que sou (Goto, 2008). Merleau-Ponty

(1960/1991), que mantém essa distinção na compreensão de corpo estabelecida por Husserl, afirma que o corpo é “condição de possibilidade da coisa” (p. 191). A constituição do outro não é, portanto, possível antes dele. Ou seja, meu corpo e o outro são co-originais. O autor também atenta para a questão da reversibilidade do corpo vivido, fundamental para a compreensão do conceito de intercorporeidade, e que pode ser intuída pelo seu clássico exemplo da mão direita que, ao tocar a mão esquerda, é também tocada por esta. Nesse exemplo, percebe-se que a relação entre as duas mãos não ocorre em um sentido único, pois a mão que é tocada é também tocante. No corpo, a distinção entre sujeito e objeto é confusa, pois este corpo é “coisa que sente” (p. 184), isto é, sensível e senciente.

Merleau-Ponty prossegue suas reflexões, adicionando um novo elemento a este exemplo. O filósofo afirma que, se substituirmos a mão esquerda pela mão de outro homem que a cumprimenta, temos nesse ato “a evidência de seu estar-ali” (Merleau-Ponty, 1960/1991, p. 186). Em outras palavras, o que se demonstra por meio desse exemplo é que o outro se apresenta primeiramente como outra sensibilidade, para só a partir de então poder ser percebido como outro homem e, posteriormente, outro pensamento. O conceito de intercorporeidade diz respeito ao entrelaçamento que ocorre entre eu e o outro, com este outro se apresentando antes de tudo como experiência, estética e sensível (Freitas, 2013; Freitas et al., 2015). Esta experiência intercorporal “nos dá o outro como outro eu, outro feito de minha substância, que me mostra, através do seu olhar para o mundo que pensava ser ‘meu’, que vemos o mesmo mundo” (Alvim, 2011, p. 147). Somos, portanto, eu e o outro, órgãos de uma mesma intercorporeidade (Merleau-Ponty, 1960/1991).

A seguir, discorreremos sobre esta proposta existencial de compreensão de luto ancorada no conceito de intercorporeidade que nos serve de fundamento para este estudo. Cabe salientar que ao realizarmos esta explanação, é possível que se evidenciem algumas diferenças em relação a outras perspectivas sobre o luto presentes no vasto campo da

psicologia. Ressaltamos, porém, que não temos o intuito de tecer críticas a estas abordagens, a despeito dos posicionamentos antagônicos que possam existir.

O luto é definido existencialmente como uma vivência experienciada após a perda de um ente querido. É um fenômeno que se inicia com a supressão abrupta da corporeidade do outro, impossibilitando, conseqüentemente, a relação que se dava enquanto intercorporeidade. A perda deste outro com quem existo no mundo e a quem estou sensivelmente entrelaçado, é vivida como a perda de um mundo. Este mundo partilhado torna-se impossível de ser vivido, impossibilitando um modo habitual de ser do enlutado que se apresentava de maneira única e especial naquela relação, com aquele que morreu. Esta é a primeira condição para a experiência do luto: a ruptura mesma do ser-com. Com a morte, o enlutado e o ente querido que faleceu deixam de partilhar espacialidade e temporalidade. É uma vida comum que se interrompe, um “nós” que desaparece: o ente querido falecido morre enquanto corporeidade, ao mesmo tempo em que o enlutado morre em suas possibilidades de ser com ele (Freitas et al., 2015). Este seria o aspecto transcendental do luto (que diz respeito à supressão do outro no mundo do eu). Ao procurarmos compreender este fenômeno de uma perspectiva existencial, devemos ainda considerá-lo a partir de outros dois aspectos, a saber: o aspecto particular da relação constituída entre o enlutado e aquele que faleceu e o horizonte histórico em que a experiência ocorre (Freitas, 2013). O aspecto particular da experiência do luto versa sobre as particularidades da relação, o que poderia ser expresso por meio da pergunta: quem era, para o enlutado, aquele que ele perdeu? Esta resposta pode revelar não apenas um papel social que era assumido pelo falecido em relação ao enlutado (pai, mãe, amigo, irmão, avô), como também alguns aspectos singulares presentes naquela relação. O horizonte histórico, por sua vez, é o que “nos permite vislumbrar os contextos de apresentação nos quais são possíveis as articulações de sentido na apresentação do fenômeno” (Freitas, 2013, p. 101).

Ao abordarmos o luto materno em uma perspectiva merleau-pontyana, consideramos ser importante destinar atenção especial ao horizonte histórico e cultural em que se apresenta este fenômeno. Mas, antes, julgamos ser imprescindível refletir acerca do horizonte histórico em que se apresenta a vivência da maternidade - que é anterior à vivência do luto materno. Afinal, como nos aponta Rabelo (2008), apoiado na fenomenologia de Merleau-Ponty, nos encontramos enraizados no mundo da cultura e da história. Este enraizamento, por sua vez, se dá por meio de nosso corpo, que é vivido. Ou seja: nosso corpo, antes de se constituir como objeto para reflexão, “é o fundamento de nossa experiência no mundo, dimensão mesma do nosso ser” (Rabelo, 2008, p. 109). Este corpo que se é, como nos indicam Telles e Moreira (2014), possibilita a abertura ou o fechamento do homem ao mundo: “O corpo se engaja em uma situação, sempre histórica e espacial, entrelaçada ao mundo e à cultura. É o que nos abre e nos fecha ao mundo e ao outro” (p. 206).

A experiência vivida da maternidade está enraizada no mundo, em um contexto histórico particular. A partir dessa afirmação, poderíamos nos perguntar se a experiência da maternidade foi sempre vivida de maneira semelhante em diferentes momentos históricos. Este questionamento nos convida a suspender nossas crenças e conceitos sobre “o que é ser mãe” e a refazer um caminho através da história para que saibamos posteriormente demarcar sobre que maternidade nos referimos quando abordamos o luto materno na sociedade ocidental contemporânea.

A despeito de sabermos que a compreensão de uma experiência vivida por um único aspecto (no caso, o aspecto histórico) é limitada - já que não se pode isolar determinado elemento de uma experiência das demais questões que a constituem - consideramos esta abstração importante para que possamos perceber as diversas maneiras como a maternidade foi vista socialmente no decorrer da história. Dessa maneira, pretendemos auxiliar o leitor a suspender sua atitude natural em relação ao fenômeno da maternidade e, finalmente, a

compreender o horizonte histórico em que essa experiência está enraizada atualmente. Esta compreensão histórica nos servirá de “pano de fundo” para que possamos, mais adiante, adentrar no tema do luto materno e na vivência que mães enlutadas tiveram de seus processos psicoterápicos.

### 1.2.1 A maternidade através da história

Meias impressões de Aninha (mãe)

Renovadora e reveladora do mundo  
A humanidade se renova no teu ventre.  
Cria teus filhos,  
não os entregue à creche.  
Creche é fria, impessoal.  
Nunca será um lar  
para teu filho.  
Ele, pequenino, precisa de ti.  
Não o desligues da tua força maternal.

Que pretendes, mulher?  
Independência, igualdade de condições...  
Empregos fora do lar?  
És superior àqueles  
que pretendes imitar.  
Tens o dom divino  
de ser mãe.  
Em ti está presente a humanidade.

Mulher, não te deixes castrar.  
Serás um animal somente de prazer  
e, às vezes, nem mais isso.  
Frígida, bloqueada, teu orgulho te faz calar.  
Tumultuada, fingindo ser o que não és.  
Roendo o teu osso negro da amargura.

**Cora Coralina**, in *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*

A literatura demonstra que a maternidade é percebida contemporaneamente de modo romanceado na cultura ocidental (Travassos-Rodriguez & Féres-Carneiro, 2013). Considera-se que o nascimento do filho é um momento gratificante, único e grandioso, senão o maior acontecimento na vida de uma mulher, aquilo que confere um “colorido” à sua vida (Souza, Souza, & Rodrigues, 2013; Travassos-Rodriguez & Féres-Carneiro, 2013; Zanatta & Pereira,



2015). Ao mesmo tempo, a maternidade é apontada como condição para que a mulher se sinta realizada e alcance uma felicidade “completa” (Leite & Frota, 2014; Rocha, Benute, Santos, Lucia, & Francisco, 2012). Também é frequente a concepção de que a maternidade é a essência da condição feminina, inerente a toda mulher, “natural”, e que a confirma em sua feminilidade (Leite & Frota, 2014; Rebouças & Dutra, 2012; Rocha-Coutinho, 2004). O amor e a disponibilidade incondicionais são as marcas mais presentes da representação existente do que seria uma “boa mãe” em nossa sociedade (Granato & Aiello-Vaisberg, 2013; Matos & Magalhães, 2014; Travassos-Rodriguez & Féres-Carneiro, 2013).

As representações de maternidade que associam a função materna aos aspectos fisiológicos da mulher encontram oposição de pensadores como Simone de Beauvoir (1908-1986). Em seu clássico livro, *O Segundo Sexo*, a filósofa existencialista é taxativa ao afirmar que não há “instinto materno” e que a palavra “instinto” não se aplicaria à espécie humana (Beauvoir, 1949/1967). Trinta anos mais tarde, sua tese foi corroborada por Badinter (1985), em um livro inteiramente dedicado à desconstrução do “mito do amor materno”:

O amor materno foi por tanto tempo concebido em termos de instinto que acreditamos facilmente que tal comportamento seja parte da natureza da mulher, seja qual for o tempo ou o meio que a cercam. Aos nossos olhos, toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição. Como se uma atividade pré-formada, automática e necessária esperasse apenas a ocasião de se exercer. Sendo a procriação natural, imaginamos que ao fenômeno biológico e fisiológico da gravidez deve corresponder determinada atitude maternal (p. 20).

Ora, se o amor materno não é algo instintivamente dado, o que seria então? De acordo com Badinter (1985), um sentimento frágil, incerto, imperfeito. Algo que pode ou não se manifestar. Essas manifestações de amor variam de acordo com o valor que a sociedade atribui à maternidade. Ou seja, o papel da mãe em uma sociedade varia conforme os valores e

as necessidades que são dominantes nesta, da mesma forma que acontece com o papel do pai e da criança. A maternidade é, portanto, uma construção social (Fidelis & Mosmann, 2013).

Para defender sua tese de que o amor materno é socialmente construído, Badinter (1985) apresenta o exemplo das mães francesas do século XVIII que entregavam seus filhos a amas de leite. O fenômeno se generalizou no país de tal modo, que das 21 mil crianças nascidas em Paris no ano de 1780, 19 mil eram amamentadas fora de suas casas, permanecendo ao cuidado dessas amas até a idade aproximada de cinco anos. Nesse período, eram raras as visitas dos pais ou mesmo os pedidos de informação por parte destes. Entre as duas mil crianças restantes, menos de mil eram amamentadas por suas mães, as demais eram amamentadas por uma ama a domicílio.

Não há como utilizar razões econômicas para justificar o fenômeno, ainda que isso possa ter sido uma das causas consideradas pelas famílias mais pobres que realizavam esta prática. O fato é que mesmo as famílias aristocratas e de setores mais abastados da burguesia entregavam seus bebês para amas de leite. Também não é possível afirmar que o faziam para garantir um melhor futuro para seus filhos, visto que as crianças entregues a amas morriam duas vezes mais do que as que eram mantidas em casa, amamentadas pela própria mãe. De acordo com Badinter (1985), esta prática seria um infanticídio disfarçado.

No caso da entrega de crianças a amas não ser prova suficiente para a inexistência de um amor instintivo das mães por seus filhos, a autora ainda relata o fato de muitos pais e mães não comparecerem ao funeral dos próprios filhos – por vezes se alternando nesta função. Outro exemplo utilizado em sua argumentação é a preferência da mãe pelo filho primogênito, aquele que seria o futuro herdeiro após a morte do pai. Esta preferência não seria motivada por algum instinto natural, obviamente, pois este a levaria a amar todos os filhos da mesma maneira.

De que forma então podemos compreender a indiferença das mães francesas do século XVIII em relação aos seus filhos? E o que possibilitou a transformação dessa relação nos séculos seguintes? Segundo Badinter (1985), é a falta de valorização das tarefas maternas pela sociedade o que vai nos permitir compreender a rejeição da maternidade no século XVIII. Naquele tempo, a criança era um empecilho à vida conjugal e mundana. Cuidar do filho não era algo considerado divertido, nem elegante. Mesmo a amamentação era vista como uma ação pouco digna, causadora de pudor. De acordo com a autora, as mulheres da época “compreenderam que, para ter direito a alguma consideração, deviam seguir outro caminho que não o da maternagem, pela qual ninguém lhes mostrava gratidão” (Badinter, 1985, p. 100).

No último terço do século XVIII, porém, com a ascensão da burguesia, uma nova ordem econômica surge impondo como imperativo a sobrevivência das crianças (Moura & Araújo, 2004). Segundo Badinter (1985), o Estado tinha interesse em aumentar sua produtividade e via o ser humano como um “produtor de riquezas”, além de uma garantia de poderio militar. A criança, a partir de então, passa a ter um valor mercantil. Percebe-se que ela é, potencialmente, uma riqueza econômica. Portanto, era de interesse do Estado que as altas taxas de mortalidade - maiores na primeira etapa da vida - fossem controladas. Para tanto, era imprescindível que as mães voltassem a amamentar seus filhos. Médicos, moralistas e administradores procuram persuadi-las a assumir esta tarefa. A partir de 1760, são abundantes as publicações que impõe à mulher “a obrigação de ser mãe antes de tudo” (Badinter, 1985, p. 144), engendrando dessa maneira o mito que permaneceria vivo nos séculos seguintes: o mito do instinto materno.

O amor materno passa a ser exaltado. Os ideólogos prometem às mulheres felicidade, respeito e o direito de cidadania no caso de aceitarem as tarefas maternas. Todos os homens concordam: não há função mais agradável do que o cuidado dos filhos. Ao assumir esta

função de poder em relação aos filhos, as mulheres (sobretudo as burguesas das classes médias, que já possuíam poder sobre os bens materiais da família) tomavam o posto de “rainha do lar”, tornando-se o eixo da família. Dessa maneira, o cuidado dos filhos garantia a emancipação e a melhoria da posição pessoal dessas mulheres na sociedade (Badinter, 1985).

A maternidade torna-se um papel gratificante pois está agora impregnado de ideal. O modo como se fala dessa "nobre função", com um vocabulário tomado à religião (evoca-se frequentemente a "vocação" ou o "sacrifício" materno) indica que um novo aspecto místico é associado ao papel materno. A mãe é agora usualmente comparada a uma santa e se cria o hábito de pensar que toda boa mãe   uma "santa mulher". A padroeira natural dessa nova mãe é a Virgem Maria, cuja vida inteira testemunha seu devotamento ao filho. Terá sido por acaso que o século XIX a glorificou, criando a festa da Assunção? (Badinter, 1985, p. 223).

De maneira similar ao que aconteceu na Europa, no Brasil também ocorreram modificações dos sentimentos relacionados à maternidade. Quando o país estava sob um sistema colonial, o poder paterno era valorizado. O homem figurava entre a parentela como patrão e protetor, estando todos os demais a serviço do patriarca. Neste contexto, a criança não possuía nenhum espaço ou tratamento diferenciado e o aleitamento era realizado por escravas. Esta situação só se altera no início do século XIX. Com a vinda da família real para o Brasil, o país passou por um processo de “reeuropeizaç o”, assumindo hábitos culturais europeus. Com o auxílio de higienistas, ocorreu a valorização da “família amorosa”. O discurso higiênico defendia o aleitamento materno (apontando o aleitamento não realizado pela própria mãe como causa da mortalidade infantil). As mulheres que não amamentassem seus filhos eram culpabilizadas, sendo vistas como infratoras das leis da natureza. O cuidado, a vigilância e a educação das crianças são tarefas assumidas pelas mães, que passam a ser valorizadas pelo exercício desta função. O “amor materno” surge, portanto, ao longo do

século XIX no Brasil, com a adaptação da sociedade colonial ao modelo de família burguesa europeia (Moura & Araújo, 2004).

Os manuais de puericultura nos trazem um importante retrato do que se esperava das mães brasileiras nas primeiras décadas do século XX. No intuito de difundir os princípios da higiene infantil, pediatras publicavam compêndios que traziam orientações para mães em relação às tarefas maternas, ao mesmo tempo ditando quais comportamentos caracterizariam uma mãe “normal” (ou uma “boa mãe”) e quais seriam as condutas “anormais”, ou desviantes da norma. São tidos por anormais, todos os comportamentos que coloquem em risco a saúde da criança – dentre os quais se situam a recusa à amamentação do filho e a incapacidade de impor um regime disciplinar. A boa mãe, por outro lado, seria aquela que se mantém atenta às recomendações científicas, seguindo à risca o regulamento higiênico. Em outras palavras, pode-se afirmar que a boa mãe era aquela que agia em conformidade com as orientações médicas, atuando como “mãe-enfermeira” (Lima, 2012).

Nas últimas décadas, uma série de transformações sociais e tecnológicas permitiu o que pode se denominar de “reinvenção do feminino”. A mulher passou a assumir novos papéis na sociedade e a vislumbrar novas possibilidades em relação à maternidade. Os métodos contraceptivos e a possibilidade de aborto (ainda que ilegal no Brasil) hoje permitem que as mulheres optem por não se tornarem mães; os avanços nas tecnologias reprodutivas possibilitam que se tenha filhos sem a presença de um pai e a inserção no mercado de trabalho é muitas vezes responsável pelo adiamento da maternidade e por alterações na forma de cuidado dos filhos. Essas mudanças repercutem sobre a organização familiar e os sentimentos relacionados à maternidade (Moura & Araújo, 2004; Rocha-Coutinho, 2004; Patias & Dias, 2013; Leite & Frota, 2014).

A despeito dessas mudanças, o que se observa é que o papel da mãe continua valorizado socialmente, mantendo-se como uma espécie de imperativo para as mulheres

brasileiras. Em um estudo com mulheres com mais de 45 anos que optaram por não serem mães, Fidelis e Mosmann (2013) ressaltam a dificuldade vivida por elas ao romper com um modelo imposto pela sociedade, em que a mulher “é feita para procriar”. De acordo com o estudo, a recusa do papel estereotipado destinado à mulher faz com que elas sejam vistas com estranhamento e sofram discriminação social, inclusive por parte de seus familiares. Mansur (2003) afirma que o fato de uma mulher não possuir filhos, seja por circunstância ou por opção, é entendido pela sociedade como a não realização de um potencial e o desvio de uma norma, o que instaura uma diferença significativa e incômoda. Devido ao entendimento socialmente aceito de que a maternidade é aquilo que torna a mulher completa, aquelas que não se tornam mães sofrem, comumente, pelo sentimento de que falta algo fundamental em suas vidas. A imagem da mulher sem filhos costuma ser associada à de uma pessoa fria, mal-humorada e dada ao isolamento, conforme apontam Rocha et al. (2012). Os autores também lembram a forma depreciativa como se utiliza o jargão “ficar para titia”, evidenciando o desprezo que há por esta condição em relação à da mulher que é mãe.

Outra questão que evidencia a valorização da maternidade é a forma como o aborto é encarado pela sociedade. Ao estudar o fenômeno do aborto provocado, Rebouças e Dutra (2012) notaram por meio das participantes de sua pesquisa o quanto o ato de provocar um aborto pode ser causa de dor e conflito por ir contra valores morais e religiosos que colocam a maternidade como sendo o principal papel da mulher. As autoras também percebem que este ato provoca uma crise de valores, contrapondo o que essas mulheres julgavam ser o melhor para suas vidas e aquilo que a sociedade exige delas. Diante disso, conforme nos aponta o estudo de Rebouças e Dutra (2012), temos a culpa como o sentimento que se mostra mais presente na vivência dessas mulheres que realizaram um aborto.

Se por um lado percebemos a existência da culpa na experiência da realização de um aborto voluntário, também é possível dizer que este não é um sentimento vivido

exclusivamente por aquelas que interrompem a gravidez. As mulheres que optam por ter filhos também o experienciam ao longo da maternidade - normalmente, quando se “afastam” dessa função, não se dedicando de forma prioritária ou integralmente a ela. É o que nos revela a pesquisa de Travassos-Rodriguez e Féres-Carneiro (2013). De acordo com as autoras, desde que a mulher se inseriu no mercado de trabalho, tem aprendido a vivenciar a maternidade atrelada ao sentimento de culpa, diante a dificuldade de assumir paralelamente os papéis de mãe perfeita e de profissional bem-sucedida. De acordo com Rocha-Coutinho (2004), a mulher assumiu um novo papel na sociedade, mas preservou as características tradicionalmente atribuídas à identidade feminina:

o discurso social, apesar de ter incorporado este novo papel – o de profissional interessada e competente – à identidade feminina e de ter, até certo ponto, questionado a doutrina da maternidade como essência, mudou muito pouco a sua definição de mulher. Isto é, ele continuou e, nós acreditamos, continua a atribuir à mulher todos os encargos com a casa e a família, tributário ainda a características que, no fundo, a sociedade considera até agora como essencialmente femininas. Ou seja, na verdade, a identidade feminina não foi substancialmente alterada, mas sim ampliada para incluir este novo papel da mulher (p. 5).

No caso da sociedade brasileira contemporânea, podemos perceber uma significativa valorização do papel da mãe, que resiste às recentes modificações do lugar ocupado pela mulher desde sua inserção no mercado de trabalho e a conquista de direitos (Rocha-Coutinho, 2004). A manutenção desta valorização da maternidade nos ajuda a compreender a concepção que impera nos dias de hoje de que a mulher só alcançará a “felicidade completa” ao tornar-se mãe. A idealização desse papel, sustentado socialmente, é extremamente relevante para que possamos abranger a magnitude do que é a perda de um filho na vida de uma mãe em nossa sociedade.

Esta retomada histórica nos auxilia também a lançar um novo olhar sobre a maternidade, questionando uma visão “naturalizante” do vínculo entre mãe e filho. No entanto, se não formos cuidadosos, podemos ser levados a outro extremo, percebendo esta experiência vivida como sendo exclusivamente determinada pela história. Aqui, cabe uma comparação com um exemplo utilizado por Merleau-Ponty e retomado por Telles e Moreira (2014) para evidenciar a relação ambígua entre natureza e cultura. De acordo com Merleau-Ponty (1955/2006, citado por Telles e Moreira, 2014), o fato de dormirmos à noite e ficarmos acordados durante o dia não poderia ser explicado exclusivamente por uma dessas dimensões da existência humana. Isso porque, toda experiência vivida é uma experiência natural-cultural, não havendo uma distinção nítida entre essas duas dimensões. Assim também ocorreria em outras experiências vividas, como a da maternidade. Rabelo (2008) nos auxilia nessa reflexão ao afirmar que a história não é uma novidade perpétua, embora não seja, tampouco, mera determinação. Há um movimento temporal que não supera completamente o passado, mas o conserva, retoma, reaprende, colocando “em relação a singularidade dos atos pessoais e a generalidade dos papéis e situações cristalizadas” (Rabelo, 2008, p. 124).

### **1.2.2 Ser mãe de um filho que morreu**

E quando eu tiver saído  
 Para fora do teu círculo  
 Tempo, Tempo, Tempo, Tempo  
 Não serei nem terás sido  
 Tempo, Tempo, Tempo, Tempo

Ainda assim acredito  
 Ser possível reunirmo-nos  
 Tempo, Tempo, Tempo, Tempo  
 Num outro nível de vínculo  
 Tempo, Tempo, Tempo, Tempo

**Caetano Veloso**, in Oração ao Tempo



Em uma perspectiva existencial, o luto materno pode ser compreendido como sendo o fenômeno que emerge do rompimento de uma relação única, partilhada entre uma mãe e um filho, com a supressão abrupta da corporeidade desse filho. Com a sua morte, o mundo partilhado entre os dois deixa de ser possível em seu modo usual. Assim, a mãe enlutada nasce para um mundo de impossibilidades. O outro, que antes era com ela parte de uma mesma intercorporeidade, agora se apresenta na ausência, que se sente no presente, na rotina, na recordação de hábitos do filho, nas datas marcantes e comemorativas (Freitas & Michel, 2015).

A primeira tentativa de se compreender a vivência do luto materno utilizando o método fenomenológico se deu com Brice (1991), nos Estados Unidos. O autor realizou entrevistas com três mães, uma vez ao mês, por um período de vinte meses. Elas perderam seus filhos por diferentes causas: acidente automobilístico, síndrome de morte súbita infantil e endocardite. Neste estudo, o autor descreve a estrutura da vivência do luto materno e chama atenção para suas três principais constatações ao buscar compreender este tipo específico de luto, a saber: o luto materno é sempre o luto por uma relação, é um fenômeno essencialmente paradoxal e com múltiplos temas que coalescem para formar um todo estrutural. Freitas (2013) corrobora a primeira constatação de Brice de que o luto é um fenômeno essencialmente relacional ao afirmar que

a supressão abrupta da presença do tu em um modo específico de mostrar-se na relação é o elemento crucial e disparador da experiência do luto. Não que o “tu” desapareça, antes, desaparece uma maneira de ser “eu” diante do “tu”, pois o outro não é uma ciência que tenho dele, mas (...) uma experiência de abertura do mundo. Explico-me: o “tu” não estará mais presente em sua corporeidade, com sua voz, seu toque, seu cheiro, sua materialidade, entretanto não cessa de se apresentar como parte da existência do enlutado: lembranças, fotos, desejos, vidas e momentos partilhados

fazem com que o “tu” não cesse totalmente de se apresentar, entretanto, não partilhará mais do mundo como um “outro eu mesmo”. A existência será doravante uma presença que se anuncia na ausência. O que falta ao enlutado, mais do que o “tu”, é um modo usual, habitual de ser “eu”, um modo de ser-no-mundo, uma infinidade de significações próprias e inerentes a um campo relacional. Doravante, não haverá mais copresença para que certa forma de partilhar o mundo e, portanto, de ser no e com o mundo se apresente em meu campo de coexistência (Freitas, 2013, p. 103).

A segunda constatação apresentada por Brice em sua pesquisa evidencia um paradoxo na vivência do luto materno, em que as mães possuem o desejo de superar o luto ao mesmo tempo em que temem que a superação leve-as a “esquecer” seus filhos falecidos. De acordo com o autor, essas mães têm o desejo de livrar-se da dor que sentem por terem de viver sem a presença de seus filhos falecidos. Por outro lado, temem que ao “superar” o luto também estejam colocando um fim à relação que possuem com eles. Em outras palavras, podemos afirmar que a mãe enlutada, apesar de não contar com a presença de seu filho no campo da intercorporeidade, continua sentindo-se conectada a ele, estabelecendo uma nova forma de relação. O luto materno é, portanto, uma nova condição existencial (essencialmente paradoxal) a que estas mães são lançadas.

Esta nova condição existencial é experienciada pelas mães enlutadas de maneira não-linear, perdurando por toda a vida. De acordo com Brice, o luto materno seria composto por uma série de temas que formam um todo estrutural. Esta foi a terceira constatação feita pelo autor acerca do fenômeno luto materno. Os temas encontrados por ele que compõem este tipo específico de luto e o caracterizam estruturalmente são: O poder coercitivo da morte, A morte de um mundo, A morte de sua relação dialógica com o filho, Incorporando a morte, Fenômeno essencialmente paradoxal, Diferenciando imagem de presença, A temporalidade do luto, A criança como objeto transicional, Finalidade, Luto como identidade e crise de

realidade, Reconhecimento, aceitação e desconhecimento, Um fenômeno essencialmente relacional, Mundo identificado com a morte e Culpa.

Alarcão, Carvalho e Peloso (2008) realizaram um estudo fenomenológico procurando compreender a vivência de luto pela morte de um filho jovem em circunstância violenta. Foram entrevistadas cinco mães que perderam seus filhos por homicídio ocorridos em épocas distintas. As autoras perceberam, por meio do relato das mães, a existência de um persistente estado de ligação afetiva delas com seus filhos falecidos. A violência física foi destacada como sendo um complicador na vivência desse tipo específico de perda, despertando revolta e desespero nas mães. O apego às lembranças e à memória carregada por elas em relação aos seus filhos também faz parte dessa vivência. Essas lembranças e memórias são revividas intensamente, não importando o tempo que se passou desde a morte deles. O desejo de justiça, as reações de dor e de sofrimento intenso também se apresentam no luto de mães de filhos jovens assassinados. A busca por justiça, em especial, foi relatada por todas elas. As mães enlutadas se empenharam incansavelmente para que os assassinos de seus filhos fossem punidos. Os relatos das entrevistadas evidenciou que a impunidade possui uma influência negativa na aceitação da morte dos filhos, enquanto que uma eventual condenação diminuía a culpa que sentiam – pela crença que tinham de terem falhado na função de proteger seus filhos. Outro aspecto presente no discurso de todas as entrevistadas foi a função da fé e da religião em tornar tolerável uma realidade difícil de suportar, oferecendo força para que elas lidassem com a perda de seus filhos e continuassem vivendo. Por fim, as autoras descrevem o papel que a mídia possui na vivência do luto dessas mães, podendo revelar-se como uma aliada na busca por justiça, ou invadindo a privacidade delas, colocando-as em uma situação de desconforto.

Silva e Melo (2013) realizaram uma pesquisa fenomenológica, configurada como estudo de caso, sobre a experiência materna de perda de um filho com câncer. O terceiro eixo

temático desvelado neste estudo - *a perda e o depois: enfrentamento e significação* – aborda mais especificamente a vivência de enlutamento da participante da pesquisa. A mãe enlutada relatou ter experienciado o afastamento de todos após a perda de sua filha, que faleceu com nove anos de idade, após quatro anos e oito meses de tratamento. A morte da filha foi descrita por ela como uma experiência de dor. A ligação afetiva que havia entre as duas, que já era forte antes da doença, estreitou-se ainda mais após o diagnóstico da leucemia, com esta mãe voltando-se quase que exclusivamente para os cuidados com a filha. O adoecimento e a morte dela ressignificou alguns aspectos da vida da participante da pesquisa. De acordo com as autoras, esses eventos reafirmaram a centralidade da maternidade em sua vida, com a transferência dos cuidados que oferecia para sua filha doente para os seus outros filhos (que anteriormente ela não tinha disponibilidade para cuidar). Ao mesmo tempo, novos sentidos foram desvelados a partir dessa vivência do adoecimento e da morte da filha, tais como a valorização da vida e o redimensionamento das dificuldades.

Para que possamos prosseguir nesta tentativa de compreensão do que é a vivência do luto materno, apresentaremos 19 elementos constituintes desse fenômeno, encontrados em um estudo prévio, denominado “A vivência do luto sob uma perspectiva fenomenológica” – que faz parte de um estudo mais amplo, a saber, “Luto e trauma: apontamentos clínicos”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, CEP/SD nº 1297.222.11.12. Este estudo prévio teve por objetivo compreender a vivência do luto materno, apresentando a estrutura vivencial do fenômeno em questão. Para tanto, foram realizadas entrevistas abertas com 15 mães de Curitiba que perderam seus filhos por causas diversas (doença, acidente de carro, assassinato, suicídio). Todas as entrevistadas em algum momento fizeram parte do grupo ASDL e já possuíam um vínculo anterior com os pesquisadores, que acompanhavam semanalmente suas reuniões. Durante as reuniões eram realizados convites para que aquelas que tivessem interesse em

relatar suas experiências de enlutamento entrassem em contato com os pesquisadores. As mães interessadas marcavam um horário para serem entrevistadas individualmente, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes de darem início a seus relatos. As entrevistas eram iniciadas pela pergunta disparadora “Você pode descrever sua experiência ao passar pelo luto?”, não havendo limite de tempo para que as entrevistadas relatassem suas vivências.

Os resultados desta pesquisa foram publicados recentemente (Freitas & Michel, 2014; 2015) e servirão de base para o texto a seguir. Devido ao fato do presente estudo partir do mesmo contexto específico em que esta pesquisa foi realizada, os elementos constituintes descritos a seguir serão assumidos como pressupostos pelo autor (em virtude de serem generalizáveis) e retomados posteriormente.

### **1.2.3 O luto materno: estrutura constituinte da vivência**

Os elementos constituintes do luto materno que são aqui descritos, constituem-se como resultados do estudo supracitado e também encontram-se publicados em Freitas e Michel (2014; 2015). Como resultado, encontrou-se que o luto materno é uma experiência múltipla e complexa e que se constitui como uma vivência que agrega os seguintes elementos: golpe ao receber a notícia, perda do sentido do mundo-da-vida, revolta, desespero, negação, dor, impotência, vontade de morrer, quebra do tabu da mortalidade, culpa, oscilações de humor/instabilidade emocional, fragmentação dos laços afetivos, perda de um modo de existir, idealização do filho morto, transcendência, engajamento em projetos que tenham relação com o filho, perpetuação da memória do filho, estreitamento de laços com pessoas significativas para o morto, e relações significativas. Estes dados serão expostos em diálogo com outras pesquisas que contribuem para a compreensão da vivência desse tipo específico de luto.

### **Golpe ao receber a notícia**

A primeira situação vivenciada por mães após a morte de um filho é o golpe ao receber a notícia do falecimento. Ao saber que o filho morreu, as mães relatam que se sentem anestesiadas, “em choque”. Este choque permite que elas cumpram protocolos sociais, como o velório e o enterro de forma “automática”, ao mesmo tempo em que experienciam internamente o sentimento de desespero pela perda do filho.

### **Perda do sentido do mundo-da-vida**

A perda do sentido mundo-da-vida é uma das experiências relatadas por mães após a interrupção abrupta da relação estabelecida entre elas e seus filhos. A literatura aponta que a morte de um filho provoca o rompimento com os sentidos do mundo-da-vida, levando as mães a se questionarem sobre como a vida deve ser vivida e seus valores (Brice, 1991; Freitas & Michel, 2014; Martins, 2001; Silva & Melo, 2013). Silva e Melo (2013) atentam para o fato da morte paralisar a vida dessas mães, iniciando “um processo de reflexão, de busca e de construção de sentidos” (p. 154).

A vivência da perda do sentido do mundo-da-vida fica evidente em relatos em que as mães enlutadas descrevem a experiência de perda de um filho como catástrofe, destruição, sendo também apontada pela literatura como um acontecimento devastador (Oishi, 2014), capaz de estremecer por algum tempo os pilares da vida (Lopes & Pinheiro, 2013). São frequentes os relatos sobre o sentimento de vazio ou de esvaziamento (Oishi, 2014), que ocorrem, sobretudo, quando aquele que se foi ocupava grande parte do tempo e do sentido da vida da pessoa enlutada (Brice, 1991). Este sentimento de vazio de sentido pode se expandir para outras relações significativas que a mãe enlutada estabelece com outros membros da família (Lopes & Pinheiro, 2013). As sensações de perda do futuro ou de incerteza em relação ao que virá pela frente também são frequentemente relatadas (Oishi, 2014).

## **Revolta**

As mães entrevistadas relataram o sentimento de revolta. A revolta é comumente direcionada a Deus ou à vida e vem acompanhada pelo sentimento de injustiça e traição. Nos casos de morte violenta ou repentina, o ódio e o desejo de vingança também podem estar presentes na experiência dessas mães.

## **Desespero**

Um dos elementos constituintes do luto materno é o sentimento de desespero, “expresso por meio de choro, gritos, murros e autoagressões, tais como bater a cabeça na parede” (Freitas & Michel, 2015, p. 32). Este sentimento pode fazer com que as mães sintam um esvaziamento da vontade de viver. Também não raros são os relatos em que elas afirmam sentir que estão enlouquecendo, tamanho é o desespero diante da perda de um filho.

## **Negação**

A negação também é frequentemente experienciada por mães enlutadas. Lopes e Pinheiro (2013) defendem que esta é uma maneira delas se protegerem da difícil realidade que se impõe com a morte de um filho. No estudo de caso realizado pelas autoras, a mãe implorava para desenterrar seu filho e levá-lo para casa: “O filho, que em sua concepção ainda vivia, deveria estar com frio, com fome e sentindo a falta da mãe” (Lopes & Pinheiro, 2013, p. 367).

A negação parece estar associada ao impacto que a notícia do falecimento dos filhos tem para as mães. A impotência diante da morte e o seu caráter inesperado, favorecem a negação do ocorrido, fazendo com que as mães procurem evitar a vivência da morte que se apresenta.

## **Dor**

A literatura fenomenológica apresenta a dor como sendo uma das características presentes no luto materno (Brice, 1991). Lopes e Pinheiro (2013) também relatam em seu estudo de caso a experiência de uma mãe que “transbordava dor” (p.366) pela morte de seu filho natimorto, enquanto Silva e Sales (2012) atentam para o aspecto extraordinário da dor vivida por mães que perdem seus filhos. A dor sentida por mães enlutadas é algo comum a todas elas, independente da causa da morte, e é relatado como um sentimento de longa duração, podendo acompanhá-las até o fim de suas vidas (Silva & Melo, 2013).

As mães afirmam que a dor que elas experienciam adquire, muitas vezes, também uma expressão física. Existem, entre elas, relatos de mães que tiveram dificuldade para respirar, que andaram curvadas por meses e que sofreram com dores no peito. Uma delas afirmou ter desenvolvido epilepsia durante seu luto. Outra mãe, que perdeu seu filho por homicídio, relatou que sentiu gosto de sangue por um longo período de tempo após a morte dele.

## **Impotência**

O sentimento de impotência é outra característica identificada no luto materno (Barr & Cacciatore, 2008). Esse sentimento se apresenta no relato das mães quando estas percebem que não existem meios para evitar a morte de seus filhos ou fazê-los viver novamente, não importando se possuem recursos financeiros, poder ou conhecimento. Este sentimento é descrito pelas mães como “inconformismo” diante da perda do filho e da impossibilidade de reverter esta situação.

## **Vontade de morrer**

Após a perda de um filho, a morte surge como uma possibilidade mais real e mais próxima para as mães enlutadas. É comum que elas pensem ou tenham pensado em algum momento em se matar. A morte se apresenta como um meio para se interromper a dor sentida



pela morte do filho ou ainda, como uma maneira de se unir a ele. Algumas mães relatam que chegaram a tentar suicídio. Em uma pesquisa com 13 mães que perderam seus filhos por câncer, Gerrish, Neimeyer e Bailey (2014) entrevistaram uma mãe que havia sido internada em um hospital psiquiátrico com alta ideação suicida. Ela afirmava que continuava viva apenas pelo bem de seu marido e que a única existência significativa que ela poderia imaginar seria aquela em que estaria reunida com sua filha.

### **Quebra do tabu da mortalidade**

A morte de uma pessoa próxima produz uma ruptura da crença de que apenas “os outros” morrem. A perda de um ente querido retira a morte de seu caráter impessoal, tornando-a uma possibilidade que se concretiza dentro da própria existência do enlutado. No caso do luto materno, especialmente quando se perde um filho jovem, o estranhamento costuma ser maior, pois impera também uma crença de que existe uma lei natural que rege a vida segundo a qual, os mais velhos deveriam morrer primeiro. Oishi (2014) também destaca o estranhamento vivido por mães quando a morte acontece na infância, algo percebido por elas como ilógico.

### **Culpa**

A culpa é um dos elementos frequentemente presentes na vivência do luto materno. É comum que as mães se sintam culpadas por acreditarem que poderiam ter feito algo para evitar a morte de seus filhos ou por não terem percebido alguma situação que envolvia os filhos e que poderia ter evitado o falecimento. No caso do estudo de Gerrish et al. (2014) com mães que perderam seus filhos por câncer, três delas tiveram seus lutos agravados pelo fato de saberem que poderiam ter prevenido suas mortes se a doença tivesse sido diagnosticada antes. A culpa também é uma das emoções sociais problemáticas identificadas por Barr e Cacciatore (2008) como estando correlacionadas ao luto materno.

Como discutido anteriormente, a maternidade, bem como o luto materno, sofrem intensa influência cultural. Em nossa sociedade a mãe assume a responsabilidade pela proteção, o cuidado e a garantia do bem-estar físico, emocional e social de seus filhos, de modo que quando este filho morre, também é ela quem costuma se responsabilizar pelo ocorrido - sendo o fato percebido como um fracasso em sua função materna (Alarcão et al., 2008). Uma das 15 participantes do estudo sobre luto materno que citamos anteriormente expressa exatamente isso quando afirma que “a culpa é um sentimento inerente à maternidade” (Freitas & Michel, 2015, p. 34). A culpa que sente a mãe que perde seu filho parece estar diretamente relacionada a esta culpa que, de acordo com a participante desse estudo, é inerente à toda mãe.

### **Oscilações de humor/instabilidade emocional**

As mães enlutadas vivenciam oscilações de humor após perderem seus filhos. Essa instabilidade emocional é tida por elas como algo inevitável. Elas são descritas como “altos” e “baixos”, ou períodos de “melhoras” e “pioras”. A ideia de “recaída” também está presente no discurso dessas mães, sendo utilizada para descrever momentos em que o sofrimento pela perda fica mais evidente devido a algum acontecimento externo ou interno. As oscilações acontecem, por exemplo, quando se lembram do filho falecido ou quando ocorrem datas especiais, como Natal, aniversário e dia das mães. Esses achados são corroborados por Oishi (2014) que apresenta em sua pesquisa o caso de uma mãe (cuja filha faleceu no período neonatal) que sentia dificuldade em ir a batizados e a festas de crianças pelo fato desses eventos lhe fazerem pensar que sua filha poderia estar vivendo estas mesmas situações se estivesse viva.

### **Fragmentação dos laços afetivos**

A fragmentação dos laços afetivos após a perda de um filho é um dos elementos que constituem a vivência do luto materno e possui amplo respaldo da literatura psicológica

(Gerrish et al., 2014; Oishi, 2014; Silva & Melo, 2013). Esta fragmentação é relatada como ruptura e afastamento por parte de amigos e familiares (Silva & Melo, 2013) e experienciada como solidão, abandono e os sentimentos de inadequação e de deslocamento social.

Muitas vezes, são as próprias mães que acabam se afastando do convívio social (Oishi, 2014; Silva & Melo, 2013) por não terem o desejo de conviver com aqueles que permanecem com suas famílias completas ou por não quererem reviver as lembranças despertadas pelo convívio com aqueles que faziam parte de sua vida social antes da morte de seus filhos (Oishi, 2014). Nesses casos, é comum que estas mães busquem se relacionar com outros enlutados, pessoas que consideram como “iguais” a elas.

Ao mesmo tempo, é importante considerar que no caso da sociedade brasileira urbana contemporânea, impera a exigência de discrição e o abafamento da expressão de sentimentos em público (Koury, 2010). Assim, cria-se o que Koury (2010) denomina de “cumplicidade pelo silêncio aparente”, fazendo prevalecer a sensação de impotência para a realização de atos de solidariedade por parte de amigos e familiares do enlutado e para a procura de conforto social por parte deste. O sentimento de falta de apoio após a perda de um filho também foi experienciado por todas as mães norte-americanas que participaram do estudo realizado por Gerrish et al. (2014). Esta falha no suporte ao luto foi sentido não apenas em relação aos amigos e membros da família, incluindo também os profissionais da área da saúde.

### **Perda de um modo de existir**

A morte de um filho é vivenciada pelas mães como a perda de uma parte delas mesmas, sendo sentido por elas como uma mudança de “identidade” (sic). A singularidade do modo como se era na relação com o outro e que se perde com a morte deste é também ressaltada por mães em diferentes estudos. Elas afirmam que seus filhos eram únicos e insubstituíveis. Ainda que tenham outros filhos, as mães enlutadas não deixam de

experienciar a perda de um modo de existir quando um deles morre, pois na relação que estabelece com cada um de seus filhos existem aspectos que são particulares daquela relação (Lopes & Pinheiro, 2013; Oishi, 2014).

A perda de um modo de existir é vivenciada como uma ruptura entre a vida que as mães enlutadas tinham antes e depois da morte dos filhos. Esta experiência de sofrimento é vivenciada por elas como uma mudança que às vezes assume uma conotação valorativa, sendo percebida como uma transformação para “melhor” ou para “pior” em relação a quem elas eram antes da perda dos filhos. Por vezes, elas relatam que, simplesmente, se sentem diferentes.

### **Idealização do filho morto**

A idealização do filho morto é um dos elementos que fazem parte da vivência do luto materno. As mães enlutadas retratam seus filhos falecidos como bênçãos, anjos, intercessores divinos ou presentes de Deus. Elas procuram deixar claro que esta não é uma percepção apenas delas, mas de todos que conheceram seus filhos. A idealização se torna marcante quando se realiza a comparação entre os filhos vivos e o filho que morreu. Os filhos vivos, por mais que sejam elogiados, não se equiparam àquele que faleceu, devido à forma idealizada pela qual a mãe enlutada o percebe.

### **Transcendência**

A transcendência é um elemento importante na vivência do luto materno. Além de fornecer amparo e suporte para as mães enlutadas lidarem com a dor da perda, ela é um meio pelo qual estas mesmas mães conseguem encontrar sentido ou explicação para a morte, o que contribui para sua aceitação. É frequente a crença de que após morrerem, os filhos permanecem vivos em outro plano, um mundo melhor, junto de Deus e que um dia elas poderão reencontrá-los (Alarcão et al., 2008; Paula, 2010).

A transcendência possibilita ao mesmo tempo, a ressignificação da relação com o filho, permitindo um novo modo de se relacionar com ele após a supressão abrupta da intercorporeidade. A partir da crença de que eles continuam existindo em outro plano, emerge a possibilidade de se comunicar com eles por meio de sonhos, conversas e “encontros espirituais” – em que sentem a presença de seus filhos junto delas (Gerrish et al., 2014).

### **Engajamento em projetos que tenham relação com o filho**

O engajamento em um projeto relacionado ao filho é algo significativo na vivência do luto materno. Por meio desse engajamento, as mães enlutadas passam a configurar novos laços sociais e conseguem ressignificar o lugar dos filhos em suas vidas. Essa ressignificação pode ocorrer de diferentes formas, sendo de cunho particular, bastando existir alguma relação entre o projeto em que a mãe se envolve e o filho que morreu. Oishi (2014) apresenta em sua pesquisa um caso que exemplifica esta questão. Nele, a mãe enlutada se engaja em construir um jardim após ter ouvido um parente falar que Deus havia levado sua filha – a quem compara com uma flor - para enfeitar seu jardim. O jardim foi feito em homenagem à sua filha.

O engajamento também pode ocorrer em relação a campanhas de conscientização sobre as doenças que vitimaram seus filhos, assumidas pelas mães como um legado deixado por eles, permitindo o estabelecimento de um laço contínuo entre elas e os filhos falecidos (Gerrish et al., 2014). O engajamento pode acontecer ainda de outra maneira, em projetos nos quais elas possam ajudar pessoas compartilhando suas experiências dolorosas, como é o caso de algumas mães que participam do grupo de apoio a enlutados ASDL. Neste grupo, elas são tomadas como exemplos por outros pais e mães que acabaram de passar pela perda de um filho.

### **Perpetuação da memória do filho**

O desejo das mães enlutadas de perpetuar a memória de seus filhos é mais um dos elementos que constituem a vivência do luto materno. Existe a tentativa por parte das mães que seus filhos sejam lembrados, por elas mesmas e pelos outros, ressaltando seus aspectos positivos e suas realizações. Destaca-se ainda o receio que elas sentem de esquecer trejeitos, atitudes e aspectos físicos de seus filhos, o que procuram preservar por meio de relatos, ou a partir de fotos e objetos. Também é possível perceber a perpetuação do cuidado que elas tinham com os filhos acontecer por meio do cuidado que possuem consigo mesmas e com os túmulos onde eles foram enterrados. Lopes e Pinheiro (2013) também apontam as visitas ao cemitério como uma maneira de prestar homenagens ao filho, sem permitir que este seja esquecido, o que é corroborado pelo estudo de Gerrish et al. (2014), que acrescentam a celebração dos aniversários de morte como uma forma de lembrar do filho que morreu e manter uma relação com este.

### **Estreitamento de laços com pessoas significativas para o morto**

Após a morte dos filhos, algumas relações podem assumir um significado especial na vida das mães enlutadas. São relações com pessoas que estão de algum modo associadas ao filho que morreu, seja por terem tido um papel especial em sua vida, seja por possuírem alguma semelhança física ou de comportamento, ou ainda, por possuírem algum grau de parentesco com ele. Isso ocorre frequentemente quando o filho falecido deixa filhos. Percebe-se que o estreitamento de laços com os netos é algo comum na vivência do luto materno (Brice, 1991; Gerrish et al., 2014). Nesses casos, algo do filho se mantém preservado, ainda que se apresentando de modo diferente, por meio de outra pessoa. Da mesma forma, nessas situações, é possível notar a preservação de algumas características que estavam presentes no modo de ser da mãe em sua relação com aquele filho que faleceu. É o caso de alguns cuidados específicos, modelos de atitudes e ações que antes eram dirigidos aos seus filhos

falecidos e que agora se apresentam em uma outra relação (Silva & Melo, 2013). Em outras palavras, é possível afirmar que o estreitamento de laços com pessoas significativas para o morto permite a ressignificação da relação com o filho que morreu.

### **Relações significativas**

A experiência de estabelecer relações significativas que ajudam a amenizar o sofrimento também é relatada por mães que perderem seus filhos. Dentre as pessoas que as mães enlutadas costumam citar como sendo importantes neste momento estão familiares, amigos e profissionais da saúde (psicólogos e psiquiatras) (Gerrish et al., 2014; Oishi, 2014; Silva & Melo, 2013).

Entre as relações de amizade significativas, estão as que estabelecem com outras mães que perderam seus filhos, pessoas que costumam conhecer em grupos de apoio para enlutados. Com elas, as mães afirmam conseguir compartilhar sua dor e se sentirem compreendidas, algo que as ajuda e conforta (Gerrish et al., 2014; Oishi, 2014). Algumas vezes, as amizades construídas em grupos como estes passam a ser vivenciadas em outros contextos, para além dos encontros. A oportunidade de ter diálogos autênticos com membros da família sobre a ausência do filho falecido também é apontada como sendo algo significativo no luto materno (Silva & Melo, 2013). Por fim, algumas mães relatam a possibilidade de conversar com um profissional da área da saúde como sendo algo benéfico para o luto. As mães que passaram por essa experiência ressaltam que estas relações foram importantes devido à postura não condenatória dos profissionais e ao fato de realmente escutarem o sofrimento delas (Gerrish et al., 2014).

Os elementos constituintes do luto materno que acabamos de descrever nos auxiliam a desvelar os sentidos que as mães atribuem à vivência de perder um filho. Torna-se evidente a restrição de algumas possibilidades na vida dessas mães, ao mesmo tempo em que nota-se a abertura para a possibilidade de novos modos de ser-com, em que elas passam a considerar

esse novo modo do filho se apresentar (ou seja, não mais como corporeidade). Brice (1991) também se refere em seus estudos a esse novo modo de relação, atentando para uma diferença fundamental que passa a figurar: essa é uma relação que já não se atualiza. O filho falecido já não responde, ainda que possa se imaginar o que ele diria em determinada situação. Sua presença-ausente não dialoga com a mãe enlutada, lançando-a em um monólogo direcionado a um “outro” que ficou como que “congelado no tempo”. Ao sair do “círculo do tempo”, não é possível mais ser, já que o tempo é parte constituinte de nossa existência. Resta à mãe enlutada, portanto, a busca por um novo tipo de vínculo em que seja possível “reunir-se” com o filho falecido. Vínculo que pode se dar, por exemplo, por meio da transcendência, do estreitamento de laços com pessoas significativas para o morto ou do engajamento em projetos que tenham relação com o filho. Com a impossibilidade de manter seu modo habitual de ser mãe em sua relação com o filho falecido (Brice, 1991; Freitas & Michel, 2014), ressignificar esta relação parece ser a única saída que estas mães enlutadas podem encontrar. A ressignificação da relação é defendida por Freitas (2013) como a saída possível para a pessoa enlutada, não apenas no que se refere ao luto materno, mas ao luto de maneira geral, pela perda de um ente querido.

Antes que essa ressignificação da relação seja possível, no entanto, a mãe enlutada experiencia a perda do sentido do mundo-da-vida e o desejo de preservar sua maneira usual de ser mãe – o que é perceptível quando nos deparamos com enlutadas que expressam o desejo de morrer para se reencontrarem com seus filhos ou mesmo negam o fato de que eles morreram. No que diz respeito à perda de sentido do mundo-da-vida, cabe destacar que em nossa cultura o filho costuma assumir na vida da mãe um lugar de grande importância, sendo para ela fonte de realização e sentido, demandando boa parte de seu tempo e figurando na maior parte de seus planos e projetos (vê-lo casar, formar-se na escola ou universidade, dar-lhe netos). Dessa maneira, a perda do filho costuma ser vivenciada como uma catástrofe que



abala as estruturas nas quais estas mães sustentavam suas vidas, levando também seus planos, seus sonhos, enfim, seu futuro (Freitas & Michel, 2015). É como se o tempo se encurtasse, restringisse e já não houvesse como lançar um olhar para mais além. Vive-se o hoje – a duras penas -, sem se pensar no amanhã.

A perspectiva existencial que apresentamos sobre o luto não o toma como um processo linear que culminaria na superação ou aceitação total da perda, mas como uma condição existencial a qual uma mãe é lançada ao perder seu filho (Freitas & Michel, 2015). De acordo com essa perspectiva, portanto, o luto seria um fenômeno essencialmente relacional, pois o luto é sempre “o luto por uma relação”. Assim sendo, não haveria algo a ser superado no luto, mas uma relação que demanda uma ressignificação (Freitas, 2013). Especificamente no luto materno ocorre, como nos aponta Brice (1991), que as mães enlutadas possuem o desejo de superar o luto e livrar-se da dor que sentem por terem de viver sem a presença dos filhos. No entanto, paradoxalmente, temem que com isso venham a se esquecer deles, eliminando-os de suas vidas. Este aspecto paradoxal presente na vivência do luto materno é uma das características marcantes desse tipo de luto (Brice, 1991).

A mãe enlutada que se encontra diante do psicoterapeuta vivencia essa condição existencial, insuperável e paradoxal. Entre a dor e o medo de esquecer o filho, ela busca uma resposta singular, um novo modo de ser sem um “pedaço de si”. Ainda que a ligação afetiva com o filho se mantenha e que se encontre uma nova via para se relacionar com ele, existe a perda de um papel pelo qual antes se era valorizada socialmente. A mãe enlutada que inicia o seu processo psicoterápico é também aquela que frequentemente os outros já se cansaram de escutar. É ela quem traz o tema indesejável da morte para seus círculos, perturbando a aparente felicidade que imperava neles. Essa mãe também é tida como a que falhou na tarefa de ser discreta em seu luto e de superá-lo brevemente. Enraizada nesse horizonte histórico e cultural, a vivência do luto materno ganha fluidez na clínica psicoterápica, onde todas essas

questões se apresentam na singularidade da experiência vivida por cada mãe enlutada. Resta saber: como é para uma mãe que vivencia esse luto, vivenciar agora a experiência de um processo psicoterapêutico? Compreender o modo como essas mães enlutadas vivenciaram este processo é o objetivo do presente estudo. A partir do relato das participantes sobre as próprias experiências psicoterapêuticas, se tornará possível que diversos elementos presentes no processo psicoterápico sejam investigados, fornecendo importantes informações quanto aos efeitos da psicoterapia e possibilitando a descrição dessa vivência. Esta seria, conforme apontam Pieta et al.(2012) em seu estudo sobre o campo das psicoterapias, uma das melhores maneiras de se avaliar este processo.

## **2. Método**

prazer  
da pura percepção  
os sentidos  
sejam a crítica  
da razão

**Paulo Leminski**

O presente estudo se propõe a compreender a vivência de psicoterapia de mães enlutadas. O enfoque, porém, será dado à paciente que é apenas um dos sujeitos da relação terapêutica. Esta escolha se deve ao fato de entendermos que a paciente pode prover informações fundamentais sobre a experiência de psicoterapia, informações estas por vezes desconsideradas por alguns métodos de pesquisa que se debruçam sobre este campo. À medida que buscamos compreender a vivência de psicoterapia de mães enlutadas, procurando encontrar a essência, ou ainda, um “denominador comum” entre a experiência do processo psicoterápico dessas mães, nosso enfoque não poderia ser outro senão o das próprias mães para chegar a esta compreensão. Da mesma maneira que se faz necessário refletir sobre o

fenômeno do luto a partir de quem o vivencia, consideramos importante compreender a vivência do processo psicoterapêutico por meio da descrição daqueles que recorrem a psicoterapia devido a uma situação de enlutamento.

Orientados pelo objetivo de compreender esta vivência específica e assumindo, conseqüentemente, a subjetividade como objeto, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa. Esta escolha se justifica pelo fato da complexidade de nosso objeto não nos permitir partir de uma forma de construção de conhecimento baseada em respostas simples, por meio de instrumentos padronizados (González Rey, 2002), nem tampouco definir de maneira exata e *a priori* os caminhos da pesquisa (Andrade & Holanda, 2010). Neste sentido, a pesquisa qualitativa mostra-se adequada para o presente estudo, pois tem como uma de suas características a flexibilidade na condução do processo investigativo, demandando do pesquisador uma postura de abertura em relação ao que se apresenta durante o momento da pesquisa - considerado um momento de confrontação e desenvolvimento de teorias – para que possa mudar suas próprias ideias ao longo do processo (Andrade & Holanda, 2010).

O processo de produção de conhecimento ancorado em uma epistemologia qualitativa é interativo, ou seja, se constitui na relação entre pesquisador e pesquisado. Considera-se relevante a mútua influência existente entre pesquisador e pesquisado: ambos produzem pensamentos com base na relação que estabelecem, o que influencia o processo da pesquisa. A história e o contexto cultural do pesquisador são considerados importantes. Ele é sujeito do pensamento e ocupa um lugar central nessa epistemologia, participando ativamente do processo de produção de conhecimento (Andrade & Holanda, 2010; González Rey, 2002). De acordo com Turato (2005), “o pesquisador é o próprio instrumento de pesquisa, usando diretamente seus órgãos do sentido para apreender os objetos em estudo” (p. 510).

Outra característica que diferencia a pesquisa qualitativa de outros modos de produção de conhecimento é o fato dela considerar a significação da singularidade, comumente

desprezada por outras epistemologias, uma fonte legítima de conhecimento científico (González Rey, 2002): “O conhecimento científico, a partir desse ponto de vista qualitativo, não se legitima pela quantidade de sujeitos a serem estudados, mas pela qualidade de sua expressão” (p. 35).

Nesta pesquisa, optamos por adotar o método fenomenológico, que se enquadra na epistemologia qualitativa e é um meio valioso para que se possa compreender o modo como mães enlutadas vivenciam um processo psicoterápico após a perda de um filho, justamente por possibilitar que o pesquisador apreenda o sentido ou significado de determinada vivência para a pessoa que a experienciou (Forghieri, 1993/2012) - no caso, a vivência da psicoterapia em uma condição específica de enlutamento. Cabe ressaltar, no entanto, que o método fenomenológico não surge no campo da psicologia. A aplicação de um método que surge de um movimento filosófico – a Fenomenologia – no âmbito da psicologia exige um esforço de mediação, considerando as exigências da ciência e da própria fenomenologia (Giorgi & Sousa, 2010): “Para ter alguma utilidade na investigação que se desenvolve em Psicologia, a Fenomenologia não se pode manter, exclusivamente, como filosofia. Terá de adquirir uma forma de aplicação que possa dar um contributo significativo à práxis psicológica” (Giorgi & Sousa, 2010, p. 16). Consideramos importante realizar um retorno ao modo como o método fenomenológico se constituiu no âmbito da filosofia para, então, compreendermos como ocorre sua aplicação nas pesquisas em psicologia. Para tanto, retornamos à Husserl e à criação do movimento filosófico.

Quando cria a fenomenologia, Husserl adota o princípio já presente na psicologia descritiva de Brentano, seu antigo mestre, de que “a descrição deve preceder a explicação” (Holanda & Freitas, 2011, p. 102). Holanda e Freitas (2011) afirmam que, a despeito de ter abandonado o projeto de psicologia descritiva brentaniano, Husserl manteve-se focado em investigar as “relações entre atos psíquicos e seus conteúdos” (p. 104). Foi motivado por este

interesse que Husserl propôs o método fenomenológico. Dessa maneira, tinha a intenção de oferecer um “fundamento metodológico ao estudo da consciência que considerasse como central o aparecer do fenômeno com base em sua própria estrutura e não apenas como um dado natural, desconectado do sujeito” (Holanda & Freitas, 2011, p. 105). Em outras palavras, a fenomenologia como método procura “voltar às coisas mesmas”, suspendendo toda teoria e todos os pressupostos para poder deixar ver as coisas do modo como estas aparecem ao sujeito (Goto, 2008).

São três os elementos que constituem o método fenomenológico no âmbito da filosofia: *epoché*, redução eidética e redução transcendental (Goto, 2008). No campo da psicologia, porém, os elementos que devem ser considerados são os seguintes: *epoché*, redução fenomenológica-psicológica (um tipo de redução utilizada no âmbito da psicologia fenomenológica, que assume particular importância para a psicologia científica) e redução eidética. A redução transcendental não é utilizada quando o método se aplica à psicologia, ficando reservada ao âmbito da fenomenologia transcendental (Giorgi & Sousa, 2010). Na sequência, abordaremos brevemente apenas os elementos que interessam às pesquisas do campo da psicologia.

Segundo Goto (2008), o método fenomenológico tem início com a *epoché*. A *epoché* é o único meio para se promover a suspensão da atitude natural – a posição natural em que nos encontramos cotidianamente em nossas crenças e ideias. Esta suspensão pode ser explicada, em outras palavras, como uma colocação do mundo natural entre parênteses. Um “projetar-se para trás” (Goto, 2008, p. 76) que proporciona a passagem da atitude natural para a atitude fenomenológica, permitindo que se chegue a um conhecimento radical (Goto, 2008). A *epoché* não é um passo metodológico que é “alcançado” em determinado momento, mas algo que se desenvolve e que deve ser mantido ao longo de toda a investigação, desde a entrevista (Giorgi & Sousa, 2010).

A redução fenomenológica-psicológica, segundo passo do método fenomenológico aplicado à psicologia, tem por objetivo compreender o modo como um objeto é dado à consciência (Giorgi & Sousa, 2010). Não é relevante, portanto, perguntar sobre a real existência de determinado objeto. O enfoque está no *modo* como este é vivenciado pelo sujeito. A redução fenomenológica-psicológica é uma redução parcial, pois “a *redução* é aplicada ao objeto, mas não aos atos de consciência que estão associados a esse objeto” (Giorgi & Sousa, 2010, p. 58). A redução transcendental que visa a “consciência pura” e que coloca entre parênteses o próprio sujeito que percepção o objeto, não é considerada em investigações em ciências humanas, estando fora do âmbito de pesquisas do campo da psicologia (Giorgi & Sousa, 2010).

O terceiro e último passo do método fenomenológico no âmbito das investigações em psicologia é a análise eidética ou variação livre imaginativa. Este passo permite que o pesquisador acesse as dimensões essenciais do objeto, determinando quais são as características e as propriedades que o tornam aquilo que ele é e quais são apenas variações contingenciais (Giorgi & Sousa, 2010). Realiza-se uma análise em que o pesquisador deve se perguntar: retirando determinada característica deste fenômeno ele continua sendo o que ele é? Repetindo-se inúmeras vezes a variação livre imaginativa, espera-se chegar às características fundamentais do fenômeno estudado, seja ele um objeto, uma percepção ou uma situação vivida. O objetivo é excluir o factual para se chegar ao essencial. No caso das pesquisas em psicologia, não são buscadas essências universais, mas “essências” de algum modo contextualizadas. A aplicação do método leva à clarificação das essências psicológicas do fenômeno estudado, produzindo resultados não universais, mas generalizáveis (Giorgi & Sousa, 2010).

A psicologia, ao procurar apropriar-se da fenomenologia, deve manter-se alinhada à regra básica proposta por Husserl de “voltar às coisas mesmas”, procurando superar “vieses

ideológico-naturalizantes” (Holanda & Freitas, 2011, p. 111). De acordo com Andrade e Holanda (2010), o método fenomenológico é para a psicologia um recurso apropriado para a investigação do mundo vivido, possibilitando a investigação do sentido que a vivência de determinada situação tem para o sujeito e fornecendo, por fim, a estrutura essencial do fenômeno estudado. Para se alcançar a compreensão do fenômeno em questão, frequentemente se faz uso de entrevistas, por estas permitirem que o pesquisador possa explorar a experiência vivida e o sentido que o mundo vivido possui para os entrevistados. Dessa forma, o investigador consegue perceber como diferentes sujeitos experienciam uma mesma condição. O presente estudo utiliza entrevistas como recurso para compreender a experiência de psicoterapia de mães que perderam seus filhos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR, sob protocolo CAEE 47559415.8.0000.0102 e obedece às Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos estabelecidas pela resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

### **Convite para participação na pesquisa**

Foi realizado um convite, por parte do pesquisador, a mães enlutadas que haviam iniciado um processo psicoterápico após a perda de seus filhos, para que relatassem sua vivência em uma entrevista individual. Este convite foi feito durante a reunião do grupo ASDL, que ocorre semanalmente. O ASDL é um grupo de ajuda mútua criado e coordenado por enlutados, do qual todas as entrevistadas fazem parte. Inclusive, três das mães que aceitaram realizar as entrevistas iniciaram psicoterapia por recomendação de outros membros deste grupo. O ASDL é diversas vezes citado ao longo do relato das entrevistadas, que em algumas situações comparam a vivência de seus processos psicoterápicos com a vivência de participar das reuniões do grupo de ajuda mútua. O pesquisador responsável, que acompanha as reuniões do grupo desde o ano de 2011, realizou o convite aos seus membros de acordo

com os seguintes critérios de inclusão: ter perdido um filho ou uma filha e ter iniciado psicoterapia devido a esta perda. Os únicos critérios de exclusão foram: ser menor de 18 anos e recusar-se a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após ser explicado o objetivo da pesquisa e enfatizado o compromisso do sigilo, quatro mães se dispuseram a conceder entrevistas ao pesquisador. Este número de participantes se mostrou suficiente para que a análise eidética pudesse ser realizada e, assim, as estruturas invariantes da experiência fossem capturadas. Dentre as quatro mães, uma ainda estava em psicoterapia quando concedeu a entrevista, enquanto as outras três já haviam encerrado seus processos psicoterápicos.

### **Sobre as participantes**

Em razão do sigilo, os nomes das participantes da pesquisa foram substituídos pelos seguintes nomes fictícios - Rachel, Cora, Cecília, Alice - que tiveram inspiração em mulheres que ocupam lugar de destaque na literatura nacional. Rachel de Queiroz foi escritora, romancista, cronista, tradutora e dramaturga. A autora se destacava na ficção social nordestina. A Rachel dessa pesquisa também narra sua história de vida ao longo de seu relato, trazendo suas memórias desde o tempo em que viveu no nordeste até o momento em que veio residir em Curitiba. Cecília Meireles, poetisa, pintora, professora e jornalista é autora de uma poesia que se destaca por sua delicadeza, característica marcadamente presente no modo de se expressar da mãe entrevistada que aqui empresta seu nome. Cora Coralina foi poetisa e também contista. Tal qual a mãe entrevistada desse estudo, Cora sabia expressar com exatidão a simplicidade da vida cotidiana. Por fim, Alice Ruiz, poeta e letrista curitibana, teve a experiência de perder um filho quando este ainda era criança, assim como a mãe entrevistada nessa pesquisa. Em um de seus livros, ela o homenageia com o seguinte poema: “não era ainda pessoa/ e já sonhava/ não é mais pessoa/ e ainda sonha” (Alice Ruiz, in Navalhanaliga). As participantes do presente estudo, tal qual poetisas, traduzem em palavras



vivências intensas e significativas, e ao narrarem seus processos psicoterápicos, nos deixam o registro de suas experiências vividas.

Rachel perdeu sua filha mais nova, de 16 anos, em um acidente de carro no ano de 2008. Ela procurou por psicoterapia em 2015, por indicação do grupo ASDL. O processo durou apenas seis sessões, se encerrando em junho do mesmo ano. Rachel afirmou que apesar dos atendimentos estarem lhe ajudando, precisou interrompê-los por não ter tido mais tempo disponível para comparecer às sessões devido aos compromissos que tinha em casa, com sua família. Ela também relatou ter tido outra experiência com um psicólogo, três ou quatro meses após a morte da filha. Rachel compareceu apenas aos três primeiros atendimentos e nunca mais retornou por ter ficado irritada com o fato do terapeuta ter lhe dito para “viver por seus outros filhos”. A entrevista foi realizada seis anos e dez meses após a perda de sua filha.

Alice perdeu seu filho em 2005, quando ele estava com 12 anos, devido a uma cardiopatia congênita. Ela iniciou o seu processo terapêutico em janeiro de 2006, dois meses após a morte do filho, e foi atendida por um ano e seis meses ao todo. Quem sugeriu que o processo psicoterápico fosse encerrado foi a psicoterapeuta. Alice resistiu inicialmente à sugestão da psicóloga, mas concordou em reduzir gradualmente a frequência das sessões, até o momento em que afirmou se sentir preparada para seguir sem a terapia. A entrevista foi realizada 10 anos depois da morte de seu filho.

Cecília perdeu seu filho no ano de 2015, quando ele tinha 38 anos. A morte ocorreu em decorrência de um câncer. Cecília cuidou do filho ao longo de todo o processo de adoecimento, desde que a doença foi diagnosticada. Seu processo psicoterápico teve início em junho de 2015, por indicação do grupo ASDL, e ela ainda estava em atendimento quando a entrevista foi realizada (em novembro do mesmo ano, dez meses após a morte do filho).

Cora perdeu sua filha de 31 anos em 2013. Ela faleceu em decorrência de um câncer. Cora iniciou a psicoterapia cerca de um ano após a morte da filha, por indicação do grupo

ASDL e permaneceu em atendimento por um ano. A entrevista foi realizada dois anos e oito meses após o falecimento de sua filha.

**Tabela 1**

*Participantes da pesquisa*

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Motivo da morte do(a) filho(a)</b>	<b>Tempo da perda (até gravação da entrevista)</b>	<b>Tempo de psicoterapia</b>
<b>Rachel</b>	51	Acidente de carro	Seis anos e dez meses	Seis sessões (interrompeu o processo)
<b>Alice</b>	50	Cardiopatia congênita	Dez anos	Um ano e meio (recebeu “alta” da terapeuta)
<b>Cecília</b>	66	Câncer	Dez meses	Cinco meses (processo em andamento)
<b>Cora</b>	60	Câncer	Dois anos e oito meses	Um ano (interrompeu o processo)

### **Procedimentos e análise das entrevistas**

As entrevistas foram realizadas no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná, na cidade de Curitiba, em salas resguardadas de interferência externa. Antes do início de cada entrevista, o TCLE foi lido e assinado pelas participantes. Com o consentimento delas, as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas posteriormente, possibilitando uma análise minuciosa dos dados coletados.

Foram realizadas entrevistas abertas, sem restrição em relação ao tempo de duração. A partir da pergunta disparadora - “Você pode relatar a vivência de seu processo terapêutico durante o luto?” - as participantes da pesquisa discorreram livremente sobre o assunto. As

perguntas posteriores feitas pelo pesquisador tiveram o intuito de clarificar o que era descrito pelas entrevistadas, mantendo o caráter essencialmente investigativo da entrevista. Dessa maneira, tornou-se possível chegar a descrições detalhadas que abrangem a maneira como cada entrevistada vivenciou o fenômeno em questão.

As entrevistas foram analisadas por meio do método empírico-fenomenológico de investigação em psicologia desenvolvido por Amedeo Giorgi (Giorgi & Sousa, 2010). Em seu modelo, frequentemente utilizado por pesquisadores qualitativos, especialmente para lidar com entrevistas sobre o sentido das experiências vividas, Giorgi apresenta quatro passos detalhados que levam à *estrutura da experiência* que se pretende compreender (Andrade & Holanda, 2010). Os quatro passos propostos pelo autor são: (1) Estabelecer o sentido geral, (2) Determinação das partes: divisão das unidades de significado, (3) Transformação das unidades de significado em expressões de caráter psicológico e (4) Determinação da estrutura geral de significados psicológicos (Giorgi & Sousa, 2010). Na sequência, explanaremos sobre cada um desses passos.

O primeiro passo do método, *estabelecer o sentido geral*, demanda do pesquisador uma atitude fenomenológica. É preciso acontecer a suspensão de sua atitude natural (preconceitos, teorias) em relação ao fenômeno estudado, com o intuito de se apreender o sentido do todo do relato, evitando qualquer interpretação ou hipótese a respeito daquilo que está presente na entrevista. Este é um trabalho que pode exigir repetidas leituras do material (Giorgi & Sousa, 2010). Captar o senso geral é imprescindível para que se possa seguir para o próximo passo do método, sendo que é preciso estar atento para não iniciar a identificação de unidades de significado nesse primeiro momento (Andrade & Holanda, 2010).

Após a apreensão do sentido geral da entrevista, inicia-se a *determinação das partes*. Mantendo-se a atitude da redução fenomenológica, o objetivo passa a ser o de dividir a entrevista em “unidades de significado”. Essa divisão acontece por uma questão de

praticidade. Afinal, a divisão do relato em partes menores permite uma análise fenomenológica mais cuidadosa e aprofundada. Seguindo o objetivo de realizar uma análise psicológica do fenômeno e estando-se orientado para o sentido da experiência, o critério utilizado para determinar esta divisão é a transição de sentido (Giorgi & Sousa, 2010). As unidades significativas “emergem sempre que se percebe uma mudança psicologicamente sensível de significado da situação para o sujeito” (Andrade & Holanda, 2010, p. 266). Elas não existem “soltas” ou nas descrições “em si mesmas”. Ao contrário, são constituídas pelo pesquisador a partir de sua disciplina de estudo. O pesquisador deve, então, neste segundo momento do método, reler o conteúdo da entrevista, marcando o momento em que ocorre esta mudança na descrição fornecida pelo entrevistado (Andrade & Holanda, 2010; Giorgi & Sousa, 2010). Por fim, é importante salientar que nesta divisão do relato em unidades de significado devem ser mantidas as palavras do entrevistado, sem alterar em nada a linguagem utilizada pelo participante da pesquisa (Giorgi & Sousa, 2010).

Tendo apreendido o sentido geral e dividido em unidades de significado a descrição do fenômeno fornecida pelos participantes da pesquisa, segue-se para o terceiro passo do método: a *transformação das unidades de significado em expressões de caráter psicológico*. Giorgi e Sousa (2010) indicam que este passo é o cerne de todo o método, pois é neste momento que o pesquisador deverá intuir e “descrever essencialmente os significados psicológicos contidos nas descrições dos sujeitos” (p.88). Aplicando a redução fenomenológica-psicológica, o pesquisador realiza a transformação da linguagem cotidiana utilizada pelos entrevistados em expressões de caráter psicológico, com o intuito de clarificar os significados psicológicos presentes em cada relato. É preciso frisar, porém, que ao fazer esta transformação, o investigador não deve utilizar expressões específicas de determinada abordagem teórica. Afinal, o método fenomenológico deve levar a uma descrição do fenômeno estudado e não a uma explicação teórica a seu respeito.

Por fim, chega-se ao quarto e último passo do método que é a *determinação da estrutura geral de significados psicológicos*. Esta estrutura é formada a partir dos significados invariantes presentes nas unidades de significado (já transformados em linguagem psicológica) que articulados, tornam-se as constituintes essenciais da experiência que se pretende compreender. As diversas constituintes essenciais de determinada experiência, relacionadas, compõem aquilo que se denomina estrutura geral de significados psicológicos, objetivo final do método fenomenológico de investigação em psicologia desenvolvido por Giorgi. Assim, como nos demais passos, a redução fenomenológica-psicológica deve ser mantida para que se chegue a uma descrição da estrutura geral da experiência vivida dos participantes (Giorgi & Sousa, 2010). No caso do presente estudo, a análise fenomenológica das entrevistas permitiu o acesso ao mundo vivido de mães enlutadas, possibilitando uma descrição sobre a forma como elas vivenciaram o processo psicoterapêutico após a perda de um filho.

### **3. Resultados e Discussão**

Os elementos constituintes da vivência da psicoterapia de mães enlutadas apresentadas a seguir consideram os significados invariantes presentes nas unidades de significado das quatro entrevistas realizadas.

#### **Elementos constituintes da vivência**

A análise das entrevistas revelou 19 elementos constituintes da vivência de psicoterapia de mães que perderam seus filhos. Dentre eles, 14 estiveram presentes nos relatos de ao menos duas participantes, a saber: Falar sem reservas, Sentir-se livre para abordar outros temas que não o luto, Sentir-se compreendida, Expressar sofrimento, Sentir-se acolhida, Sentir-se escutada, Experiência de fortalecimento, Retomar a vida, Aceitar a morte, Deixar de culpar os outros pela morte do filho, Revelar o sentimento de culpa, Sentir-se

melhor de saúde, Sentir dificuldade inicial para falar, Poder se queixar dos familiares. Outros cinco elementos constituintes estiveram presentes no discurso de apenas uma delas: Sentir-se respeitada, Raiva do psicoterapeuta, Perceber novas possibilidades, Alcançar autocompreensão, Aceitar o modo dos outros lidarem com o luto.

Estes últimos cinco elementos foram incluídos nos resultados pois são considerados significativos para que se possa compreender o significado das experiências vividas pelas entrevistadas. Os elementos que constituem a vivência da psicoterapia de mães enlutadas foram divididos em três eixos temáticos que se relacionam entre si, a saber: Relação terapeuta-paciente, Possibilidades que emergem da relação psicoterápica e Ressignificação. A seguir, serão apresentados esses eixos e descritos os elementos que os compõem.

## **Tabela 2**

*Eixos temáticos e elementos constituintes da vivência*

<b>EIXOS TEMÁTICOS</b>	<b>ELEMENTOS CONSTITUINTES</b>
Relação terapeuta-paciente	Sentir dificuldade inicial para falar
	Sentir-se acolhida
	Sentir-se escutada
	Sentir-se respeitada
	Sentir-se compreendida
	Raiva do psicoterapeuta
Possibilidades que emergem da relação psicoterápica	Falar sem reservas
	Expressar sofrimento
	Sentir-se livre para abordar outros temas que não o luto
	Revelar o sentimento de culpa
	Poder se queixar dos familiares

Ressignificação	Perceber novas possibilidades
	Alcançar autocompreensão
	Aceitar a morte
	Deixar de culpar os outros pela morte do filho
	Aceitar o modo dos outros lidarem com o luto
	Experiência de fortalecimento
	Sentir-se melhor de saúde
	Retomar a vida

### **Eixo 1: Relação terapeuta-paciente**

O primeiro eixo temático da vivência de psicoterapia de mães enlutadas abrange elementos constituintes que dizem respeito às experiências relacionadas mais diretamente à relação terapeuta-paciente. Conforme relatado pelas participantes, nessa relação elas puderam ter a experiência de se sentirem acolhidas, escutadas, respeitadas e compreendidas, tendo também sentido dificuldade inicial para falar e, no caso de uma delas, raiva do psicoterapeuta.

#### **Sentir dificuldade inicial para falar**

As entrevistadas tiveram a experiência de sentir dificuldade para falar no início do processo psicoterápico. Elas relataram que foi difícil falar sobre elas mesmas em um período em que estavam sensíveis pela perda de seus filhos:

*porque não é fácil você falar de você, e lembrar tudo aquilo que você viveu lá atrás, ainda mais no, num, numa época que a gen... se, que a gente tá tão sensível pela perda do filho, que a gente se emociona com qualquer coisa, né? E... daí eu chorava, chorava muito, assim, depois eu me controlava e a gente continuava (Rachel).*

As mães entrevistadas afirmaram que nas primeiras sessões choravam com frequência, sem conseguirem falar - o que foi mudando gradualmente, com os choros se tornando cada vez menos frequentes durante os atendimentos: *“a primeira vez que eu vim falar com a [psicóloga], eu não conseguia falar, só chorava. A segunda também, mas aí já foi melhorando”* (Cora).

Gomes et al. (1988) afirmam que o bloqueio da fala é um dos meios pelos quais se apresenta a dificuldade dos pacientes em entrar na dinâmica do processo psicoterapêutico. Segundo os autores, após a fase inicial da psicoterapia as questões passam a ser trazidas pelos pacientes com menos angústia e com maior clareza à medida que o paciente consegue ficar mais à vontade durante as sessões.

### **Sentir-se acolhida**

A experiência de sentir-se acolhida foi descrita por Cecília como a sensação de ser “abraçada” pela terapeuta, de modo semelhante ao que foi encontrado na pesquisa de Ferreira et al. (2008) em que a entrevistada afirma que a psicóloga lhe foi uma mão amiga. Cecília destaca, no entanto, que esse acolhimento se situa em um modo particular de relação que se estabelece entre terapeuta e paciente, o que também foi ressaltado no relato de Alice: *“E ela me acolheu dentro da característica profissional dela... ela me ouviu... ela viu que eu tava precisando muito...”*.

As entrevistadas associaram a experiência de terem sido acolhidas pelas psicólogas a uma postura de abertura afetiva e disponibilidade para entender o que elas estavam vivenciando: *“é uma pessoa que tá... assim, com o coração aberto diretamente pra gente, né? Pra entender... e tem também toda parte de estudo, né? Que ela pode colaborar de que forma vai... poder... tar me abraçando, né?”* (Cecília).

O acolhimento, que aparece nos relatos das entrevistadas como percepção de disposição e abertura afetiva por parte de suas psicoterapeutas para procurar compreendê-las,



foi apontado como uma condição para que pudessem ficar à vontade para expressar o que sentiam: “*com a... a psicóloga, você se sente acolhido, né? Muitas coisa que às vezes vocês não pode dizer no grupo, ou às vezes não se sente à vontade, ou às vezes... é... até por emoção, né?*” (Cecília). Como é possível perceber no relato de Cecília, existem contextos em que as mães enlutadas não se sentem suficientemente acolhidas para expor determinadas questões que abordaram na psicoterapia.

### **Sentir-se escutada**

As entrevistadas relataram que na psicoterapia se sentiram escutadas pelas psicólogas. Elas afirmaram que as terapeutas as escutaram falar sobre seus sofrimentos, ou sobre sentimentos que as demais pessoas não queriam escutar, conforme podemos perceber nesse trecho da entrevista de Cecília:

*então você tem essa... essa liberdade de ter uma pessoa que parece que tá te ouvindo, mesmo, tá te escutando. Acho que isso é... te deixa falar, te deixa... né? Porque... por exemplo, você... às vezes eles chegam em casa... “Ah, filha, senta aqui comigo que eu quero te contar... hoje... que eu tô... né? Como que a mãe tá se sentindo, como que eu acordei, como...”. “É, mãe, mas espera aí que eu tenho que mandar esse e-mail, eu tenho que fazer não sei o que...”, sabe como? E não, aqui não (Cecília).*

A escuta que ocorre na psicoterapia ganha relevância ainda maior quando se nota sua ausência em outras relações que se estabelecem na sociedade ocidental contemporânea que, não suportando enfrentar os sinais da morte, também não suporta o luto e deseja suprimi-lo (Kovács, 1992). O fato de ser escutada é de tamanha importância para Cora que chega a ser apontado por ela como a razão para que considere psicólogos como seus amigos: “*psicólogo pra mim, cês são amigos, que cês me escutam que que eu quero falar, né? E ali morre o assunto, e não sai aquela, sabe, aquela fofocorada*”. Neste contexto, em que as possibilidades de escuta são escassas, conversar com um profissional da área da saúde em

quem se pode confiar, pode ser benéfico para pessoas que vivenciam esse luto, como foi apontado pelas mães do estudo de Gerrish et al. (2014).

### **Sentir-se respeitada**

A experiência de sentir-se respeitada foi apontada por uma das entrevistadas, que se sentiu dessa maneira ao falar sobre suas crenças e sua busca por conectar-se com o filho falecido por meio da espiritualidade.

*ela não era uma pessoa também cética, mas ela também não falava de religião... Só que quando eu expunha o meu lado, o... o que tava me acalentando também do lado espiritual, ela respeitava. Nem sei se ela tem religião... se ela é católica, se ela é evangélica, se ela é espírita... Mas ela... quando eu levava o lado espiritual, que pra mim tava ficando cada vez mais fortalecido, em nenhum momento ela desviava, ela... sabe? Então, tudo isso envolvia muito a minha conversa, a minha afinidade... ela respeitava... (Alice).*

O relato de Alice evidencia o modo como ela percebeu a atitude da terapeuta de não se posicionar quanto ao tema da espiritualidade a partir de suas próprias crenças, mas dando abertura (sem “desviar”) para que ela pudesse abordar o tema do modo que lhe fazia sentido. Cabe salientar a importância de se respeitar as crenças das mães enlutadas em um processo psicoterápico, dando espaço para que elas possam abordar a questão, visto que a fé pode fornecer amparo e suporte para que elas lidem com a dor pela morte de seus filhos, podendo também ser uma meio para que encontrem sentido ou explicação para a perda (Alarcão et al., 2008; Paula, 2010).

Alice também relatou que durante o processo psicoterapêutico sua vontade era sempre respeitada pela terapeuta. A entrevistada afirmou que se sentia respeitada, por exemplo, quando a psicóloga propunha metas para cumprir que não lhe exigiam mais do que era possível para ela naquele momento. Ela relatou, por fim, que se sentia respeitada ao expor

suas experiências durante a psicoterapia – como, por exemplo, a experiência de participar de um grupo de apoio mútuo para enlutados: *“Aí ela deixava eu relatar tudo que eu tinha visto... que eu tinha... sabe? Aquela conversa de relato... de fato... e ela sempre respeitando. Foi bem, bem... bem interessante”* (Alice).

### **Sentir-se compreendida**

As entrevistadas relataram que se sentiram compreendidas por suas psicoterapeutas. Em seus relatos, o sentimento de serem compreendidas aparece como estando estreitamente ligado à percepção de que se é escutada e respeitada. Elas afirmaram que ao se sentirem compreendidas, se sentiam à vontade para chorar, não importando o tempo que fazia desde que seus filhos haviam morrido, pois sabiam que as psicólogas iriam entender o motivo de sua dor.

A dor do luto materno é um sentimento de longa duração e que pode acompanhar as mães que perderam seus filhos por toda a vida, conforme aponta a literatura (Silva & Melo, 2013). A compreensão desse sentimento, que uma das entrevistadas afirmou ter encontrado tanto no grupo ASDL quanto na psicoterapia, não é algo ordinariamente presente no cotidiano dessas mães. Exatamente por isso, sentir-se compreendida é significativo para elas, pois é percebido como a permissão que precisam para expressar aquilo que sentem sem o medo de serem julgadas e sem a exigência de que deixem de chorar (como costuma lhes ocorrer em outros meios):

*a terapia, tanto com os psicólogos, como lá no encontro da... dos Amigos na... Solidário na Dor do Luto, é muito bom, porque... (...) todo mundo respeita, todo mundo te escuta, é... né? Com... todo o carinho, não importa o tempo que passe, se você chorou naquele dia, é porque, todo mundo vê que naquele dia você chorou porque você realmente tá sensível. Se é lá fora, já ficam dizendo: "Ah, tá querendo aparecer, tá fazendo charminho, porque já faz tantos anos...", né? (Rachel).*

Uma das mães entrevistadas também relatou ter tido a percepção de que a terapeuta compreendia a impossibilidade dela voltar a ser quem ela era antes da perda do filho. Cecília afirmou que sofria com a cobrança de seus filhos para que voltasse a ser a pessoa que era antes do adoecimento e da morte de seu filho. A postura da terapeuta, porém, foi diametralmente oposta à de seus filhos e possibilitou que ela se sentisse compreendida naquela relação:

*Então é bom, né, que... ela entende que eu também não posso ser já a pessoa que eu fui antes de todo o processo, né? (...) Parece que tem alguém que entende que você tá... tá impossibilitado de ser aquela Cecília que eu era há... né, vamos dizer há... há três anos atrás, quando começou todo esse processo e que foi agravando dele... ou... a mesma Cecília que eu era antes da doença também, né? Antes de tudo isso. (Cecília).*

A impossibilidade de voltar a ser quem se era após a perda de um ente querido é defendida por uma perspectiva existencial do luto que não o percebe como sendo um fenômeno que se daria de modo linear e que chegaria ao seu fim com a superação da perda (Freitas & Michel, 2015). Ao invés disso, o que é proposto nessa perspectiva como uma saída possível para o luto é a resignificação da relação do enlutado com aquele que faleceu (Freitas, 2013). A incompreensão da vivência do luto de uma mãe pode levar o terapeuta a buscar sua superação, que em termos experienciais significa para a mãe, ignorar a ocorrência da morte daquele filho e, conseqüentemente, a carência de sentido que surge em sua vida com esse evento. Ao sentir-se compreendida pela psicoterapeuta, por sua vez, a mãe enlutada experimentou uma relação em que essa impossibilidade de superação é aceita. Ela notou que a psicoterapeuta compreendia a impossibilidade dela voltar a ser quem era antes da doença e da morte do filho. Dessa maneira, pode-se afirmar que da relação terapeuta-paciente não

emergiu a imposição de uma “melhora” da condição de enlutamento, mas justamente houve a possibilidade da mãe enlutada estar falando sobre como é vivenciar essa nova condição.

### **Raiva do psicoterapeuta**

A experiência de raiva do psicoterapeuta foi relatada por Rachel. A entrevistada procurou por terapia cerca de três meses após a morte da filha e, durante a terceira sessão, sentiu raiva do terapeuta devido ao fato dele ter recomendado que ela vivesse pelos seus outros filhos:

*me indicaram um... psicólogo, eu fui, ele não conseguiu... ele, ele me fez... exatamente essa pergunta, eu me lembro como se fosse agora: "Você, você ainda tem mais filhos?". Eu falei: "Eu tenho dois". "Então viva por eles e pelo seu marido". Nossa, eu queria matar ele! Eu queria arrebentar a cara dele! (Rachel).*

A entrevistada relatou que ao receber este “conselho” do psicólogo, interrompeu a terapia naquele exato momento. Ela afirmou que se sentiu ferida pelo que foi dito pelo terapeuta e que percebeu, por meio dessa fala, que ele não a compreendia e não poderia “tratá-la”:

*Eu disse: "Por aí, paramos. Chega, você não vai saber tra, me tratar, você não sabe o que to sentindo". Levantei peguei minha bolsa e fui embora aos berros! (...) porque eu não tava ali pelos dois filhos que tavam vivo, eu tava ali pela minha filha que tinha falecido (Rachel).*

A opção por interromper o processo psicoterápico ocorre, de acordo com o relato de Rachel, no momento em que ela nota que o terapeuta não compreende aquilo que ela está sentindo, o que ela afirma ser necessário para que ele possa “saber lhe tratar”. Fica evidente neste trecho da entrevista de Rachel a sua percepção de que sentir-se compreendida pelo terapeuta é condição para que o processo psicoterapêutico possa ocorrer. Ao descrever sua relação com o primeiro psicoterapeuta que lhe atendeu após a perda de sua filha, não notamos

aspectos que foram apontados pelas demais mães enlutadas em seus relatos, como a experiência de sentir-se acolhida, escutada, respeitada e compreendida.

Este elemento constituinte também indica o fato de que a psicoterapia nem sempre é experienciada como algo benéfico pela mãe enlutada, inclusive levando-a ao abandono do processo, o que merece investigações posteriores. De acordo com o relato de Rachel, a indisponibilidade do terapeuta para escutar e compreender seu luto e a proposta de uma alternativa simplista para que ela pudesse superá-lo (“viver pelos outros filhos”) não permitiu que novas possibilidades emergissem daquela relação.

## **Eixo 2: Possibilidades que emergem da relação psicoterápica**

O segundo eixo temático trata dos elementos constituintes que contemplam as possibilidades que emergiram da relação psicoterápica vivida pelas mães enlutadas. Parte-se do princípio de que a relação que elas estabelecem com as psicoterapeutas possui particularidades, elementos que tornam esta uma relação singular. Além do fato de terem experienciado em psicoterapia a sensação de serem acolhidas e escutadas, de modo respeitoso e compreensivo, são também apontadas as questões do sigilo e da ausência do julgamento moral por parte das terapeutas. A partir da relação assim estabelecida, nota-se que emergiram novas possibilidades relatadas por elas, tais como: a possibilidade de falar livremente sobre questões íntimas relacionadas ou não com o luto, de expressar sentimentos socialmente percebidos como negativos (raiva, desejo de vingança), ou de se queixar dos familiares. Também estiveram presentes em seus relatos possibilidades que emergiram dessa relação e que não se apresentavam em outras relações vivenciadas por elas, tais como a experiência de poder falar sobre seus filhos, de expressar o sofrimento que sentem pela perda deles ou o fato de não precisarem demonstrar “melhora”, podendo expor a dor, a culpa, a fraqueza e o desânimo que estavam sentindo.

## Falar sem reservas

A experiência de sentir-se livre ao falar é apontada pela literatura como uma indicação de progresso no processo psicoterapêutico (Gomes et al., 1988). As mães entrevistadas afirmaram que puderam ter essa experiência de falar sem reservas durante seus processos psicoterápicos. Elas relataram que se sentiram confiantes e seguras para falarem com as psicólogas por conta do sigilo (uma garantia que não encontravam em outras relações). As mães revelaram questões pessoais que não haviam revelado para ninguém. Ao falarem sobre isso, tiveram a experiência de estarem “se livrando” da amargura que sentiam, como se estivessem “desengasgando”: “*sa-saiu um peso de mim, que eu, eu guardava essas coisas com, com aquela amargura dentro de mim... sabe?*” (Rachel). Elas também relataram que se sentiram leves ao falarem sem reservas.

Rachel chamou a atenção para o aspecto confessional da psicoterapia, pois podia falar sem sentir vergonha ou medo de que outros fossem saber aquilo que contava para a psicoterapeuta:

*E eu falando com um profissional... é igual você tá falando pra um padre, eu acho, né? (...) a partir do momento que você fala do seu, do seu problema pra um profissional, né, que você sabe que vai ficar guardado é melhor do que você falar pra um amigo que você fica pensando, aí será que ele vai falar de mim, vai falar disso pra alguém, alguém vai ficar sabendo? Então você sai confiante, que aquilo ficou ali, ficou com aquela pessoa né, e como se fosse se confessa com um padre, você confessa e sabe que ninguém vai saber. Então eu tinha muitas coisas guardadas dentro de mim, que eu tinha medo e vergonha de falar pra qualquer um amigo, que eu falei pra ela e saí tranquila. Saí leve e sem me preocupar se aquilo ia sair, ia... ia... alguém ia ficar sabendo, com certeza ninguém ia ficar sabendo (Rachel).*

As entrevistadas afirmaram ainda que, na psicoterapia, podiam expressar livremente o que sentiam e o que tinham vontade de dizer (rir, chorar, expressar raiva ou desejo de vingança). Cora faz uma comparação entre as experiências que teve no grupo ASDL e na psicoterapia, destacando como positivo o fato da escuta de sua psicóloga não possuir um viés moralizante:

*E ali no grupo, ah, você tem que falar da filha, chorar e acabou-se, você não pode, assim, “ficar má”, entendeu? (...) Sabe, ali você fala só da... Uma que não dá tempo mesmo, né? Você só fala da morte e acabou-se. E não acho que é assim, eu não acho. Eu acho que você tem que falar o que você tem dentro de você, e eu, eu... (...) quero falar sobre o ódio, sobre a raiva, sobre... Então é isso... (Cora).*

A postura não condenatória por parte dos profissionais da saúde esteve presente no relato das mães enlutadas entrevistadas por Gerrish et al. (2014). Essa escuta não condenatória, bem como a possibilidade de poderem expressar o sofrimento que sentiam, foram características que, segundo as entrevistadas, conferiram importância à relação que estabeleceram com os profissionais que lhes atenderam após a perda de seus filhos.

### **Expressar sofrimento**

Se a partir do século XX a comoção dos enlutados tornou-se motivo de embaraço, devendo ser escondida e evitada (Ariès, 1975/2003), as entrevistadas relataram que na psicoterapia tiveram a possibilidade de falar sobre seus filhos, sobre a dor que sentem e sobre o modo como lidam com essa dor: “*Aí eu precisei da terapeuta, porque lá era o momento de eu falar do [filho que faleceu]... pra eu... dizer... e dizer pra ela da dor, da dor que me cortava... e o que que eu fazia com aquela dor...*” (Alice).

Koury (2010) afirma que na sociedade brasileira contemporânea, os enlutados deixaram de expressar o sofrimento que sentem por julgarem os outros como sendo incapazes de compreender o que estão sentindo - compreensão esta que as entrevistadas afirmam ter



encontrado na relação com suas psicoterapeutas. Outra razão comum para que enlutados não exponham seu sofrimento é o desejo de poupar os familiares, para que não sofram mais ao perceberem sua dor (Ferreira et al., 2008). A necessidade de ocultar o sofrimento não parece existir na psicoterapia, como pôde se observar no relato das mães entrevistadas. Elas afirmaram que durante as sessões podiam chorar, expressar seus posicionamentos, suas dificuldades, o desânimo, a fraqueza, o desconforto, a saudade e a tristeza que sentiam. No caso de Cecília, que recebia em casa a cobrança dos filhos para que melhorasse logo (ou ainda, para que deixasse de sofrer), essa possibilidade mostrou-se extremamente significativa:

*E junto com a... com a psicóloga, você tem essa possibilidade de poder tar... né, às vezes chorando... ou às vezes, é... colocando mesmo certas, é... certas posições da gente, ou certas dificuldades, ou mesmo desânimo, fraqueza, desconforto, é... tristeza, né? O que a gente sente (Cecília).*

Cora, por sua vez, afirmou que seus familiares não queriam escutá-la chorar pela perda da filha e que na psicoterapia ela encontrou um lugar onde poderia expressar seu sofrimento: “*eu precisava dum ombro, sabe? Escutar eu chorar, escutar eu falar da minha filha, e eu não tive. Eu fui encontrar isso com vocês aqui (...). Eu consegui encontrar isso, [entrevistador], foi aqui dentro, com a [psicóloga]*” (Cora).

### **Sentir-se livre para abordar outros temas que não o luto**

As entrevistadas relataram que, a despeito de terem procurado por psicoterapia devido ao luto pela perda de seus filhos, acabaram abordando também outros temas que não o luto. Rachel afirmou, inclusive, que nem chegou a falar diretamente sobre a morte de sua filha e o seu luto:

*Em relação ao luto, é uma, é uma... eu acho que é uma outra questão. O que me... me ajudou muito na terapia... que eu te falei no início, não cheguei a falar do momento da morte, da [filha que faleceu], porque eu mesma parei. (...) Eu sabia que ia chegar*

*o momento que ia ser falado, só que, como [gagueja] tinha outros compromissos, eu acabei saindo antes de concluir (Rachel).*

Entre os temas abordados por elas, estão questões do passado que ainda as mobilizavam, como uma história de abandono e outra de abuso sexual:

*Ah, como é que foi... A [psicóloga] só pergunta né, ela põe você sentada e vo... e... fui e fui contando. Daí um dia eu disse pra ela assim, eu disse: “[psicóloga]... [emocionada] a dor que eu passei quando era nova...”. Que né, minha mãe me desprezou, tudo né, eu falei num foi tão grande, sabe [entrevistador], quando perdi um filho. Daí ela perguntou: “Mas como assim?”. Aí eu falei, falei: “Ó, vou te contar”. Aí começou a desenrolar e eu contei pra ela, porque eu nunca tinha falado assim, sabe [entrevistador], nunca! Que isso aí pra mim era uma coisa tão vergonhoso, sabe [entrevistador], que nossa, isso aí pra mim era a pior coisa. E com a [psicóloga] foi desenrolando, eu chegava, conversava, e conto e... (Cora).*

Os relatos de Rachel e Cora revelam que a ocasião de perda de um filho e da consequente busca por psicoterapia é um momento em que há um esvaziamento de sentido e em que mesmo os eventos anteriores à morte do filho encontram a possibilidade de ressignificação. Essa experiência de perda de sentido do mundo-da-vida é relatada pela literatura sobre o luto materno (Brice, 1991; Freitas & Michel, 2014; Martins, 2001; Silva, 2013). O sentimento de vazio de sentido vivenciado pela mãe enlutada pode se expandir para relações significativas que ela estabelece com outros membros da família (Lopes & Pinheiro, 2013). A perda desse filho iniciaria, portanto, um processo de reflexão e de construção de sentidos (Silva & Melo, 2013) que, como demonstram os relatos das entrevistadas, não se limita à relação da mãe enlutada com o filho que faleceu.

Os dados encontrados nos autorizam afirmar que a psicoterapia de mães enlutadas, ao focar na pessoa enlutada e não somente no luto, permite a ressignificação de diversos

eventos da vida dessas mães, associados de alguma maneira ou não à morte de seus filhos. No caso de Cora, a dor que sentiu com a morte da filha foi comparada com a dor de ter sido abusada sexualmente na infância. A entrevistada realizou uma associação entre esses dois eventos de sua vida por meio da comparação da dor que sentiu no acontecimento de cada um deles. Rachel, por sua vez, retomou o enredo de sua vida na psicoterapia, recobrando o sentido que a filha teve em sua história. Ela relatou que contou para a psicóloga sobre o fato de ter sido abandonada pelo pai quando criança e sobre a dificuldade que sentiu nos primeiros anos de casada, por não ter sido bem tratada pelo marido e ter vivido em uma situação econômica precária. Rachel afirmou que seu marido só passou a tratá-la melhor após o nascimento de sua filha mais nova, que faleceu. A mãe entrevistada ressaltou que essa filha era parecida com ela fisicamente e em seu modo de ser e que sonhava dar para ela tudo aquilo que sempre sonhou para si. De acordo com seu relato, as duas tinham uma relação de proximidade que ela não possuía com seus outros dois filhos. Ao retomar sua história na psicoterapia, Rachel se apropriou das possibilidades que se restringiram em sua vida com a ausência de sua filha (sonhos e modos de ser que não eram possíveis em outras relações). Ao mesmo tempo, ela tomou consciência de novas possibilidades que foram desveladas a partir desse evento trágico, como a reaproximação da família de seu pai (que se solidarizou com ela após saberem de sua perda).

A experiência de sentir-se livre para abordar outros temas que não o luto esteve presente também no relato de Cecília. No seu caso, o que ela pôde abordar na terapia foram questões do seu momento de vida atual que não estavam relacionadas diretamente ao seu luto: *“discute tudo... todas essas questões, né... ‘X’ aí que precisa... resolver, discute com quem tá te atendendo, né? (...) Independente de ser só o luto, mas que tem relação com quem passou pelo luto!”* (Cecília).

As mães entrevistadas relataram que a experiência de sentir-se livre para abordar outros temas que não o luto lhes fez bem, ainda que pudessem se sentir mal logo após fazerem isso quando, por exemplo, abordavam temas do passado com os quais sentiam dificuldade para entrar em contato. Ao abordarem esses temas, no entanto, elas tinham a sensação de estarem “se livrando” dessas questões ou “tirando um peso” de cima delas. As entrevistadas afirmaram também que essa experiência que se dava durante a psicoterapia propiciava a abertura a novas possibilidades de reflexão.

### **Revelar o sentimento de culpa**

A culpa é um dos elementos frequentemente relatados pela literatura nos casos de luto materno. Em um contexto social que reforça a crença de que a mãe deve ser a principal responsável pela proteção e cuidado do filho, a morte deste é percebida por ela como um fracasso em sua função materna (Alarcão et al., 2008; Barr & Cacciatore, 2008; Gerrish et al., 2014). A questão da culpa se apresentou no relato das entrevistadas. Elas afirmaram ter tido a experiência de revelar o sentimento de culpa que sentem (ou sentiam) pela perda do filho durante a psicoterapia. Isso pode ser percebido em um trecho da entrevista de Cecília em que ela fala sobre a culpa que sente por não ter feito o filho ser tratado em hospitais de São Paulo: *“eu já comentei com ela e tô trabalhando também, aquela questão da culpa. Né? Porque... por que que eu... eu não exigi, eu ter ido com ele, ficado em São Paulo? Talvez teria tido outro recursos...”*.

Alice também afirmou ter tido a experiência de revelar a culpa que sentia pela morte de seu filho durante o processo psicoterápico. Seu filho faleceu devido a uma cardiopatia congênita que ela descobriu também ser portadora após a morte dele. A entrevistada afirmou que sentia culpa por ter transmitido o traço genético que acabou acarretando a morte do filho. Ela afirmou que, ao expor essa culpa que sentia para sua psicóloga, aos poucos deixou de senti-la, ainda que não saiba explicar como essa mudança se deu:

*E ela também me fez entender que eu também era vítima. Tanto é que hoje, eu... tendi muito a isso, a me sentir culpada. Tendi muito, algumas vezes! E isso, também não consigo te dizer como, mas ela me fez... eu me libertar disso. (...) Da culpa. Que eu tinha muuuuita culpa. Eu... eu tava... tendendo a me sentir muito culpada da morte dele (Alice).*

### **Poder se queixar dos familiares**

As entrevistadas relataram que tiveram a experiência de poder se queixar de seus familiares durante o processo psicoterápico. Alice expôs para a terapeuta a raiva que sentia do marido e do filho pelo fato de ambos não quererem falar sobre seu filho que havia falecido.

*E quando o meu marido disse que não queria falar mais... me doeu muito, me chateou, mas eu não insisti. Só que me afastou dele. Me afastou bastante... E quando eu fui pra terapia, eu tava meio com raiva do meu marido. E meu filho [filho que permaneceu vivo], que na época tinha quatorze anos, ele... pelo filho homem mais ou menos seguir tudo... o estilo de vida, assim, o exemplo do pai, ele também não quis falar. (...) E quando eu fui pra terapeuta, foi uma... além da dor da perda do meu filho, uma das coisas que eu trabalhava muito com ela era a diferença do comportamento do [marido]. Porque aquilo me magoava, me feria. (...) Ela pediu pra conversar, pra fazer uma sessão com o [marido] e o [filho que permaneceu vivo]. E ela viu que eles não precisavam de serem tratados. De tanto que eu relatava, sabe? “Porque o [marido], porque o [filho que permaneceu vivo]...”, mais o [marido], né? “Porque o [marido] não quer falar, porque o [marido]...”. Não achava normal. Achava que ele tava meio louco! (Alice).*

Cecília foi outra mãe que teve a experiência de fazer queixas à respeito dos familiares para sua psicóloga. No seu caso, as queixas estavam relacionadas às cobranças que eram

feitas pelos filhos para que ela lhes desse mais atenção e deixasse de pensar na morte daquele filho que faleceu. Ela afirmou que a partir dessa experiência, pôde analisar a sua relação com eles e que isso lhe ajudou a ter mais embasamento para conseguir expressar aquilo que estava sentindo para seus filhos:

*Ou tem alguma coisa que vem dos outros filhos, que tão às vezes cobrando, né? Que tem mais quatro, né? E... eles se sentem parece que um pouco enciumados... ou... é... “Ah, mãe, você só pensa no que foi...”, sabe? E... então às vezes eu venho e coloco pra ela, né? Como que tá sendo... E ela... com outras, vamos dizer assim, perguntas... é... e como que eu tô me sentindo? E o que que eu acho que eu devo dizer? Então isso é bom, porque eu tô dizendo pra ela e, ao mesmo tempo, eu me sinto mais fortalecida pra tar passando pra eles também em casa. Sabe? Então é dessa forma que eu acho que... que ajuda (Cecília).*

### **Eixo 3: Ressignificação**

O terceiro e último eixo temático contempla experiências de resignificação vividas pelas mães enlutadas durante seus processos psicoterápicos. De acordo com seus relatos, é possível perceber que a resignificação não se limita à relação que possuem com seus filhos que morreram. Ela contempla a relação que possuem com elas mesmas, com os familiares e outras pessoas significativas, a relação com a morte e também com a vida, de maneira geral. A vivência que as mães enlutadas tiveram da psicoterapia demonstrou ser uma experiência que auxiliou na resignificação de diversos aspectos de suas vidas, revelando novas possibilidades, novos modos de compreender o mundo e a elas mesmas, propiciando também a retomada do interesse pela vida.

#### **Perceber novas possibilidades**

A experiência de perceber novas possibilidades foi relatada por uma das entrevistadas que afirmou que a psicoterapia lhe ajudou a “abrir o caminho”: “Ela vai, parece que, vamos

*dizer assim, abrindo, né... o... o camiiiiinho, vai... mostrando, né? Como seria, ou como não...”* (Cecília). Ela relatou também que sua psicóloga não fornecia respostas prontas para suas questões, mas fazia com que ela mesma as buscasse:

*parece que... ela é como um pai, uma mãe, que ajuda o filho a fazer a lição, compreende, né? Tão... ali... “Veja como que é isso...”, você às vezes não dá aquilo... pronto, né, pro filho, né? Mas você tenta... de uma certa forma é... tentar que ele... busque, né, o resultado. Que ache, né? Eu acho que assim é... é o trabalho de vocês... eu acho que vocês acabam fazendo isso* (Cecília).

Cecília afirmou que a terapia lhe proporcionou *insights* e novas reflexões, o que – em seus próprios termos - abriu seu caminho para novas possibilidades. De modo semelhante, no estudo de Gomes et al. (1988) sobre a experiência de estar em psicoterapia, os entrevistados relataram que, dentre as mudanças que ocorreram durante o processo psicoterápico, estava a de terem percebido um novo modo de ver as coisas e reestruturá-las. A percepção de novas alternativas para antigas questões também foi percebida por eles como algo que se dava entre uma sessão e outra, quando se deparavam com determinadas questões no dia a dia após terem-nas abordado em terapia.

### **Alcançar autocompreensão**

A experiência de alcançar autocompreensão foi relatada por Cecília, que afirmou que a psicoterapia tem sido importante para que ela possa se entender e também entender a sua situação atual. Essa experiência esteve igualmente presente no relato dos entrevistados por Gomes et al. (1988), tendo sido percebida por alguns participantes dessa pesquisa como o único benefício que a psicoterapia lhes trouxe. No estudo em questão, assim como aconteceu com Cecília, os participantes afirmaram ter alcançado uma compreensão mais acurada dos seus problemas, o que lhes forneceu mais subsídios para autoanálise. Eles também afirmaram ter alcançado compreensão interna. De modo semelhante, a mãe enlutada do presente estudo

relatou que passou a conseguir prestar mais atenção nela mesma, dando maior “vazão ao seu eu” e ao seu “interior”: *“E acho que talvez agora... eu tô conseguindo dar mais vazão ao meu eeu, né, o meu interior... O que eu tô passando, o que eu tô vivendo, o que eu tô... vou pra casa, vou... né? Pensando nisso, vou elaborando essas questões...”* (Cecília). Ela afirmou que durante as sessões, sente que consegue se apropriar dos temas que trabalha com a psicóloga, como se estivesse “pegando-os pelas mãos”: *“entender aquela situação, né, que eu tô passando... eu mesma, né? Entender... Então, eu acho que é muito importante mesmo, assim, sabe?”* (Cecília).

### **Aceitar a morte**

A experiência de aceitar a morte dos filhos foi relatada pelas mães entrevistadas. Cora afirmou que com a psicoterapia passou a entender melhor o falecimento da filha. Alice, por sua vez, relatou que sua psicoterapeuta foi fundamental para seu processo de aceitação, sem que para isso tenha precisado oferecer alguma explicação:

*É que o negócio é tão irreal, parece que é tão irreal, que você meio que sabe que ele morreu, mas não aceita e dentro dessa sua... é... neurose de aceitação... eu tinha impressão que ele... haveria de haver alguma maneira de eu conseguir ele de volta. E só a terapeuta que foi me fazendo ver que não... que realmente aconteceu...* (Alice).

Ainda que as mães tenham relatado que as psicoterapeutas não lhes forneceram explicações sobre a morte de seus filhos e que não saibam esclarecer o modo como se deu a ajuda que permitiu que elas aceitassem a perda, fica evidente o quanto ao longo do processo psicoterápico a morte deixou de ser percebida por elas como um evento irreal e incompreensível. Cabe considerar ainda que a perda de um filho provoca a quebra do tabu da mortalidade, retirando o caráter impessoal que a morte possuía na vida dessas mães. Nesse sentido, é compreensível que em um primeiro momento a morte de um filho seja um evento percebido por elas como irreal ou absurdo, visto que esta perda rompe com a crença da



existência de uma “ordem natural”, em que os filhos devem morrer após os pais (Freitas & Michel, 2015). Durante o processo psicoterápico este acontecimento dramático pôde ser assimilado por elas, assumindo significações singulares.

### **Deixar de culpar os outros pela morte do filho**

As mudanças em psicoterapia também ocorrem em relação à experiência interpessoal (Gomes et al., 1988). No caso das mães entrevistadas, foi possível notar a ressignificação de algumas relações vividas por elas. Exemplo disso é a experiência que algumas entrevistadas relataram de deixarem de culpar outras pessoas pela morte de seus filhos ao longo do processo psicoterápico. O caso de Cora ilustra esta situação. Ela culpava seu genro pela morte da filha, mas deixou de fazê-lo após trabalhar esta questão durante a terapia:

*Ela pegou ele na cama com outra, aí ela ficou 15 dias internada depois piorou sabe, ele não foi ver ela. Ela faleceu, ele não foi no enterro, não foi no velório, não foi nada. E ela ficou esperando ele, sabe? Com isso, a [psicóloga] já trabalhou comigo sobre isso aí sabe, eu até entendo que ele não é culpado da morte dela, mas eu culpo ele o que ele fez pra ela, porque foi o amor da vida dela (Cora).*

Outra mãe, Alice, afirmou que após o falecimento do filho sentia raiva de todas as pessoas e que a terapia lhe ajudou a entender que elas não tinham culpa pelo que ocorreu com ele:

*Eu tinha muita raiva, de tudo e de todo mundo. Assim, não posso negar, né? Por mais que as pessoas falem: “Ah... você é uma pessoa querida e tal...”. Mas eu sou humana. E quando me aconteceu, no momento da minha dor, eu queria que todo mundo morresse. Até meu fi... Eu pensava assim: “O meu filho morreu... quero que...”, sabe? Eu fiquei um bom período assim. Aí depois não... tudo isso ela foi fazendo eu ver, entender... que ninguém tinha culpa do que tinha acontecido. (Alice).*

### **Aceitar o modo dos outros lidarem com o luto**

Uma das entrevistadas relatou que passou a aceitar a maneira de seus familiares lidarem com o luto pela morte de seu filho durante o processo psicoterapêutico. Alice relatou que tinha dificuldade de entender o modo do filho e, principalmente, do marido lidar com a morte do filho. Ela afirmou que, diferente dela, eles não gostavam de falar sobre o filho que faleceu, fato que percebia como indiferença, o que não conseguia compreender. Ao ser entrevistada, Alice destacou a importância da psicoterapia para que ela pudesse compreendê-los e respeitá-los e, ainda que não concordasse com essa maneira deles lidarem com o luto, deixasse de odiá-los por isso. Este foi, de acordo com seu relato, o ganho mais significativo que obteve com a psicoterapia:

*Eu tinha uma diferença com o [marido], incompatibilidade de gênio. A morte do [filho que faleceu] não tinha nada a ver com isso, né? E que o fato do [marido] não falar do [filho que faleceu], nem da vida, nem da morte... isso não diminuiu o amor dele, nem pelo [filho que faleceu], nem por mim, nem pelo [filho que permaneceu vivo]... (...) E dentro da minha ignorância, se eu não tivesse ido nas sessões, conversado muito com ela, dentro da minha dor, da minha confusão, eu teria... alimentado um ódio. Dentro da crítica que eu tava fazendo pro [marido], eu iria alimentar um ódio em relação à ele. Diante da minha ignorância, né? E daí eu não consegui alimentar. Pelo contrário. (Alice)*

### **Experiência de fortalecimento**

As entrevistadas relataram que se sentiram fortalecidas por meio da psicoterapia, como expressa Alice, neste breve relato: “*Eu me sentia fortalecida. Toda vez que eu ia lá, eu podia entrar assim ó [expressando abatimento]... eu saía assim [sorrindo]!*”. Elas afirmaram que iam à psicoterapia “buscar forças” e que, com o processo psicoterápico, não se sentiam tão perdidas:

*Que a pessoa é... também coloca... algumas perguntas, ou algumas, é... alguns direcionamentos, né? Que vão te dar um... assim, um... parece que uma coluna de... né? De... de... de força pra você se apegar, eu acho, sabe? Pra você, tipo... é... não se sentir tão perdida, né? (Cecília).*

Interessante notar os termos utilizados por Cecília para expressar a experiência de fortalecimento. Ela mencionou “colunas de força” em que poderia se apegar, ao mesmo tempo em que temos a literatura se referindo ao luto materno como um evento destruidor, capaz de estremecer por algum tempo os “pilares da vida” (Lopes & Pinheiro, 2013; Oishi, 2014). Em um momento em que as mães enlutadas passavam por um experiência de instabilidade, com o estremecimento daquilo que antes dava sustentação para suas vidas, a vivência da psicoterapia lhes ofereceu o suporte que necessitavam. As entrevistadas também relataram que a experiência de fortalecimento vivenciada durante o processo psicoterapêutico lhes servia de auxílio para que pudessem lidar com questões familiares, como a cobrança dos demais filhos por atenção. Esses dados vão ao encontro daquilo que foi encontrado sobre a experiência de psicoterapia de viúvas no estudo de Ferreira et al. (2008), em que a participante entrevistada afirmou que, com a terapia, se sentiu mais fortalecida para enfrentar dificuldades.

### **Sentir-se melhor de saúde**

Pesquisas anteriores indicam que a dor experienciada por mães que perderam seus filhos pode adquirir uma expressão física (Freitas & Michel, 2015). Dentre as entrevistadas do presente estudo, duas mães possuíam problemas de saúde que percebiam como estando diretamente associados ao luto. Cecília, diagnosticada com doença de Crohn, afirmou que percebeu uma melhora em relação aos sintomas da doença (que estavam piores desde a perda de seu filho) após realizar terapia: *“Como eu te disse, até eu melhorei de saúde, eu consegui, né...”*. Ela relatou que percebe uma estreita ligação entre sua saúde mental e os problemas de

intestino que a acometem: “*por causa do falecimento, né? Isso veio... veio... a descarga veio pro... pro problema de saúde, mesmo, né? Diz que isso já é esperado, é normal, né? Porque mexe, né...*”.

Cora foi outra mãe que afirmou ter se sentido fisicamente melhor após as sessões de psicoterapia. A entrevistada relatou que nos dias em que realizava sessões de psicoterapia não precisava do auxílio de remédios para dormir:

*Sabe, eu vou pra casa, [entrevistador], eu não passo a noite acordada quando eu vou conversar com a [psicóloga], que eu vinha conversar com a [psicóloga]. Nossa, eu ia pra casa, eu consigo dormir, sabe, parece que eu consigo dormir, sabe, parece que saiu aquele peso da minha cabeça. (...) É a noite que eu mais durmo, [entrevistador]! Senão eu tenho que dormir à base de remédio (Cora).*

### **Retomar a vida**

As entrevistadas relataram que durante o processo psicoterápico tiveram a experiência de retomarem a vida. Alice apontou que a psicoterapeuta lhe auxiliou a compreender que a vida continuaria após a perda do filho e afirmou acreditar que a experiência de ter passado por um processo psicoterápico foi fundamental para que tivesse forças para “voltar a viver”:

*o que ela mais foi incisiva, assim, foi na manutenção do meu casamento e na minha retomada da minha vida. Porque sem ela eu acho que eu teria ficado deprimida, em casa, chorando, não teria forças, não teria voltado a trabalhar, não teria... dia após dia, né? Porque é muito lento... voltado a viver. Ela foi fundamental nisso (Alice).*

A psicoterapia é ainda descrita por elas como um “impulso” para voltar à vida e um “alicerce” para sua reconstrução. A experiência de retomar a vida envolve o retorno de atividades que eram habitualmente realizadas antes da perda (cozinhar para os filhos, por exemplo) e a reconciliação com outros membros da família:

*eu tô mais... ágil, já. Porque antes eu não conseguia fazer nada em casa, era uma coisa... agora não. Tô conseguindo fazer alguma coisa... a questão de comida... né? Pra... pra eles... que é uma coisa que a [psicóloga] já descobriu que... que sempre eu gostava de fazer pra agradar um, pra agradar outro... sabe? (Cecília).*

A experiência de retomar a vida também esteve presente na experiência de psicoterapia relatada pela viúva do estudo de Ferreira et al. (2008). A entrevistada afirmou que ainda se sentia triste, abatida e com vontade de morrer em alguns momentos, três anos após a morte do cônjuge. No entanto, ela afirmou que, com o processo psicoterápico, se sentiu resgatando o interesse pela vida e a vontade de viver. De maneira semelhante, as mães enlutadas experienciaram essa renovação do interesse pela vida durante o processo psicoterápico. Isso se deu após um período de esvaziamento de sentido vivenciado com a perda de seus filhos, em que essas mães passaram por um momento de paralisação de suas vidas (Silva & Melo, 2013). A retomada da vida relatada pelas entrevistadas não implica na superação da dor do luto e do sofrimento pela perda de um filho, assim como não representa um retorno em todos os âmbitos ao modo habitual delas existirem antes da morte dos filhos. As mães relataram, porém, que tiveram a experiência de voltar a se engajar em atividades rotineiras e de perceber a possibilidade de um futuro considerando a ausência de seus filhos.

*A vivência da mãe enlutada na psicoterapia*

## Cântico XIII

Renova-te.  
 Renasce em ti mesmo.  
 Multiplica os teus olhos, para verem mais.  
 Multiplica os teus braços para semeares tudo.  
 Destrói os olhos que tiverem visto.  
 Cria outros, para as visões novas.  
 Destrói os braços que tiverem semeado,  
 Para se esquecerem de colher.  
 Sê sempre o mesmo.  
 Sempre outro.  
 Mas sempre alto.  
 Sempre longe.  
 E dentro de tudo.

**Cecília Meireles**, in *Cânticos*

A vivência da psicoterapia de mães enlutadas se revela na articulação dos diversos elementos que a constituem. Nessa articulação, podemos inferir uma ordem. A vivência da psicoterapia é um processo e possui, inexoravelmente, um início. Este início não poderia ser outro senão o encontro entre uma mãe enlutada e um psicoterapeuta que estabelecem uma relação. Antes de abordarmos essa relação que dá início à vivência de nosso interesse, cabe, no entanto, um preâmbulo. Tratamos da relação de duas pessoas que partem de posições diferentes. Esta é, portanto, uma relação situada, que de início já demarca certas particularidades. A mãe que vai ao encontro do terapeuta está em uma condição de enlutamento (que foi exaustivamente descrita ao longo do presente estudo). Ela vivencia o esvaziamento de sentido pela perda de um filho, a perda de um modo de existir, a dor, a culpa, dentre outras experiências que fazem parte da vivência do luto materno. Ressalta-se ainda o contexto em que ela vive este luto, que por ser tabu na sociedade ocidental contemporânea, restringe as possibilidades de amparo social e de expressão do sofrimento desta mãe. O lugar que ocupa o segundo sujeito que compõe esta relação também merece ser

destacado. Deve-se ressaltar que o psicoterapeuta confere um aspecto profissional a este encontro, marcado por questões éticas, como o sigilo e a ausência de vínculos prévios. Do encontro dessas duas pessoas que partem de diferentes posições, surge uma relação que dá início à vivência da psicoterapia. A vivência de mães enlutadas da psicoterapia é, portanto, a vivência de uma relação particular, com características próprias e alguns aspectos pré-determinados.

Sendo a psicoterapia um processo, podemos presumir que além de um início, temos também um progresso. Este progresso não implica em uma relação de causalidade, mas de um andamento que segue em direção a uma expressão diferente daquilo que se sente ao chegar ali. Estar em psicoterapia é “desnudar-se”, o que só se torna possível por meio de determinadas condições. Estas condições – que podem estar presentes ou não na relação terapeuta-paciente - são explicitadas pelas mães entrevistadas. Passado um momento inicial, em que elas relataram que sentiram dificuldade para falar, as entrevistadas tiveram a experiência de se sentirem acolhidas e compreendidas, o que possibilitou que elas ficassem à vontade para expressar seus sentimentos durante as sessões. Essa experiência permite que novas possibilidades emergjam da relação terapeuta-paciente, ao passo que o sentimento de não se sentir compreendida (como aconteceu no caso de Rachel) pode impedir o prosseguimento do processo psicoterápico.

Podemos supor que até esse primeiro momento (do estabelecimento de uma relação entre terapeuta e paciente), a vivência de mães enlutadas da psicoterapia em pouco ou nada difere de vivência de psicoterapia de pessoas em outras condições. Porém, quando compreendidas e acolhidas por seus terapeutas, da relação terapeuta-paciente podem emergir possibilidades que não estão ordinariamente presentes em suas demais relações – e isso é o que torna a vivência da psicoterapia em uma vivência singular para as mães enlutadas. Dessa escuta particular que respeita os seus limites, que não exige melhora, nem carrega um viés

moralizante, se revela a possibilidade de sofrer, de assumir a culpa que se sente, de queixar-se dos familiares e de expressar raiva, ódio, desânimo e fraqueza. Aquilo que não é jamais dito ou revelado em outros contextos e relações ganha lugar na psicoterapia.

Na relação terapêutica, como em nenhuma outra relação, as mães enlutadas conseguem transpor o tabu da morte e do luto. Afinal, onde mais elas poderiam prantear seus filhos mortos há três, cinco ou dez anos? À quem revelariam a culpa que sentem por não terem conseguido evitar o falecimento deles? Para quem poderiam expressar o ódio que possuem de seus maridos por não lidarem com o luto do mesmo modo que elas lidam? Mas as possibilidades que emergem dessa relação, quando existe abertura por parte do psicoterapeuta, podem ir além da questão do luto. Ao encontrarem a possibilidade de se colocar para além de seus lutos e não apenas como mães enlutadas, as entrevistadas descobrem também a possibilidade de ressignificar diversas relações e eventos de suas vidas. Elas puderam retomar questões que elas mesmas elegeram, dando-lhes novos sentidos. Destaca-se, portanto, outro ponto significativo que perpassa a vivência que as mães enlutadas tiveram da psicoterapia: a percepção da abertura por parte de suas terapeutas.

Durante a terapia, Rachel não falou em nenhum momento sobre a morte da filha e não abordou diretamente o seu luto. Ela optou por relatar questões do seu passado que emergiram como problematizáveis de outro modo a partir de sua perda, o que foi aceito por sua psicóloga. Alice pôde falar livremente sobre como o espiritismo estava lhe ajudando a aceitar a morte do filho e se queixar do modo de seus familiares lidarem com o luto. Já Cecília, se sentiu acompanhada pela terapeuta na busca pelas próprias respostas, como uma criança que é auxiliada pelos seus pais em um dever de casa da escola sem, no entanto, ter as respostas dadas por eles. Ela também pôde se mostrar desanimada, fraca e triste diante da terapeuta, sem que ela lhe exigisse uma superação desse estado. Cora, por sua vez, revelou seu sentimento de raiva e o desejo de se vingar do genro, sentimentos socialmente tidos como



negativos e até mesmo recusados, mas que foram acolhidos durante a psicoterapia. Em todos os casos, não houve um direcionamento prévio indicado pelas psicoterapeutas. Também não houve o tamponamento das questões trazidas pelas mães enlutadas, o que foi avaliado como positivo pelas entrevistadas.

Ao poderem falar sem reservas sobre o que desejavam, ao longo do processo psicoterápico as mães enlutadas vivenciaram a possibilidade de se apropriarem do atual momento de suas vidas. Passado um período após a morte dos filhos, em que o mundo lhes parecia vazio de sentido e não lhes parecia possível olhar adiante, a partir de então, retomaram suas vidas. A vivência da psicoterapia é um alicerce para essa retomada que propicia que as mães enlutadas refundem suas vidas após este evento devastador que é a morte de um filho. Aquilo que se era, a vida que se tinha, sob este alicerce encontram novo sentido. As mães enlutadas “renascem nelas mesmas”. Ao explorarem essa nova condição de enlutadas na psicoterapia, “multiplicam seus olhos”. Assim, vislumbram novas possibilidades de viver a vida com a presença-ausente de seus filhos. Segue-se mãe, mas não a mesma mãe que se era. “Renova-se”.

A ressignificação está contemplada em diversos elementos constituintes da vivência da psicoterapia de mães enlutadas. A vivência da psicoterapia culmina na ressignificação da relação com o filho e de outras relações, da vida e também da morte, desde que se tenha possibilidade de falar livremente sobre essas questões ao longo do processo psicoterápico. Não é a superação do luto, portanto, que se apresenta como o desfecho dessa experiência de psicoterapia. Segue-se com a dor que a morte dos filhos imprimiu em suas existências. Porém, aprende-se a viver nessa nova condição existencial de enlutada, diante de seus limites e possibilidades. Os novos sentidos, os novos caminhos, só podem ser doados ou eleitos por aquela que vive o luto. Não existe um sentido *a priori* para a morte, nem para a perda de um filho. Não cabe ao terapeuta completar essas lacunas, mas acompanhar a mãe enlutada neste

caminho. O caminho da resignificação deve respeitar a autonomia das mães para que a vida, modificada pela morte do filho, possa assumir sentidos novos e singulares.

#### **4. Considerações finais**

A vivência de psicoterapia de mães enlutadas, constituída por 19 elementos inter-relacionados, pode ser descrita como a vivência de uma relação particular estabelecida entre uma mãe enlutada e um psicoterapeuta, da qual podem emergir possibilidades que auxiliam estas mães na resignificação da relação com seus filhos falecidos, com seus familiares, com a morte e com a própria vida. A emergência dessas possibilidades depende da qualidade dessa relação, sendo necessário que as mães enlutadas se sintam acolhidas, compreendidas e adquiram confiança para poder falar sem reservas. Da liberdade que encontraram nessa relação para estarem expondo os sentimentos e abordando os temas que desejam, novos modos de perceber a própria vida se revelam e novos sentidos são atribuídos às experiências vivenciadas por elas. É importante advertir, no entanto, que embora se estabeleça uma sequência de experiências que são condições para emergência de outras, não existe aqui uma relação de causalidade entre elas.

Ainda que a finalidade desse estudo tenha sido alcançar uma descrição da vivência que mães que perderam seus filhos tiveram da psicoterapia, a análise das entrevistas permitiu reflexões que transcendem os limites desse objetivo inicial, suscitando novos questionamentos. Dentre os achados que podem ser apontados está o fato de que algumas características da relação terapeuta-paciente foram apontadas pelas mães como condições necessárias para que o processo psicoterápico pudesse se dar. A experiência de sentir-se compreendida foi trazida por Rachel como sendo fundamental para ela que pudesse se manter em psicoterapia. Do mesmo modo, Cecília destacou que a experiência de sentir-se acolhida – o que para ela consistia em perceber disposição e abertura afetiva por parte da psicoterapeuta

para procurar compreendê-la – era necessária para que pudesse se sentir à vontade para expressar aquilo que estava sentindo.

Outra questão que merece destaque é o fato de algumas das possibilidades que emergiram da relação terapeuta-paciente não serem comumente presentes em outras relações experienciadas por essas mães. A possibilidade de se sentirem escutadas não é algo que as mães enlutadas costumavam encontrar no dia a dia fora da terapia. As entrevistadas relataram o fato de amigos e familiares demonstrarem estar cansados de escutá-las. Essa situação não causa estranhamento quando se reflete sobre o contexto em que essas mães estão inseridas, em uma sociedade que, não suportando enfrentar os sinais da morte, procura, do mesmo modo, suprimir os sinais do luto (Kovács, 1992). A experiência de expressar o sofrimento também não é ordinariamente vivida por essas mães. Quanto a isso, cabe ressaltar que neste momento histórico a expressão pública do sofrimento de enlutados se tornou interdita, devendo ser escondida (Ariès, 1975/2003). Espera-se discrição dos enlutados em relação aos seus sentimentos. Concomitantemente, eles mesmos percebem as demais pessoas como incapazes de compreendê-los, preferindo não falar sobre este sofrimento com os outros (Koury, 2010). Existe ainda a intenção de poupar os familiares, algo que os enlutados costumam acreditar que estão fazendo quando omitem o sofrimento que estão sentindo (Ferreira et al., 2008). Assim, importa destacar que as mães enlutadas puderam ter a experiência de expressar sofrimento na psicoterapia. Tal dado indica a relevância que um processo psicoterápico pode ter para essas mães, ao mesmo tempo em que denuncia a ausência de espaços e relações em nossa sociedade em que essa experiência seja possível.

A abertura percebida pelas mães entrevistadas em relação às psicoterapeutas para trabalharem na psicoterapia com aquilo que se apresentava, sem restrições, foi algo que permeou diversos elementos constituintes da vivência que essas mães tiveram de seus processos psicoterapêuticos. Esta abertura pôde ser notada no fato das entrevistadas terem se

sentido respeitadas em suas crenças, encontrando a possibilidade de abordarem temas relacionados à espiritualidade. A abertura também estava presente na escolha dos temas abordados que não necessariamente estavam relacionados diretamente ao luto. Algumas mães puderam recobrar histórias dos tempos de infância, tendo a oportunidade de falar sobre situações de abuso sexual e abandono, por exemplo. A possibilidade de expressar sofrimento, fraqueza e desânimo, também revela a abertura encontrada por elas na psicoterapia, permitindo que se sentissem livres, sem a cobrança de uma melhora ou superação da condição de enlutadas. Essa postura propiciou o desvelar de novos sentidos e possibilidades, sendo percebido como algo positivo pelas entrevistadas. Estes dados nos levam a questionar se um projeto psicoterápico que seja livre de limites quanto aos temas que devem ser abordados e em relação à objetivos prévios poderiam ser mais benéficos para pessoas enlutadas. Mais estudos seriam necessários para que se pudesse sair em defesa dessa tese, dado que o presente estudo se preocupou em compreender a vivência que mães enlutadas tiveram da psicoterapia e não o processo psicoterápico como um todo.

O respeito à autonomia do paciente é outro ponto que merece ser destacado. Nos relatos das participantes da pesquisa, a autonomia surge como uma condição para a resignificação, como demonstrou Cecília ao comparar o fazer do psicoterapeuta com a atitude de pais que auxiliam o filho no dever de casa sem lhe dar, no entanto, as respostas prontas para a resolução das questões. Se considerarmos que o sentido de uma vivência sempre é dado por aquele que a vivenciou, seremos obrigados a concordar que só quem pode atribuir um sentido novo à esta – ou seja, resignificá-la -, é esta mesma pessoa que a vivenciou. Sendo assim, apontamos para a importância que a preservação da autonomia de mães enlutadas possui na vivência de seus processos psicoterápicos, propiciando o desvelamento de novas possibilidades de sentido.

Por fim, a experiência de retomar a vida indica que uma mudança significativa é vivenciada pelas mães enlutadas no decorrer de seus processos psicoterápicos. Cabe ressaltar, no entanto, que essa experiência não representa o término do luto ou sua superação. A experiência de retomar a vida é descrita como um retorno às atividades rotineiras e a percepção da possibilidade de um futuro considerando a ausência do filho. Não é, portanto, o desfecho de um processo em que a dor e o sofrimento da perda do filho cessam completamente, mas a experiência de redescoberta da existência de sentido na vida. Este elemento constituinte da vivência de mães enlutadas da psicoterapia nos provoca a reflexão sobre quais seriam os objetivos de um processo psicoterapêutico para mães que perderam seus filhos: a resolução do luto, concebido como algo que deve ser “tratado, abreviado e apagado” (Ariès, 1975/2003, p. 95), ou a abertura de possibilidades de novos sentidos diante dessa nova condição à que esta mãe é lançada? Esta é outra questão que poderia ser retomada em estudos posteriores.

A descrição da vivência de psicoterapia de mães enlutadas nos permitiu compreender qual o sentido que este processo teve para elas. Ainda que os resultados desse estudo não sejam universais, eles são, sim, generalizáveis. Isso porque, aplicando-se a análise eidética (variação livre imaginativa), tornou-se possível eliminar particularidades e contingências do fenômeno em questão e chegar à estrutura psicológica geral da experiência vivida das entrevistadas. Por óbvio, a compreensão do sentido de uma determinada vivência deve considerar o contexto em que este se articula. Sendo assim, ao se realizar a generalização dos achados da presente pesquisa, não se deve desprezar o fato de que as participantes são todas mães enlutadas que fazem parte de um mesmo grupo de ajuda mútua para enlutados de Curitiba. É igualmente importante destacar uma limitação inerente ao método que é o fato de que os dados, por terem sido obtidos por meio de descrições retrospectivas, possivelmente conterem erros ou enganos por parte das entrevistadas. Este não é um erro intransponível,

nem crucial para a análise dos dados, visto que uma pesquisa fenomenológica busca compreender o fenômeno tal qual este se apresenta ao sujeito (e não com uma “realidade” que seja alheia à sua percepção). Finalmente, é preciso salientar que o presente estudo não permite que se compreenda o processo psicoterápico de maneira ampla e geral, pois não contemplou o modo como o psicoterapeuta o vivencia. Para tanto, seria necessário o desenvolvimentos de novos estudos com essa finalidade.

Ao ser alcançada, a descrição da vivência de psicoterapia de mães enlutadas evidenciou diversos fatos que merecem a atenção dos psicoterapeutas. Dentre esses fatos revelados pela pesquisa, destacamos novamente a existência de características da relação terapeuta-paciente que são, segundo as participantes, condições para a manutenção do processo psicoterapêutico. Ressaltamos o fato igualmente relevante de que, dessa relação singular estabelecida entre terapeuta e paciente, algumas possibilidades que não estão comumente presentes em outras relações experienciadas por essas mães puderam emergir (tais como a possibilidade de serem escutadas ou de poderem expressar o sofrimento que sentem). Por fim, a abertura das psicoterapeutas em relação aos temas trazidos para a psicoterapia – mesmo que estes não estivessem, necessariamente, relacionados ao luto – também foi algo percebido como positivo pelas participantes da pesquisa e que merece ser salientado. Os aspectos apontados pelas mães enlutadas em psicoterapia como positivos ou negativos requerem aprofundamento em futuros estudos que se debrucem sobre a vivência de psicoterapia de enlutados para que possam oferecer mais subsídios para psicoterapeutas que trabalhem com esse público.

Em uma reflexão sobre os possíveis modos de cuidado que podem ser oferecidos aos enlutados, a experiência vivida dos próprios enlutados não pode ser desprezada. Afinal, é para eles que se destinam estes serviços. Nesse sentido, o presente estudo oferece sua contribuição, dando visibilidade à uma vivência singular que tem o potencial de sensibilizar e

preparar psicoterapeutas para estarem lidando com pessoas que vivenciam o luto e abre caminho para novas pesquisas que visem o aprimoramento da prática psicoterápica junto à mães que perderam seus filhos.

### Referências

- Alarcão, A. C. J., Carvalho, M. D. B., & Peloso, S. M. (2008). A morte de um filho jovem em circunstância violenta: compreendendo a vivência da mãe. *Revista Latinoamericana de Enfermagem*, 16, 341-347.
- Alvim, M. B. (2011). A ontologia da carne em Merleau-Ponty e a situação clínica na Gestalt-Terapia: entrelaçamentos. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(2), 143-151.
- Andrade, C., & Holanda, A. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 27(2), 259-268.
- Ariès, P. (2003). *História da morte no ocidente* (P. V. Siqueira, Trad.). Rio de Janeiro: Ediouro. (Original publicado em 1975).
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. (W. Dutra, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Original publicado em 1980).
- Barr, P., & Cacciatore, J. (2008). Problematic emotions and maternal grief. *Omega*, 56(4), 331-348.
- Beauvoir, S. (1967). *O segundo sexo – a experiência vivida*. 2a ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro. (Original publicado em 1949).
- Brice, C. W. (1991). What forever means: an empirical existential-phenomenological investigation of maternal mourning. *Journal of Phenomenological Psychology*, 22, 16-38.
- Ferreira, L. V., Leão, N. C., & Andrade, C. C. (2008). Viuvez e luto sob a luz da gestalt-terapia: experiências de perdas e ganhos. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 14(2), 153-160.
- Fidelis, D. Q., & Mosmann, C. P. (2013). A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. *Aletheia*, 42, 122-135.



- Forghieri, Y. C. (2012) *Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas*. São Paulo: Cengage Learning. (Original publicado em 1993).
- Freitas, J. L. (2013). Luto e fenomenologia: Uma proposta compreensiva. *Revista da Abordagem Gestáltica*, XIX, 97-105. Recuperado em 30 de outubro, 2013, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v19n1/v19n1a13.pdf>
- Freitas, J. L., & Michel, L. H. F. (2014) A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. *Psicologia em Estudo*. Maringá, 19(2). Recuperado em 03 de dezembro de 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v19n2/10.pdf>
- Freitas, J. L., & Michel, L. H. F. (2015). A vivência do luto materno: um olhar fenomenológico-existencial. In Freitas, J. L., & Cremasco, M. V. F. (Orgs.), *Mães em luto: a dor e suas repercussões existenciais e psicanalíticas* (pp. 15-24). Curitiba, PR: Juruá.
- Freitas, J. L., Michel, L. H. F., & Zomkowski, T. L. (2015). Eu sem tu: uma leitura existencial do luto em psicologia. In Freitas, J. L., & Cremasco, M. V. F. (Orgs.), *Mães em luto: a dor e suas repercussões existenciais e psicanalíticas* (pp. 15-24). Curitiba, PR: Juruá.
- Gerrish, N. J., Neimeyer, R. A., & Bailey, S. (2014). Exploring maternal grief: a mixed-methods investigation of mothers' responses to the death of a child from cancer, *Journal of Constructivist Psychology*, 27(3), 151-173.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). Método fenomenológico de investigação em psicologia. Lisboa: Fim de Século.
- Gomes, W. B. (1990) A experiência retrospectiva de estar em psicoterapia: um segmento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 6(1), 87-105.

- Gomes, W. B., Reck, A., & Ganzo, C. (1988). A experiência retrospectiva de estar em psicoterapia: um estudo empírico fenomenológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 4(3), 187-206.
- González Rey, F. L. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Pioneira.
- Goto, T. A. (2008). *Introdução à psicologia fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus.
- Granato, T. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais. *Psicologia Clínica*, 25(1), 17-35.
- Holanda, A. F., & Freitas, J. (2011). Fenomenologia e psicologia: vinculações. In A. J. Peixoto, *Fenomenologia diálogos possíveis* (pp. 97-112). Campinas: Alínea Editora.
- Koury, M. G. P. (2003). *Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Koury, M. G. P. (2010). Ser Discreto: Um estudo sobre o processo de luto no Brasil urbano no final do século XX. *Revista Brasileira de sociologia da Emoção – RBSE*, 9(25). Recuperado em 06 de outubro, 2015, de <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSE%20v.9%20n.25%20abril%20de%202010.pdf>
- Kovács, M. J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. (5ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J. (2003). *Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação*. (2ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J. (2008). Desenvolvimento da tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. *Paidéia*, 18(41), 457-468.
- Leis, H. R. (2003). A sociedade dos vivos. *Sociologias*, 5(9), 340-353.

- Leite, R. R. Q., & Frota, A. M. M. C. (2014). O desejo de ser mãe e a barreira da infertilidade: uma compreensão fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 20(2), 151-160.
- Lima, A. L. G. (2012). O normal e o patológico na relação mãe-bebê: um estudo a partir de manuais de puericultura publicados no Brasil (1919-2009). *Estilos clínicos*, 17(2), 324-345.
- Lopes, C. M. B., & Pinheiro, N. N. B. (2013). Notas sobre algumas implicações psíquicas da desconstrução da maternidade no processo de luto: um caso de nascimento-morte. *Estilos Clínicos*, 18(2), 358-371.
- Mansur, L. H. B. (2003). Experiências de mulheres sem filhos: a mulher singular no plural. *Psicologia Ciência e Profissão*, 23(4), 2-11.
- Martins, G. (2001). *Laços atados: a morte do jovem no discurso materno*. Curitiba: Moinho do Verbo.
- Matos, M. G., & Magalhães, A. S. (2014). Tornar-se pais: sobre a expectativa de jovens adultos. *Pensando Famílias*, 18(1), 78-91.
- Merleau-Ponty, M. (1991). O filósofo e sua sombra. In M. Merleau-Ponty. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1960).
- Moura, S. M. S. R., & Araújo, M. F. (2004). A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 24(1), 44-55.
- Oishi, K. L. (2014). O jardim de Julia: a vivência de uma mãe durante o luto. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(1), 5-11.
- Patias, N. D., & Dias, A. C. G. (2013). Opiniões sobre maternidade em adolescentes grávidas e não-grávidas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(1), 88-102.
- Paula, B. (2010). Luto e existência: aproximações entre método fenomenológico e práxis religiosa. *Revista Caminhando*, 11(1), 102-112.

- Pieta, M. A., DeCastro, T. G., & Gomes, W. B. (2012). Psicoterapia e pesquisa: desafios para os próximos 10 anos no Brasil. In A. F. Holanda (Org.), *O Campo das Psicoterapias. Reflexões Atuais*, pp. (121-142), Curitiba, PR: Juruá.
- Rabelo, M. C. M. (2008). Merleau-Ponty e as ciências sociais: corpo, sentido e existência. In M. Valverde (Org.), *Merleau-Ponty em Salvador* (pp. 107-130). Salvador: Arcádia.
- Rebouças, M. S. S., & Dutra, E. M. S. (2012). O aborto provocado como uma possibilidade na existência da mulher: reflexões fenomenológico-existenciais. *Natureza Humana*, 12(2), 192-219.
- Rocha, G. H. S., Benute, G. R. G., Santos, N. O., Lucia, M. C. S., & Francisco, R. P. V. (2012). Crenças relacionadas à natureza feminina frente à gestação e ao vínculo materno-fetal. *Psicologia Hospitalar*, 10(2), 79-94.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2004). Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em Psicologia da SBP*, 12(1), 2-17.
- Silva, P. K. S., & Melo, S. F. (2013). Experiência materna de perda de um filho com câncer infantil: um estudo fenomenológico. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(2), 147-156.
- Silva, J. D. D., & Sales, C. A. (2012). Do imaginário ao real: a experiência de pais enlutados. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 13(5), 1142-1151.
- Souza, B. M. S., Souza, S. F., & Rodrigues, R. T. S. (2013). O puerpério e a mulher contemporânea: uma investigação sobre a vivência e os impactos da perda da autonomia. *Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar*, 16(1), 166-184.
- Travassos-Rodriguez, F., & Féres-Carneiro, T. (2013). Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões. *Tempo Psicanalítico*, 45(1), 111-121.
- Telles, T. C. B., & Moreira, V. (2014). A lente da fenomenologia de Merleau-Ponty para a psicopatologia cultural. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), 205-212.

Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área de saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista Saúde Pública*, 39(3), 507-514.

Zanatta, E., & Pereira, C. R. R. (2015). “Ela enxerga em ti o mundo”: a experiência da maternidade pela primeira vez. *Temas em Psicologia*, 23(4), 959-972.

## ANEXOS

### Anexo I

#### Anexo 1

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Luís Henrique Fuck Michel, pesquisador da Universidade Federal do Paraná, estou convidando você, mãe enlutada que se submeteu a um processo psicoterapêutico após a perda de seu filho, a participar de um estudo intitulado “A clínica do luto”.

Essa pesquisa é de extrema importância visto que as publicações sobre o assunto no Brasil são escassas. O objetivo desta pesquisa é coletar dados sobre a prática da psicoterapia junto a pessoas enlutadas, a fim de desenvolver novos conhecimentos sobre a clínica do luto, de maneira geral. Para participar do estudo, serão convidados voluntários, ou seja, não haverá benefício direto a você por responder a esta pesquisa. Contudo, você colaborará para o avanço da ciência. As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo você não receberá qualquer valor em dinheiro.

Caso você participe da pesquisa, será necessário preencher o presente termo de consentimento livre e esclarecido para a realização de uma entrevista anônima gravada. Para tanto você deverá comparecer no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) localizado na Praça Santos Andrade, 50, 1º andar, para a realização de uma entrevista por aproximadamente uma hora. Caso sinta qualquer desconforto para responder as questões ou para falar de sua experiência você poderá interromper a entrevista, bastando comunicar sua vontade ao pesquisador.

A sua entrevista será gravada, respeitando-se completamente o seu anonimato. Tão logo transcrita a entrevista e encerrada a pesquisa o conteúdo será desgravado ou destruído. Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código. As informações relacionadas ao estudo poderão *ser* conhecidas por pessoas autorizadas: os pesquisadores. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e mantida a confidencialidade. Repetimos que sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.

O pesquisador Luís Henrique Fuck Michel, mestrando em Psicologia Clínica na Universidade Federal do Paraná pode ser encontrado no e-mail [luis.hfmichel@gmail.com](mailto:luis.hfmichel@gmail.com) e está sob orientação da pesquisadora Maria Virginia Filomena Cremasco que pode ser contatada em horário comercial para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo, no telefone: (41) 3310-2727 e no seguinte endereço: Praça Santos Andrade, nº 50, 1º andar, Laboratório de Psicopatologia Fundamental.

Rubricas:

Participante da Pesquisa e /ou responsável legal \_\_\_\_\_

Pesquisador Responsável \_\_\_\_\_

Orientador \_\_\_\_\_

Comitê de ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da FUFPR

Rua Pe. Camargo, 280 – 2º andar – Alto da Glória – Curitiba-PR – CEP:80060-240

Tel (41)3360-7259 - e-mail: [cometica.saude@ufpr.br](mailto:cometica.saude@ufpr.br)

Eu, \_\_\_\_\_ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão e sem que esta decisão afete em qualquer prejuízo para mim. Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Local e data

---

[Assinatura do Participante de Pesquisa ou Responsável Legal]

---

[Assinatura do Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE]

Comitê de ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da FUFPR Rua Pe. Camargo, 280 – 2º andar – Alto da Glória – Curitiba-PR –CEP:80060-240 Tel (41)3360-7259 - e-mail: cometica.saude@ufpr.br
---

## Anexo 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
PARANÁ - SETOR DE  
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** A clínica do luto

**Pesquisador:** Luís Henrique Fuck Michel

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 47559415.8.0000.0102

**Instituição Proponente:** Programa de pós-graduação em psicologia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 1.244.534

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se da segunda versão do projeto de mestrado de Luís Henrique Fuck Michel, orientado pela Profa. Maria Virginia Filomena Cremasco e auxiliado por Joannelise de Lucas Freitas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa sobre a experiência de psicoterapia de mães enlutadas, baseada no método fenomenológico de Giorgi. Serão realizadas entrevistas abertas de cerca de 1 hora de duração com 6 pessoas enlutadas partindo da pergunta disparadora: "Você pode relatar a vivência de seu processo terapêutico durante o luto?". As entrevistas serão gravadas e transcritas, realizadas no Centro de Psicologia Aplicada da UFPR. Os critérios de inclusão são ser mulher, ter perdido um filho ou filha, ter participado das reuniões do grupo Amigos Solidários na Dor do Luto; ter realizado psicoterapia após a morte de um filho ou uma filha. Os critérios de exclusão são idade menor de 18 anos.

**Objetivo da Pesquisa:**

Investigar a experiência de psicoterapia de mães enlutadas que se submeteram a um processo psicoterapêutico após a perda de seus filhos.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos: "É possível que durante o relato algumas emoções e sentimentos possam ser vivenciados (tristeza, saudades, raiva, revolta, entre outros)". Benefícios: "A contribuição dos participantes da

**Endereço:** Rua Padre Camargo, 280

**Bairro:** 2ª andar

**UF:** PR

**Município:** CURITIBA

**Telefone:** (41)3360-7259

**CEP:** 80.060-240

**E-mail:** cometica.saude@ufpr.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
PARANÁ - SETOR DE  
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



Continuação do Parecer: 1.244.534

pesquisa possibilitará o desenvolvimento de uma clínica do luto mais adequada às necessidades da população enlutada. Sendo assim, trará benefícios para a comunidade científica em um primeiro momento e, em um futuro breve, poderá beneficiar toda a sociedade, de maneira geral".

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Nenhum.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foi apresentada a Declaração final modelo assinada pela Coparticipante.

**Recomendações:**

Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios semestrais e final, sobre o andamento da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos, através da Plataforma Brasil - no modo: NOTIFICAÇÃO. Demais alterações e prorrogação de prazo devem ser enviadas no modo EMENDA. Lembrando que o cronograma de execução da pesquisa deve ser atualizado no sistema Plataforma Brasil antes de enviar solicitação de prorrogação de prazo.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

- É obrigatório retirar na secretaria do CEP/SD uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com carimbo onde constará data de aprovação por este CEP/SD, sendo este modelo reproduzido para aplicar junto ao participante da pesquisa.

O TCLE deverá conter duas vias, uma ficará com o pesquisador e uma cópia ficará com o participante da pesquisa, tanto o participante como o pesquisador deverão rubricar todas as páginas do TCLE, opondo assinaturas na última página do referido Termo (Carta Circular nº. 003/2011CONEP/CNS).

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto Detalhado.docx	22/07/2015 11:37:50		Aceito
Folha de Rosto	Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos.pdf	22/07/2015 11:35:46		Aceito
Outros	Ofício do pesquisador encaminhando o projeto ao CEP-SD.pdf	22/07/2015 11:41:16		Aceito

Endereço: Rua Padre Camargo, 280

Bairro: 2º andar

UF: PR

Telefone: (41)3360-7259

Município: CURITIBA

CEP: 80.060-240

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
PARANÁ - SETOR DE  
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



Continuação do Parecer: 1.244.534

Outros	Ofício encaminhando ata de aprovação.pdf	22/07/2015 11:42:39		Aceito
Outros	Ata de aprovação do projeto.pdf	22/07/2015 11:42:56		Aceito
Outros	Análise de mérito.pdf	22/07/2015 11:43:16		Aceito
Outros	Declaração de concordância do orientador de pós-graduação.pdf	22/07/2015 11:43:36		Aceito
Outros	Concordância dos serviços envolvidos.pdf	22/07/2015 11:43:59		Aceito
Outros	Termo de confidencialidade.pdf	22/07/2015 11:44:41		Aceito
Outros	Declaração de tornar públicos os resultados.pdf	22/07/2015 11:45:09		Aceito
Outros	Declaração de uso específico de material e-ou dados coletados.pdf	22/07/2015 11:45:55		Aceito
Outros	Termo de compromisso para início da pesquisa.pdf	22/07/2015 11:46:16		Aceito
Outros	Check list documental.pdf	22/07/2015 14:57:55		Aceito
Outros	Check list projeto.pdf	22/07/2015 14:58:27		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido_corrigido.docx	26/08/2015 10:38:48	Luís Henrique Fuck Michel	Aceito
Outros	Coparticipante.pdf	27/08/2015 08:19:55	Luís Henrique Fuck Michel	Aceito
Outros	Resposta.pdf	27/08/2015 08:23:12	Luís Henrique Fuck Michel	Aceito
Outros	Final_coparticipante.pdf	15/09/2015 13:03:20	Luís Henrique Fuck Michel	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_542496.pdf	15/09/2015 13:04:57		Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: Rua Padre Camargo, 280

Bairro: 2º andar

UF: PR

Município: CURITIBA

CEP: 80.060-240

Telefone: (41)3360-7259

E-mail: cometica.saude@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
PARANÁ - SETOR DE  
CIÊNCIAS DA SAÚDE/ SCS -



Continuação do Parecer: 1.244.534

CURITIBA, 25 de Setembro de 2015

---

**Assinado por:**  
**IDA CRISTINA GUBERT**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Rua Padre Camargo, 280

**Bairro:** 2ª andar

**UF:** PR

**Município:** CURITIBA

**Telefone:** (41)3360-7259

**CEP:** 80.060-240

**E-mail:** [cometica.saude@ufpr.br](mailto:cometica.saude@ufpr.br)

## Anexo II – Transcrições

### Anexo 3 – Análise das entrevistas

#### Análise da Entrevista – Rachel

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico
<p>- ENTÃO, E., É... VOCÊ PODE RELATAR A VIVÊNCIA DO SEU PROCESSO TERAPEÚTICO DURANTE O LUTO?</p> <p>- Terapêutico em questão daqui da... pessoal do luto?</p> <p>- ISSO DA... DA PSICOTERAPIA.</p> <p>- É... bem no início assim pra mim foi bem complicado porque eu vinha... eu vinha pra... falar né, e... mas eu saía do mesmo jeito, na verdade. Porque a minha, a minha, a minha dor, como você aqui [inaudível - 00:01:00] fala que cada um tem a sua dor né, mas a minha, e-eu achei que minha dor era tão grande, tão grande, tão grande que eu vinha falava e chorava, e voltava pra casa... e às vezes me sentia até pior. Porque eu via tanto... tanto desespero tanta dor tanto choro tanto desabafo [respira fundo] daí foi passando... depois de dois anos... que eu fui...</p>	<p>Rachel relata que sua dor era tão grande que quando começou a vir nas reuniões do grupo Amigos Solidários na Dor do Luto [ASDL], falava, chorava e sentia que voltava para casa se sentindo do mesmo jeito ou até mesmo pior do que estava, pois percebia dor, choro e desespero no grupo. Após participar por dois anos das reuniões, percebeu que aquilo que sentia estava passando, que ela estava aceitando a perda da filha e se acostumando com a ideia de não tê-la em casa.</p>

<p>assim, não sei se foi bem aceitando ou foi me acostumando com a ideia de, de não tê-la mais dentro de casa...</p>	
<p>que eu daí comecei a conhece e fazer amizades com outras mães, daí fizemos um grupo assim de amigos bem, bem legal que foi a... a B. [participante do grupo ASDL]... a E. [participante do grupo ASDL], mais umas quatro lá que agora não to lembrando o nome assim, daí a gente [gagueja] com... começou a se encontrar fora do grupo, a gente se encontrava pra tomar um café e sempre uma vez por mês a gente saía às cinco [17:00h] marcava a gente saía e daí a gente falava mais do nossos filho porque, até porque o tempo é curto ali pra falar tudo né, então a gente... daí a gente falava, falava, falava sem ter... a vez de cada uma, cada uma falava quando tava afim, quando queria e a outra escutava e a outra entendia e aquilo foi ficando bom assim eu achei que aquelas amigas eram as amigas de verdade mesmo que tava, sentindo a minha... a minha dor, que tavam compreendendo o que eu tava falando,</p>	<p>Rachel relata que amizade com outras mães do grupo ASDL que perderam seus filhos. Ela afirma que elas se reuniam para falar mais sobre seus filhos (pois o tempo da reunião era pouco) e, então, falavam o quanto queriam, espontaneamente. Rachel relata que nesses encontros percebia que uma entendia a outra e que elas eram amigas “de verdade”, porque compreendiam o que é a dor de perder um filho.</p>

<p>porque quem não perdeu um filho... na verdade só fala assim, "ah eu devo... eu imagino a sua dor", não, não imagina, é só palavras, é só fala assim, porque... nem mesmo quem passa, tipo eu perdi minha filha vai fazer sete anos, se hoje uma amiga, algum conhecido, perder um filho eu vou falar assim "nossa eu, eu imagino a dor dela" não, eu não imagino, é só fala é somente mesmo quem ta passando.</p> <p>- NAQUELE MOMENTO...</p> <p>- Naquele momento... [respira]</p>	<p>Rachel afirma que só quem perde um filho consegue saber o que é essa dor. Ela relata ainda que, mesmo quem já perdeu um filho há mais tempo, não consegue imaginar a dor que está passando uma mãe que acaba de perder seu filho.</p>
<p>Mas o grupo me ajudou muito, depois de um certo tempo eu fui entendendo mais assim: a dona Z. [coordenadora do grupo ASDL] é uma mãezona pra todos e no momento, aqueles momentos que eu tava, que eu vinha pra cá bem desesperada, ela chegou até a me tirar da sala, ficou comigo ali no corredor, o tempo que eu precisei, e... eu encontrei muito apoio nela, na S. [participante do grupo ASDL], na M. [participante do grupo ASDL], e outras lá que né conversavam comigo</p>	<p>Rachel relata que quando começou a participar do grupo ASDL, vinha para as reuniões desesperada e afirma que encontrou apoio na coordenadora do grupo e nos membros que acompanhavam as reuniões há mais tempo.</p>

<p>quando na hora do lanche, era assim, a gente se, se reunia no cantinho pra conversar mais, e foi muito importante de...</p>	<p>Rachel afirma que o momento do lanche era importante, pois era quando podia se reunir com outros membros do grupo de forma mais reservada para conversar mais.</p>
<p>No inicio é que eu tava bem louca né, então... até se, eu acho que a única pessoa que eu ia conversar e ia entender ia... se Deus viesse ao meu encontro e falasse: "Ó, a sua filha faleceu por isso e por isso, eu precisei dela, ou foi uma fatalidade", daí eu ia entender... mas o, o médico, ou qualquer outro ser humano assim que viesse falar... aquele ali era o mesmo que me dar, me jogar um balde de água fria, eu não aceitava nada, por mais que eu vinhesse ali toda semana, eu vinha mesmo, vinha com minha filha, vinha com meu marido, vinha sozinha, mas eu vinha mais pra desabafar, mas no, no, no início nada resolvia, só depois de dois anos que foi amenizando aquela dor.</p>	<p>Rachel relata que logo após a perda de sua filha se sentia enlouquecida e não aceitava nada que qualquer outra pessoa lhe dissesse. Ela afirma que vinha sozinha ou acompanhada de parentes nas reuniões do grupo ASDL para desabafar, mas que foi apenas após dois anos participando das reuniões que sua dor começou a amenizar.</p>
<p>- UHUM... E EM RELAÇÃO À PSICOTERAPIA, E.? VOCÊ CONTA QUE O GRUPO FOI MUITO IMPORTANTE, NÉ... NESSE MOMENTO PRA SUA</p>	<p>Rachel afirma que iniciou seu processo psicoterápico seis anos após a perda de sua filha e que esta foi uma boa experiência. Rachel relata que já frequentava o grupo</p>

<p>QUESTÃO DO DESABAFO E FOI ENCONTRANDO PESSOAS, NÉ... COM QUE... CONSEGUIAM TE ENTENDER UM POUCO MELHOR, NÉ? MAS E QUANDO VOCÊ COMEÇOU A PSICOTERAPIA, COMO QUE FOI A VIVÊNCIA DISSO, ASSIM, PRA VOCÊ NO SEU LUTO?</p> <p>- Então, como eu ti falei, no primeiro momento assim, eu, no primeiro dia mesmo que eu vim, eu, eu fico, eu saí tão perturbada que eu fiquei acho que umas, umas três semanas sem voltar.</p> <p>- UHUM, QUANDO VEIO AQUI [CLÍNICA DE PSICOLOGIA APLICADA – CPA] NO...</p> <p>- É, no primeiro dia.</p> <p>- NO ATENDIMENTO.</p> <p>- É, você quer, você falar com a...</p> <p>- EU FALO COM... COM A PSICÓLOGA AQUI.</p> <p>- Ah tá, com a... a G. [psicóloga].</p>	ASDL quando iniciou a psicoterapia.
--	-------------------------------------



<p>- UHUM.</p> <p>- Ah não, com ela foi bom, inclusive que eu já tinha passado seis anos, né? De tudo que tinha acontecido...</p> <p>- E JÁ TAVA NO GRUPO TAMBÉM?</p> <p>- É e, eu ia, eu comecei a frequentar o grupo do luto, é... dois meses depois, que uma, uma afilhada da dona S. [participante do grupo ASDL] já sa... conhecia o grupo, sabia, não conhecia, mas sabia do grupo e me trouxe e... e eu fui, e eu fiquei, daí ela veio só uma vez, e eu fiquei vindo e até hoje assim, sempre que eu posso, agora to menos sequência... mas sempre que eu posso eu volto.</p>	
<p>Mas com a G. [psicóloga] foi bom, porque eu já tava com seis anos de luto, então eu já tinha, já, dentro de mim já tava, mais ou menos resolvido que eu não tinha mais a minha filha de volta, que eu, que eu vou ter que viver o tempo que eu tenho aqui na Terra sem ela...</p>	<p>Rachel afirma que a psicoterapia foi boa, pois quando iniciou o processo psicoterápico já tinha seis anos de luto, conseguindo aceitar que sua filha não voltaria e que precisaria viver sem ela.</p>
<p>então, assim, na verdade nós falamos tanto de outras, de outros assuntos, aí lá pelo meio</p>	<p>Rachel relata que na psicoterapia falou sobre outros assuntos, que não a morte de sua filha.</p>

<p>voltava à L. [filha que faleceu], mas eu, eu acabei me afastando antes de começar falar sobre a morte dela, que a gente falava, começou a falar da minha vida lá do início, da... d'aonde eu nasci, de onde eu vim, como eu vim pra aqui, pra Curitiba, mora aqui, então não chegou ainda o momento de eu falar tudo sobre a morte da L. [filha que faleceu].</p>	<p>Ela afirma que falava sobre sua vida, contado sua história desde o início, relatando a forma como veio morar em Curitiba e que se afastou da terapia antes que chegasse a falar sobre a morte de sua filha.</p>
<p>E eu acabei... por mim mesmo, me afastando. Não porque foi ruim, não, tava sendo bom, mas é pelo meus compromisso mesmo que eu tenho em casa, com a família, quando eu vejo tava em cima da hora eu acabei me afastando, mas eu pretendo voltar no ano que vem.</p>	<p>Rachel relata que apesar da experiência de psicoterapia ter sido boa para ela, acabou interrompendo o processo psicoterápico devido aos compromissos que tinha em casa, com sua família. Ela afirma que sente o desejo de retornar para a terapia no ano seguinte.</p>
<p>- MAS ENTÃO A TERAPIA GIROU EM TORNO DE OUTROS TEMAS QUE NÃO O LUTO.</p> <p>- É tinha muita coisa dentro de mim guardada, desde a minha, do meu nascimento, da minha infância, então foram muito sofrimento que eu tinha dentro de mim que eu acabei botando pra fora... conversando com</p>	<p>Rachel relata que tinha “muito sofrimento dentro de si”, questões vividas por ela desde seu nascimento e sua infância. Ela afirma que, na terapia, acabou falando sobre este sofrimento com a psicóloga, sem abordar diretamente a morte de sua filha. Rachel relata que pretendia, em algum momento, falar sobre isso, mas acabou interrompendo o</p>

<p>ela, e... em alguns momento escapava e eu ia fala, falava da L. [filha que faleceu], mas não chegamos a falar como foi a morte dela, como foi tudo, como foi meu sofrimento... com detalhes, entendeu? Acabei, nós, eu acabei saindo do... dos encontro com ela por mim mesma.</p> <p>- UHUM, MAS VOCÊ NÃO... ERA VOCÊ QUE NÃO QUERIA ABORDAR ESSES ASSUNTOS [indaudível 00:08:04]?</p> <p>- Não, eu queria, eu queria. Eu sabia que ia chegar o momento que ia ser falado, só que, como [gagueja] tinha outros compromissos, eu acabei saindo antes de concluir, mas eu pretendo voltar no ano que vem pra gente continuar,</p>	<p>processo psicoterápico antes. Ela afirma, ainda, que deseja retornar para a terapia no próximo ano.</p>
<p>porque foi bom pra mim, eu, eu se... eu senti que, é como dizem eu desabrochei mais um pouco, coisas que eu não falava pra ninguém, da minha infância, da, da minha juventude, e até o... a metade do meu casamento, que foi um, um período bem complicado da minha vida, eu cheguei a falar pra ela isso, sa-saiu um peso de mim, que eu, eu guardava essas</p>	<p>Rachel afirma ter sentido que “desabrochou” durante a psicoterapia, revelando questões de sua infância, de sua juventude e de seu casamento que não contava para ninguém. Ela afirma que sentiu como se um peso saísse dela, livrando-se da amargura que guardava destes fatos. Rachel relata que tinha medo e vergonha de falar sobre determinados</p>

coisas com, com aquela amargura dentro de mim... sabe? Então, parece que, parece não, eu tenho certeza, isso... me livrou de um... talvez até de uma doença futura que a gente fica guardando coisa, remoendo e remoendo né? E foi bom.

- SENTIU QUE FOI UM DESABROCHAR ENTÃO?

- Aham.

- E COMO QUE É ISSO DE DESABROCHAR?

- É porque bo... a partir do momento que você fala do seu, do seu problema pra um profissional, né, que você sabe que vai ficar guardado é melhor do que você falar pra um amigo que você fica pensando, ai será que ele vai falar de mim, vai falar disso pra alguém, alguém vai ficar sabendo? Então você sai confiante, que aquilo ficou ali, ficou com aquela pessoa né, e como se fosse se confessa com um padre, você confessa e sabe que ninguém vai saber. Então eu tinha muitas coisas guardadas dentro de mim, que eu tinha

temas de sua vida e que se sentiu confiante para falar com um profissional, pois sabia que o que falasse seria mantido em sigilo. Ela manifesta o aspecto confessional presente na psicoterapia, comparando-a com uma confissão que se faz a um padre. Rachel afirma ainda que se sentiu leve e tranquila ao poder conversar sobre essas questões com sua psicóloga.

<p>medo e vergonha de falar pra qualquer um amigo, que eu falei pra ela e saí tranquila. Saí leve e sem me preocupar se aquilo ia sair, ia... ia... alguém ia ficar sabendo, com certeza ninguém ia ficar sabendo.</p> <p>- UHUM... ENTÃO ESSA LEVEZA VEM DE UMA... TRANQUILIDADE DE SABER QUE AQUILO QUE VOCÊ TAVA CONTANDO NÃO SERIA PARTILHADO EM NENHUM OUTRO...</p> <p>- Isso, ia ficar ali pra... Eu me liberei de um peso... né? Porque aquilo vivia dentro de mim, aquilo, eu me liberei de um peso, sabendo que as outras pessoas não vão ficar sabendo daquilo.</p>	
<p>Em alguns momentos eu cheguei em casa mal, chorei muito, no outro dia fiquei até meia doente, em alguns momentos meu marido falava que não era pra eu voltar, mas eu sabia que aquilo que eu falei, que eu desabafei, naquele momento eu saía mal porque eu falei naquele assunto, porque aquilo mexia muito comigo. Então, a partir do momento que eu me liberei daquilo, fiquei</p>	<p>Rachel relata que logo após os atendimentos, se sentia mal, pois havia tocado em temas que a mobilizavam. Ela afirma que mais tarde, porém, se sentia bem, como se ao falar sobre estas questões estivesse “se livrando” delas.</p>

até mal por umas três vezes, mas depois passou e eu me senti bem.

- UHUM, SE SENTIA MAL... MAS NÃO ERA NECESSARIAMENTE QUE... UM “PROBLEMA”?

- Não, é... porque aquilo, aquilo que vivia preso dentro de mim, eu... fazia, me fazia tanto mal que a partir do momento que eu comecei a falar... e ouvir aquilo que eu tava falando, mexeu de uma certa forma comigo, que eu cheguei em casa mal, doente, chorando. Mas no outro dia assim... [respira fundo] eu pude respirar sabendo que aquilo não tava mais dentro de mim, que eu tinha me livrado daquele problema.

- QUER DIZER, FALANDO... DANDO VOZ A ISSO... NUM PRIMEIRO MOMENTO SENTIA MAL, MAS DEPOIS ERA COMO SE TIVESSE, NÉ... “EXPULSADO” AQUILO?

- Isso, isso mesmo... tivesse tirado aquela, aquela doença que tava me corroendo né... há tantos anos.

- UHUM.	
<p>- Que foi, que foi assim, eu ainda tenho muita coisa porque eu tive uma infância muito ruim um, não falo assim, porque... foi pobre, não! Porque infância pobre não é ser ruim, foi porque não conheci meu pai, eu só tive mãe, minha mãe foi muito severa, eu apanhei muito, antigamente o, as... os pais educavam os filho... muito... Ainda bem que hoje eu sou uma pessoa de bem! Não me... não, não juntei tudo as coisa ruim que eu passei pra, pra me transforma no mal... Às vezes até eu ficando aquelas reportagem com aquelas menina lá do Pará que fala assim: "Ai, eu me prostitui porque eu... não tenho uma, dinheiro, meus pais é pobre". Não, eu passei por tudo isso, e não me prostitui, graças a Deus me casei com meu primeiro namorado quando eu tinha 14 anos, me casei já com 21, casei com ele, e... toquei minha vida com ele até hoje.</p>	<p>Rachel relata que teve uma infância pobre. Ela afirma que foi criada sem pai, por uma mãe severa. Rachel relata que apesar de ter tido uma infância difícil, se tornou uma pessoa boa. Ela afirma, ainda, que se casou com seu primeiro namorado e que permanece com ele até hoje.</p>
<p>Eu passei uns mau momento com ele no início? Passei. Foram os primeiros 15 horrível anos da minha vida, mas não abri</p>	<p>Rachel relata que seu marido era muito ruim e que ela considerou que os primeiros 15 anos de casados foram horríveis. Ela afirma</p>

<p>mão. Eu pensava assim, e era bem jovem, mas eu pensava assim: "Hoje meu marido é ruim pra mim, mas um dia ele vai envelhecer e eu acho que com o passar dos anos ele vai melhorar". E realmente foi assim, eu botei, hoje eu vejo as menina casa, dali oito meses um ano já tá se separando porque o marido fez uma grosseria... aí, às vezes eu fico pensando: "Ela não sabe nem o que é grosseria", pelo tudo que eu passei. Meu marido era militar, então ele era muito ruim.</p>	<p>que, no entanto, tinha a esperança de que ele melhoraria quando envelhecesse e percebe que foi isso o que aconteceu, realmente.</p>
<p>Então assim, eu sempre, falava no grupo que o meu marido começou a mudar comigo depois que a L. [filha que faleceu] nasceu... Então eu acho que a L. [filha que faleceu], se eu for pensar pelo lado bom da coisa... a L. [filha que faleceu] acho que não era pra ela vim pra ficar por muito tempo nesse mundo, ela veio pra... pra me ensinar o amor, pra salvar acho que o meu casamento, me dar alegria e... me mostrar, realmente a beleza do amor e... me ensinar a amar. Porque eu, eu vivia no mundo assim, que eu achava que amava só o meu marido, não amava mais</p>	<p>Rachel afirma que sua filha [que faleceu] veio ao mundo com a missão de salvar seu casamento e que seu marido passou a lhe tratar melhor após seu nascimento. Ela relata também que sua filha veio para lhe ensinar a beleza do amor, lhe ensinar a amar e lhe dar alegria.</p>



<p>ninguém... mas daí chego... o primeiro filho, a primeira filha.</p>	
<p>Eu acho que de tanta ruindade que o marido passa pra gente na gravidez, a gente acaba rejeitando um pouco aquele filho, pela ruindade que você ama tanto um... um homem, casa com ele, mas ele te faz tanta grosseria que você acaba rejeitando aquele filho num primeiro momento. Mas depois você vai criando né e vai... você vai pegando amor,</p>	<p>Rachel afirma que devido à ruindade e as grosserias de seu marido durante sua gravidez, rejeitou sua filha [que faleceu] em um primeiro momento. Ela relata que mais tarde, porém, aprendeu a amar sua filha.</p>
<p>e daí eu sempre dizia assim... Eu ouvia muito minha mãe falar que homem ruim não merecia que a mulher sofresse pra dar filho pra ele, eu falava assim, então o primeiro filho a gente dá por amor, o segundo é o descuido, mas o terceiro é safadeza [ri com a própria fala]. Eu falava sempre isso né, na minha cabeça... então quando eu tive o segundo, fiquei grávida do segundo filho... foi, foi um descuido mesmo, porque eu morava lá em Maceió e ele veio fazer curso aqui, [inaudível – 00:15:24] Curitiba... E como eu fiquei sozinha lá, eu nem me</p>	<p>Rachel relata que apenas sua primeira gravidez foi planejada, a segunda e a terceira aconteceram por descuido. Ela afirma que quando seu segundo filho nasceu, ela veio morar em Curitiba com o marido em uma situação precária. Rachel relata que retornou para Maceió, porque estava sentindo dificuldade em cuidar de duas crianças sozinha, no frio, em uma casa com pouca estrutura. Seu marido chegou a voltar para Maceió com ela, mas retornou à Curitiba para servir ao exército como tenente. Ela afirma que o marido lhe traiu diversas vezes</p>

preocupei em tomar medi, remédio, nada, nada... não tinha ninguém mesmo, meu marido não tava aqui então eu fiquei sem tomar nada... e de repente, assim, num piscar de olhos ele ligo pra mim e falo assim: "Compra passagem, e vem pra cá que eu já aluguei uma casa". [tosse] Daí eu, mando dinheiro, eu comprei, vim. E você sabe, a gente quando é muito jovem e quando é muito apaixonado, encosto saiu faísca né, cheguei aqui acho que engravidei no mesmo dia que eu cheguei. Porque entre ele ligar e mandar eu comprar passagem e vim acho que isso não levou cinco dias, e eu vim com uma filha, a minha a minha filha tinha 9 meses de nascida quando cheguei.

- A L. [FILHA QUE FALECEU]?

- A L. [filha que permaneceu viva]...

- A L. [FILHA QUE PERMANECEU VIVA]...

- É, a primeira. E quando eu cheguei aqui, eu já engravidei do V. [filho que permaneceu vivo]... Aí no outro ano [pigarro], isso foi em

neste período, o que lhe motivou a procurar um médico para fazer laqueadura. Rachel relata que ao fazer os exames, descobriu que estava grávida de uma menina [filha que faleceu]. Ela afirma que chegou a tomar remédios com o intuito de abortar, sem sucesso e, após isso, passou a se preocupar com a possibilidade de sua filha [que faleceu] nascer com alguma deformação. Rachel relata que, ao fazer a ecografia, no entanto, descobriu que sua filha estava linda, gorda, forte e saudável.

set, em oiten, em... se... oitenta e sete, a L. [filha que permaneceu viva] tinha nove meses de nascida já engravidei do V. [filho que permaneceu vivo]. Quando foi oitenta e oito, o V. [filho que permaneceu vivo] nasceu no meio do ano, ele nasceu dia vinte e três de julho, mais eu fiquei quase loca aqui em Curitiba, muito jovem, tinha 22 anos tinha, não, tinha acabado de fazer 23 no dia primeiro de junho e ele nasceu no dia 26, 23! [respira] E eu não conhecia ninguém, morava num barraquinho lá no quatro pé sem condições nenhuma com duas criança pequena, fiquei louca né. Daí chegou dezembro nas férias dele eu pedi pra ele me levar embora porque não tinha como eu ficar aqui com duas crianças pequena num frio, sem uma máquina de lava sem nada, sem nada, sem nada, só tinha um básico que era um fogão e uma cama pra dormir, nem geladeira tinha, daí eu fui embora... e quando terminou o curso dele em 99 [1999]... ele... ele voltou, né? Daí a gent, ne-nesse período que ele ficou aqui eu construí uma casa lá, ele mandava o dinheiro eu fiz a

casinha e a gente foi mora nessa casa. E... daí ele voltou, como... é, tenente, todo por cima né, e a mulherada lá, a meninada caiu em cima matando. Então eu sofri muuuito... porque ele me traiu muitas vezes e o lugar era pequeno e eu ficava sabendo, daí eu falava assim, eu já tive dois filho, o primeiro foi por amor, o segundo foi um descuido, agora o terceiro eu não quero mais, eu vou me opera. Daí eu já tava com vinte e cinco, aí eu procurei um, um, um médico e falei que eu queria fazer laqueadura porque eu não queria ter mais filho e daí eu contei minha história pra ele, minha meu sofrimento tudo e, ele... quis me opera. Ele me passou todos os exames e você vê como são as coisas e quando eu fui fazer a cirurgia aí eu já tava grávida da L. [filha que faleceu].

- NOSSA...

- Então a L. [filha que faleceu], assim, foi por acaso e Deus que me perdoe porque eu já até me confessei sobre isso, mas eu vou falar pra você, eu cheguei até a tomar remédio pra aborta... e não abortei, e depois que eu f,

<p>passou três meses da gravidez eu comecei a fica, quase pirei porque eu fiquei com medo de de ela nascer com alguma é.. alguma deformação sei lá, e eu fiquei muito preocupada e eu não tinha... é... um, um plano de saúde, era pelo INSS e... não fazia nenhuma ultrassom, nem nada. Tanto é que, quando eu vim a conseguir uma ultrassom, pelo um candidato, eu já tava quase dando a luz porque minha era tão grande, tão grande, tão grande, que a médica achou que eu tava, de gêmeos, mas era só a L. [filha que faleceu], linda, gorda, forte e saudável.</p>	
<p>Quando eu vi na ultrassom que era... sempre fui apaixonada por menina, e que ela falou assim: "Você tem o quê?". Eu disse: "Eu tenho um casal". Aí ela falou assim: "Ah, vai chegar mais uma menina". E eu tava sozinha. Eu saí pela rua rindo com o povo assim: "To feliz, to feliz, to feliz" e meu Deus do céu, foi uma felicidade tão grande que aquela menina... veio pra mim. Quando a médica disse: "É mais uma menina", eu queria grita com o mundo: "Eu to grávida de uma</p>	<p>Rachel relata que ficou extremamente feliz ao saber pela médica que teria uma menina. Ela afirma que estava sozinha quando recebeu a notícia e que tinha o desejo de compartilhar com os outros sua felicidade.</p>

menina",	
<p>mas não tinha ninguém pra fala, né? Porque meu marido era tão ogro que nem pra me acompanhar nesse momento. E quando eu cheguei em casa, ele tava lá sentado na calçada, lá em Maceió, aquele calorzão ele sentado lá com o irmão dele, dai falou assim: "E aí? E... e o que que é que você tá esperando aí?". Eu falei: "Gêmeos..." e daí ele falou: "Não brinca".</p>	<p>Rachel relata que seu marido era tão “ogro” que não lhe acompanhou no exame em que iria ser investigado o sexo de sua filha [que faleceu].</p>
<p>Daí eu falei: "Não, vai ser uma menina", tudo o que eu queria na minha vida era mais uma menina.</p> <p>- UHUM.</p> <p>- Quer dizer, eu não queria, né? Veio... mas falou que era menina nossa pra mim...</p>	<p>Rachel relata que apesar de não ter planejado a terceira gravidez, ficou feliz ao saber que teria mais uma menina.</p>
<p>Eu tive a L. [filha que faleceu] num, num... numa, num dia de carnaval, dia de festa, sabe que no nordeste é o... é o maior festerê, né? E eu tive a L. [filha que faleceu] num dia de carnaval aquele ano de 92 [1992], dois de março, era dia de carnaval. E... eu tive a L. [filha que faleceu]... e...</p>	<p>Rachel relata que teve sua filha [que faleceu] em um dia de carnaval, que é um dia de festa no nordeste.</p>

<p>fiquei, nossa senhora ela já nasceu tão linda, tão linda, tão linda que eu... foi uma paixão tão grande, tão grande, tão grande, que parecia que era minha outra metade ela, sabe? E eu criei ela assim... ela não me deu trabalho pra ser educada porque ela já nasceu educada. Ela era... ela era educada, ela era doce, ela era amada, ela passava... ela transmitia amor pra todo mundo, quem conhecia a L. [filha que faleceu], se apaixonava pela L. [filha que faleceu]... E assim ela foi crescendo... Dançavaaava como uma louca! Na época que ela tinha quatro ano, era aquela... grupo do É o Tchan...</p> <p>- UHUM</p> <p>- E ela pedia pra, a gen... a gente veio morar aqui em 96 [1996] e ela pedia pra gente levar ela pro programa do Raul Gil, tavam fazendo lá o grupo mirim lá do É o Tchan [pigarro]. E eu dizia que não que eu "Ah, eu não conheço São Paulo, tenho um medo... Ah não, se fosse aqui a gente inscrevia você". "É, eu ia ser a morena do Tchan", ela dizia com quatro anos, né? E ela dançava, dançava, meu Deus... E</p>	<p>Rachel afirma que sua filha [que faleceu] nasceu linda e que sentiu uma paixão enorme por ela, como se ela fosse sua metade. Rachel relata que sua filha não lhe deu trabalho para ser educada. Ela a descreve como uma pessoa que sempre foi doce, educada, família, que adorava dançar e que transmitia amor para todo mundo. Rachel afirma que todos que a conheciam se apaixonavam por ela. Ela relata, ainda, que a filha nunca passou por uma fase de rebeldia, adorava passear com ela e o marido e sentia orgulho do irmão (porque ele jogava futebol).</p>
--	--

<p>depois ela foi crescendo, foi crescendo... e nenhum momento ela ficou rebelde, não teve aquela, aquela [inaudível – 00:21:34] assim: "Ah... ela tá passando por uma transição... de rebeldia", nunca teve isso, sempre muito doce, muito educada, muita família. Gostava de passear comigo e com o pai, com os irmãos... onde chegava falava... tinha um orgulho, porque meu filho jogava futebol... "Aí...", ela dizia: "Ai, o meu irmão é jogador de futebol". E ela tinha assim um orgulho, sabe? Andava de mão dadas comigo no shopping com... 16 anos e... ela era tão doce, tão educada...</p>	
<p>que quando eu comen, falei pra ela aquele ano, falei assim: "Filha, nós vamos passar o natal e o ano novo lá em Maceió esse ano", daí ela falou assim: "Ah mãe, por quê?". Daí eu falei: "Ah, o pai resolveu, passar o natal, faz muitos anos que a gente não passa o natal lá, só aqui, e... o pai vai tá de férias e quer que a gente vá junto com ele". Ela falo, falo assim: "Mas mãe eu não conheço mais ninguém, eu nem tenho amigos lá, todos os</p>	<p>Rachel relata que sua filha não queria passar o natal em Maceió, mas acabou indo, cedendo à sua vontade. Rachel afirma que se sentiu culpada, como se tivesse sido responsável por “levar sua filha para morrer”.</p>



<p>meus amigos agora são daqui, eu vou ficar... perdida". Eu falei: "Como perdida? Se você vai tá com a mãe?". "Tá, se a mãe quer que eu vá, eu vo, mas se eu pudesse escolher eu ficaria" e isso me, me... eu carreguei essa culpa por muito tempo sabe?</p> <p>- UHUM</p> <p>- E a impressão que eu levei minha filha daqui, pra morrer lá.</p>	
<p>Tanto é que... eu, eu sei que eu to na cozinha fazendo as coisas à essas horas e eu escuto muito a Banda B, e sempre o, o, o... Luiz Carlo Martin fala: "Falta tantos dias pra acabar o ano", e ontem, quando ele falou né, falta... menos de... 60 e poucos dias pra terminar o ano, daí nossa, me deu um choque assim, me deu um gelo no meu coração, eu falei: "Pois é, naquele ano... eu tão feliz fazendo as coisas, não sa...", a gente quer tanto que chegue o natal... o ano novo, que eu não sabia que faltava tão pouco pra minha filha morrer.</p>	<p>Rachel afirma que recentemente, ao ouvir um programa de rádio, o locutor anunciou que faltavam 60 dias para terminar o ano. Ela relata que ao ouvir isso, sentiu um choque, um gelo no coração, lembrando-se da felicidade com que fazia suas coisas e esperava as festividades de fim de ano no ano em que sua filha faleceu, sem saber o que estava para acontecer.</p>
<p>E aí, Deus, eu te pergunto: "Será que foi uma</p>	<p>Rachel relata que pergunta a Deus se a morte</p>

<p>fatalidade ou será que era o dia dela?”. Mas aí a gente não tem essa resposta, né?</p>	<p>da filha foi uma fatalidade ou se aquele era o destino dela, mas não encontra uma resposta.</p>
<p>E... e eu viajei com minha filha, tão linda, meu Deus, eu não me lembro que eu viajei com ela, ela do meu lado, a gente... tirando fo, é... fazendo selfie, dando selinho, na boca uma da outra, dentro do avião e voltei em cima, sem ela, e ela do... dentro de um caixão no porão do avião. Isso me marca de uma forma assim sabe, que eu prefiro... não procurar lembrar, porque isso me machuca tanto, tanto, tanto, que tem horas assim que quando vem esse momento, eu... em casa, nossa daí eu entro em desespero, eu choro muito, daí eu grito, daí eu, eu esculhambo a morte, daí eu fico furiosa, eu fico loca e... não tem, não tem mais o que fazer. A única coisa que eu faço é rezar, pra acender velas e ir no cemitério toda semana pra levar flores, e não tem mais o que fazer.</p>	<p>Rachel relata que, ao se lembrar de como foi a viagem de ida que fez com sua filha de avião para Maceió (em que elas viajaram lado a lado, tirando fotos, dando selinho) e a viagem de retorno para Curitiba (em que a filha estava em um caixão, no porão do avião), entra em desespero. Rachel afirma que, nesses momentos, chora, grita, “esculhamba” a morte e, então, procura rezar, acender velas e ir ao cemitério levar flores, pois sente que não há mais nada que possa fazer além disso.</p>
<p>E no início assim, era muito difícil pra mim, fechar minha porta pra dormir sabe, porque a gente ficava ali na sala vendo televisão tudo, mas na hora que meu marido dizia assim:</p>	<p>Rachel relata que até cerca de três anos após a morte de sua filha, toda vez que passava em frente ao quarto dela, antes de ir dormir, sentia sua ausência e chorava.</p>

<p>"Vamos subir, vamos dormir" que eu pegava no trinco pra ver se a porta tava trancada e saber que... faltava ela. Isso era muito ruim, eu... nossa não tinha uma noite assim por muitos, acho que pelos três anos... que eu não chorasse nesse momento que eu ia pro meu quarto e eu ia passar pelo... pela frente do quarto dela, e saber que ela não tava mais ali, e em lugar algum desse mundo... isso aí... foi, era muito ruim.</p>	
<p>Hoje ainda é, mas é menos porque a gente acaba se acostumando com a ausência da pessoa né. A gente num, num, não se acostuma com a morte, a gente num... mas assim... entra dia, sai dia, você acorda, anoitece, amanhece, você não vê e vai passando os anos e você vai assim... não sei se é aceitando, ou vai se acostumando com aquela... com a ausência e sabendo que a pessoa não volta mais. Mas é muito difícil e é muito ruim, é muito doloroso. Somente quando é filho...</p> <p>- A DOR É MUITO GRANDE, NÉ?</p>	<p>Rachel relata que com o passar dos dias foi se acostumando com a ausência da filha, aceitando que ela não voltaria mais. Ela afirma que este processo foi difícil, ruim e doloroso.</p>

- É...	
<p>- E QUANDO VOCÊ COMEÇOU A TERAPIA, E., VOCÊ JÁ TINHA... VOCÊ FALOU QUE TINHA ACEITO... JÁ...</p> <p>- É, pois, já, já, já [gagueja] tinha se passado seis anos, né? Então... não é que eu tivesse aceitado a morte dela, mas é, assim, eu tinha me acostumado com a ausência, né? Eu acho que a gente nunca aceita a morte, po-pode passar quantos anos for, sempre vai ter aquele ponto de interrogação: "Mas por que ela? Ela era do bem, ela era boa, ela era jovem, linda, tinha tudo pela frente, um futuro maravilhoso que a gente tava preparando pra ela"... E a gente sabia a dedicação dela nos estudos né. Ela já tinha mais ou menos ideia do que ela queria fazer na vida... e por que que aconteceu tudo assim num piscar de olhos, eu fui dormir feliz, e me acordei... diante de um telefonema com uma... uma tragédia desse tamanho que não tem... pra mãe, pro pai, não tem remédio. Não tem padre, não tem médico,</p>	<p>Rachel relata que quando iniciou terapia, seis anos após a perda da filha, já havia se acostumado com sua ausência, embora não aceitasse a sua morte. Ela acredita que nunca aceitará a morte da filha e afirma que sempre se perguntará sobre o motivo disso ter acontecido justamente com ela - uma pessoa que descreve como sendo boa, jovem, linda e estudiosa. Rachel também ressalta o fato da morte ter ocorrido de forma imprevisível como algo que dificulta sua aceitação do ocorrido.</p>
que nem, num, assim passou ali uns quatro	Rachel afirma que três ou quatro meses após

meses, uns três meses né, e me indicaram um... psicólogo, eu fui, ele não conseguiu... ele, ele me fez... exatamente essa pergunta, eu me lembro como se fosse agora: "Você, você ainda tem mais filhos?". Eu falei: "Eu tenho dois". "Então viva por eles e pelo seu marido". Nossa, eu queria matar ele! Eu queria arrebentar a cara dele! Eu me levantei e falei: "Você é casado?". Daí ele disse: "Sou". "Você tem filho?". Ele disse: "Eu tenho uma menina". "Você tem ela viva, não tem?". E-eu perguntei pra ele, daí ele disse: "Graças a Deus eu tenho". Eu disse: "Por aí, paramos. Chega, você não vai saber tra, me tratar, você não sabe o que to sentindo". Levantei peguei minha bolsa e fui embora aos berros! Meu marido tava na sala, ele disse: "Espera, amor, amor, o que aconteceu?". Eu falei: "Me tira daqui, pelo amor de Deus, me tira daqui antes que eu faça... uma desgraça, antes que eu quebre tudo aqui". Porque, os dois tavam vivos, tavam bem! Eu tava sofrendo pela aquela que morreu, pela que eu jamais admitiria. É lógico que nenhuma mãe quer que nenhum morra, mas e-eu num sei

o falecimento de sua filha, ela foi a um psicólogo que lhe indicaram. Ela relata que o psicólogo lhe perguntou se ela tinha outros filhos e recomendou que ela vivesse por eles e por seu marido. Rachel afirma que sentiu o desejo de matar o psicólogo e que interrompeu o atendimento naquele exato momento, lhe dizendo que não saberia tratá-la e que não sabia o que ela estava sentindo. Rachel relata que sua indignação se devia ao fato de estar sofrendo pela perda de sua filha que morreu, o que independia do fato dela ter seus outros filhos vivos. Ela afirma, ainda, que nunca teve problemas com nenhum de seus filhos, mas que a filha que faleceu era seu xodó, aquela que tornava sua felicidade "completa" (sic).

<p>porquê eu sempre falei isso: “Não a L. [filha que faleceu]... Por que a L. [filha que faleceu], meu Deus?”. Se ela... os, os três eram bom, o-os dois ainda são bons pra mim, são bons filhos. Graças a Deus eu nunca tive problema com... bebida, com drogas, ou rebeldia de nenhum dos três. Mas aí ela era o xodózinho da casa, era a caçula, era aquela coisa meiga, ela era fogo, ela era alegria, ela entrava dentro de casa, tudo mudava! Eu podia tá braba com alguma coisa, mas ela entrava, ela me dava um tapinha, assim, na minha bunda: "E aí, dona E., minha deusa!", sabe? Nossa, aquilo ali... aí já começava a rir com ela e... a minha felicidade era completa.</p>	
<p>Daí eu ficava, até hoje me pergunto: “Por que ela? Será que ela veio só pra me ensinar a amar, a dar valor às pessoas? A ver a vida de outra forma?”. Porque foi muito rápido, só foi 16 anos e dez meses...</p>	<p>Rachel afirma que até hoje se pergunta sobre qual foi a razão para que sua filha tenha morrido. Ela relata que se pergunta se isso aconteceu para que ela aprendesse a amar, a dar valor às pessoas ou a ver a vida de outra forma.</p>
<p>ela viveu bem, ela foi feliz, graças à Deus ela não teve nenhuma doença ruim... apesar dela ter passado pelo uns cinco ou seis, é... como</p>	<p>Rachel demonstra gratidão pelo fato de sua filha ter sido feliz e vivido bem, sem nunca ter tido problemas graves de saúde.</p>

<p>eu posso dizer... susto assim, foram coisas que aconteceram assim com ela, que passamos muito um susto enorme... mas, foi rápido, não foi nenhuma doença não, não ficou, assim, hospitalizada, nem nada, sabe? Ela tinha muita saúde, ela tinha muita força... de vontade, ela tinha uma gana de viver, ela queria tudo pra ontem, e...</p>	
<p>e o melhor que ela falava sempre pra gente o quanto nos amava, sabe? Isso aí... ela, ela não tinha vergonha, porque eu com 51 anos morro de vergonha de dizer pra minha mãe que eu a amo. E ela não tinha limites pra dizer, até me enjoava aquilo [inaudível 00:30:40]. “Ai L. [filha que faleceu], para, eu sei que você me ama!”. "Mamãe, você me ama?". “Ai, meu Deus que t...”, eu falava. “Tá vendo? Ninguém me ama nessa casa” [ri]. Então eu sei que ela viveu bem... que ela foi muito amada... ela foi amada a amou muito a família, os amigos, os avós, os familiares tudo,</p>	<p>Rachel relata que sua filha constantemente expressava o seu amor por ela. Ela afirma saber que sua filha viveu bem, foi amada e amou toda sua família e amigos.</p>
<p>ela era muito justa, não é porque ela morreu que eu, eu digo que ela é justa porque é...</p>	<p>Rachel relata que sua filha era justa e não gostava que falassem de pessoas que não</p>

<p>uma das pessoas que mais me feriu foi a vó dela, minha sogra. Eu digo umas porque foi o ma-meu sogro, minha sogra, minha cunhada e meu marido que me magoaram muito nu-nos primeiros 15 anos de casamento assim. E quando eu conversava com alguém na minha casa, que eu começava a falar da, da ruindade da minha sogra comigo, o que ela mi fez passar, lá aquela, se-se ela chegasse e eu tivesse ela falava assim pra mim: "Mãe, não fica falando essas coisas da vó, porque ela não tá aqui pra se defender... e a mãe também não ia ficar feliz se ela chegasse e encontrasse o pai falando da mãe, da minha vó pra alguém, da mãe da senhora". Aí eu dizia: "Nooossa, Tereza de Calcutá", falava bastante assim pra ela: "Defensora dos oprimidos". E ela: "Não, mãe... é porque... e também quero que a senhora esqueça, já passou, a vó não merece que a senhora fique ai se martirizando pelas coisas que já aconteceram lá atrás". Eu dizia: "Tá bom, não vou falar mais". Então, ela era muito justa, ela não gostava que, por exemplo, você falasse de alguém que não</p>	<p>estivessem no local para que pudessem se defender.</p>
---	---



<p>tivesse ali pra se defender, entendeu?</p> <p>- ENTENDI.</p>	
<p>- Por isso que eu falo, que acho que ela não veio pra ficar muito tempo nessa Terra, isso é o que me consola.</p> <p>- UHUM, O QUANTO ELA FOI ESPECIAL ASSIM...</p> <p>- É... porque se ela fosse rebeelde... eu ia dizer assim: “Meu Deus, mas ela veio numa rebeldia, e... passou por esse mundo e só fez a gente sofrer, pela uma certa forma foi um descanso. Não... ela veio pra trazer paz, amor, carinho...</p>	<p>Rachel afirma que o fato de sua filha [que faleceu] ter trazido paz, amor e carinho para o mundo, ao invés de rebeldia e sofrimento, é algo que lhe consola. Ela acredita que esse possa ter sido o motivo para que ela tenha tido pouco tempo de vida.</p>
<p>Eu sempre digo que foi a pessoa que mais me amo nesse mundo, foi a L. [filha que faleceu], porque ela... por mais que a L. [filha que permaneceu viva] me ame como mãe, maaas... a L. [filha que permaneceu viva], a mais velha, já não fala tanto quanto que ela... se ela tivesse comigo 24 hora, ela falava os... de hora em hora: "Mãe, eu te amo! Mãe, eu te amo!". Então acho que a pessoa que mais me amou nesse mundo não foi minha mãe, meu</p>	<p>Rachel afirma que a pessoa que mais lhe amou no mundo foi sua filha falecida.</p>

<p>pai muito menos, porque não me reconheceu como filha... e minha mãe eu nem sei se posso falar isso pra você, mas ó como que é as coisas...</p>	
<p>Depois que eu perdi a L. [filha que faleceu], eu ganhei essa família... família do meu pai. Eu ganhei cinco irmãos e... a, eu costumo dizer, é a boadrasta, não é nem madrasta. Meu pai morreu um ano antes de eu perde a minha filha. E, ele e-ele um [gagueja], minha filha morreu em... em dezo, dezembro de 2008, e o meu pai morreu em junho de 2007. Um ano e meio depois eu perdi minha filha. E... eu tinha visto meu pai, em toda minha vida, três vezes. Uma quando eu tinha 15 anos, uma outra quando eu tinha 23 e... uma outra que eu não me lembro mais que eu devia ter mais de 35... porque ele já tava acamado e eu fui daqui pra Maceió, passear com meus filhos e meu marido e... me falaram lá. Se eu quisesse ainda vê vê-lo vivo, que eu fizesse um esforço e fosse até a casa dele, porque ele tava de cama e num... num, pelo jeito ele não tinha mais como</p>	<p>Rachel descreve como aconteceu sua aproximação com a família de seu pai (que não lhe assumiu como filha). Ela relata que só havia visto seu pai três vezes ao longo de sua vida, mas que após a perda de sua filha, recebeu o carinho da família que ele havia formado com outra mulher. Rachel afirma que a partir de então, “ganhou uma nova família” – com cinco irmãos, três sobrinhas, cunhadas e madrasta. Ela relata ainda que viajou para conhecer toda a família de seu pai e afirma que este foi um encontro lindo e emocionante, em que se sentiu bem recebida. Rachel afirma se admirar com o fato de ter sido necessário sua filha morrer para que ela “ganhasse” esta nova família. Ela relata, por fim, que considera esta uma questão resolvida em sua vida.</p>

voltar, assim. Mas eu tinha vergonha da família dele não me... recebe. Porque eu nunca fui na casa dele. As três vezes que eu encontrei foi na rua por acaso. Então, meu marido me deu a maior força, ele falou: "Eu vou com você e as criança, eu quero vê si eles vão ter coragem de expulsa você do lado da porta, com todos nós lá", né? Aí a gente foi na praia, aí na volta a gente passou lá. E a mulher dele me recebeu, me deixou entrar, com as crianças, meu marido, e eu fui até o quarto, ele já tava lá... bem deformado, porque só fica em cima de uma cama muitos anos né, perdendo né... o, a... como é que eu posso falar? A movimentação do corpo, tudo, né? Usando fralda... Mas ele me reconheceu, porque ele começou a chorar. Eu cheguei, né, pedi a bença... falei: "Bença pai... e como que o senhor tá?". Daí ele pe-pegava na minha mão tremendo assim, olhando assim e chorando. Daí eu falei: "Não precisa falar nada". Aí eu apresentei, falei: "Essa aqui é a L. [filha que faleceu], ela é a caçula, essa aqui é a L. [filha que permaneceu viva], é a primeira, e esse aqui é o V. [filho que

permaneceu vivo], que é o do meio, e esse aqui é o meu marido. Eu me casei, tenho uma família, e vou lutar até o fim pra ter minha família junto", falei assim pra ele. E ele apertava minha mão, não sei daonde ele bus... quase quebrou meus dedos assim, sabe? E... depois eu acalmei ele, teve que saí e fui embora. E nesse... eu não sabia que eu tinha cinco irmãos, eu sabia que eu tinha irmãos, mas eu não sabia, nem o nome e nem quanto. Eu sabia que tinha uma moça, porque uma vez eu liguei e ela que atendeu... e ela ficou muito revoltada quando soube de mim, da minha existência, e falou que se um dia eu entrasse na casa dela, ela, se eu entrasse pela uma porta ela saía pela outra. Ela falou pra família dela, né? E eu queria muito conhecê-la, porque... como eu já ti falei lá no início, eu gosto muito de menina. Então assim, eu tenho mais quatro irmã e eu me dou muito bem com as minhas irmã, a gente é muito unida, eu já tenho três irmãos que a gente num... num se entende muito bem, mas de uns anos pra cá porque ficaram adulto, ficaram rebelde e... machuca a minha mãe e daí eu fiquei... é,

assim, cortei relações com ele, mas com as minhas quatro irmãs nós somos muitas unidas, como... temos muito contato. E eu... quando é, eu, eu falo eu não sabia até então que ela tinha falado isso né, e eu fiquei procurando, na casa dela, mas eu não encontrei, só... a mulher do meu pai. Me despedi e vim embora. E quando foi em... em 2008 que aconteceu a fatalidade que eu perdi a minha filha... é, foi uns... 500 metros da casa do meu pai que aconteceu o acidente. E eles ficaram sabendo do acidente, mas eles não sabiam que era minha filha, até porque eles não tinham nenhum contato comigo. Passou um mês e eu liguei... lá, na casa deles, porque quando meu pai faleceu... [entrevistador oferece água] Ah, eu quero. Quando meu pai faleceu eles tiveram a consideração de ligar pra mim e avisar que meu pai tinha falecido.

- UHUM.

- Naquele momento eu não senti nada... porque eu não tinha, era como se fosse, tipo assim, você sabe que um amigo do seu amigo morreu, e você fala: "Ai, que pena". Naquele

momento pra mim foi assim... então, eu só agradei por eles ter me avisado, mas, eu num... num liguei pra ninguém. Passou o tempo eu não liguei pra ninguém. Quando a minha filha faleceu, passou um mês e eu liguei lá, e falei com a mulher do meu pai, e contei pra ela, ela... eu disse assim: "A senhora ficou sabendo de um acidente que aconteceu ai perto da sua casa, no dia 30 de dezembro?" Daí ela falou assim: "Fiquei, minha filha. Eu tava indo coloca o [inaudível 00:38:35] uma roupa de manhãzinha, assim seis horas", que o povo lá do nordeste levanta muito cedo... ela disse: "Eu tava indo coloca o lixo na porta, quando passou uma vizinha dizendo que teve um acidente ali em cima, e que tinha morrido duas mulheres... Mas era sua parente?" Eu falei: "Então, uma das meninas era a minha filha". Aí ela ficou chocada, né?

- UHUM...

- Daí eu conversei mais um pouco e desliguei... quando foi no outro dia, isso foi... assim, no final da tarde, quando foi no outro

dia por volta de sete horas da manhã eu me acordei com o telefone tocando... e quando eu peguei o telefone, é, ai era uma, essas telemensagem que passa né, era uma telemensagem de... com palavras de conforto assim né... coisas de Deus, de conforto... E quando a mensagem termino, a moça falo assim pra mim: "É... você quer saber quem que passo essa mensagem pra você?". Eu falei: "Lógico que eu quero sabe quem foi!". "Então... o nome da pessoa é A. [irmã] e é de Maceió". Eu falei: "Mas eu não conheço nenhuma A. [irmã]...". Daí ela me passo... eu disse: "Você pode me passar o número dessa pessoa pra eu agradece?". Quando eu liguei, era a minha irmã. Né? E eu não conhecia... e que não queria me conhece, entendeu? Que queria, se eu entrasse pela uma porta ela saía pela outra, então me... aquilo me tocou muito, eu falei: "Poxa vida, meu pai morreu, eles me ligaram pra avisar, mas eu não liguei pra da um oi pra ninguém, pra... demonstra meu sentimento". Pra mim é, foi é... foi uma coisa assim que, não me... me tocou em nada, mas a morte da minha filha, pra ela... foi chocante,

porque ela, a ponto dela manda uma tele mensagem pra mim. Ai eu liguei pra ela, daí ela falo: "Então, eu sou sua irmã, a gente não se conhece, mas eu fiquei muito mal quando a mamãe me contou da, da história, que na véspera da morte da... da sua filha, eu tava muito inquieta, tava muito mal, até liguei pros meus outras irmãos, pra saber se tava tudo bem com a minha sobrinha e eu acho que é o sangue que de uma certa forma mexe com a gente. Então, eu tava muito mal, eu não dormi naquela noite e quando eu ouvi a mamãe conversando na porta com a vizinha sobre o acidente eu fiquei... muito mal, eu tremia muito, e eu não sabia porque, e só agora eu vim entende que era a minha sobrinha". E daí nós começamos a... assim, a gente se falava todo dia, a gente se falava no telefone... e quando foi no final daquele ano ela veio me conhecê, ela criou coragem e veio e ficou sete dias na minha casa. E dali em diante... é, todo mundo queria me conhecer, então eu comecei a conversar com todos eles por telefone, depois pela, pelo face... Alguns, outros não, que não gosta...



mas o, os dois mais novos gosta, e daí a gente começou a se ver pela webcam e, e meu marido quando ia pra lá é, e eles faziam questão que meu marido ficasse na casa deles, e começaram a me mandar presentes e livros de, do padre Marcelo e... quadros de, porque eles são muito católico e assim e eu ganhei uma nova família. Daí eu falei assim: “Como pode, meu Deus? Eu perder a minha filha, a pessoa que eu mais amei e amo nesse mundo, foi preciso eu perder ela pra ganhar meus cinco irmãos, e mais uma mãe, mais, três sobrinhas, mais cunhadas”, sabe assim, é tão louco essa vida, né?

- UHUM...

- E daí eles ficaram né, querendo me conhecê e falavam assim que era mais eu só í... do que os cinco vim pra me conhecê, e foram, e eu achava que eu nunca mais ia ter coragem de voltar lá, e eu fui, fui, fui e quando foi esse ano eu fui. Eu fui em maio. E eu fui tão bem recebida... meu Deus do céu!

- ESSE ANO?

- Esse ano, eu fui agora em maio, qué dize, tava todo mundo me esperando, ais sobrinhas, ais cunhadas, os irmãos, e eu tinha um receio do mais velho, que o mais velho, o mai... vai da... o mais velho de todos sou eu, meu pai casou com a, depois que eu já nasci, eu tenho 51 e o mais velho tem 50, vai fazer 50 também em dezembro. E eu tinha um, esse era o único que eu não falava... todas as vezes que eu ligava, ele nunca me ligou. Então eu tinha um medo dele não me aceita. Mas isso foi um encontro lindo, assim, ele chorou, ele me abraçou, ele falou que não sabia o que ia mi dizê porque não me conhecia, mas já gostava de mim, porque, pelo que os outros falavam né, e eu sempre mandava lembrancinha pras sobrinhas sempre que meu marido ia, mandava coisinha de menina, de mocinha. São três sobrinhas que ganhei assim, caiu de paraquedas na minha vida né? E eu sempre mandava lembrancinhas e sabe que menina mocinha de doze treze ano adora ganha capinha de celular... [inaudível 00:44:01] Sempre, como eu tive duas meninas e gosto muito de menina, então eu

<p>sabia o que era que elas gostavam né, isso eu conquistei elas. E eu fui fiquei lá cinco dias, e nossa, fui muito bem recebida, me trataram como se já me conhecesse desde criança, choraram quando eu vim embora e... assim, to, voltei e continuo tendo contato com eles todo dia, pelo face, pelo telefone, então essa parte aí já tá resolvida, sabe? Eu achei que eu nunca ia conseguir saber quem era meus irmãos, mas graças à Deus... to... resolvi essa parte.</p>	
<p>- ERA UMA DAS QUESTÕES DO PASSADO QUE VOCÊ TRAZIA NA TERAPIA, ASSIM?</p> <p>- Era, mexia muito comi... é, isso... também.</p> <p>- UHUM.</p> <p>- E eu queria... né, eu fui rejeitada por ele, quando minha mãe conto pra ele que tava grávida, ele não quis saber, quer dizer, ele... e, eu, ele já me conheceu eu já tinha 15 anos, e... Mesmo eu já com 15 anos, ele não quis me registrar... não quis, é... e eu muito pobre, muito pobre mesmo, minha mãe não tinha</p>	<p>Rachel afirma que a relação com a família de seu pai era uma das questões que lhe mobilizavam e que ela abordou isso na psicoterapia. Ela relata que seu pai lhe rejeitou quando sua mãe contou para ele que estava grávida e que, mesmo quando se conheceram (quando Rachel tinha 15 anos), seu pai não quis lhe registrar em seu nome. Ela afirma também que, por ser a filha mais velha e por sua mãe não ter tido marido, viveu uma infância de pobreza, precisando trabalhar desde seus oito anos de idade.</p>

<p>marido, minha mãe tinha filhos e não tinha marido, e eu como a mais velha, eu era, fui obrigada a trabalhar desde os meu oito anos pra ajudá-la. Então eu sofri muito, porque eu trabalhei no canavial lá no interior de Alagoas, trabalhei na pesca, tanto em lagoa como no alto mar, com meu avô. Vendia peixe na feira, menina, ia com 50, 60 quilos de peixe, assado na brasa, pra vender na feira livre, com a minha mãe, às vezes quando era menos a mi... minha mãe me, me mandava sozinha com, ah... um, as outras pessoas da, do povoado...</p>	
<p>então não tive uma infância assim, de poder estudar, que o, lá era um povoado de pescador, não tinha escola, não tinh... o prefeito não mandava um ônibus pra levar as criança pra estuda em outro lugar. Pra você tê ideia, eu entrei na primeira série eu tinha 10 anos, então não tive oportunidade de estudar na minha juventude, na minha infância. Quando terminei a terceira série com... 13 anos, não tinha mais professor pra dar continuidade. Daí quando eu tinha 15 eu vim</p>	<p>Rachel relata que não teve a oportunidade de estudar em sua juventude, por falta de escola, transporte e professores no povoado em que vivia. Ela afirma que mais tarde, quando foi para a capital, precisou trabalhar e não havia tempo para retomar os estudos. Ela relata que completou o segundo grau em Curitiba, após ter se casado.</p>

<p>morar na capital com uma tia, mas eu fui trabalhar numa fábrica de tecido, que uma semana eu trabalhava de cinco da manhã [05:00h] pra uma e meia [13:30h]... e na outra semana da uma e meia [13:30h] pras dez da noite [22:00h], então não tinha como dar continuidade o estudo. Eu só voltei a estudar com 19 anos, daí eu não fiz quarta série, eu fiz uma prova na Secretaria de Educação pra ir pra quinta série estudar à noite. Daí, então, assim... meu primeiro grau foi muuuito ruim! Por mais que, lógico depois que eu casei eu pu... eu poderia ter voltado a estudar. Como eu voltei, eu vim terminar meu segundo grau aqui em Curitiba, em 97 [1997], aí eu, eu estudei em 97 [1997], 98 [1998] e 99 [1999], daí eu terminei o segundo grau.</p>	
<p>E tu acredita que eu fiz o ENEM? [ri]</p> <p>- AH, É?</p> <p>- Eu fiz agora.</p> <p>- AGORA, É? QUE LEGAL!</p> <p>- Fiz o ENEM, ó! E desde 97 [1997], 97</p>	<p>Rachel relata que fez o último ENEM, mesmo sem estudar desde 1998. Ela afirma não saber se foi bem, mas acredita que fez uma boa redação.</p>

<p>[1997], 98 [1998]... Desde 98 [1998] que eu não estudo!</p> <p>- UHUM.</p> <p>- E eu me inscrevi, fui lá... e não estudei! Fui lá com a cara e coragem. E eu só achei ruim a matemática, porque nossa era muita coisa, o resto...</p> <p>- FOI BEM...</p> <p>- Nã... eu não sei se fui bem, mas eu fui mandando ver, né? E a redação foi muito boa!</p>	
<p>Redação foi sobre a violência da mulher... então, como eu sofri essa violência, né... na... na pele, então assim, eu achei que se eu não zerar na redação... por conta assim, de pontuação... eu acho que eu posso me... complicar... na parte de vírgula, de pontuação, sabe? Essas coisas lá! Porque quando a pessoa não tem um... uma base boa de estudo, você, você tem que ler muito pra poder escrever bem! Como eu não gosto de lê, pelo fato de eu não tê um, tê tido um bom estudo, então... a gente acaba... se</p>	<p>Rachel afirma que acredita ter feito uma boa redação no ENEM porque o tema proposto era “violência da mulher” e ela havia vivenciado esta forma de violência. Ela relata, porém, que a falta de uma boa base de estudo pode prejudicá-la, por conta de problemas de pontuação em seu texto.</p>

<p>complicando né, no futuro. Como eu não fiz faculdade, nada, só terminei o segundo grau e... fiz alguns cursinhos, assim, mas... nada... mas assim, eu acho que eu fiz uma redação boa.</p>	
<p>- E, E., EU TENHO UMA PERGUNTA. É... COMO QUE ISSO ASSIM DE, TRABALHAR AS QUESTÕES DO TEU PASSADO, DA TUA HISTÓRIA, NA TERAPIA, IMPACTOU NA VIVÊNCIA DO TEU LUTO? SE É QUE IMPACTOU, NÃO SEI...</p> <p>- Como assim impactou?</p> <p>- TEVE ALGUM... TRABALHAR ESSAS QUESTÕES NA TERAPIA MUDOU ALGUMA COISA NA TUA FORMA DE VIVÊNCIAR O LUTO, OU NÃO?</p> <p>- Não.</p> <p>- OU COMO...</p> <p>- Em relação ao luto, é uma, é uma... eu acho que é uma outra questão. O que me... me ajudou muito na terapia... que eu te falei no início, não cheguei a falar do momento da</p>	<p>Rachel relata que não abordou diretamente a questão do luto durante a psicoterapia. Ela afirma ter trabalhado questões do seu passado, mágoas que tem do tempo de sua infância e adolescência. Ela relata que conversar com a psicóloga foi algo que lhe aliviou em relação a isso.</p>

morte, da L. [filha que faleceu], porque eu mesma parei. Não porque não foi bom. Foi bom. Foi pelos meus, meus outros motivo, né? Muita coisa em casa pra fazê, acabava... em cima da hora, quando eu via não dava tempo eu vim, mas... me ajudou, é... tirar aquele... aquela mágoa que eu guardava lá no fundo.

- UHUM...

- [pigarro] Que às vezes eu dizia assim: “Gente, eu tenho uma raiva, eu tenho uma raiva da pessoa, mais ali a pouco... eu esqueço”. Que bom, eu sou assim! Mas no fundo, no fundo, eu não esqueço, não. Porque eu lembro cada vez que vo conversa, eu me lembro de tudo, só que não é mais com raiva, mas tá lá dentro guardado. Mas foi bom tê conversando bastante com a... psicóloga, né, aqui... que... me, foi me aliviando, e eu fui me livrando dessas coisas, hoje eu só... eu converso muito com alguém eu já nem toco mais nesse assunto do passado, como foi sofrido al... a minha ado... a minha infância, a minha adolescência, né?



<p>A minha filha sempre dizia assim pra mim, que eu, falava: "Mãe, a senhora não teve adolescência?". Porque eu brin... eu brincava muito com ela, com as amigas dela, ela chegava lá com as amigas, eu gostava muito de conta piada, gostava muito de dá risada, daí ela memu dizia assim: "Nossa, não liga não, a minha mãe não teve adolescência". Então eu acho que não tive mesmo adolescência, e eu era muito feliz com as minhas filhas, né?</p> <p>- UHUM...</p>	<p>Rachel relata que sempre brincava com sua filha [que faleceu] e que gostava de rir e contar piada para as amigas dela. Rachel afirma que não teve adolescência e que por isso se sentia feliz ao brincar com suas filhas.</p>
<p>- E... a partir do momento que... a vida me tirou... o destino ou, sei lá o que, me tiro, tiro ela de mim, eu passei a... a ver o mundo difereente, eu já não era a mesma pessoa alegre... me lembro do dia que eu soube que ela tinha falecido, a primeira coisa que eu falei, isso, antes de eu tomar medicação que me apago um monte de coisa, que eu falei assim: "Eu nunca mais vo volta a sorrir", porque, eu ri... eu ria muito. Por mais que... outras pessoas me fizessem sofrer... eu tirava de letra porque, eu tinha a L. [filha que</p>	<p>Rachel relata que se sentiu outra pessoa após ter perdido sua filha. Ela afirma que se tornou uma pessoa menos alegre e que logo que soube que sua filha tinha falecido, falou que jamais voltaria a sorrir. Rachel relata, ainda, que o fato de ter seus três filhos era o que lhe ajudava a suportar o sofrimento causado por outras pessoas e que após a morte de L. [filha que faleceu], tudo aquilo que fazem para ela (como uma grosseria ou um olhar estranho) lhe afeta significativamente, deixando-a mal, chorosa</p>

faleceu], eu tinha a L. [filha que permaneceu viva], eu tinha o V. [filho que permaneceu vivo]. Tinha os três. Mas a partir do momento que eu perdi a L. [filha que faleceu]... tudo que fazem comigo me choca. Eu to tão bem em casa, com o meu marido, mas se, mas se ele me falar... de uma maneira, que... eu senti que foi meio a grosseiro, que eu num, não era aquela resposta que eu tava esperando, já fico mal eu já choro o resto do dia. Só... só um exemplo: ontem a gente foi comprar um piso, pra minha cozinha, que eu vou mudar o piso da cozinha, e eu tin... tinha, eu escolhi um piso daí ele falo assim: "Ah, mas esse piso é muito caro". Daí eu falei: "Ué, mas é só seis metro... de piso, não é taanto, não vai dá tanto". Se a gente vai muda, então que mude pra uma coisa melhor, uma coisa boa, porque eu não quero mais mexe... daqui a 15 anos eu não quero mais mexe, então vamo logo coloca um piso bom e daí, já que a intenção era bota o piso no meio e aonde vai fica os armários com aquela barrinha em baixo vai fica o mesmo então... não ia... ah, se fosse colocar na cozinha toda ia da doze... e como e reclusa.

<p>ia só colocar no meio onde vai aparecer, ai é entre seis e sete metros. E mesmo assim ele não queria comprar o piso que eu queria. Nossa... eu falei: "Então tá bom. Compre o que você quiser". Daí eu saí e fui pro carro. E chorei, chorei, chorei... aquilo, sabe? Então... é que, como eu te falo, quando eu tinha ela... eu podia, as pessoas quando me fazia mal, podia me levanta o falso, podia inventa qualquer coisa de mim, eu brigava, eu xingava, mas tava de... nariz em pé e dava a volta por cima e ia embora. Hoje co... até um olhar que não me, um olhar estranho pra mim aquilo já me, me deixa mal. Já fico mal... ali já fico depressiva... já quero ficar no sofá, já não quero ir mais pra lugar nenhum, até resolver aquele problema assim, sabe? Pra volta...</p>	
<p>- DÁ PRA DIZER ENTÃO QUE HÁ UMA DIFERENÇA DA E. ANTES DA...</p> <p>- Ah... muita diferença! E olha que eu acho que eu já, já melhorei bastante. Porque antes eu nem conseguia sorrir... hoje eu já do... hoje eu já sorrio, já consigo viajar, já conto até</p>	<p>Rachel relata sua percepção de que já “melhorou” em relação ao modo como se sentia logo após a perda de sua filha. Rachel afirma que voltou a sorrir, a contar piada, a viajar e a conversar com as amigas da filha [que faleceu].</p>

<p>piada, e eu achava que eu nunca mais eu ia conta... conta piada, já conto piada...</p> <p>Converso com as amigas da L. [filha que faleceu], pelo face, algumas eu até vou me encontra com ela...</p>	
<p>Tem uma... que, por coincidência, perdeu a mãe no mesmo mês. Então, ela era filha única e era a melhor amiga da L [filha que faleceu]. Dia 18 de dezembro a gente foi pra Maceió e a mãe dela se interno... a gente já passou?</p> <p>- NÃO, NÃO...</p> <p>- [Ri] Não, mas quando você quiser parar, pode me parar.</p> <p>- NÃO, TÁ LIVRE, EU SÓ QUERIA VER SE TAVA GRAVANDO [RI].</p> <p>- Dia 18 de dezembro de 2007 a mãe dela se interno pra fazer uma cirurgia do coração e eu viajei com a L. [filha que faleceu]. E a L. [filha que faleceu] bem preocupada: "Ai, mãe, hoje a... a mãe da Bocão...", porque ela, o nome dela era T., mas pras amiga era Bocão, Bocão, mais simples: "A mãe da Bocão vai se internar hoje, vai fazer uma</p>	<p>Rachel relata que sua filha [filha que faleceu] estava preocupada com a cirurgia da mãe de uma amiga sua. Rachel afirma que a cirurgia foi feita no mesmo dia em que sua filha faleceu. Ela relata que a mãe da amiga de sua filha entrou em coma e veio a falecer no mesmo mês que L. [filha que faleceu].</p>

<p>cirurgia do coração". "É... mas vai dar tudo certo", eu falei, "Ela vai, indo né, tudo certo".</p> <p>E ela fez a cirurgia e, e ela entrou em coma.</p> <p>No dia 18, não, ela, ela ficou internada, ela ficou internada, não fez a cirurgia naquele dia, ela ficou internada até o dia 30... no dia 30 a Leila faleceu e ela entrou na sala de cirurgia pra fazer a cirurgia... tanto é que, até a Bocão ligou pro celular da L. [filha que faleceu], dizendo que a cirurgia tinha sido um sucesso, mas a L. [filha que faleceu] já tava morta e ela não sabia, e o celular não tocou...</p> <p>Na mesma hora que ela saiu do centro cirúrgico ela já entrou no coma, e ficou em coma, até a hora que... a história foi e chego aqui em Curitiba, pro, pros familiares e os amigos, né? E quando foi... aí a L. [filha que faleceu] faleceu né, foi enterrada no dia primeiro de janeiro, e a mãe da Bocão ficou até o dia 27, em coma.</p>	
<p>No dia 26, eu tive um sonho, primeiro dia que eu sonhei com a L. [filha que faleceu] depois da morte da L. [filha que faleceu], foi no dia 26 de janeiro de 2008, e esse sonho, eu num,</p>	<p>Rachel relata que se lembra da data exata do primeiro sonho que teve com sua filha após ela ter morrido, devido ao fato desta ter sido uma experiência marcante para ela. Rachel</p>

eu posso esquecer as datas dos outros, mas esse aí eu nunca vou esquecer porque foi meu primeiro sonho, eu tive com a L. [filha que faleceu], eu não tinha conseguido dormir, eu tinha chorado a noooite inteira... Tinha ido pro Vita [hospital], tinha tomado a medicação, só tirei uns cochilo, mas não consegui dormir, fiquei a noite inteira no sofá. Quando foi sete hora da manhã [07:00h] minha filha mais velha desceu e foi trabalhar, aí ela... me deu um beijo e falo: "Mãe, eu to indo trabalhar, fica bem, tenta dormir um pouco", eu dei um beijo nela, encostei meu rosto no encosto do sofá e dei as costa pra sala, e fiquei ali encolhidinha naquela posição fetal, que eu acho que a, a posição fetal que a gente fica mais... é... como que eu posso dizer, é a posição que a gente fica... mais tranquila assim é nessa, nessa hora que tu fica em posição fetal, acho que é uma enlutadas todas elas passam por isso, porque várias que eu conversei passou por isso...

- FICAR NESSA POSIÇÃO FETAL...

- É... é, e eu fiquei assim ali no sofá... e

relata que no sonho sua filha não sabia que havia morrido e se arrumava para ir à escola. Ela afirma que, no sonho, tinha o desejo de abraçá-la, beijá-la e agradá-la, mas uma mulher morena lhe dizia para ela não fazer isso, porque L. [filha que faleceu] não sabia que havia falecido. Rachel relata que ao acordar, começou a gritar e procurar a filha pela casa, desesperada.

adormeci, daí eu sonhei que a L. [filh que faleceu] descia as escada com o uniforme do colégio que ela estudava ali no... Estadual [Colégio Estadual do Paraná – CEP], que tem uma calça azul, aquela camiseta branca, ela pren... ela penteava o cabelo pra trás que ela jogava vôlei, a testa dela ficava assim, ela enchia de presilha, assim, aquele rabão que ela tinha o cabelo aqui, ai ela bem séria, mas sério assim, nossa senhora, daí ela olhava pra mim e dizia: "Tá boa essa roupa?". Ela sempre me perguntava se a roupa tava boa, e eu dizi... minha resposta era sempre essa: "Tá, porque tu-tudo em você fica bonito, você é linda, tudo fica bonito em você". Daí ela dizia: "Tá boa essa roupa?". Eu dizia: "Tá filha, tá linda". Aí uma mulher, morena, com o rosto bem redondo, com os lábios bem grosso assim, olhava pra mim, quando ela fazia, nossa, nunca esqueço disso, que ela fazia assim pra mim, porque o lábio dela chegava a dividi assim, sabe? De era tão grosso, e a Bocão, a gente chama ela de Bocão por isso, porque ela tem uns lábio, parece a... a... como que é mesmo o nome

<p>dela? Jolina... Angelina Jolie, costumam chama ela de Angelina Jolie, por causa dos lábios dela, daí ela fazia assim... "Não fala nada pra ela", tipo assim, não... não conte, ela não sabe que morreu, era pra eu agir naturalmente que ela não sabia que tinha morrido, que ela tava se arrumando pra ir pra escola, porque ela não sabia que tinha morrido, e eu falava pra mulher assim, e eu queria agrada, queria abraça, queria aproveita o momento pra beijá-la... então eu acordei e meu Deus do céu, assim, eu gritava, eu gritava, eu gritava e saí procurando por ela... procurando ela pela casa, pelo quarto e, e, e peguei o uniforme dela e chorava... e nossa senhora, foi um desespero, né?</p>	
<p>Quando foi no outro dia, nove horas da manhã [09:00h], a Bocão me ligou, aí falou assim: "N., eu to ligando pra você, eu sei que é um... que você tá passando pelo um momento muito difícil, mas... eu não poderia deixa de te avisar, eu tô te ligando porque a minha mãe faleceu". Eu falei: "Meu Deus, você perdeu a sua melhor amiga! Faz...", isso</p>	<p>Rachel relata que um dia após o primeiro sonho que teve com a filha falecida, a melhor amiga desta filha lhe telefonou para avisar que havia perdido a mãe e para convidá-la para o velório. Rachel afirma que apesar de ter acabado de perder sua filha, fez questão de ir ao velório, pois sabia que sua filha jamais deixaria sua melhor amiga</p>



dia 27, "faz 27 dias hoje que você [inaudível 59:09] a L. [filha que faleceu] e hoje você perde a sua mãe", e ela era filha única e não morava com o pai, pai dela... é... a mãe dela morava com uma prima, que também tinha adotado, porque a mãe da menina já tinha falecido fazia uns anos, e morava as duas, a Bocão, a prima e a mãe, as 3 morava numa casa lá no... no... perto do CIC [Cidade Industrial de Curitiba]. Aí eu, ela disse: "Você não precisa vim, é muito sofrimento pra você, mas se o seu V. [marido], a L. [filha que permaneceu viva], quisé vim, e o V. [filho que permaneceu vivo], o endereço é esse e...", tal né, no, no lugar do velório... Mas eu fiz questão de ir, porque... eu fui pela L. [filha que faleceu], eu fui no lugar da L. [filha que faleceu], porque eu tenho certeza, que a L. [filha que faleceu] não tinha deixado ela em momento nenhum sozinha!

- UHUM...

- Então, eu fui por ela, todo mundo lá, as amigas da L. [filha que faleceu] quando eu cheguei, todo mundo foi lá e me abraça e

desamparada. Rachel relata que foi ao velório por L. [filha que faleceu], representando-a e que suas amigas, quando lhe viram, foram lhe abraçar.

<p>falo: "Mas você num deveria tê vindo". Eu falei assim: "Mas não sou eu, é a L. [filha que faleceu] que tá aqui, pense que é a L. [filha que faleceu] que tá aqui".</p>	
<p>Cê acredita que quando eu fui olha pra dentro do caixão, e olhe que, até então eu num olhava ninguém no caixão porque eu morria de medo, mas a partir do momento, da L. [filha que faleceu], eu perdi o medo, e hoje eu não tenho medo de vê ninguém morto, fico sozinha se for preciso a noite inteira no velório, com aquela pessoa, porque eu sei que aquela pessoa não vai levantar dali pra mexer com ninguém. E você acredita que quando eu olhei a mulher no caixão, era a mulher que eu tinha sonhado? Que tinha feito assim pra mim, pra eu não fala que ela tinha morrido... eu tomei um choque tão grande, eu fiquei tão chocada naquele momento, porque eu não conhecia a mãe da Bocão, eu falava com ela por telefone, e quando ela ia dormir lá em casa ela ligava: "Oi, dona N., é... as menina tão aí, e a Bocão foi dormi aí e não deixa ela sair, ela é menor, se tiver de... e se elas</p>	<p>Rachel relata que quando foi até o caixão da mãe da melhor amiga de L. [filha que faleceu], a reconheceu como a mulher que apareceu no sonho que teve com sua filha, o que a deixou impressionada.</p>

<p>quiserem comer alguma coisa, pede, mas não deixa, ou então vá com elas”, é aquele cuidado pois tem filha única, né... e um dia até levei uma bronca da L. [filha que faleceu], eu falei: "Nossa, a mãe da Bocão liga a cada hora...". Ela: "Mãe, ela é filha única, ela tem que se preocupar com a filha dela, a senhora também não fica assim comigo?". Eu falei: "Ui, meu Deus".</p> <p>- MAS IMPRESSIONANTE A HISTÓRIA, NÉ?!</p> <p>- Uhum...</p>	
<p>- E... ELINEUSA, É... DESSA MUDANÇA QUE VOCÊ DIZ, ASSIM, QUE ACONTECEU NA... DESDE QUE A L. [FILHA QUE FALECEU] FALECEU, É... COMO QUE É PRA VOCÊ, SER ESSA “NOVA” ELINEUSA?</p> <p>- Eu não gosto! Porque eu era muito mais feliz, mesmo ti... tipo, uma infância muito, triste, muito pobre, muito, muito trabalho, né? Que eu não estudei, que eu, mas...</p>	<p>Rachel relata que não gosta de ser a pessoa que se tornou após a perda de sua filha. Ela afirma que era mais feliz antes, apesar de ter tido uma infância triste e pobre, trabalhando e sem poder estudar.</p>
<p>eu... eu casei com a pessoa que eu amava,</p>	<p>Rachel relata que no início de seu casamento,</p>

mesmo achando todos os dias que... tipo assim: "Vou dormir hoje, mas amanhã eu sei que meu casamento vai acabar", porque eu não sentia, dele, o mesmo amor que eu tinha por ele, mesmo achando que o meu amor era tanto por ele que... ia resolve o problema do casal. Mas, hoje, com a cabeça que eu tenho... eu não me casaria com ele... é... por mais que ele diga hoje que era o jeito dele, mais ele sempre me amo... e que tivesse de casa de novo era comigo que ele casava, hoje ele fala assim. Mas naquele momento eu não sentia assim, tanto é que quando a minha primeira filha nasceu eu achava que ele nem gostava dela. Pelo modo como foi tratado minha gravidez... ele não se empenho em momento nenhum pro enxoval... tudo foi eu me, del... que, é, em consulta eu ia sozinha, então, ele era muito desligado, e eu achava que quando a menina nasceu, ele não gostava... e sendo que a menina é a cara, é a cópia dele e da mãe dele. A pessoa que eu não... menos gosto, né? Não é que eu não goste, é que, a pessoa que eu menos gosto nesse mundo... é a mãe dele.

sentia que seu marido não a amava tanto quanto ela o amava e tinha a impressão de que o casamento dos dois poderia acabar a qualquer momento. Rachel afirma que percebia o descaso do marido em relação a ela. Ela também relata que acreditava que seu marido não gostava da primeira filha que teve com ele, mesmo ela sendo fisicamente semelhante com ele e com sua mãe.

<p>Porque ela me fez muito sofrer...</p>	
<p>Mas... a menina nasceu a cara dele, e a L. [filha que faleceu] nasceu a minha. Você vê como a L. [filha que faleceu]... é tão parecida comigo, eu te mostrei outras foto da L. [filha que faleceu] num dia... [mostra fotos da filha que faleceu]</p> <p>- NOSSA, MAS LEMBRA BASTANTE MESMO!</p> <p>- Ela é muito linda, sabe? De tudo. E todo mundo dizia assim, e eu tenho o maior orgulho. Ainda quando a gente foi viajar, uma semana antes a gente foi comprar bijuteria ali na Rui Barbosa, naquelas lojinha... e eu comprei um monte de bijuteria pra ela, nossa... 2007, eu comprei 100 reais assim, de anel, brinco, pulseira, pra ela. E a mulher falou assim, a vendedora: "Nossa, ela parece tanto com você". Aí eu falei assim: "Ai, brigada, porque ela é muito linda, eu sou linda assim?". Aí, e el... ela gostava de dizer assim, tirava um pé do sapato e falava assim: "Olha, meu pé é igual o da minha mãe", porque o meu dedinho, ele ia pra dentro</p>	<p>Rachel relata que sua primeira filha era fisicamente semelhante ao seu marido e que L. [filha que faleceu] era fisicamente parecida com ela. Rachel afirma que sua filha era linda e que se orgulhava disso. Ela relata também que as pessoas comentavam sobre a semelhança física das duas, o que Rachel considerava um elogio.</p>

<p>assim, e o dedo dela também era, daí ela fazia ass... "Nossa, o meu pé é igual o da minha mãe, até o meu pé é igual o da minha mãe" [ri].</p> <p>- HEHE, CÓPIA TOTAL.</p>	
<p>- Então, assim eu era muito, muito feliz, e a partir do momento que eu perdi a L. [filha que faleceu], eu perdi essa felicidade, perdi o... o sorriso, aquele sorriso gostoso, aquela gargalhada. Eu até... esses dias eu fui lá no condomínio Serra do Mar, que eu morei lá de 2001 até 2007, e... a minha vizinha ainda tá lá, e ela falou assim pra mim: "Nossa, Neusa... às vezes eu fico me lembrando das suas gargalhadas daqui da minha cozinha...", porque, essas casas de condomínio é muito pegadinho, né? E... meu sobrado era, coladinho assim com o dela, el... daí ela disse que eu falava assim: "L. [filha que faleceu]! L. [filha que permaneceu viva]! Venham aqui que eu tenho um segredo pra conta pra vocês!'. E você falava, e eu escutava tudo daqui, e daí você dava aquelas gargalhada! Daí eu dizia: 'Nossa, mas a N.</p>	<p>Rachel afirma que era feliz no tempo em que tinha sua filha viva e que vai guardar com carinho as lembranças deste tempo em que viveu com ela. Rachel relata que perdeu esta felicidade com o falecimento dela. Ela relata também que visitou sua antiga vizinha, que lhe contou que a ouvia gargalhando ao conversar com suas filhas e que percebia o quanto ela era feliz.</p>

<p>era muito feliz’”. Eu falei: "Pois é, né?”. Foi um tempo bom da minha vida, que... eu vou guardar com muito carinho né o pouco tempo que eu vivi com a minha filha,</p>	
<p>hoje a L. [filha que permaneceu viva] já não mora mais comigo, já faz 3 anos que eu, eu acabei botando a L. [filha que permaneceu viva] pra fora de casa, a mais velha, porque... um dia eu cheguei a dizê pra ela que ela que devia tê morrido, e isso me machucou muito, chegou uma hora que eu fiquei com vergonha, por mais que eu pedisse perdão, por mais que eu fui me confessa, e por mais que eu me arrependesse, eu fiquei com tanta vergonha de ter falado assim pra minha filha... que um dia eu falei assim pra ela: “Filha, você já tá com 25 anos, acho que tá na hora de você... procurar um lugar pra você morar sozinha, porque eu to tão perdida, que cada dia eu acho que vou magoar você mais aqui dentro dessa casa”. E... ela falou assim: "Ai mãe, eu já sabia desde do momento que eu soube que a L. [filha que faleceu] morreu... isso dói dentro de mim. Por mais</p>	<p>Rachel aponta as diferenças entre sua filha que faleceu e sua filha que permaneceu viva. Rachel afirma que L. [filha que faleceu] era vaidosa, feminina e tinha um jeito espontâneo de ser. Também afirma que procurava dar a ela tudo o que desejou ter e nunca teve. Relata que L. [filha que permaneceu viva], por sua vez, tem um jeito mais masculino e é mais fechada, assim como seu marido. Ela afirma que sua filha que permaneceu viva mora atualmente com uma menina, algo que vai na direção contrária daquilo que desejou para ela. Ela relata que chegou a falar para L. [filha que permaneceu viva] que preferia que ela tivesse morrido no lugar de L. [filha que faleceu] e que hoje se sente envergonhada e arrependida por ter lhe dito isso.</p>

que e... eu já sabia quando eu soube que a L. [filha que faleceu] morreu. Eu falei: 'Meu Deus... preferia mil vezes se eu...' porque eu sem... eu sempre soube do seu amor pela L. [filha que faleceu]". Eu falei: "Mas isso não me... não faz com que eu n... não acredite que eu também não te ame, é que a L. [filha que faleceu], a L. [filha que faleceu], era mais espontânea, e você é mais fechada como o teu pai". Eu não sei se porque... eu sofri muito da gravidez dela, do meu marido, que eu meio que eu tranferi... num, não sei, eu só sei que, existe um, um paredão entre eu e a L. [filha que permaneceu viva]... ela foi uma menina muito doentinha, eu cuidei muito dela, eu sofri muito pra cuida dela, eu num tinha experiência, eu tinha 22 anos, pra cuida de um recém-nascido, não tinha cultura, não lia, não tinha estrutura, então... eu... eu, a única coisa que eu, eu dava era amor, carinho e a, eu dava, eu abraçava muito, tinha medo que alguém roubasse ela de mim, quando eu vim mora aqui em Curitiba eu andava muito ali naquela... na Federal que tinha ali no Jardim



das América... tem ali um...

- UHUM, ACHO QUE É O... O POLITÉCNICO.

- É esse, o Politécnico. Então eu fiquei é... o meu marido alugou uma casa ali perto de uma trincheira e, que tem perto do, do shopp... que hoje é estacionamento, e eu não conhecia ninguém, eu ia muito pra ali, vê gente, porque ali ia muita gente, então eu ia muito pra ali, mas eu abraçava ela assim, contra meu peito, com medo de alguém roubar ela de mim. Mas eu num sei... depois de um... que ela fez 12, 13, 14 anos, ela foi ficando muito parecida com a avó dela, muito parecida com o pai dela, e eu fui... e daí... e a L. [filha que faleceu] era linda, linda, linda, linda, feminina, vaidosa, e... e ela não, ela era mais quietinha, mais fechada, não se arrumava, tinha um jeito meio masculino, que aquilo não me... agradava.

- HUM...

- Pra falar pra você, hoje ela mora com outra menina.

- UHUM.

- Então, isso, pensa pra uma mãe, perder uma filha que é linda, que todo mundo acha aquela menina maravilhosa, né... é querida por todo. E aquela menina morre assim, num piscar de olhos, e você perde a... tudo que você... não foi na sua juventude, na sua infância, você queri... eu queria passar pra ela, queria que ela fosse tudo aquilo que eu não fui. Eu dava pra ela tudo aquilo que eu não tive, na medida do possível. E aquela menina... vai embora, Deus leva... né? Uma fatalidade e morre... Aí você fica com a outra... e fica frustrada, porque a outra segue um outro caminho, em vez de casar, dar um neto pra ver se aliviava aquela dor, foi morar com outra menina.

- NÃO ERA O CAMINHO... QUE VOCÊ TINHA COM A L. [FILHA QUE FALECEU], QUE ERA ALGO MUITO PARECIDO ASSIM, DE...

- E eu não queria também, mesmo que eu não tivesse tanto... a proximidade com ela... mas... e, eu não queria isso pra ela! Eu queria que ela casasse, com um homem, que fizesse

<p>uma família, que me desse netos, era isso que eu queria pra ela, né?</p>	
<p>E na minha família não tem ne, nenhu, nenhum outro caso nenhum... de homem com homem, nem mulher com mulher, então ela foi a primeira. Mas eu tenho que trabalhar muito isso... como eu passei por os momento muito ruim na gravidez, com certeza ela foi muito rejeitada, dentro de mim... então assim, eu tenho que tr-trabalhar o tempo e conversar muito com psicólogo, pra pode eu entende, porque ela num é uma menina que você olha pra ela e diz assim: "Ah... ela é uma...", vamo falar o nome popular: "Ela é safada, ela é sem vergonha", não... ela é uma moça super direita: não bebe, não fuma, é responsável, trabalha, ela já tem um apartamento dela, ela já tem o carro dela, é formada, já fez pós, então, ela é muito certinha... a única coisa que ela fez... foi procurar esse lado, não sei se hoje em dia isso tá muito, liberal, né? E como eu tava, pres... é... já sentindo esse lado dela eu comecei a ficar muito... muito fechada pra ela, ao ponto, de eu mandar ela sair, porque</p>	<p>Rachel afirma que não aceita a orientação sexual de sua filha que permaneceu viva. Ela relata que ao perceber que sua filha era lésbica, foi se “fechando” para ela, até que mandou-a sair de casa.</p>

<p>eu, como eu não aceito, até hoje, eu não aceito, já tá com 3 anos que ela saiu de casa, eu sei que ela mora com outra moça, é... mas eu não aceito, então ela vai na minha casa sozinha, na minha casa ela é a minha filha, se eu to com ela em qualquer lugar, eu e ela, eu nem lembro que ela tem uma outra, uma vida assim, entendeu?</p>	
<p>Tanto é que, ela sabe que na minha casa, dentro do condomínio a outra não pode entrar, nem dentro do carro dela. Então... se ela traz a outra, a moça com que ela mora, e a moça precisa do carro pra ir... ela entra a pé, mas de lá mesmo do portão, a outra vai embora, então a outra tá ciente que eu não aceito, que eu não aprovo e que não quero nem papo com ela. Tanto é que teve um dia ai... já uns dois meses atrás, ela, a L. [filha que permaneceu viva] eu acho que discuti com ela e foi lá pra casa, passo... mas como ela sabe que eu não aprovo, então ela não comenta nada, sabe? Aí, a L. [filha que permaneceu viva] ficou a tarde inteira lá em casa e de noite foi embora, mas ela não foi</p>	<p>Rachel relata que não permite que a companheira de sua filha que permaneceu viva entre no condomínio onde mora.</p>

<p>pra casa, e daí, ela ligou,</p>	
<p>porque ela se dá bem com meu marido, e o engraçado é que o meu marido é carrancudo se você olhar pra ele pensa que ele é... o maioral, e ele aceitou bem! E eu não... talvez se eu tivesse a L. [filha que faleceu], talvez eu aceitasse, porque eu ia dizê: "Ah, ela procurou esse caminho e é problema dela, se ela é feliz assim, problema é dela, o importante é que a L. [filha que faleceu] vai casar, que eu vo tá no casamento da L. [filha que faleceu], que eu vou ter os netos da L. [filha que faleceu]". Pode ser egoísmo da minha parte, mas infelizmente é assim...</p> <p>- NO SENTIDO DE PODER MANTER ESSES PLANOS...</p> <p>- É.</p> <p>- A PARTIR DA L. [FILHA QUE FALECEU]...</p> <p>- Uhum...</p> <p>- UHUM.</p> <p>- Ter os netos do... que vem da nora, acho que</p>	<p>Rachel relata que, diferente dela, seu marido aceitou o fato de sua filha ser homossexual e se relaciona bem com a companheira dela. Rachel afirma que, se L. [filha que faleceu] fosse viva, talvez também aceitasse a orientação sexual de L. [filha que permaneceu viva], pois saberia que uma de suas filhas iria casar e lhe dar netos. Rachel relata que, apesar de também existir a possibilidade de seu filho casar e ter filhos, isso não seria a mesma coisa, pois acredita que ter netos que são filhos da nora não é a mesma coisa de ter netos que são filhos de uma filha. Ela afirma, ainda, que fala para sua nora que quer ter uma neta parecida com a L. [filha que faleceu].</p>

<p>não é a mesma coisa que vem da filha, daí meu filho vai casar ano que vem, mais... assim, eu tento ser uma boa sogra pra ela. Mas, eu sinto que ela, ela é muito distante de mim... então ela, o negócio dela é o meu filho, a família pra ela pouco tem importância, é assim que eu sinto. Então eu... já sinto que eu não vo ter essa proximidade toda com o meu neto, e ainda falo, ainda debocho com ela, eu digo assim: "Eu quero uma neta, eu não quero um neto, eu quero uma neta e parecida com a L. [filha que faleceu]" [ri]. Olha a responsabilidade que eu passo pra menina, né [rindo]?!</p>	
<p>Então assim... aí a moça ligou lá em casa e quem atendeu fui eu, né? Daí ela falou assim: "Ai, desculpe dona N., eu to ligando praí que a Laís não tá atendendo o celular e eu to muito preocupada, a gente brigou e ela saiu". Eu falei assim: "Ó, eu não quero saber... se vocês brigaram ou não. Você nem devia ter ligado na minha casa, você sabe que eu não quero papo com você, pra mim você nem existe!". Eu sei que eu fui mal-educada...</p>	<p>Rachel relata que a companheira de sua filha [que permaneceu viva] ligou para sua casa certa vez e que ela a respondeu de forma grosseira. Rachel afirma que nunca vai aceitar o relacionamento das duas, devido a criação que recebeu de seus pais e as suas crenças religiosas.</p>

mas... e é-é um [gagueja], a gente... não sabe o que ta se passando né, porque eu não sei o tanto de amor que ela tem pela L. [filha que permaneceu viva] e a L. [filha que permaneceu viva] tem por ela, porque eu nunca vivi isso então... eu... ignoro! É... talvez eu seja antiquada demais, né? Pela minha criação, minha mãe me criou sem pai, mas me criou ali... em regime militar, vamos dizer, assim... Então eu não aceito... Aí eu fui curta e grossa com ela, eu falei: "É outra coisa, você não liga mais na minha casa... só se for um caso que Deus me livre se acontecer alguma coisa de grave com a L. [filha que permaneceu viva], mas fora isso, pra vim procura ela ou vim me conta alguma coisa, você nunca mais faça isso" e desliguei o telefone. Depois ela entrou no face do meu marido e falou né, que eu tinha sido muito grossa, que não sei o que... daí meu marido falou assim: "Infelizmente... se você fosse um homem... eu acho que ela... é, a, ela [gagueja] e você ainda ia conquistá-la, mas como você também é uma mulher, não, não se iluda, você nunca vai tê... o carinho e o respeito da

<p>minha esposa, porque ela nunca vai te aceitar, eu conheço ela, ela é uma pessoa boa de coração... mas nesse caso, ela... ela nunca vai aceitar", e não vo... eu acho que um homem não nasceu pra casar com outro homem, deus fez Adão e Eva e não foi Ivo e Adão, então eu num... eu não aceito,</p>	
<p>e isso me faz eu sofrer, porque é, eu perdi a minha filha caçula e a minha filha mais velha... foi morar com outra mulher, agora pensa na minha situação...</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Não é muito triste?</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Pra uma mãe?</p> <p>- PERDE ESSA POSSIBILIDADE QUE TINHA COM A... QUER DIZER, ISSO, ISSO... ACABA QUE A AUSÊNCIA DA... DA L. [FILHA QUE FALECEU] IMPACTA TAMBÉM NA FORMA QUE VOCÊ LIDA...</p> <p>- Com isso, é.</p>	<p>Rachel relata que sofre, porque uma de suas filhas morreu e a outra foi morar com outra mulher. Rachel também relata que passa a semana sem ver a filha que permaneceu viva e sem ligar para ela, mas afirma que se preocupa com ela e reza para que Deus cuide dela.</p>



<p>- COM A L. [FILHA QUE PERMANECEU VIVA] E ESSA SITUAÇÃO...</p> <p>- Então se eu passo uma semana sem ver a L. [filha que permaneceu viva], que de certo assim... Eu, lógico, eu me preocupo, é, todos os dias quando eu vou dormir, quando eu acordo, eu peço pra Deus cuidar deles né, que a gente não tá junto deles, então só quem pode cuidar deles é Deus né... "Meu Deus, cuide da minha filha, [inaudível - 01:15:27], livra ela de todo mal", mas assim, eu nem penso... que ela mora com outra mulher, penso ela miiinha filha. Mas... eu passo uma semana, e não ligo pra ela... eu, me preocupo, eu oro por ela, peço pra Deus cuidar, mas eu não ligo, mãe, pra minha filha... en, e...</p>	
<p>teve um dia que meu marido me perguntou assim... acho que foi meu, ou foi o meu marido ou foi a G. [psicóloga], porque eu contei isso pra ela, ela falou assim: "E se fosse a L. [filha que faleceu]? Será que você iria reagir do mesmo jeito?". Num sei... essa resposta eu não tenho. Mas... eu tenho dúvida, acho que eu não ia reagir do mesmo</p>	<p>Rachel afirma que se L. [filha que faleceu] fosse lésbia e não L. [filha que permaneceu viva], acredita que não reagiria da mesma maneira. Ela relata que por L. [filha que faleceu], acredita que aceitaria qualquer coisa.</p>

<p>jeito, porque, ai... eu amava tanto a L. [filha que faleceu] que eu acho que, por é... ela eu... eu aceitava qualquer coisa!</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Mas nu-um... não é uma coisa assim, de certeza, porque eu não passei por isso com ela, né? Eu não sei se foi meu marido ou foi a G. [psicóloga] que me fez essa pergunta, e eu fiquei meio perdida: “E se fosse a L. [filha que faleceu]?”. Eu num saberia... eu não sei se eu ia agir dessa mesma forma,</p>	
<p>mas uma coisa eu tinha dentro de mim, de ver elas chegarem, abrir o carro e: "Ah, vai lá com a vovó", e eu abraçar minhas filhas e meus netos, aquela família tradicional que eu sempre... zelei tanto pelo a minha família.</p>	<p>Rachel afirma que sonhava com uma família tradicional, com suas filhas lhe dando netos. Ela relata que sempre zelou por sua família, nesse modelo tradicional.</p>
<p>Meu marido foi, foi bem... ruim, mas também... foi com ele que eu contei, eu sempre falei isso no grupo, no, na, no [gagueja] meu pior momento, que foi a perda da nossa filha, foi o momento que eu contei, e até hoje. Tem muitos casamentos que não sobrevivem um... uma perda de um filho,</p>	<p>Rachel relata que apesar de seu marido ter sido uma pessoa ruim com ela ao longo do relacionamento que tiveram, após a morte de sua filha pode contar com ele. Rachel afirma que sente a preocupação dele com ela e nota que ele faz quase tudo que é possível para lhe deixar bem e lhe agradar. Ela afirma também</p>

<p>tenho algumas amigas do grupo do luto que se separaram já depois da perda de um filho.</p> <p>E outros que eu conheço fora, que não suportaram, e ele, ele não tem... muito jeito de, de f... de falar palavras carinhosas, ele não tem, mas eu sinto a preocupação dele, a agonia, o sofrimento dele, a culpa que ele carrega dentro dele, mesmo, a gente não tendo essa culpa, mas eu sinto a culpa que ele carrega... e ele faz... Ele não faz tudo, mas faz quase tudo pra me deixar bem, pra me agradar...</p>	<p>que percebe o sofrimento e a culpa que o marido sente devido a morte da filha.</p>
<p>Quando ele foi me levar, me levar sábado ali na PUC [Pontifícia Universidade Católica] pra fazer o, o...</p> <p>- ENEM.</p> <p>- O ENEM, de repente eu olhei pra ele, ele tava chorando. Daí eu falei assim: "Mor, por que você tá chorando?". Daí ele falou assim: "Porque eu sei que não vai ser fácil pra você, enfrenta essa mininada aí dentro"... E, e olha, por incrível que pareça, eu num tava pensando na L. [filha que faleceu].</p>	<p>Rachel relata que quando seu marido foi lhe deixar na PUC para ela fazer a prova do ENEM, notou que ele estava preocupado com ela. Rachel afirma que estava focada na prova naquele momento e que em razão disso não estava pensando na filha que faleceu naquela hora.</p>

<p>- UHUM...</p> <p>- E ele tava, e tava preocupado comigo! Nossa, cheguei... me senti... em algum momento, eu apaguei a L. [filha que faleceu] da minha mente, eu tava focada na prova, daí eu falei assim: "Nossa...", nunca dizia pra ele que não tava pensando nela, eu falei assim: "Não, ma-mas, ela, tenho certeza que ela tá me dando a maior força, pra fazer essa prova", que antes de eu sair de casa eu falei assim: "Ai filha, eu vou fazer a prova do ENEM, eu nem estudei, mas olha, me ajuda, por favor, me es... passa os seus conhecimento pra mim" [ri].</p> <p>[RI]</p>	
<p>- E eu fui assim, eu fu... eu entrei, eu saí da sala lá, faltando 15 prais seis [17:45h], no sábado, mas eu sei que eu fui bem. Tanto é que eu levei o caderno de... de resposta, e a primeira pergunta eu já, ele viu que eu respondi certo... e daí... já no sábado... daí ele ficou tão preocupado que eu já tava na sala de aula, de repente eu, e, eu... eu senti que tinha alguém me olhando, eu olhei pra porta e ele</p>	<p>Rachel relata que seu marido ficou lhe observando da porta da sala onde foi fazer a prova do ENEM, como um pai que acompanha a filha. Ela afirma que não foi bem no segundo dia de prova.</p>

tava, lá de lá, antes de, das, dos fiscais cuidar das pessoas que, e, podia ficar alguém ainda da família ali, igual algum pai acompanhando a filha, e ele foi, daí eu lá, já, já lá lendo o... a capa lá, o gabarito onde a gente tem que assinar tudo, e data de nascimento, ainda tava lá de repente eu senti que tinha alguém me olhando, eu fiz assim, ai ele de lá... daí ele foi embora.

- FALOU “UMA BOA PROVA E”... [RI]

- É, mas no domingo eu não fui bem. Eu fui bem na redação, matemática eu... eu tenho certeza que eu não acertei nenhuma. E... outra coisa que, como ele... eu fiz a inscrição é, do... em espanhol, as primeiras questões eram em ingles e a segunda era, era espanhol. Eu respondi em ingles e em espanhol e quando eu passei pro caderno eu passei a primeira ingles e não era pra passar ingles. Então eu acho que me ferrei, porque, o espaço que era do... do espanhol, eu coloquei ingles, ai eu fiquei, quando eu percebi, eu já tinha preenchido, daí eu chamei a, a fiscal daí ela falo assim: "Você fez pra ingles ou pra

<p>espanhol?". Eu falei: "Espanhol", ela falou: "Então era pra você só colocar o espanhol e ter deixado o inglês"... Só que eles falaram no início da prova, mas... eu acho que eu tava tão ansiosa e nervosa que eu não captei... aí quando eu vi... que eu fiz mesmo merda daí eu caprichei na redação e... chutei lá matemática e pronto.</p>	
<p>- É... E., É QUE AGORA QUE VOCÊ COMENTOU UM POUQUINHO MAIS DO V. [FILHO QUE PERMANECEU VIVO] E DA L. [FILHA QUE PERMANECEU VIVA], NÉ... EU QUERIA VOLTAR NUMA PERGUN... NUMA QUESTÃO QUE VOCÊ FALOU LÁ ATRÁS, NÉ? DAQUELE PSICÓLOGO QUE FALOU... NÉ, TEVE AQUELA FALA DE...</p> <p>- Que se eu tinha mais dois filhos!</p> <p>- "QUE VOCÊ TEM MAIS DOIS FILHOS, E PORQUE VOCÊ NÃO VIVE POR ELES?" E ALGO NESSE SENTIDO, ASSIM... E EU QUERIA SABER COMO É QUE ISSO... SOOU ISSO PRA VOCÊ, COMO É QUE FOI O IMPACTO DESSA</p>	<p>Rachel relata que quando um psicólogo que lhe atendeu falou que ela deveria viver pelos seus filhos que permaneciam vivos, ela se sentiu ferida por esta fala dele. Rachel afirma que não havia ido ao psicólogo por causa dos filhos que estavam vivos, mas pela filha que havia falecido.</p>

<p>FALA EM VOCÊ?</p> <p>- Nossa foi horrível!</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Quando ele falou assim: "A senhora ainda tem filhos? Você tem mais filhos?". Aí eu falei: "Tenho um casal". "Então, a senhora, porque a senhora não vive por eles, e pelo seu marido?". Isso pra mim foi, mesmo que ele pe... te pego um punhal e ter enfiado no meu coração, porque eu não tava ali pelos dois filhos que tavam vivo, eu tava ali pela minha filha que tinha falecido.</p>	
<p>E a minha dor era tão grande, meu sofrimento era tão grande, eu queria minha filha de volta, de alguma maneira! E eu fui no psicólogo pra ele me ajudar, e naquele momento eu senti... que ele não podia me ajudar... falando aquele jeito.</p>	<p>Rachel relata que após perder a filha sentiu dor e sofrimento extremo, além do desejo de ter a filha de volta. Rachel afirma que foi ao psicólogo para ser ajudada, mas percebeu que pela maneira como o psicólogo falou com ela, que ele não poderia ajudá-la.</p>
<p>Porque nenhuma mãe, eu tenho certeza, que nenhuma mãe que vai no psicólogo, ela que ouvi essa frase, a... e ainda no início, isso aí você pode guardar isso pra você usar no futuro, porque nenhuma mãe quer ouvir isso,</p>	<p>Rachel afirma que nenhuma mãe que perdeu um filho quer ouvir do psicólogo que “deve viver por seus outros filhos”, sobretudo no início do luto por um filho por quem se é apaixonada. Ela aconselha o entrevistador</p>

<p>porque, ainda mais quando... ela é louca, apaixonada pela aquele filho.</p>	<p>(que é também psicólogo) a seguir sua recomendação de jamais falar isso a uma mãe enlutada.</p>
<p>Porque todas as mães que eu conversei, eu achei que era, que era egoísmo meu, mas todas as, as mães que perderam um filho, e que eu conversei, elas falaram pra mim, que amava os outros filhos... mas aquele que foi, por algum motivo eles eram mais... é... co-co-cómo que eu posso dizer, eram mais ligado, tinha um vínculo maior.</p>	<p>Rachel afirma que todas as mães com quem ela conversou e que perderam seus filhos, partilham da mesma opinião de que aquele que faleceu era o filho com quem tinham um vínculo maior.</p>
<p>Só quando a pessoa já tinha uma, que nem um-uma mãe, uma certa mãe que faz tempo que ela não aparece, eu vejo ela sempre desabafando no face, ela tinha uma única filha, e ela perdeu essa única filha de 14 anos. Ela veio, no início, mas... ag... é... ela, um, eu acho que a gente não conseguiu ajudar ela, ou ela não quis ser ajudada, ela, que nem diz a dona S. [participante do grupo ASDL]: "A gente depois que perde um filho, ou é vítima ou é"...</p> <p>- SOBREVIVENTE.</p>	<p>Rachel relata a história de uma mãe que participou do grupo, mas que não foi ou não quis ser ajudada. Rachel afirma que concorda com uma frase dita por uma participante do grupo ASDL de que quando se perde um filho, é possível se tornar vítima ou sobrevivente. Rachel afirma, por fim, que procurou sobreviver, ainda que não saiba se fez isso por seus filhos, por seu marido, ou por si mesma.</p>



<p>- Ou sobrevivente, né? E ela preferiu ser vítima, ela não quis sobreviver, eu... não sei se foi pelos meus filhos, ou foi pelo marido, ou foi por mim mesmo, eu tentei sobreviver.</p>	
<p>Mas, caiu como uma bomba quando o psicólogo perguntou, falou pra mim que eu teria de viver a partir dali daquele momento... é como que... ele dizê assim: "A sua filha morreu, não tem mais jeito, viva pelos dois que tão vivo", sim! Mas e-eu não queria ouvir aquilo!</p> <p>- UHUM, COMO SE ELE EXCLUÍSSE?</p> <p>- Ele excluiu a minha filha que morreu...</p> <p>- UHUM...</p> <p>- E ninguém tinha esse direito...</p>	<p>Rachel relata que foi impactante ouvir do psicólogo que sua filha havia morrido e que a partir daquele momento ela teria que viver pelos seus outros filhos. Rachel afirma que não queria ouvir.</p>
<p>e não foi diferente também com o psiquiatra.</p> <p>- TAMBÉM FOI ASSIM?</p> <p>- Também foi assim! E no... com o psicólogo foi na terceira vez que ele, que ele me falou, não foi no primeiro dia, que a gente conversou, foi na terceira consulta. E o psiquiatra foi na primeira consulta. Nossa senhora, também eu</p>	<p>Rachel relata que em sua primeira consulta com um psiquiatra (após a perda de sua filha), discutiu com ele, lhe xingou, saiu do consultório e nunca mais voltou. Ela afirma que o psiquiatra lhe falou a mesma coisa que o psicólogo (que ela deveria viver por seus outros filhos) que lhe atendeu em outra ocasião, com a diferença que o psicólogo</p>

<p>levantei dali, e nunca mais voltei, a secretária, xinguei ele na cara dele, ele era um homem desse tamanho... [faz gesto indicando que o homem era alto]</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Toda vez que eu passo ali no prédio que eu olho eu me lembro da, da, da discussão da ge... da minha, né? Porque eu falei um monte pra ele, levantei peguei minha parti a porta dele, e quando cheguei em casa a secretária dele me ligou, daí eu mandei ela ir pa, pro inferno, junto com o chefe dela, que ela num ligasse pra mim nunca mais assim, que riscasse meu telefone da agenda dela. E ele não era um psiquiatra, ele era um louco,</p>	<p>falou na terceira sessão e o psiquiatra no primeiro atendimento.</p>
<p>mas na verdade a louca era eu naquele momento, né? Porque que, outra vez a dona S. [participante do grupo ASDL]...</p> <p>- VOCÊ SE VIA COMO LOUCA? POR TER...</p> <p>- Eu me via como louca...</p> <p>- RESPONDIDO DESSA FORMA?</p>	<p>Rachel afirma que sente que enlouqueceu logo após a perda de sua filha. Ela relata que tinha a sensação de ter perdido sua identidade e acreditava que era ela quem tinha morrido. Rachel afirma também que teve a experiência de se sentir perdida, desorientada, andando pelas ruas sem direção e sem avisar ninguém onde estava.</p>

- Eu num sei e-eu, eu, eu lá, eu na verdade, eu tinha perdido a minha identidade eu, eu achava no início que quem tinha morrido era eu... que eu não queria saí desse mundo, eu num admitia que tinha sido a L. [filha que faleceu] que tinha morrido. Então, teve um dia, que eu saí de casa, e eu fui fazer acupuntura é... lá em São José, meu marido me deixou lá e disse assim pra mim: "A hora que terminar me ligue" e ele foi trabalhar, "que eu venho te buscar" e eu não liguei pra ele, desliguei meu celular. E eu juro pra você, se já viu aquelas cenas de filme de televisão que a pessoa fica em pé no meio da rua e a câmara gira em volta, que você vê assim, tudo girando? A impressão que dá é que o personagem tá vendo o mundo girando? Aquele dia, eu passei por isso, eu cheguei naquela igreja de São José, eu num sei se você sabe, no centro de São José tem uma igreja bem bonita. Eu, e... eu cheguei ali pra entra, pra rezar, porque eu precisava falar com Deus, e eu parei assim, ó, aquilo começou a girar, girar, girar, girar, girar e eu saí de mim, e eu saí sem destino, eu comecei

<p>a andar dentro de São José dos Pinhais sem sabe pra onde í. Eu não conhecia direito a cidade, eu só conhecia a, ali a... a Rua XV, ali eu acho que é XV que, do comércio, eu só conhecia aquela rua, não conhecia mais nada, anoiteceu e eu não sabia onde eu tava, e meu marido que nem louco, todo mundo ligando pra mim, minha mãe, minhas irmã, minha cunhada e ele, e ele foi pra casa num, num conseguiu diri, trabalhar, foram lá no, no consultório onde eu tinha feito a, mas ninguém sabia de mim, e nem eu sabia onde eu tava, porque eu tava tão perdida... eu achei que eu tava louca naquele momento. E quando foi por volta de sete horas [19:00h], eu peguei um ônibus e vim... e vim pra casa e daí começou aquilo a clarear na minha cabeça.</p>	
<p>Mas eu falei assim: "Eu vou me matar, eu vou morrer, porque... aí vai acaba esse sofrimento. Porque eu sei que eu não vou aguentar esse sof... eu sobrevive a morte da L. [filha que faleceu]". Você conhece a churrascaria Boi Dourado lá na Avenida das</p>	<p>Rachel afirma que sentiu o desejo de se matar para acabar com seu sofrimento. Ela relata que chegou a atravessar uma rua movimentada de olhas fechados para que um carro lhe atropelasse.</p>

<p>Torres?</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Eu moro ali perto, eu moro no, na-na, no, na avenida, na... ai, meu Deus... [inaudível - 01:27:11] eu to assim, tendo esses...</p> <p>- LINHA VERDE...?</p> <p>- Não, eu moro na... em Salgado Filho!</p> <p>- UHUM.</p> <p>- Daí como eu vim de São José, eu desci, ai ali tem um sinaleiro, eu não abri, eu não fechei o sinaleiro, eu desci do ônibus e passei, porque eu queria morre. Porque ali vem do aeroporto pro centro, e vem do centro sentido aeroporto, né? Eu... eu fech... eu atravessei e fechei os olhos, segurei assim a bolsa e fechei os olhos, eu fiquei esperando a pancada, do carro, em mim, atravessei...</p>	
<p>isso eu contei várias vezes no grupo, foi uma experiência, assim, muito louca. E você acredita que quando eu acabei de atravessar as duas pistas, que eu olhei pra trás os carros estava tudo parado? Os sinal tava tudo</p>	<p>Rachel relata que quando atravessou uma rua movimentada com o intuito de ser atropelada, se sentia fora de si, como se estivesse flutuando, fora de seu estado normal de consciência. Rachel afirma que</p>

<p>fechado... Ou não era minha hora ou um anjo parou tudo ali. Porque eu, até então, eu não tava 100% em mim, e-eu parecia que eu tava... flutuando, eu não tava pisando no chão. Foi uma experiência muito loca naquele dia, porque, eu... eu fiquei perdida em São José e eu não fiquei com a minha... consciência normal e eu não queria voltar pra casa, não queria encontrar com ninguém, eu queria morrer, atravessei as duas pistas pro carro me atropelar... num pensei em nada naquele momento, não pensei em filho, em marido, e em ninguém, pra mim não tinha mundo lá fora, eu só queria morrer, pra me encontrar com a L. [filha que faleceu], esse era o meu objetivo. E quando eu atravessei eu olhei assim... tava tudo parado os tantos carros sentido São José, como que tavam de São José pra Curitiba.</p>	<p>sentia vontade de morrer para reencontrar L. [filha que faleceu] e que, naquele momento, não pensava em seu marido e seus outros filhos, era como se não houvesse um mundo “lá fora”.</p>
<p>Gente, eu nunca esqueci, é, são duas coisas que me marcaram tanto, é essa e o sonho que eu tive com a mãe da Bocão no dia 26 de janeiro de 2008. E se você me perguntar o que eu comi ontem, eu não lembro. Muitas</p>	<p>Rachel relata que apesar de ter se tornado mais esquecida após a perda de sua filha, não se esquece do sonho que teve com a mãe da melhor amiga dela e do dia em que atravessou a rua com o objetivo de ser</p>

<p>coisas eu me esqueci, com o sofrimento com a... porque a minha memória ficou muito... fechei muito nela, foquei muito nela, então fui esquecendo de muitas coisas... hoje eu to, to conversando daqui a pouco eu, eu não sei mais do que eu tava falando... e muitas coisas assim que aconteceram semana passada, no começo dessa semana, eu nem lembro mais assim...</p> <p>- MAS ESSAS FORAM EXPERIÊNCIAS BEM MARCANTES?</p> <p>- Bem marcante.</p>	<p>atropelada. Ela afirma que estas foram experiências marcantes</p>
<p>- E E., VOCÊ COMENTOU EM UM MOMENTO QUE... QUANDO TAVA SE CONSULTANDO COM O PSQUIATRA, ASSIM, SENTIA COMO SE TIVESSE PERDIDO A PRÓPRIA IDENTIDADE. NÉ? E EU QUERIA ENTENDER, ASSIM, UM POUCO, COMO QUE É ISSO DE PERDER A IDENTIDADE E COMO QUE VOCÊ PERCEBE A TUA IDENTIDADE HOJE, ASSIM?</p> <p>- Então... naquele momento, de... de luto</p>	<p>Rachel relata que durante o período em que esteve de luto fechado, sentindo dor extrema, não percebia sentido em sua vida. Ela afirma que passava o dia chorando e que acreditava que era ela quem tinha morrido. Rachel relata ainda que dormia e acordava assustada e que procurava L. [filha em faleceu] no quarto dela, ficando desesperada ao não encontrá-la.</p>

<p>fechado, de muita dor, eu... eu tava vivendo num mundo... por viver, mas eu não tinha noção de nada. E, eu levantava, eu fazia o café chorando, eu fazia o almoço chorando, e meu marido ia lá me tirar da cozinha, mas eu queria me fazer alguma coisa... eu me beliscava! E, e, daí eu chegava e dizia: "Mas, eu acho que... fui eu que morri, e eu não to querendo sair do meio dos vivo, mas eu não encontro ela". Então, eu fiquei muito perturbada, eu fiquei mais de... uns 13 meses, assim, achando que eu tinha morrido. Eu dormia, eu me acordava assim, assustada, olhava pro canto, pra ver se eu vi... eu ia lá pro quarto dela, daí ela não tava, daí eu entrava em desespero e...</p>	
<p>e daí eu brigava com todo mundo na rua, se alguém me... me olhasse feio eu brigava, me lembro que eu fui, chegou uma fatura errada do hiper... e eu fui lá no, no Wallmart da Avenida das Torres, mas eu meti a boca na mulher! E que eu queria que alguém me batesse... que eu queria... a chegar ao ponto de agredi alguém, que alguém me matasse,</p>	<p>Rachel relata que procurava criar conflitos ou imaginava situações de risco em que poderia se envolver para que alguém lhe agredisse ou tirasse sua vida. Ela afirma que isso não ocorria antes da perda de sua filha e que não considera que essas sejam atitudes de uma pessoa normal.</p>



sei lá. Eu fiquei tão perdida, não era eu, porque eu sempre fui uma pessoa muito, muito pé no chão, muito coerente, eu sabia bem o que tava fazendo, mesmo sem ter estudo, sem ter nenhuma... é... nenhuma profissão, mas assim, eu... sempre respeitei todo mundo, sempre... tentei entrar em algum lugar e sair bem, nunca fa... dar vexame, nunca faze, chamar atenção de ninguém, sempre... muito com muito respeito, merecer o respeito de todo mundo. Chegou um dia, que eu... sabe o que passou pela minha cabeça? Eu nunca vi droga na minha vida! Eu, eu não sei o que é maconha, eu não sei o que é crack, a não ser quando aparece na televisão, mas eu nunca vi assim... olh, eu olhando. Sabe o que passou na minha cabeça? Eu vou lá na Vila Pinto, eu vo lá, eu vou no banco, vou tirar o que eu tiver de dinheiro, vo botar na bolsa, eu chego lá, ponho aquele dinheiro na mão e vou ficar assim: "Eu quero comprar drogas!". Vou gritar, então os bandido vai vim, me roba, eu vou lutar contra eles, daí eles vão me dá um tiro. Olha o que passava na minha cabeça... você vê que isso

<p>não, não é coisa de uma pessoa normal.</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Né?</p>	
<p>Teve outra vez que eu tentei me matar com... a corda do roupão, isso tá, isso tá no livro. Não tá o meu nome, mas... eu sei que é a minha fala.</p> <p>- É...</p> <p>- Porque eu tava passando roupa à noite, eu apagava todas as luzes da casa, minha casa, é um trípex... eu ficava no escuro, pra ver se de alguma forma eu via a alma dela. E eu chorando, chorando, chorando, chorando, que eu chorei, sem parar, dois anos e oito meses sem parar, eu chorava todos os dias, e meu marido tava dormindo, porque ele ia trabalhar meia noite [00:00h] e eu passando roupa, eu vi a corda do roupão, eu fui lá, peguei a corda, amarrei no meu pescoço, amarrei no varal, eu subi num banco, quando eu empurrei o banco, o varal veio comigo e tudo caímo no chão, eu junto com o varal, não deu certo.</p>	<p>Rachel afirma que chorou sem parar por dois anos e oito meses. Rachel relata também que chegou a tentar se matar enforcando-se em um varal, com a corda de seu roupão.</p>

<p>E pra mim lá fora não tinha outro mundo, meu mundinho era aquele! Então pra você, é... daí da pra você entender que eu num, não tava no meu normal, que eu tava tão perdida que eu não sabia mais quem era eu.</p>	<p>Rachel relata que após a morte de sua filha, se sentiu perdida, sem saber quem ela era. Ela afirma que não estava em seu estado normal e que não conseguia ver um mundo para além daquilo que estava vivendo.</p>
<p>Eu passei seis meses, sem querer nada com o meu marido! E eu dizia pra ele: "Procure outra porque eu não sou mais a mulher que você já teve um dia, e eu nunca mais eu vo...", eu achava que se eu... fosse me deita com o meu marido, namora com ele, eu tava... é... agredindo a memória dela. Como que pode eu ter enterrado a minha filha e eu aqui, no bem bom, namorando, fazendo amor? Entendeu?</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Então tudo isso passava pela minha cabeça. Eu não admitia sorrir porque eu tava... agredindo a memória dela. Eu não admitia comprar uma roupa nova...</p>	<p>Rachel relata que após a perda de sua filha, não se permitia sorrir, comprar roupas ou ter relações sexuais com seu marido, pois considerava que estas seriam agressões à memória dela. Raquel afirma que não admitia fazer algo para se sentir bem, sendo que sua filha estava morta.</p>
<p>eu comecei... a ganhar peso, eu não sei se você lembra?</p> <p>- UHUM...</p>	<p>Rachel relata que engordou cerca de 30 quilos após a perda de sua filha.</p>

<p>- Comecei a engordar, engordar, engorda, eu fui pra 110 quilos... quando ela morreu, eu tinha o peso que eu tenho hoje: 80 quilos. E em dois anos eu tava com 110, é...</p>	
<p>com a medicação... é... eu ia, meu marido me levava no Vita [hospital], o médico passava, aqueles remédio que eu ficava, né... grogue, dois, três dias, daí eu parava de tomar e voltava a ver, que, que ela não tinha voltado, começava tudo de novo... e quando tava medicada, eu tava lá que nem um zumbi. A hora que passava o efeito... voltava a realidade [respira fundo]</p>	<p>Rachel relata que após perder a filha, passou a fazer um tratamento psiquiátrico. Ela afirma que quando estava tomando medicamentos, se sentia como um zumbi e, quando o efeito do remédio passava, sentia que voltava para a realidade. Rachel afirma que quando parava de tomar remédio e percebia que sua filha continuava morta, voltava a se sentir como antes.</p>
<p>Então... a gente precisa de muita ajuda, realmente, quando perde um filho, a gente precisa de muita ajuda. Precisa da ajuda da família, do marido, do psicólogo...</p>	<p>Rachel relata que uma mãe que perde um filho precisa de ajuda da família, do marido e do psicólogo.</p>
<p>que seja, é... que tenha bom, bons, boas conversa, que deixe a gente desabafar, e que não... inte, interrompa, que não fique botando os filhos que tá vivo no meio, porque pra gente é como se ele tivesse... tirando... aquela pessoa... que pra mim naquele momento ela, ela, ela não era uma pessoa fora da minha</p>	<p>Rachel afirma que uma mãe enlutada, como ela, precisa da ajuda de alguém que saiba conversar, que permita que ela desabafe, sem interromper e sem mudar o foco para os filhos que estão vivos. Rachel relata que algumas falas nesse sentido, logo após a perda de um filho, podem dar a impressão de</p>

<p>família! Na realidade, ela continua sendo minha filha, como hoje ela continua sendo minha filha, só que hoje eu já tenho consciência que ela não tá mais nesse mundo, e naquele momento eu não tinha essa consciência.</p>	<p>que se pretende “excluir aquele filho que faleceu da família”. Rachel afirma ainda que sua filha continua sendo sua filha, mas que no momento que sucedeu sua morte, não tinha consciência de que ela não estava mais nesse mundo.</p>
<p>Um dia a dona Z. [coordenadora do grupo ASDL] me levou pra dar uma palestra com, junto com ela, numa igreja onde tava sendo preparado uma, um pessoal do-do acolhimento. E elas queriam saber, como lidar, também... com mães que perderam filho, na droga, tudo que tinham lá, e daí eu falei pra elas, e isso elas, assim, ficaram muito surpresa e... depois que terminaram elas foram me agradecer, uma coisa que eu falei pra elas, mas que eu também não esqueço e que fo, foi pra muito importante pra elas e pra, eu falei assim pra elas: "Uma coisa que uma mãe, que cabou de perder um filho, ela nunca vai querer ouvir de vocês: ‘vocês ainda tem mais dois em casa, ou mais três...’, porque ela pode ter deiz! Nenhum vai substituir o outro. Então você nunca fale isso</p>	<p>Rachel afirma que quando alguém fala para uma mãe que acaba de perder seu filho que ela deve viver por seus outros filhos, isso é sentido pela mãe como se essa pessoa estivesse desconsiderando aquele filho que faleceu. Rachel afirma que foi assim que ela se sentiu com aquilo que o psicólogo e o psiquiatra com quem se consultou lhe falaram. Ela relata também que deu esta orientação em uma palestra a um grupo de pessoas de uma igreja que se preparava para acolher pessoas enlutadas.</p>

<p>pra essa mãe enlutada. Dê força, mostre pra ela que ela tem, realmente, uma família, mas não diga assim: 'viva pra esses filho que você tem em casa', porque ela vai viver e, de uma forma ou de outra, ela vai viver pra eles, mas ela não quer ouvir aquilo, porque ela tá... ela acha que naquele momento, você tá desconsiderando aquela pessoa que faleceu".</p> <p>- É, UM... UMA DESCONSIDERAÇÃO...</p> <p>- É, uma desconsidera... pra mim, pra mim foi uma desconsideração muito grande da parte do psicólogo, tanto do psiquiatra.</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Graças a Deus nem lembro o nome deles.</p>	
<p>- UHUM... E HOJE E., COMO QUE É A TUA IDENTIDADE, HOJE, ASSIM, DEPOIS DE TUDO ISSO?</p> <p>- É, hoje é, eu acho que eu voltei um pouco a ser eu. Né, eu hoje eu... já vai fazer sete anos agora em dezembro, né? Hoje como eu falei, eu consigo sorrir, já consigo até contar uma piada, é... consigo é, não... como antes, mas vai minha irmão, meu cunhado, a gente já</p>	<p>Rachel afirma que voltou, em partes, a ser quem era antes da perda de sua filha. Ela relata que voltou a sorrir e a contar piadas, ainda que não como anteriormente. Ela afirma que as festividades ficaram proibidas em sua casa por alguns anos depois da morte de L. [filha que faleceu] e que nos primeiros três anos de luto sua rotina se restringia à sua casa, a igreja, o cemitério e o mercado.</p>

<p>consegue, é... assar uma carne, porque é, antes, até ligar a churrasqueira pra mim, na minha casa ficou proibido isso, é, durante três anos a churrasqueira não foi acesa, porque era motivo de festa, e isso eu não admitia. A minha vida durante os primeiros três anos, foi: minha casa, a igreja, o cemitério, e o mercado, era assim, casa, igreja, cemitério, mercado, e casa. Não queria saber de nada: de festa, de aniversário, de reunião...</p>	
<p>meu único compromisso era com as amigas enlutadas aqui do grupo do luto. Se elas me convidavam pra í tomar um café, nossa eu ia, porque eu sabia que a dor dela era a minha dor, que o sofrimento dela era igual o meu. Mas... se alguma amigas, do-do, antes da morte da L. [filha que faleceu], me convidassem, pra um chá de bebê, pra um aniversário de um filho, pro aniversário dela mesmo, eu me recusava, eu não ia, porque... pra mim era festa, e eu não tava num momento de festa. Porque em todos esses eventos, a L. [filha que faleceu] tava junto... e ela era a fotógrafa, ela, tava ali comigo, e a</p>	<p>Rachel relata que o único compromisso que tinha logo após a morte de L. [filha que faleceu] era com as amigas do grupo ASDL, porque elas compartilhavam da mesma dor e do mesmo sofrimento que estava sentindo. Rachel afirma que não aceitava convites para ir à aniversários de suas outras amigas ou dos filhos dessas amigas, pois não queria participar de festas naquele momento. Ela relata também que essas festas faziam com que ela se lembrasse de L. [filha que faleceu], que lhe acompanhava nessas ocasiões. Rachel afirma, por fim, que não queria desanimar as pessoas nessas ocasiões</p>

<p>partir daquele momento eu não tinha ela pra í. Então, pra não ir com aquela cara de tristeza, pra não desanimar os outros, eu preferia ficar na minha casa. E eu não era obrigada í, pra fazer cara de... e, caras e bocas pra agradar os outros.</p>	<p>com sua “cara de tristeza”, nem precisar fingir não estar triste para agradar os outros.</p>
<p>Porque, é... a gente depois que passa por essa situação, a gente fica mais seletiva. Aquilo que eu agradava muito a, a, outra, algumas pessoas, pra ser boa, hoje eu não faço mais: hoje sou mais eu. Se tá bom, tá bom, mas se também não tiver eu falo na cara. Eu não tenho mais porque tá... levando desaforo pra casa, pra não desagradar as pessoas. Se me tratar bem eu vou tratar bem, mas se me tratar mal vai ter a mesma moeda, eu vou tra, eu vou responder à altura...</p>	<p>Rachel relata que após a perda de sua filha, passou a se preocupar menos em agradar as pessoas, tratando-as da mesma maneira como lhe tratam.</p>
<p>e, e, eu deixei m-muitas amigas de lado, é que, não per, passaram pelo que eu passei, algumas vezes a gente se, se encontra no face, dá um oi, pergunta como eu to... "To bem, na medida do possível eu to bem", mas... já num... a gente já não se encontra, já não vou na casa delas, elas já não vem na minha,</p>	<p>Rachel relata que se afastou de algumas amigas que, diferente dela, não perderam um filho.</p>



<p>entendeu?</p> <p>- UHUM...</p>	
<p>- Então, teve uma E. antes da perda da L. [filha que faleceu], e hoje, eu sou outra, só que... graças a Deus que eu tenho uma bondade no meu coração. Eu nu... nunca, não gosto de fazer mal pra ninguém. Eu sou, eu sou muito consciente das coisas, e o que eu puder fazer assim... pra ajudar alguém, eu ajudo. Eu só não quero que as pessoas me façam de boba, isso eu não admito mais não. Mas... se precisar da minha ajuda, seja lá quem for, eu vou tá ali pra ajudar.</p>	<p>Rachel relata que se sente uma pessoa diferente de quem ela era antes da morte de L. [filha que faleceu]. Rachel afirma ser uma pessoa boa, disposta a ajudar os outros, mas que não admite ser feita de boba.</p>
<p>- E E., VOCÊ SENTE... UM DESEJO DE VOLTAR A SER QUEM ERA, OU SENTE QUE É POSSÍVEL VOLTAR A SER QUEM SE ERA ANTES?</p> <p>- Não, eu não tenho mais esse desejo, porque eu sei que eu não vou ter mais a L. [filha que faleceu], então, como eu não vou ter mais a L. [filha que faleceu] comigo, eu vou, vou, vou ser sempre... Pode até ser que, com o passar dos anos, né... porque eu achava que</p>	<p>Rachel afirma que não tem mais o desejo de voltar a ser como era antes da perda de sua filha e afirma também que isso não seria possível, pois ela não terá L. [filha que faleceu] de volta. Rachel relata que foi mudada pela dor e que se acostumou a viver do modo que vive hoje. Ela afirma que se sente mais retraída, que fica mais em casa e que sente menos vontade do que antes de ir na casa dos outros e realizar festas.</p>

eu nunca mais ia sorrir, e voltei a sorrir, maaaaas... com o passar dos anos quem sabe eu não... eu num volte àquela essência que eu tinha antes, né? Mas... eu... num sei também, que a gente vai ficando mais velha, vai ficando mais madura, vai ficando... Hoje eu falo assim: "Nossa, se eu, se eu tivesse o pensamento que eu tinha, que eu tenho hoje, eu não teria feito isso lá atrás", né?

- UHUM...

- Então tudo isso... pesa, né? É, é, é a idade, é... a maturidade, né, eu já não sou mais uma criança, uma adolescente, já tenho 51 anos, né? Então... té, até pela idade a gente muda.

- UHUM, ENTÃO VÊ QUE ESSA MUDANÇA... É "NATURAL"... É... NATURAL, NÃO SEI, É...

- Não, é, é... ela veio através da dor, da minha dor. Não sei se todo mundo é assim. Essa mudança veio através da minha dor. E... eu fui me acostumando, a viver assim. Então hoje eu sou mais retraída, eu vivo mais dentro da minha casa, eu já não tenho vontade de ir

<p>na casa de ninguém como eu gostava de ir antes, de, de... ir na casa de um amigo, de tomar um café e de conversar, de fazer churrasco no fim de semana na minha casa, de chamar familiares e amigos, todas as festas de natal era na minha casa, hoje não tem mais, desde o dia...</p>	
<p>O último natal que a gente teve foi o natal de 2008. A partir da perda da L. [filha que faleceu] eu, nem árvore de natal eu monto mais, e esse foi uma promessa que eu fiz, pra L. [filha que faleceu]... no dia que eu desmontei a árvore, em janeiro daquele, daquele ano que eu sepultei a minha filha, de 2009, eu falei: "Você... foi a última árvore que foi montada dentro da casa que eeeeu comando". Se um dia, que Deus o livre, o meu filho me botar num asilo, numa casa de repouso, e lá tiver, eu vou ter que ir, porque foi lá, mas, montada por mim, nunca mais vai tê. E pode ser que mude, isso lá no futuro, se eu tiver uma neta muito parecida com ela... eu vou montar pra essa neta. Também eu falei isso nesse dia, eu falei: "E também eu, na</p>	<p>Rachel relata que após a morte de sua filha, prometeu que jamais montaria árvore de natal novamente, a menos que ganhasse uma neta parecida com sua filha morta. Ela afirma que costumava montar a árvore de natal com L. [filha que faleceu] e era ela quem colocava a estrela final em cima da árvore. Rachel relata que nunca mais fez almoço ou ceia de natal em sua casa, nem celebrou o ano novo, pois este foi o período em que a filha faleceu. Ela afirma que nessas ocasiões prefere ficar em casa, apenas com o marido. Ela relata também que na passagem do ano ela e o marido possuem o costume de ir à missa, colocar uma camiseta com a foto da filha e aguardar a meia-noite para então se abraçar, rezar pela alma dela, chorar e</p>

<p>mesma hora que eu to falando isso”, aí me deu esse estalo dentro de mim e eu falei isso: "Pode ser que eu mude essa opinião, filha, se um dia ou a L. [filha que permaneceu viva] ou o V. [filho que permaneceu vivo] me der uma netinha que seja a sua cara, com esses cabelinho lindo, a mãe pode até...". É... porque eu num tava sempre com ela, desde que ela nasceu, que a gente assim, dali um ano que eu não tava junto com ela, e ela era, ela que colocava aquela estrela final... lá no, então, quando eu desmontei, eu fiz essa promessa, e até hoje, já vai fazer sete anos, que eu nunca mais eu fiz um almoço de natal na minha casa, nem a ceia, nem a... principalmente ano novo. Porque... é o mês que... né, que completa, faz aniversário de morte. Eu prefiro ficar sozinha na minha casa, com meu marido, e a gente veste uma camiseta, coloca uma foto dela, a gen... antes a gente vai na missa, e depois a gente vem pra casa, e veste a camiseta e a foto dela, e quando dá meia noite [00:00h] a gente se abraça, a gente faz uma oração... em intenção da alma dela, e depois a gente choora e vai</p>	<p>dormir.</p>
---	----------------

<p>dormir.</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Eu prefiro até que a L. [filha que permaneceu viva] e o V. [filho que permaneceu vivo] viagem... porque eles são jovem, né, do que ficar naquele ambiente... sofrido ali, né?</p>	
<p>- UHUM... MAS ENTÃO APRENDEU UM... NOVO, UM NOVO MODO DE SER, CONVIVENDO COM ESSA DOR QUE...</p> <p>- É.</p> <p>- NÃO... NÃO ACABA.</p> <p>- Vivo hoje, como, durmo, é... vou no salão, faço uma unha, faço um cabelo, mais em momento nenhum eu esqueço a minha filha...</p> <p>- UHUM.</p> <p>- É... hoje choro com menos frequência... né... mas... tem dia que, é difícil. Tem dia que a saudade vem, domingo mesmo veio assim, que eu falei: "Eeeee filha, hoje eu tenho uma prova... seria bom que a mãe passasse, mas também se não passar, num... dá nada. Mas...</p>	<p>Rachel relata que por mais que tenha retomado sua vida diária, jamais se esquece da filha que faleceu. Ela afirma que hoje chora com menos frequência do que antes, mas que alguns dias a saudade se intensifica, em suas palavras: “vem ardida”.</p>

<p>hoje a saudade tá ardida mesmo".</p>	
<p>E... em alguns momento eu vi meu marido chorando e... foi bem triste.</p>	<p>Rachel relata que em alguns momentos viu seu marido chorando e que isso foi triste para ela.</p>
<p>Ai, eu queria ir no banheiro, aqui não tem banheiro? [Ri]</p> <p>- TEM SIM! VOCÊ QUER IR NO BANHEIRO... [RI]</p> <p>- Eu quero!</p> <p>- EU TE MOSTRO, AQUI...</p> <p>- Onde que é?...</p> <p>- É AQUELA PORTA ALI...</p> <p>[Entrevistada se dirige ao banheiro]</p> <p>[Falas ao fundo - 1:48:53]</p> <p>[Volta do banheiro conversando com o entrevistador]</p>	<p>Rachel solicita para ir ao banheiro.</p>
<p>- Só que assim, eu não sou assim de, de falar tanto, com meu marido... eu não tenho, às vezes eu até tenho vontade de conversar com ele, mas ele é muito calado...</p>	<p>Rachel relata que gostaria de conversar mais com seu marido, mas percebe que ele é muito calado e não lhe dá abertura, principalmente quando está bravo. Ela afirma que este é o motivo para que ela fale tanto com outras</p>

<p>- AHAM...</p> <p>- Então, eu não tenho tanta... é por isso que eu acho que eu falo tanto com as outras pessoas, porque eu queria conversar com ele dentro de casa...</p> <p>- UHUM...</p> <p>- E ele não... num dá... essa abertura.</p> <p>- UHUM...</p> <p>- E daí, eu começo a conversar, daí ele, já... principalmente, quando ele... tá brabo. Daí, eu... ele tem uma cabeça, meu Deus, ele consegue fazer... me deixar... errada ainda. Mas faz a tua pergunta que eu não quero mais tomar teu tempo.</p>	<p>pessoas.</p>
<p>- NÃO, EU QUERIA TE PERGUNTAR ASSIM, E., COMO É QUE FOI... QUANDO VOCÊ QUIS COMEÇAR A FAZER TERAPIA AQUI NA FEDERAL, SE... O QUE QUE TE MOTIVOU, O QUE QUE VOCÊ QUERIA?</p> <p>- Então, na verdade [tosse], deis do início que eu come... que vocês começaram a frequentar</p>	<p>Rachel relata que quando os estudantes de psicologia começaram a acompanhar as reuniões do ASDL sentia raiva deles, pois acreditava que eles estavam utilizando a dor das mães para se prepararem profissionalmente. Rachel afirma que quando os estudantes ofereciam atendimento psicoterápico no grupo, ela recusava devido a experiência ruim que havia tido com outro</p>

<p>aqui, e se ofereciam, tudo, eu vou te falar uma coisa agora que eu nunca falei pra ninguém, eu tinha raiva de vocês. Eu achava que vocês tavam ali... se preparando com a... a dor das mães. No fundo, no fundo, assim, eu tinha uma... não era um ódio, mas eu tinha uma, uma raiva, né? Por que que acontece isso? E eu nã, num, não, assim, batia o pé e não vinha, a... sempre você ou uma outra se oferecia, daí eu dizia comigo mesmo: "Eu não vou". Até pela experiência que eu tinha tido, no início, com o... já profissional, já, atuando, né? E eu achava que... era bobagem, que não ia dar nada, que... ia só ficar ouvindo é, a minha, mas que pra mim não ia trazer benefício nenhum.</p>	<p>psicólogo e por acreditar que a terapia não lhe traria nenhum benefício.</p>
<p>E foi passando e foi passando, tanto é que eu só fui depois de seis anos. Maaas, eu senti um, um, de repente, uma necessidade de conversar, com alguém, profissional, é que não fosse, uma amiga aqui, ou... a, outra mãe ali, e eu vim conversar com a G. [psicóloga], e assim, e, eu gostei muito... porque eu falei de coisas minhas que, que eu nem me</p>	<p>Rachel relata que seis anos após a morte de sua filha, sentiu a necessidade de conversar com um profissional, alguém que não fosse sua amiga ou familiar. Ela afirma que gostou da experiência, porque falou de coisas suas e pode desabafar sobre questões do seu passado. Rachel relata que chorou e se emocionou diversas vezes durante a terapia e</p>



<p>lembrava mais e foi vindo a tona. De... desde que eu me entendo por gente, lá dos meus sete ano, coisas que eu me lembrei, porque eu me lembro até hoje dos meus sete anos, tava tão guardadinho lá dentro... e eu pude botar pra fora, chorei muito, é... me emocionei, várias vezes, chegava em casa mal pa caramba, e meu marido falava que não era pra eu voltar mais, porque ele tava mexendo muito comigo, mas foi bom. Depois de uns dois dias assim, eu sentia que... tinha saído, tinha, aquele alivio, saiu um prédio de cima de mim, parecia que eu tava debaixo de um prédio de vinte andar, sabe?</p>	<p>que depois de alguns dias das sessões se sentia aliviada, como se tivesse tirado um peso de cima de dela mesma.</p>
<p>E... que pena que, por minha culpa, eu não vim mais, pra chega, pra finaliza na L. [filha que faleceu], porque essa era a intenção. De eu falar, desde de que eu me entendo por gente... é, do meu nascimento, e como eu vim parar em Curitiba, e eu acho que, nós chegamos até ai, como que eu vim morar aqui em Curitiba.</p> <p>- TUA IDÉIA ERA RELATAR TUDO ISSO, PRA DAÍ MOSTRAR COMO QUE TAVA</p>	<p>Rachel relata que interrompeu o processo psicoterápico por conta própria. Ela afirma que sua intenção era contar para a psicóloga sua história, desde sua infância até a morte de L. [filha que faleceu] e o seu momento atual. Rachel relata que quando interrompeu a terapia estava contando para a psicóloga sobre o momento em que veio para Curitiba.</p>

<p>SENDO...</p> <p>- Até... a... o dia da viagem, que eu fui com a L. [filha que faleceu], e... a morte dela em seguida, né? E como eu tava vivendo... Mas aí, eu parei de vim por conta, por minha culpa mesmo...</p> <p>- POR QUESTÃO DOS HORÁRIOS...</p> <p>- É, e não por causa dela, tadinha, que ela é um amor, maaas...</p>	
<p>o, o pouco que eu falei, que eu falei de mim, foi bom. Apesar que assim, porque não é fácil você falar de você, e lembrar tudo aquilo que você viveu lá atrás, ainda mais no, num, numa época que a gen se, que a gente tá tão sensível pela perda do filho, que a gente se emociona com qualquer coisa, né? E... daí eu chorava, chorava muito, assim, depois eu me controlava e a gente continuava.</p>	<p>Rachel relata que a experiência de falar de si durante a psicoterapia foi boa. Ela afirma que não foi fácil falar de si mesma, sobretudo em uma época em que estava sensível pela perda da filha, e que chorava com frequência durante as sessões.</p>
<p>Mas... foi bom. E ano que vem eu, ou com ela ou com qualquer um outro, eu vou voltar.</p> <p>- UHUM, E FOI BOM COMO? ASSIM, O QUE QUE... TORNOU BOA ESSA</p>	<p>Rachel manifestou o desejo de voltar a fazer psicoterapia com sua antiga psicóloga ou outro profissional. Ela relata que sua experiência de psicoterapia foi boa, porque pode falar sobre questões pessoais com a</p>

EXPERIÊNCIA?

- Porque, eu me livrei dessas coisas que tava lá dentro de mim, eu pude bota pra fora... como aquilo que eu te falei, com a certeza, de que aquilo não ia se espalhado...

- UHUM, A QUESTÃO DE PODER BOTAR PRA FORA AQUILO, COM A SEGURANÇA DE...

- Com segurança!

- NÉ, DE TER O SIGILO...

- Então, é, isso é bom, porque é, é diferente de você contar pra uma amiga, e no outro dia aquela amiga vai lá e: "Olha, o marido da E. fazia isso e isso com ela, judio, traiu, bateu, ela não teve uma infância boa, ela foi muito pobre, ela trabalhou no canavial e...", sabe?

- UHUM...

- É diferente de você falar pra uma amiga e ficar com aquele: "Eu não deveria ter falado... acho que ela vai contar pra alguém, ou não vai nem mais querer ser minha amiga, por isso e por aquilo", né?

psicóloga, tendo a segurança de que outras pessoas não teriam acesso ao que falou para ela.

<p>- UHUM...</p> <p>- E eu falando com um profissional... é igual você tá falando pra um padre, eu acho, né? Ele num vai... por mais que vocês, sua experiência, você vá escrever num livro, no, mas você não vai botar o meu nome. Então, só quem sabe disso é eu e você, se um dia eu vou chegar, e vou ler, eu vou saber que é minha fala, mais ninguém mais vai saber, né? Como no livro do luto, né? Quando eu li lá, que eu vi... né, que eu, a mãe que tentou se matar com a corda do ropão, poxa aquilo ali, na hora eu tinha certeza que tinha sido eu, mas não tava meu nome, né, então...</p>	
<p>- SIM... TERIA MAIS ALGUMA COISA ASSIM, E., QUE VOCÊ QUEIRA FALAR SOBRE...</p> <p>- Olha...</p> <p>- ESSA VIVÊNCIA DA TERAPIA DURANTE O TEU LUTO?</p> <p>- Então, o que eu, que... tem sim, porque... o lu... a terapia tanto com os psicólogos, como lá no encontro da... dos Amigos na...</p>	<p>Rachel relata que tanto na psicoterapia, quanto no grupo ASDL, se sente escutada e respeitada, enquanto que sua família, com o passar dos meses, não quer mais ouvir falar sobre a perda. Rachel afirma que na psicoterapia e no grupo ASDL é escutada com carinho e pode chorar, não importa há quanto tempo perdeu sua filha, havendo a compreensão de que se ela está chorando é porque está em um dia mais sensível.</p>

<p>Solidário na Dor do Luto, é muito bom, porque... muitas famílias logo nos primeiro... mês... as, as famílias tão ali do lado, escuta e tudo, mas passa ali dois, três meses, ninguém mais quer ouvir falar... fica chato, fica aquela coisa assim repetitiva, sabe? É... "Ai, de novo esse assunto, ai, mas não passa, mas não para", e aqui não, aqui... é, todo mundo respeita, todo mundo te escuta, é... né? Com... todo o carinho, não importa o tempo que passe, se você chorou naquele dia, é porque, todo mundo vê que naquele dia você chorou porque você realmente tá sensível. Se é lá fora, já ficam dizendo: "Ah, tá querendo aparecer, tá fazendo charminho, porque já faz tantos anos...", né?</p>	
<p>Eu, por exemplo, tem uma amiga assim que... eu, hoje eu sou comadre dela, ela me convidou pra ser madrinha da menina dela, eu acho que ela me convidou até pra, amenizar um pouco a minha dor, porque... ela, quando ela me conheceu, eu tinha meus três filho, e ela ficou grávida de um menino e eu cuidei desse menino dela por quatro anos. E eu me</p>	<p>Rachel descreve sua relação com uma amiga que se tornou sua comadre. Rachel afirma que essa amiga lhe convidou para ser madrinha de sua filha e acredita que ela fez isso para amenizar sua dor pela perda de L. [filha que faleceu].</p>

apeguei muito a ele e eu sou apaixonada por ele até hoje, hoje ele tá com onze, e é o meu menino, até eu digo pra ele assim: "L. [afilhado], quando você casar a tia vai tar lá no altar, tá? Com você... Mesmo que eu seja velhinha". Ele fala: "Ai tia... tá bom". Aí depois... ela... eu saí de lá do condomínio no final de 2007, eu fui morar ali no Uberaba em dois mil... no final de 2007, e parei de cuidar do menino, e ela parou de trabalhar porque ela não confiava em mais ninguém de deixar com o menino, e... agora ela engravidou, teve uma menina, a menina vai fazer três anos agora em novembro... e depois, no meu aniversário de 50 anos, ano passado, ela me... o presente dela foi, me convidar pra ser a madrinha da... inclusive é G. [afilhada] o nome da menina... e eu não queria mais me apegar, a ninguém sabe, porque eu me apeguei muito ao filho dela e, e depois, a gente... é que a gente tem muito altos e baixo, uma hora a gente é revoltada, outra hora a gente fica bem, outra hora a gente... tipo assim, eu pensava assim: "Ah, a gente se apega aos filhos dos outros, depois o

filho dos outros não que mais saber de você, daí cresce, vai tê lá as namorada, mas não tem que sabe, eu nem vou mais quere me apegar a filha de ninguém". Mas... com... todos os dias, todos ela foi lá, e me convidou pra ser a madrinha da G. [afilhada]. E eu, como que eu ia recusar, um convite desse, né? Sendo que ela é de São Paulo, ela não tem ninguém aqui, ela sempre fala que eu e o W. [marido] é como se fosse os pais dela, ela considera muito a gente, ela gosta muito de mim... e eu aceitei. No começo, eu ia na casa dela mas eu só ficava com o menino, eu não queria nem papo com a menina. Mas aquilo começou a me incomodar, eu falei: "Nossa, num tá certo isso, né, ela é minha afilhada, eu tenho que demonstrar carinho por essa menina também", apa, agora eu já... já me, to mais, como que eu posso dizer, afinidade maior com a menina, mais meu xodózinho ainda é o menino né, apesar de eu gostar muito de menina. Mas, eu... nem queria que ela me convidasse assim, eu queria que ela tivesse me convidado pra ser madrinha do menino, na época, e agora... depois de, ai eu

<p>fico pensando: "Ah, ela estava me convidando pra me agradar... porque é menina, ela sabe que eu sou louca por menina". Então, assim, e eu faço assim, tudo pra ela, o que ela me pede, é como um... eu to ali pra é, pra ajudar ela, mas eu faço de coração, num é, não é porque, eu vou agradar, não, eu faço porque eu gosto dela, e que eu sou um ser humano e eu ainda tenho um pouco de bondade dentro de mim.</p>	
<p>Mais... a gente fica meio... quando eu vejo assim um mendigo na rua, ou uma criança cherando cola, todo... sujo, sem expectativa de vida, isso me choca, e me faz ter raiva, e me faz eu perguntar a Deus: "Minha filha, ela tinha, é, tanto projeto, tinha uma família que a... que a ama ainda né, e não é porque ela morreu que deixou de amar, e a gente tinha um projeto de vida pra ela e ela tinha condição, a gente tinha condição de, pagar uma faculdade pra ela hoje, e minha filha morreu. E aquela pessoa ali que não tem... expectativa nenhuma, tá aí viva". Isso me dá uma revolta, e eu queria que isso aca... saísse</p>	<p>Rachel relata que sente raiva e se revolta quando percebe mendigos e usuários de drogas na rua e pergunta a Deus porque essas pessoas que, segundo ela, não tem uma expectativa de vida continuam vivas e a sua filha morreu. Rachel afirma que gostaria de deixar de sentir essa revolta, pois considera que isso não lhe faz bem.</p>



de mim, isso não faz bem.	
<p>E assim, no início eu me apeguei muito à igreja, assim, eu vivia indo à igreja católica, [inaudível - 01:59:33] São Paulo Apóstolo era a uma quadra da minha casa, eu vivia lá... mais eu, esse ano eu me afastei bastante, sabe, eu to bem afastada da igreja. Eu vou quando eu quero, antes eu dava... amanhecia domingo, podia tá caindo canivete. De chuva, de frio, de gelo... o que fosse, eu levantava, me arrumava e ia pa igreja. Agora eu levanto... "Ai, nem sei se vou pra igreja... Ah, não vou não, vou dormi". Não sei, eu to assim numa,, fase que eu to meio... meio descrente, sabe? No início eu me apeguei por ela, tinha medo de, que ela ficasse, como eu não entendia nada sobre a morte, e como não entendo ainda, eu ficava com medo: "Ai, meu Deus, será que ela vai ficar vagando por aí? Aí eu tenho que ir pra igreja rezar, me apegar com Deus pra ela ficar bem". Mas o próprio padre me disse que ela não vê nada disso! Que quem morreu não vê nada, que eu não me preocupasse... em... querer, porque... Lá</p>	<p>Rachel relata que logo após a morte de sua filha, se apegou à igreja, pois acreditava que dessa maneira ajudaria sua filha a ficar bem. Rachel relata também que depois de um padre ter lhe dito, de maneira curta e grossa, que os mortos não podem ver nada daquilo que os vivos fazem e que ela poderia esperar o quanto quisesse que não iria ver a alma de sua filha aparecer, deixou de frequentar a igreja. Ela afirma que atualmente está passando por uma fase de descrença.</p>

<p>atrás da minha casa tem um pé de pinhão e eu ficava olhando aquela árvore, pra ver se ela... aparecia a alma dela lá, pra me dar um tchau, daí ele falou assim, que eu podia ficar lá 24 hora que ela nunca ia aparecer pra me dar tchau. Daí eu fiquei revoltada, eu falei: "Ah, então eu não vou mais ficar indo pra igreja", ele foi curto e grosso comigo assim, sabe?</p> <p>- PASSOU A...</p> <p>- É e daí, não dá aquela que... é... que nem a minha idade que a gente espera. Né? Porque um padre falar isso pra gente, né? Tudo bem que ele foi sincero, que realmente quem morreu não volta mais, e esse...</p>	
<p>por isso que, assim tem umas coisas que sai lá no grupo do luto que eu fico calada e eu nu, eu num... eu num discuto, porque eu... eu num estudei o, não tem um... uma profundidade pra discutir com aquela pessoa. É sobre o espiritismo. Eu num, eu num consigo aceitar, que quem morreu vem escrever carta psicografada, eu acho que isso é tudo mentira, é tudo balela, essas pessoas que fazem isso já tem uma certa... é...</p>	<p>Rachel relata que não acredita em psicografia e no espiritismo, como outras mães do grupo que frequenta. Ela afirma que respeita a crença dos outros, mas é católica e só acredita em Deus e em Jesus Cristo.</p>

<p>experiência, pra fazer aquela carta, pra deixar a mãe, que nem diz né, que te-tem a, a mãe que aceita, que se conforma, beleza, né? Eu mesma nunca fui atrás dessas coisa, porque eu não acredito, nunca acreditei. Eu acredito em Deus e em Jesus Cristo, não sou... nunca fui em igreja evangélica, num, nem gosto de espiritismo, eu sô católica, posso até ser anta, assim, como eu também viajei muito tudo, mais, é... eu acho que se eu for atrás dessas coisa eu to, eu to pecando pra Deus. Então eu não acredito muito no negócio de psicografia, espiritismo, mesa branca... quem tiver suas crença é... também tem que respeitar, né? Mas eu mesma, particularmente não acredito.</p> <p>- ACREDITA NA, NA TUA...</p> <p>- Eu só acredito em Jesus Cristo.</p>	
<p>E assim... seja o Hitler, seja a minha filha: morreu, eu acho que Deus acolhe todos, só no juízo final que vai ter... a vida eterna e a morte pra sempre, né? Aquela pessoa que... que pecou contra o Espírito Santo, né, que eu acho que é o maior pecado que tem, é aquele. E-eu tento assim, não pecar muito, porque eu</p>	<p>Rachel afirma que procura não pecar, pois tem medo de ir para o inferno e não ficar com sua filha após morrer. Ela relata que quando está revoltada, acaba pecando, mas acredita que Deus é misericordioso.</p>

<p>tenho um medo de ir pro inferno, eu queria ficar com a minha filha, mais... eu, quando to muito, muito louco, muito revoltada eu acabo pecando. Mas Deus é misericor, misericordioso, e-eu peço muito perdão pra ele, das minhas fraquezas. Porque... então hoje eu tento assim, procurar não fazer maldade pra ninguém... Eu penso duas vezes, em... em... falar uma coisa se é, se não é verdade, porque eu sei que, e eu, eu sei que aquilo é mentira, mas eu to passando uma verdade pra pessoa, mas Deus tá vendo, que aquilo não é verdade... então eu procuro ser... mais certa na minhas coisas.</p>	
<p>Se eu já era antes, eu procurei, eu procuro hoje ser mais, porque eu sei que um ser iluminado tá lá em cima... se tá olhando ou não... mas eu acredito que tá. Né? Então... eu não quero que a minha filha fique triste comigo, porque ela antes, ela, ela me-e-e [gagueja] ende... e... sava assim: "A mãe perfeita". Então eu não quero que, se ela pode me ver, e vê o... as minhas fraquezas, diga: "Nossa, mas a minha mãe faz isso?! Eu</p>	<p>Rachel afirma que procura agir de uma maneira correta, pois acredita que sua filha [que faleceu] a observa e ela não quer desagradá-la ou deixá-la triste por perceber que sua mãe não é aquilo que imaginava.</p>

<p>pensava que a minha mãe era assim, minha mãe assado". Tanto é que eu... tento ser bem certinha em tudo que eu faço, pra não... não sei se ela vê, mas se ela vê, não... de... não desab, não desagrada ela, entendeu?</p> <p>- UHUM, PRA QUE ELA CONTINUE TE VENDO COMO... NÉ? AQUELA MÃE...</p> <p>- Como a mãe que ela sempre amou...</p>	
<p>e... e eu poder quando eu morre, pode... encontrar com ela, que esse hoje é o meu sonho, né? De... a... a hora que eu morre poder ficar com ela. E se eu não posso mais ficar com ela com vida, pelo menos quando eu morrer, eu poder e... Eu vivo hoje também por isso: pelo reencontro que dizem que a gente vai tê, que eu acredito mesmo nesse reencontro.</p> <p>- ACREDITANDO, AGUARDANDO NESSE... NESSE REENCONTRO.</p> <p>- Nesse reencontro com Deus e com ela, né? Que a gente vai ter uma vida eterna... mesmo que viva lá no, no paraíso, dizem que no, lá não existe mãe, marido, filho, mais que a</p>	<p>Rachel afirma que o seu sonho, atualmente, é reencontrar sua filha após a morte e poder ficar com ela. Rachel relata que não se importa se no paraíso todos forem anjos e não exista uma relação de mãe e filha, o fato de saber que sua filha está em um bom lugar com ela já basta.</p>

<p>gente vai viver pelo amor. Memu que eu veja, que eu não sinta que ela é minha filha, mais que seja, anjos, todos anjo, tudo irmão pelo amor, e eu sabendo que ela tá ali no, no lugar bom, já é tudo pra mim, né?</p>	
<p>Mas eu te en... en... encerro dizendo que a terapia, tanto com o psicólogo é bom. Isso é muito bom pra gente e eu tava enganada quando eu achava que não era...</p>	<p>Rachel afirma que a psicoterapia é algo bom e que ela estava enganada quando achava que não era.</p>
<p>o encontro aqui todas as segunda-feira me ajudou muito... muito embora, não vai resolver 100% porque... é o problema de cada um. Né? E cada uma reage de um jeito, e cada um tem o seu tempo, de luto fechado.</p>	<p>Rachel afirma que o grupo ASDL lhe ajudou significativamente. Ela relata, porém, que o grupo não resolve completamente a questão do luto e que cada enlutado reage de uma maneira diferente e também tem um tempo diferente de luto fechado.</p>
<p>Hoje eu sei que eu não to mais naquele luto fechado, mas, ainda sofro muito, penso na minha filha todos os dias... mas, que eu encontro, tanto em, tanto a-as conversas com as psicólogas, com os psicólogos, com vocês aqui, é bom pra gente, pro nosso desenvolvimento, do é... do dia a dia, e com a família em casa, e com os outros filho, tanto é bom o encontro lá dos amigos solidários do...</p>	<p>Rachel afirma que hoje já não está mais de luto fechado, mas ainda sofre e pensa em sua filha todos os dias. Rachel relata que as conversas com os psicólogos são boas para o seu desenvolvimento, no dia a dia. Ela afirma que o encontro do grupo ASDL também é algo que considera bom.</p>

do luto.	
<p>- E O QUE QUE VOCÊ DIRIA QUE É RESOLVER 100%?</p> <p>- É, resolve 100% não vai resolve nunca mais, porque, o que resolveria... era se aquela pessoa pudesse volta pro nosso convívio.</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Como isso, a gente sabe, tem consciência que isso nunca mais vai acontecer... Porque é, você diz assim: "Ah, nunca mais eu vou falar com o fulano", mas isso é uma coisa assim, vago, porque... uma hora ou outra vocês vão se encontrar e vão... se falar. É diferente da morte... né? A morte é a única coisa que acontece nessa vida... que separa um do outro pra sempre!</p> <p>- UHUM.</p> <p>- Essa não tem volta. Ou a gente vai se encontrar com eles lá também e fica lá pra sempre... e deixa um outro tanto de pessoas sofrendo pela gente... como, né? No caso ela foi e ficou eu e o resto... Então... não resolve 100% por isso... mas, a gente ganha uma</p>	<p>Rachel afirma que o luto nunca se resolve completamente, pois a única solução possível seria a volta daquele filho que morreu - o que não é possível. Ela relata que a morte é a única coisa que separa duas pessoas para sempre, impossibilitando o encontro e o diálogo. Rachel afirma, por fim, que divide sua vida em duas partes: a primeira, quando era feliz com sua família completa; e a segunda, quando perdeu a sua filha.</p>

<p>nova família, novos amigos, uma nova forma de pensar, uma nova... uma nova vida!</p> <p>Porque aquela vida... existe duas vida: a vida de quando você tá feliz com a sua família completa e uma outra vida depois que você perde um filho,</p>	
<p>que é diferente da perda de um marido, de uma esposa... porque eu tenho certeza, que se... fosse com o meu marido, poderia até não tá casada de novo, que eu nem pretendo, se um dia eu me separar ou ficar viúva, eu não quero mais casar. Mas quem sabe se eu não tivesse namorando? Né? E eu não taria... eu tenho certeza que eu não taria nesse sofrimento até hoje! Eu ia lembrar dele, sim. Mas não com essa... essa dor que eu sinto dentro do meu peito, aquela tristeza, aquela saudade e: "Ai filha, como a mãe queria que você tivesse aqui, pra me dar um abraço, pra me dar um bom dia... com certeza você já tava formada, já tava trabalhando, já tinha seu carrinho... quem sabe até já tava noiva ou casando ou casada, sei lá...". Né? Porque a meta dela era casar com 25. Hoje ela taria</p>	<p>Rachel afirma que acredita que se perdesse o marido ao invés da filha, não estaria sentindo até hoje o sofrimento, a dor dentro do peito, a tristeza e a saudade que sente. Ela descreve os planos que a filha tinha para seu futuro e aquilo que ela imagina que a filha estaria realizando se estivesse viva.</p>



<p>com 23... mas quem sabe se de repente tinha se apaixonado loucamente e já tava casada, né? Ela, eu dizia assim: "Mas não me dê neto muito velho, se não eu não vou conseguir brincar com meus neto". Ela: "Ah não mãe, eu vou me casar com 25... e daí eu vou pensar nos teus neto". [ri] Ela falava assim pra mim.</p>	
<p>Mas... é isso... amigo.</p> <p>- TÁ, MUITÍSSIMO OBRIGADO, E.</p> <p>- De nada. Se precisar, de mim... sabe que eu converso muito, né?! [Risadas] Desculpa... às vezes eu sei que eu saí muuuito do foco, não sei, mas... é... e saía e voltava, de novo, e saía e voltava, mas...</p> <p>- É, MAS TODAS AS EXPERIÊNCIAS QUE VOCÊ TROUXE AQUI SÃO... MUITO RICAS PRA GENTE QUE TÁ TENTANDO ENTENDER...</p> <p>- Então tá bom... se precisar de mim, ou outra pessoa do... do seu convívio aqui, precisar, se você quiser me indicar, eu venho com todo carinho, porque... como no início eu comecei a ter raiva de vocês, depois eu comecei a</p>	<p>Rachel afirma que mudou de opinião em relação aos estudantes de psicologia que acompanham o grupo ASDL, deixando de ter raiva deles e passando a amá-los como uma família. Ela afirma também que passou a ter admiração pelo trabalho realizado pelos estudantes e que pretende voltar a fazer psicoterapia em breve. Rachel relata que já comprou dois exemplares do livro sobre luto escrito pelos professores e alunos de psicologia que acompanham o grupo ASDL e afirma que já acabou de ler a obra. Rachel, por fim, se despediu do entrevistador e se colocou à disposição para realizar outras entrevistas.</p>

amá-los, assim... como uma família...

- UHUM...

- Eu tenho muito respeito, muito carinho por vocês, porque... eu, e eu no início eu tava meio perdida, depois eu comecei a ver, que vocês tão jovens, como a dona Z. [coordenadora do grupo ASDL] sempre fala, né, perdia seu tempo, aquela tarde que vocês podiam tá fazendo outra coisa e tavam ali nos ouvindo, aquela ladainha de chororô, e vocês firmes ali, né... com toda paciência, esperando a vez de vocês falarem alguma coisa... que nem todos os jovens querem isso pra si. Então, assim... eu, eu... tiro meu chapéu pra vocês, vocês fizeram um trabalho lindo, e com esse livro também, nossa, já li todo o livro...

- [RI] JÁ?

- Comprei logo dois, mandei... mandei um pra Maceió, pro meus parente lá, e fiquei com o outro, grifei lá onde...

- TAVA A TUA FALA?

- Onde tava a minha fala, e... mandei de

presente assim, tem gente que quer mais, eu digo: "Ah gente, mas é 40 reais, eu já comprei dois! Mande dinheiro que eu compro!", né? [risadas]

- NÃO É FÁCIL, NÉ?

- Não é fácil, né? Mas é isso. Se você precisar... tá bom?

- TÁ. E DA MESMA FORMA, SE PRECISAR QUALQUER COISA... OU TIVER QUALQUER DÚVIDA...

- Tá bom, então...

- É SÓ LIGAR, ALI...

- Tá. O ano que vem eu volto, ou com ela, ou um de vocês, mas o ano que vem eu volto fazer, agora tá no finalzinho...

- UHUM...

- Tá bom, e me desculpa que eu demorei demais.

- EU TE ACOMPANHO... QUER A ÁGUA?

- Ah, eu vou pegar acho que um pouquinho, mas pode jogar fora... eu vou pra casa fazer

<p>almoço ainda.</p> <p>- VIXE, EU TE ATRASEI O ALMOÇO HOJE... [RI]</p> <p>- Mas o meu marido só chega, hoje, quatro horas [16:00h], ele tá trabalhando ali pelas oito [08:00h]... até o, até às quatro horas da tarde [16:00h], daí chega em casa lá por quatro e meia [16:30h] e...</p>	
---	--

#### Análise da Entrevista – Alice

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico
<p>- ENTÃO... M., QUERIA QUE VOCÊ ME RELATASSE A SUA VIVÊNCIA NO SEU PROCESSO TERAPÊUTICO DURANTE O LUTO.</p> <p>- É... O apoio que eu tive, né?</p> <p>- É. COMO É QUE FOI A SUA TERAPIA? COMO É QUE VOCÊ VIVENCIOU A TERAPIA APÓS A PERDA DE UM FILHO?</p> <p>- Então, pra mim ela foi... fundamental! Porque... conforme a gente já conversou, é...</p>	<p>Alice relata que a psicoterapia foi fundamental para ela durante o luto e que após a perda do filho teve um desejo intenso de falar e conversar.</p>

<p>eu queria muuuito conversar, eu queria muuuito falar, e...</p>	
<p>eu vim pro grupo seis meses depois. E... no dia do velório do meu filho, uma mãe que me apresentou o grupo que era bem amiga da B. [participante do grupo ASDL], da B. [participante do grupo ASDL], é... tinha acolhido a B. [participante do grupo ASDL] e... ela foi até o meu... o velório do meu filho, porque uma paciente minha levou, porque ela tinha perdido o filho um ano antes do meu com quatorze anos... teve meningite viral e foi embora em três dias. E ela foi no... no velório e ela falou assim: “Olha, eu participo de um grupo... e eu vou te procurar”. E explicou que era de mães... Mas eu n... não ouvi direito, tava atordoada... E quando ela foi embora, eu só queria conversar com aquela mulher. Eu não queri...</p>	<p>Alice relata que no velório do filho conheceu uma mãe que também havia perdido seu filho. Alice afirma que após o velório, tudo o que desejava era conversar com esta mulher. Foi ela quem lhe apresentou o grupo Amigos Solidários na Dor do Luto [ASDL].</p>
<p>e eu sentia que eu tava ficando enlouquecida e que eu precisava da ajuda de alguém. E, claro, essa ajuda seria de um psicólogo, né? E... precisei também de medicamento e...</p>	<p>Alice relata que após a perda do filho sentiu que estava enlouquecendo e que precisava de ajuda. De acordo com ela, a ajuda que precisava devia vir de um psicólogo, além do uso de medicamentos.</p>

<p>só consegui falar com essa mãe uma semana depois, que foi quando meu marido v... e ela não me ligou logo em seguida... e eu achava que ela ia me ligar no dia seguinte, dois dias... e ela não ligou. Aí o meu marido uma semana depois veio no consultório, pegou o telefone da minha paciente, que era amiga dela, me levou, eu liguei e consegui o contato. Tá, mas eu não poderia vir no grupo, porque eu trabalhava no... no expediente normal... e eu vim no meio do ano, quando tinha seis meses, porque eu tava de férias.</p>	<p>Alice relata que não conseguiu falar com a mãe enlutada que conheceu no velório de seu filho. Quando conseguiu o contato do grupo ASDL, teve que aguardar o período de férias para poder participar das reuniões.</p>
<p>E... logo em seguida, eu não queria conversar com a minha mãe, eu não queria conversar com a minha irmã, eu não queria conversar com ninguém. Porque todas as pessoas que estavam ao meu redor, todas as pessoas que chegavam pra mim... ninguém tinha passado pela experiência que eu tava passando! É... ninguém, sabe? Ninguém, assim... mesmo aonde eu trabalhava... eu trabalhava no Hospital do Exército, como dentista. Todo mundo que chegava pra mim e falava assim: “Ah... eu conheço uma... uma amiga minha</p>	<p>Alice relata que logo após a perda do filho não queria falar com ninguém, nem mesmo familiares ou colegas de trabalho, pois nenhuma dessas pessoas havia passado pela experiência de perder um filho, nem experimentado a dor que ela estava sentindo. Ela afirma que só queria conversar com quem pudesse lhe trazer algo diferente, que lhe acalentasse.</p>

<p>também passou por isso... uma vizinha... Ah, o meu tio também passou por isso... um ano, há dois anos... eu imagino como deve...”, mas, nem... ninguém que trabalhasse com pessoas, assim que tivessem experimentado essa dor... e ninguém também que tivesse passado... falar: “Ah, o meu filho também morreu, faz um ano... faz cinco...”. E eu não queria conversar com mais ninguém que não me trouxesse algo... diferente, assim, que me acalentasse.</p>	
<p>Aí eu tive que esperar esses dois meses, por causa do período, que foi em novembro, tive que esperar dezembro e janeiro... pra conseguir na volta desse retorno do ano... letivo, né... que essa terapeuta me assumisse. E quando eu fui pra ela... é... vou dizer igual a Z. [coordenadora do grupo ASDL], foi um benção, porque eu tive muita afinidade com ela, muito! Desde o primeiro contato.</p>	<p>Alice relata que teve que aguardar por dois meses após a perda do filho para iniciar a psicoterapia. Ela considera que a terapia foi uma benção devido ao fato de ter tido afinidade com a psicóloga desde o primeiro encontro.</p>
<p>E ela me acolheu dentro da característica profissional dela... ela me ouviu... ela viu que eu tava precisando muito...</p>	<p>Alice relata que se sentiu acolhida pela psicóloga, que lhe ouviu e identificou que ela precisava de psicoterapia.</p>
<p>O meu marido com um mês de... de</p>	<p>Alice relata que após um mês do falecimento</p>

<p>falecimento do meu filho... ele virou pra mim, assim, e falou: “Eu não quero falar mais”. Aí eu não... eu não entendi. Mas eu sou, eu sou... muito serena. Eu não gosto de discutir, de impor minha... minha posição... então...</p>	<p>de seu filho, seu marido afirmou que não queria mais falar sobre ele. A despeito de não compreender sua decisão, Alice preferiu não discutir.</p>
<p>Esses dias eu ouvi no face assim: “Eu odeio pessoas mornas”. Uma amiga minha postou, sabe? E daí eu... falei: “Uai, eu já sou o contrário. Eu prefiro ser morna”, porque todo radicalismo é ruim. Ser muito calma e ser muito explosiva, muito... acho que não leva a nada. Acho que o meio termo em todos os sentidos é bom.</p>	<p>Alice afirma que prefere ser “morna”, ou seja, não ser nem muito calma, nem muito explosiva.</p>
<p>E quando o meu marido disse que não queria falar mais... me doeu muito, me chateou, mas eu não insisti. Só que me afastou dele. Me afastou bastante... E quando eu fui pra terapia, eu tava meio com raiva do meu marido. E meu filho G., que na época tinha quatorze anos, ele... pelo filho homem mais ou menos seguir tudo... o estilo de viiida, assim, o exemplo do pai, ele também não quis falar. Ele falou muito pouco no começo,</p>	<p>Alice relata que quando iniciou o processo psicoterápico, seu marido e seu filho não conversavam com ela sobre seu filho falecido. Ela afirma que, nesse momento, estava se sentindo afastada do marido e com raiva dele pela forma como ele estava lidando com a situação. Alice também afirma que, no período em que iniciou a terapia, ainda sentia muita dor, estava reclusa e não queria conversar com seu marido e seu filho sobre</p>



<p>porque era um adolescente de quatorze anos... levou um susto, ficou perdido, ficou... né? E ele tava começando a namorar a mesma menina que ele namora até hoje. Agora, inclusive, tem duas semanas que eles estão brigados. Assim, por bobeira, mas estão separados. Mas ele namora com ela até hoje. Foi a primeira namoradinha e... deu certo, né? E daí como ele também tava no começo do namoro, conhecimento... conhecendo uma menina, né? Uma garota... também o jovem já se afasta um pouco da mãe, né? E eu tava naquele período de muita dor... que você chega em casa, se recolhe, tranca no quarto... eu lia muito, né... é... o lado espiritual eu me apeguei bastante... E... daí o G. [marido]... é... tentava conversar comigo outras coisas e eu não conversava, porque eu não queria conversar outras coisa, né?</p>	<p>outros assuntos que não envolvessem o filho que morreu.</p>
<p>E quando eu fui pra terapeuta, foi uma... além da dor da perda do meu filho, uma das coisas que eu trabalhava muito com ela era a diferença do comportamento do G. [marido].</p>	<p>Alice relata que além da dor pela perda do filho, outro tema que abordou na psicoterapia foi a diferença entre o seu comportamento e o do marido no modo de lidar com a perda do</p>

<p>Porque aquilo me magoava, me feria. Hoje eu entendo... hoje eu respeito. Mas na época eu respeitava em silêncio, mas eu não respeitava na aceitação. Eu não aceitava... eu ficava quieta, mas me machucava muito. Eu pensava assim: “Como que esse homem não quer falar da... da perda do filho? Como que ele não quer chorar? Como que ele quer ver...” - é “Lost”, né?</p> <p>- O SERIADO?</p> <p>- É! “Como que ele quer ver Lost?!” Sabe, aquilo me enlouquecia! Mas eu pegava, no meu silêncio... E aquilo, claro, um mês, dois meses, três meses, quatro meses... isso foi me separando dele. E ela me ajudou muito,</p>	<p>filho. Alice afirma que não aceitava o fato do marido não querer falar sobre seu filho falecido e que isso a magoava e a feria, acarretando um distanciamento do casal com o passar do tempo. De acordo com ela, a psicoterapeuta lhe ajudou significativamente a lidar com esta questão.</p>
<p>além do entendimento de que o meu filho, o tempo dele na vida, na Terra... tinha se esgotado... não se sabe porquê ele não pode ficar, ele teve que ir... Ela me fez entender que não tinha o que fazer, com toda serenidade que ela tinha... Que eu tinha ficado - que no começo eu achei que eu fosse morrer -, que eu não ia morrer pela perda dele... então, já que eu não ia morrer... Não</p>	<p>Alice relata que durante o processo psicoterápico, com serenidade a psicoterapeuta lhe ajudou a compreender que sua vida continuaria apesar da morte de seu filho, que ela não iria morrer e que precisaria, aos poucos, encaminhar sua vida.</p>

<p>que eu fui em busca de morrer... [se emociona] mas eu achava que eu não ia sobreviver. Acho que como a maioria das mães, né? Assim, do que eu presencio no grupo... eu acho que 90% acham que não vão sobreviver. E todas sobrevivem, né? E aí ela me fez entender que se eu não tinha morrido, eu não ia morrer. E ela, durante a terapia, ela... sentiu e me conheceu e viu que eu não ia buscar a morte... e que então eu tinha que encaminhar a minha vida. Devagar... um pouco, né... um pouco de cada vez... E que eu tinha que achar um novo sentido pra minha vida, né? Que eu não era mais a mãe do G. e do G. [nome dos filhos], mas eu era a mãe do G. [filho que permaneceu vivo], eu era a esposa do G. [marido], eu era a filha da dona J. [mãe], né? Eu era a M. dentista... E... aos poucos ela foi, assim, me ajudando... ela me ajudou muuuito, muuuito.</p>	
<p>Eu adoraava conversar com ela! Ela... a gente sentava, assim, num chão que ela tinha, sabe? Assim, no começo...</p>	<p>Alice afirma que adorava conversar com a psicóloga.</p>
<p>Aí ela pediu pra eu levar, logo depois,</p>	<p>Alice relata que a psicóloga lhe pediu, uma</p>

<p>bastante fotos do G. [filho que faleceu], né? Momentos... Uma única vez. Depois ela nunca mais pediu.</p>	<p>única vez, para levar fotos do filho que faleceu para a terapia.</p>
<p>E aos pouquinhos ela foi... Ela me fez entender, respeitar a posição do G. [marido], respeitar a posição do G. [filho que permaneceu vivo]... Não foi, assim, de uma hora pra outra, né? Mas... eu nunca briguei com ele. Mas às vezes eu insistia, eu tentava falar. Posso te dizer até que um ano depois, dois anos depois, três anos depois... e até hoje, Michel... vai fazer dez anos amanhã: ele não gosta de falar. Ele nuuuunca, chegou e falou assim: “Lembra do Gugu?”, que a gente chamava ele de Gugu, “ele... era assim...”. E às vezes, quando eu vou falar, ele... s... assim, sabe, ele... seca, fica seco... e não, não retribui a conversa, não adere à conversa que eu to falando... Então, hoje não me machuca mais. Mas na época eu cheguei a sentir raiva dele, bastante raiva, assim... e... Na verdade, foi um... uma fraqueza... ele dizia assim: “Não adianta a gente falar, não adianta chorar... O que eu tenho que ser, é ser forte e</p>	<p>Alice afirma que aos poucos a psicoterapeuta lhe fez entender e respeitar a forma de seu marido lidar com a perda do filho e que hoje já não se sente machucada em razão disso, nem sente raiva dele.</p>

<p>trabalhar, ganhar o nosso sustento. O meu, o seu, o do G. [filho que permaneceu vivo], porque isso a vida vai me cobrar”. E o meu marido, ele é muito emotivo, sabe? É super esquisito [ri], parece um negócio de maluco! Porque ele é mais emotivo do que eu... ele é mais meloso, ele é mais carinhoso...</p>	
<p>Eu fui criada muito assim à... à... ferro e fogo, sabe? Minha família era uma família bem desestruturada... meu pai, minha mãe... Minha mãe não... não soube dar carinho, não... dar amor, assim... ela não soube. Ela... talvez nunca tenha recebido também, né? Ela é uma pessoa muito seca, assim, até hoje. E a morte do meu filho também me separou maaais ainda da minha mãe, eu conheci maaais a minha mãe, sabe? Ela é uma pessoa muito do material. E quando aconteceu a do G. [quando aconteceu a morte de seu filho]... aí... eu descobri bem a minha mãe, sabe? Não senti, assim... o que eu achei que eu fosse ver da minha mãe.</p>	<p>Alice relata as dificuldades de relacionamento que possui com sua mãe desde sua criação e a decepção que teve com ela após a morte de seu filho.</p>
<p>- MAS, MARFISA...</p>	<p>Alice relata que seus familiares e colegas de trabalho não entendiam o que ela estava</p>

<p>- E...</p> <p>- OPA, DESCULPA, TE INTERROMPI.</p> <p>- Pode falar, pode falar...</p> <p>- NÃO, EU IA COMENTAR QUE VOCÊ... PELO QUE EU ESTOU ENTENDENDO, ERA UM CONTEXTO ONDE VOCÊ NÃO TINHA MUITO COM QUEM FALAR NA TUA FAMÍLIA... E QUANDO ALGUÉM VINHA FALAR CONTIGO ERA... NO TRABALHO, POR EXEMPLO, PARECIA NÃO ACRESCENTAR NADA...</p> <p>- Pessoas inexperientes no que eu tinha pra falar, né? Mesmo a minha família!</p> <p>- PESSOAS QUE NÃO ENTENDIAM AQUILO QUE VOCÊ TAVA...</p> <p>- Iiiisso, isso mesmo! Aí eu precisei da terapeuta, porque lá era o momento de eu falar do G. [filho que faleceu]... pra eu... dizer... e dizer pra ela da dor, da dor que me cortava... e o que que eu fazia com aquela dor...</p>	<p>passando, pois não tinham nenhuma experiência naquilo que ela tinha para falar (sobre a experiência de perder um filho). Foi então que sentiu a necessidade de recorrer a uma psicoterapeuta. Alice afirma que a sessão (de psicoterapia) era o momento em que podia falar sobre seu filho, sobre a dor que sentia e de como lidar com essa dor.</p>
<p>Eu tinha a impressão de que tinha solução.</p>	<p>Alice relata que logo após a perda do filho, se</p>

<p>No começo, assim... nos dois, três primeiros meses eu achava que... porque você não fica normal, sabe, Michel? Você... não tem como ficar normal!</p> <p>- MAS VOCÊ IMAGINAVA QUE TINHA UMA SOLUÇÃO NAQUELE MOMENTO?</p> <p>- É, você fica meio enlouquecida... Eu achava, no começo... que eu tinha até como resgatar o G. [filho que faleceu], dentro assim... Não consigo relatar o que que é... É que o negócio é tão irreal, parece que é tão irreal, que você meio que sabe que ele morreu, mas não aceita e dentro dessa sua... é... neurose de aceitação... eu tinha impressão que ele... haveria de haver alguma maneira de eu conseguir ele de volta. E só a terapeuta que foi me fazendo ver que não... que realmente aconteceu... que realmente eu tava aqui... sabe? Então, ela... foi fundamental em tudo.</p>	<p>sentia enlouquecida, sem aceitar a morte dele, acreditando que haveria algum modo de resgatá-lo. Ela afirma que a terapeuta foi fundamental em seu processo de aceitação da morte do filho.</p>
<p>Depois veio o grupo... seis meses depois... pra mim foi uma benção também.</p>	<p>Alice relata que começou a participar do grupo de apoio ASDL seis meses após perder seu filho e que, assim como ocorre com a psicoterapia, considera este grupo uma</p>

	benção.
<p>Daí... eu fui numa fase que eu tava mais segura com relação a continuar minha vida dentro da minha família: eu, o G. [marido] e o G. [filho que permaneceu vivo], né? E... já tava, assim... entendendo que o G. [marido] tinha a maneira dele ver, dele sentir... o G. [filho que permaneceu vivo]... Ela pediu pra conversar, pra fazer uma sessão com o G. [marido] e o G. [filho que permaneceu vivo]. E ela viu que eles não precisavam de serem tratados. De tanto que eu relatava, sabe? “Porque o G. [marido], porque o G. [filho que permaneceu vivo]...”, mais o G. [marido], né? “Porque o G. [marido] não quer falar, porque o G. [marido]...”. Não achava normal. Achava que ele tava meio louco! Aí ela chegou pra mim e falou: “Não”. Aí uma sessão... Na mesma semana ela fez uma comigo, uma com o G. [marido] e uma com o G. [filho que permaneceu vivo], em dias diferentes, né? E ela chegou pra mim e ela falou: “M., eu não vou dizer pra você que a sua dor é maior do que a do G. [marido],</p>	<p>Alice relata que a psicóloga fez uma sessão com seu marido e com seu filho e que depois de conversar com eles, explicou para ela que os dois apenas tinham um modo diferente do dela de “olhar a vida e enfrentar a morte”, não sendo possível medir a dor que estavam sentindo. Após isso, Alice afirma que passou a entender melhor a maneira deles lidarem com a perda de seu filho. Alice relata que seis meses depois do falecimento dele, já estava mais segura de que queria continuar sua vida junto com sua família.</p>



<p>nem a do G. [filho que permaneceu vivo], é só a maneira diferente de olhar a vida e enfrentar a morte”. Aí ela foi bem seca, assim... ela quis dizer assim... nunca meça a dor de alguém, o que ela está sentindo, pelo que ele está... como ele está vivenciando, né? Ela foi bem inteligente. Ela disse: “A única coisa que a gente pode dizer é que o G. [marido] não vai precisar de se tratar, nem o G. [filho que permaneceu vivo]”. Mas isso não me dava o direito de medir a dor deles. Né? Dizer que a minha era maior, porque eu estava enlouquecida, porque eu estava chorando, que eu queria morrer... né?</p> <p>- AHAM...</p> <p>- Aí ela me deu um toque...</p> <p>- MOSTROU QUE ERAM EXPRESSÕES DIFERENTES DE UMA DOR?</p> <p>- Isso, isso...</p>	
<p>- E MARFISA, VOCÊ COMENTOU QUE... PELO QUE EU ENTENDI... ELA TE AJUDOU A ACEITAR A PERDA? SERIA ISSO?</p>	<p>Alice afirma que a psicoterapeuta lhe ajudou a aceitar a perda do filho sem procurar fornecer alguma explicação para o ocorrido. Alice relata também que o que mais lhe</p>

<p>- Ela me ajudou a aceitar quando ela me dizia: “Aconteceu... a gente não sabe porquê aconteceu...”.</p>	<p>ajudou nessa aceitação foi a espiritualidade.</p>
<p>E além de me ajudar a aceitar a perda, o que foi mais, assim, forte nela... que eu achei que o que mais me ajudou a aceitar a perda foi a leitura e o entendimento que eu encontrei do meu lado espiritual. Então, eu me convenci. Assim... uma formatação do meu lado espiritual...</p>	
<p>mas, o que ela mais foi incisiva, assim, foi na manutenção do meu casamento e na minha retomada da minha vida. Porque sem ela eu acho que eu teria ficado deprimida, em casa, chorando, não teria forças, não teria voltado a trabalhar, não teria... dia após dia, né? Porque é muito lento... voltado a viver. Ela foi fundamental nisso.</p> <p>- NESSA... “NOVA” VIDA...</p> <p>- Na retomada da vida.</p> <p>- RETOMADA DA VIDA.</p> <p>- Aham, na retomada desde o início.</p>	<p>Alice afirma que a psicóloga teve uma participação incisiva em relação à manutenção de seu casamento e que foi fundamental para que ela pudesse retomar sua vida. Ela supõe que, sem este auxílio, não teria tido forças para “voltar a viver”.</p>

<p>E bem, assim, do começo, né? Porque eu fui com dois meses! Não fui fazer com seis meeses, um ano, né? Eu fui, e... esses dois meses, assim, iniciais... eles passam muito rápido, porque em dois meses, logo após a perda de um filho, a mãe não faz nada, né? Ela fica quase que dia e noite trancada dentro do quarto... é... com dor, com dor extrema. É... não imagino uma mãe, assim, que no primeiro mês saia, tome banho... Tem. Né? Mas normalmente a mãe fica mutilada. Então, ela foi... eu posso dizer que “dois meses após”, ela foi bem no início das minhas saídas de casa, né? Já é um troço (inaudível 17:01).</p>	<p>Alice relata que iniciou a psicoterapia dois meses após a morte de seu filho, período em que sentia dor extrema, permanecendo a maior parte do tempo em casa.</p>
<p>- E... VOCÊ SABERIA DESCREVER COMO É QUE ELA TE AJUDOU A... DAR ESSA RETOMADA NA TUA VIDA?</p> <p>- Você sabe, Michel, que eu não... eu tenho a cabeça muito ruim em decorrência do trauma que eu passei, né? É... eu não vou, assim, saber... é... pontuar: “Ah, foi dessa maneira, foi daquela...”. Eu sei que eu adorava ir, adorava conversar com ela... Tudo que ela</p>	<p>Alice afirma que não sabe apontar com precisão o que, especificamente, lhe ajudou em sua retomada de vida. Ela relata apenas que adorava ir às sessões e conversar com a psicoterapeuta, considerando proveitoso tudo aquilo que ela lhe falava.</p>

falava pra mim era muuuito proveitoso, tudo.	
<p>Tanto é que eu sentia, eu não via a hora de chegar... acho que eu fazia nas terças-feiras, era sempre de tarde. Eu trabalhava de manhã no HGE, saía à uma [13h00] e duas horas [14h00] era a minha sessão com ela, ou uma e meia [13h30]. Era logo depois que eu saía! Acho que era duas horas [14h00]. E eu contava nooo relóóógio os dias... o dia de eu voltar lá. E no começo era semanal e era uma terapia cara, não era barata. E eu ia semanal. Mas... como pra mim, naquele momento da dor da perda do meu filho, eu não comprava nem... nem... chiclets pra mim, eu não queria. Eu não queria nada... Então assim, se me falasse assim: “É dez mil [R\$10.000] por mês pra você ir conversar com S. [psicóloga]”, eu ia, de tão grandioso pra mim que era. E eu... eu contava nos dedos. Quando ela mudou pra ser quinzenal, que eu te falei... eu sofri. Porque eu não queria ir quinzenal. Mas ela, dentro, assim, do conhecimento dela, ela sabia que... e... e... ela tinha que me sentir só a cada quinze dias, né? Não sei como evolui</p>	<p>Alice relata que aguardava ansiosamente pelas sessões e que sofreu quando a frequência delas passou de semanal para quinzenal. Alice afirma que a psicoterapia era algo grandioso para ela e que não se importava com o alto valor cobrado, podendo, naquele momento, até pagar um valor mais caro se fosse necessário. Ela relata, por fim, que quando a terapeuta “lhe deu alta”, nunca mais entrou em contato com ela, pois não sentiu necessidade.</p>

<p>pra vocês, né, terapeutas? Mas ela... ela é... meio que impôs: “Não, M., a partir de agora é só quinzenal”. E eu sentia vontade de ligar e falar. Aí ela deixava, assim, claro... Como também na última vez que eu fui, ela falou: “M., você está indo, você está de alta... porém, se algum dia, em algum momento você sentir que você precisa da minha ajuda, você vai me ligar”. Só que daí eu nunca mais liguei, porque eu não precisei, Michel. Que interessante, né?</p> <p>- E COMO QUE FOI PRA VOCÊ ESSE PROCESSO DE DIMINUIR A FREQUÊNCIA... COMO VOCÊ SENTIU ISSO?</p> <p>- Então, quando ela passou a ser quinzenal?</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Eu... eu tinha muita vontade de ir, mas eu... passava os quinze dias...</p>	
<p>Às vezes eu... como era uma pessoa que eu tinha muita afinidade, gostava muito de conversar... E era a única pessoa com quem eu podia chegar e falar. Falar da minha perda,</p>	<p>Alice relata que a psicóloga era uma pessoa com quem ela tinha afinidade e gostava de conversar, sendo também a única pessoa com quem podia falar sobre sua perda, seu filho</p>

<p>falar do G. [filho que faleceu], falar do G. [marido], falar do G. [filho que permaneceu vivo], né? Da... da chateação que lá em casa... daí... eu ficava fechada, calada, porque eu só queria falar dele... e eles não queriam falar.</p>	<p>falecido, seu marido, seu outro filho e as dificuldades de relacionamento que enfrentava com eles devido ao fato dela querer falar apenas sobre o filho que morreu e eles não.</p>
<p>Então, eu... senti a falta, mas eu consegui ficar. Não teve nenhuma vez, assim, que eu liguei desesperada: “Ah, S. [psicóloga], eu preciso... é... eu preciso te ver amanhã, eu não to conseguindo...”, não. Toda a sequência do tratamento que ela impôs foi seguida... e eu fui, mesmo com muita vontade de conversar com ela, vencia a semana e esperava chegar a outra, né? Mas ela foi... nossa, ela foi muito grandiosa!</p>	<p>Alice afirma que sua psicóloga foi “grandiosa”. Ela relata que sentia falta de conversar com ela entre uma sessão e outra, mas que conseguia vencer a vontade de conversar com ela, esperando para encontrá-la no atendimento seguinte.</p>
<p>Quando a minha sobrinha faleceu, que fez três anos... eu quis muito que minha irmã fosse conversar com ela. E minha irmã foi duas, três vezes... e não aceitou. Não gostou, não sentiu... É que cada pessoa é... é uma pessoa, né, Michel? A minha irmã não teve empatia, não... não sei! Também não quis nem perguntar muito porque, né? Ela tava</p>	<p>Alice relata que indicou sua terapeuta para sua irmã quando a filha dela morreu, mas que ela fez poucas sessões e não quis continuar fazendo psicoterapia. Alice afirma que, no entanto, sua irmã foi a um psiquiatra com quem teve afinidade.</p>

<p>num momento da dor dela... Só que assim, eu achei: “Ai... S. [psicóloga] foi mágica pra mim, vai ser mágica pra minha irmã também!”. Mas a minha irmã não aceitou.</p> <p>- NÃO FOI A MESMA... A MESMA COISA...</p> <p>- Depois foi pra outra terapeuta, também não aceitou... Depois foi pra um psiquiatra... que ela se deu super bem com o psiquiatra e... toma medicamento, já tem três anos e...</p>	
<p>Eu tomei medicamento até oito meses! A partir de oito meses eu cheguei pra minha psiquiatra e falei que eu queria tirar. E ela foi tirando... aquele pra dormir. Que é o calmante pra dormir... E a S. [psicóloga] tinha me dito do... a terapeuta, que... pra eu conversar com a minha psiquiatra... é... sobre antidepressivo. Eu tomei aquele... ai, agora me fugiu o nome... Ai, esqueci! Eu tomei. Ela falou...</p> <p>- O ANTIDEPRESSIVO.</p> <p>- Ela falou que achava interessante eu tomar e eu tomei por um ano e meio. Logo depois</p>	<p>Alice afirma que sua psicóloga recomendou que ela fosse consultar uma psiquiatra para conversar sobre a possibilidade de tomar um antidepressivo. Alice relata que tomou um medicamento antidepressivo por um ano e meio, parando apenas após o término da psicoterapia.</p>

<p>que eu parei com a terapia com ela, eu tirei também, porque eu não...</p>	
<p>Eu dizia assim: “Eu não tenho depressão, eu tenho dor”. Depressão eu acho que é quando a pessoa... não tem uma causa óbvia pra te fazer ficar triste, mas você está triste. E eu tinha uma tristeza muito grande... não por depressão. Por uma... perda muito grande, né?</p> <p>- NÃO SE VIA, ENTÃO, COMO ALGUÉM QUE TAVA DEPRESSIVA...</p> <p>- Não. Eu não... Ih, eu passei por tantas fases... Eu tinha raiva de quem me falava que tinha depressão, sabe? Tinha muita raiva. Porque eu pensava assim: “Depressão, por quê? Não tem nada, não...”, né? E quando eu tava no momento da minha perda, da dor... é... Queira ou não a gente é um pouco egoísta, né? Eu achava que só aquela dor era dor. O restante das dores não eram dor. Só que hoje eu já olho diferente, cada um tem a sua dor até conhecer uma maior. Né?</p>	<p>Alice relata que não se via como uma pessoa depressiva, pois considera que na depressão não existe uma razão para se estar triste e que a tristeza tinha motivo, a morte de seu filho. Ela afirma que chegou a sentir raiva de quem dizia que ela tinha depressão e que considerava que apenas sua dor era legítima.</p>
<p>Hoje eu também passo por outras dores e a</p>	<p>Alice afirma que atualmente a dor da perda</p>



<p>dor da perda do meu filho já ficou quieta, lá embaixo... né? Não... não choro mais... não deixo de sorrir, não deixo de ir numa festa... se tem um momento de felicidade, eu me contagio da felicidade... Então eu voltei, assim, a ter... uma rotina de vida mais ou menos normal, que tem grandes alegrias, grandes tristezas, pequenas alegrias, pequenas... né? Como todo mundo.</p>	<p>de seu filho se aquietou e que atualmente consegue ter uma vida mais ou menos “normal”, com alegrias e tristezas, assim como as demais pessoas.</p>
<p>- MARFISA, VOCÊ COMENTOU QUE A PSICÓLOGA QUE PROPÔS QUE TERMINASSE O PROCESSO, NÉ? ELA FALOU QUE VOCÊ TAVA DE ALTA... COMO QUE VOCÊ SENTIA NESSE MOMENTO, ASSIM, É...</p> <p>- Com relação à alta ou com relação à mim mesma, assim?</p> <p>- ACHO ATÉ QUE AS DUAS COISAS SÃO RELEVANTES, ASSIM... VOCÊ JÁ SE SENTIA “EM ALTA”, OU COMO É QUE VOCÊ SE SENTIA NAQUELE MOMENTO?</p> <p>- É, na verdade quando ela falou a primeira</p>	<p>Alice relata que a primeira vez que a psicóloga propôs o término dos atendimentos ela se surpreendeu e recusou a sugestão. Ela afirma que se sentia fragilizada e que ainda não estava preparada para isso. A psicoterapeuta sugeriu que elas passassem a se encontrar mensalmente para que Alice pudesse experimentar ficar durante um período sem terapia. Ela afirma que na segunda sessão mensal que fizeram, já se sentia preparada para encerrar os atendimentos. Alice relata que desde então nunca mais voltou para a terapia, nem ligou para a terapeuta e que considera que o encerramento do processo psicoterápico foi</p>

<p>vez, é... me deu um pouco de surpresa, assim... porque eu me achava ainda fragilizada, né? É... mas quando ela falou a primeira vez, eu me neguei. Né? Aí, eu... ela tinha falado que então eu ia daí um mês. Aí eu falei, ela falou: “Então vamos fazer o seguinte? Vamos marcar daqui um mês, então?”. Que a gente começou semanal... foi mais ou menos a metade da terapia, né... uns oito meses, seis meses... não me lembro. Depois foi quinzenal... daí do quinzenal ela falou: “Então, queria falar com você, M., sobre sua alta. Eu achava que você já está chegando num período... né, que a gente pode começar...”. Aí ela me perguntou: “Você se sente preparada?”. Eu, na hora disse que não: “Não, S. [psicóloga], eu não quero... imagina! Eu adoro vir conversar com você, eu adoro vir falar... Você me ouve, você me posiciona, você me orienta, você...”, né? E a... além da grande dor do... da perda do... do G. [filho que faleceu], eu acho que uma coisa que pegava muito era o fato do G. [marido] não chorar comigo, não falar... eu acho que era isso que me incomodava muito. Porque a</p>	<p>algo tranquilo para ela.</p>
--	---------------------------------

dor da perda... ela existe, né? Conversando com alguém ou não. Aí ela falou assim: “Não, M., mas... então vamos fazer o seguinte? A próxima vez você vem daqui um mês, não vou te dar alta”, ela aceitou, “Aí você vai me dizer como você passou”. Aí eu esperei um mês... que daí pra mim foi muito grande, mas eu esperei. E fui. Daí ela falou: “Vamos, então, encerrar?”. E eu falei: “Ai, não, S. [psicóloga]... Deixa eu vir. Então vamos marcar pra daqui um mês?”. Aí eu voltei. Daí, então, foram... duas vezes que eu fui com um mês espaçado. Aí quando eeu voltei, na segunda vez de um mês de espaçamento, eu voltei pra conversar, fazer a sessão, agradecer e me despedir dela. Então... porque daí eu me senti preparada, né? Mas ela deixou eu experimentar, mesmo. Ver se eu ia conseguir... que ela achava que eu ia conseguir. E eu consegui. A partir daí, que eu voltei e me despedi dela, nunca mais. Nem liguei. Depois eu encaminhei uma paciente, uma... afilhada do meu marido... prima e afilhada do meu marido, mas eu nunca mais! Aí eu fui encontrar com ela no facebook

<p>agora, dois, três anos atrás. Que daí a gente se encontrou no face, mas... nunca mais liguei, nem... interessante, né? Não procurei, não tive... Aí indiquei minha irmã também pra ir... como ela trabalha, né... com essa parte de enlutado... mas minha irmã não gostou, não... não aderiu. Né? A oportunidade a gente dá, né? A indicação... mas se a pessoa também não... né? Não preenche o que a pessoa tá precisando... quem sou eu pra dizer “esse é o caminho”, né? Mas foi assim... foi bem... foi bem tranquilo, assim, todo... a sequência.</p>	
<p>- VOCÊ COMENTOU QUE TEVE BASTANTE AFINIDADE, NÉ... COM A S. [PSICÓLOGA]. COMO QUE É ISSO DE TER AFINIDADE?</p> <p>- Ah, eu tinha liberdade... de chegar... de... de expor... se eu tivesse que chorar, eu podia chorar... se eu tivesse que rir, eu podia rir... Tudo que eu queria falar eu falava, tudo! Nunca escondi nada dela. Nunca...</p>	<p>Alice relata que tinha liberdade de expor aquilo que quisesse durante a psicoterapia, podendo chorar, rir ou falar sobre tudo que tivesse vontade. Ela afirma que nunca escondeu nada da psicoterapeuta.</p>
<p>E... ela não era uma pessoa também cética, mas ela também não falava de religião... Só</p>	<p>Alice relata que se sentia respeitada pela psicóloga quando falava sobre sua</p>

<p>que quando eu expunha o meu lado, o... o que tava me acalentando também do lado espiritual, ela respeitava. Nem sei se ela tem religião... se ela é católica, se ela é evangélica, se ela é espírita... Mas ela... quando eu levava o lado espiritual, que pra mim tava ficando cada vez mais fortalecido, em nenhum momento ela desviava, ela... sabe? Então, tudo isso envolvia muito a minha conversa, a minha afinidade... ela respeitava... ela... nunca me deu nada pra ler, assim, do lado espiritual, nada disso. Mas ela ouvia e tudo que eu falava ela respeitava. Ela nunca disse: “Olha, M.”.</p>	<p>espiritualidade. Ela afirma que a psicoterapeuta ouvia aquilo que ela dizia sem explicitar quais eram suas crenças, mas também sem desviar do assunto.</p>
<p>O único posicionamento que ela me deu, assim, foi com relação ao G. [marido]. Né? Que ela quis dizer: “Olha... você não pode dizer... você não sabe da dor que ele tá sentindo. E cada pessoa reage de uma maneira. Né? Ele não precisa de tratamento... ele é uma pessoa forte... Mas a dor dele é a dele, a dor sua é a sua, a dor do G. [filho que permaneceu vivo] é a do G. [filho que permaneceu vivo]. E cada um vai se... se</p>	<p>Alice afirma que a única vez que a psicóloga se posicionou durante o processo psicoterápico foi quando foi abordado o seu relacionamento com o marido. A psicoterapeuta então defendeu que cada um reage de uma maneira ao luto e que seu marido gostaria de permanecer ao lado dela. Alice relata que a ajuda da psicóloga foi fundamental para que ela passasse a respeitar o modo do marido lidar com o luto e para que</p>

<p>encaminhar... Só que o G. [marido] quer... se encaminhar junto com vocês”. Me lembro que ela falou isso. E eu já tava achando que eu ia me encaminhar separada do... do G. [marido], porque o G. [marido] não tava... sabe aquele negócio de mulher neurótica? O G. [marido] não tava chorando, gritando, não queria falar comigo... né? Aí que tem muitos casais que se separam, né? Vocês que são na área... Então, ela foi fundamental... até mais nesse sentido. Porque... eu sempre pensei, assim, depois, comigo... Se eu não tivesse tido a ajuda dela, era bem provável que eu tinha me separado do G. [marido]...</p> <p>- TE AJUDOU A ENTENDER A FORMA DO G. [MARIDO] LIDAR COM O LUTO DELE?</p> <p>- Respeitar.</p> <p>- RESPEITAR.</p> <p>- Me ensinou a respeitar. Por mais que eu não gostasse da maneira... até hoje eu não gosto muito, quando eu vou falar!</p>	<p>eles não tenham se separado.</p>
<p>Porque hoje... já se passaram tanto tempo,</p>	<p>Alice relata que gostaria de falar do filho e</p>

<p>né? E pra mim é tão... bem definido que o G. [filho que faleceu] existiu doze anos, seis meses e vinte dias, que ele não tá aqui... Então eu queria ainda falar dele e... Esses dias eu vi um candidato, que seria candidato a presidente dos Estados Unidos, que eu não me lembro o nome... que ele é... que ele seria candidato agora à... eleição dos Estados Unidos pelo partido do... do Obama. E ele renunciou porque o filho dele morreu, agora, em maio, ele não quer concorrer. Aí ele assim: “É, porque eu estou numa fase... é... eu sei que existe a fase. É... on... o período onde as lágrimas irão secar e o sorriso no lábio vai se abrir ao lembrar do meu filho, mas eu ainda não cheguei nessa fase, né?”. E eu já cheguei! Então hoje eu sou muito mais de lembrar e... e me dar vontade de sorrir de lembrar dele... e o G. [marido] não gosta, né? Só que eu não tenho raiva dele.</p>	<p>que atualmente, ao lembrar-se dele, sente vontade de sorrir. Diferente dela, seu marido não gosta de evocar lembranças do filho que faleceu. Alice afirma que apesar disso não sente raiva dele.</p>
<p>Mas às vezes quando eu vou falar... e eu não choraria. Aí quando o G. [marido] é... meio que corta o que eu vou falar, aí me dá vontade de chorar. Sabe?</p>	<p>Alice relata que se sente ferida quando seu marido e seu filho não querem conversar com ela sobre seu filho que faleceu. Ela afirma que sente como se eles estivessem negando</p>

<p>- POR NÃO TER COM QUEM CONVERSAR...</p> <p>- Uhum... Porque eu queria conversar dele com o G. [filho que permaneceu vivo] e com o G. [marido] e eles não... não conversam. Então, aí me dá vontade de chorar, sabe? Porque daí é um... uma anulação que eles fazem. E o G. [filho que permaneceu vivo] faz igualzinho! Do G. [filho que faleceu], né... e o G. [filho que faleceu] existiu, né? Ele fez parte! Então, assim, eu me emociono... E se eles falasse, conversassem, eu não... eu não me emocionaria... Engraçado, né? Como eu falo com a B. [amiga do grupo Amigos Solidários na Dor do Luto] do G. [filho que faleceu]... falo com... com... a L. [amiga do grupo Amigos Solidários na Dor do Luto], falo com a minha irmã... né? “Ah, porque o Gugu era assim... o Gugu era peraltinha. Mas o Gugu era mais emotivo, mais de pegar...”. E o G. [marido] e o G. [filho que permaneceu vivo] não falam... Aí... na hora me embarga, assim... né? Mas... entrego pra... né?</p>	<p>que ele existiu, anulando-o. Ou ainda, como se ele não interessasse mais.</p>
---	--



<p>- O QUE TE ENTRISTECE NÃO É FALAR DO G. [FILHO QUE FALECEU], É... JUSTAMENTE NÃO...</p> <p>- A postura ainda deles, né? A postura... A não aceitação... de falar da existência do G. [filho que faleceu]. Isso me fere. E é, né... é neurose, acho que é neurose de mãe, sabe? Porque a mãe quer... né? A mãe quer falar... a mãe quer... quer... quer lembrar, quer dizer, né? “Meu filho... eu amo o meu filho... meu filho não existe mais aqui, mas o meu filho existe... em algum lugar, né?”. E quando aquele ser... que é o pai do seu filho, não quer falar... então, tá querendo dizer: “Acabou. Ele não existe... ele não me interessa...”. É isso que passa na cabeça da gente, sabe?</p>	
<p>E essa seria... o motivo da minha separação, se a terapeuta não tivesse me ajudado, né? Parece que era assim: “Ah, o G. [filho que faleceu] não me interessa. O G. [filho que faleceu] não existe mais”. E isso na cabeça de uma mãe é muito louco, é muito forte! Né? É muuito forte... Então, ela... foi fuuuuundamental. Você veja, como é</p>	<p>Alice afirma que aquilo que foi mais relevante em seu processo psicoterápico foi o fato da psicoterapeuta ter lhe ajudado a compreender o modo de seu marido lidar com o luto. Ela relata que a psicoterapia foi fundamental para que ela não se separasse e pudesse retomar a vida ao lado de seu marido e de seu filho.</p>

importante até, a gente conversar, né? Na época eu dizia... dizia pra minha mãe, dizia assim... pra própria B. [amiga do grupo Amigos Solidários na Dor do Luto]... “Oh, se não fosse a S. [psicóloga]... eu acho que o meu casamento tinha acabado”. Porque é muito forte isso no G. [marido] de não querer falar. Né? Então ele fez um “X”, assim... Então... aí, agora, eu também já nem lembraava mais tanto disso. Conversando com você... volta bem isso. O quanto importante ela foi... Porque hoje a gente é uma família sólida, bem unida... Eu, o G. [marido] e o G. [filho que permaneceu vivo], né? Bem fortalecida... com a nossa... sequela grande, né? Com a nossa marca grande... mas a gente é uma família. Uma família forte, uma família que se dá bem, que se respeita, que se ama... né?

- E VOCÊ COMENTOU QUE ESSE FOI O ÚNICO POSICIONAMENTO QUE ELA... QUE ELA TEVE DURANTE A TERAPIA. O QUE ISSO QUER DIZER, M.: “POSICIONAMENTO”?

<p>- Da... S. [psicóloga]?</p> <p>- DA S. [PSICÓLOGA].</p> <p>- É, na verdade, assim, que eu... na verdade o que eu quis dizer, assim, que a maior relevância do meu tratamento com ela... foi com relação à eu entender a postura do G. [marido]... é... é... eu entender que eu não ia morrer por causa da partida do G. [filho que faleceu], que eu tinha que encaminhar a minha vida, e que o G. [marido] e o G. [filho que permaneceu vivo] estavam esperando continuar a vida do meu lado. Por mais que eu não estivesse aceitando que eles não falassem, mas que eles... que a minha vida com o G. [marido] e com o G. [filho que permaneceu vivo] continuava...</p>	
<p>Porque da aceitação da morte do G. [filho que faleceu] mesmo... pra mim foi mais forte o lado espiritual. O entendimento do espiritismo, daí... sabe? Aí eu aceitei. Que daí não é o caso de eu entrar aqui no meu entendimento espiritual. Isso me acalmou... isso me deu paz... e isso não me afastou de Deus. Porque eu... eu creio em Deus. Mas aí</p>	<p>Alice relata que a aceitação da morte de seu filho se deu mais por uma via espiritual, por meio do espiritismo, do que qualquer outra coisa.</p>

<p>foi por causa do estudo que eu fui fazer... de uma... de uma religião, né? E daí encontrei Deus, encontrei o... entendimento de eu não ser uma... abandonada por Deus, uma... azarada na vida... entendi... entendimento lá do lado espiritual.</p>	
<p>Com relação à terapia, ela me impulsionou a voltar à vida, no sentido, assim: “Você não morreu, você não vai morrer e você...”, e ela também percebeu que a... que eu era uma pessoa forte... e que eu ia ter que dar um sentido e me encaminhar de volta. Dentro da força que eu tinha dentro de mim, né? Só que eu tinha que continuar essa minha caminhada do lado do meu marido e do meu filho. E isso ela foi, assim, o tempo inteiro muito forte, assim... sabe? Porque todas as vezes que eu chegava lá, eu... não me lembro, assim, detalhes, né? Porque já fazem dez anos... Mas, com certeza, a minha queixa principal era o posicionamento do G. [marido] e do G. [filho que permaneceu vivo]. Sempre. Sempre. Sempre. Sempre, né? E... eu nunca... Assim, eu nunca questionava: “Ah, por quê?</p>	<p>Alice afirma que a psicoterapia a impulsionou a “voltar à vida”, em um contexto em que ainda sentia muita dor e tinha dificuldade em lidar com o posicionamento de seu marido e seu filho em relação à morte de seu outro filho. Alice relata que a terapeuta lhe percebia como uma pessoa forte e que seria capaz de “se encaminhar de volta” a partir de sua própria força.</p>

<p>Por quê?”, sabe? Eu entendi que tinha que ser assim. Que não cabia à mim entender nessa vida, né? Que eu tinha que aceitar e continuar. Agora... como continuar sem brigar em casa? Sem... sem ir assistir “Lost”, por exemplo, do lado deles... mas também não deixar essa vida em família morrer, né? Porque não é fácil... hoje, falando, parece que é fácil... mas quando você está vivenciando aquele período de... de perda, de muita dor, de muita dor, de muita dor... não é fácil... Então, foi... era nesse contexto que ela me ajudava.</p>	
<p>Ela me dava, é... é... não, não missões, assim... ela me dava... é... é... como é que eu vou dizer? Ela me dava metas à cumprir durante a semana, no começo, sabe?</p> <p>- QUE TIPO DE METAS?</p> <p>- Por exemplo, assim: “M., se o G. [marido] te convidar três vezes pra ir almoçar fora, tudo bem que você não vá as três. Mas aceite uma... Né? Você não tá, então, em condição de três vezes... Ah, quarta, sexta e domingo ir almoçar fora com o G. [marido] e com o G.</p>	<p>Alice relata que durante a terapia do luto ela trabalhava com a terapeuta sua relação com o marido. Alice afirma que a psicóloga lhe sugeria metas semanais para que ela fosse progressivamente retomando a vida em família. As metas eram propostas de acordo com aquilo que era possível para Alice naquele momento que ela estava passando e respeitando a sua vontade.</p>

[filho que permaneceu vivo]. Né?”. Eu dizia: “Eu não quero ir nem uma vez... ir almoçar com eles”. Ela falava assim: “Então, tá... você não vai as três, mas vá uma... Né? Pense um pouco no G. [marido], pense um pouco no G. [filho que permaneceu vivo]... Né? Né? Vá uma vez almoçar com eles...”. E isso foi assim... grada... gradativamente... Ah, quando tinha um ano e meio, lá... “Ah, M., é... o G. [marido] quer ir no... no shopping?”. Eu odeio ir no shopping, né? Mas era... um exemplo, assim, lá... né? “Se ele te convidar cinco vezes pra ir no shopping, pelo menos uma, vá... né? Porque é uma maneira do G. [marido] ir entendendo que você não está preparada para ir ao shopping como ele, mas é uma maneira de você também... é... entender que o G. [marido] precisa ir ao shopping”. Alguma coisa nesse sentido. Sabe? Era... “Ah, M., é... é... se antes você tinha como rotina, no inverno, fazer sopinha em família... pra vocês saborearem uma sopinha, com torradinha, quatro vezes por semana... Por que você não faz uma vez por semana? Você não tem energia... você não

tem ânimo... você não tem vontade... das quatro vezes que você fazia, né? Mas pra sua vida ir voltando em família, eu acho que pelo menos uma vez por semana você podia tentar fazer uma sopinha... pra vocês quatro. Mesmo que você faça aos prantos, os prantos pingando... mas faça uma vez... Tenho certeza que você vai deixar o G. [marido] e o G. [filho que permaneceu vivo] muito feliz".

Né? Então, esse tipo de... que eu passava pra ela, que eu não consigo me lembrar o que que eu passava... Mas ela me dava esse direcionamento assim. Então, ao... mesmo tempo que ela deixou com que eu... ela fez com que eu respeitasse a dor do G. [marido] e do G. [filho que permaneceu vivo], a postura deles...ela fez com que... é... eu não de... ela me fez perceber que se eu continuasse numa postura muito seca, muito ríspida, além de perder o G. [filho que faleceu], eu iria perder o G. [filho que permaneceu vivo] e o G. [marido], né? A nossa vida em família... E ela sabia que não era isso que eu queria. Né? Porque diante do que eu passei pra ela, tudo... eu e o G.

[marido], a gente era uma casal que tínhamos tido muuuito, assim, é... confronto de opinião... porque, ah... ele era muito... não enérgico, assim, mas ele era muito sistemático. Um... um... homem! Um jovem, quando eu casei com ele, um jovem sistemático. E eu me anulava muito no começo. E, assim, sempre dizendo amém. E agora, assim, não é... eu não tava dizendo amém pra ele, eu tava só respeitando uma maneira do G. [marido] olhar a vida e a morte. Eu não tava dizendo amém. Então é muito amplo, muito complexo. Que dentro da terapia do luto, eu também, claro... que trabalhava com ela a... a minha relação com o G. [marido].

- TRABALHAVA A RELAÇÃO, ENTÃO...

- Também... né? Porque... ele era uma pessoa bem mais sensí... ele ainda é! Até hoje... mas ele era mais. Aí, claro, depois de tudo... o amadurecimento, tudo que você vai vivendo na vida... você vai, né? Ficando mais maleável... ou, vai... piorando, né? Conforme...



<p>- E M., COMO É QUE VOCÊ SE SENTIA QUANDO TINHA UMA TAREFA DESSAS PRA FAZER? COMO É QUE VOCÊ SENTIA ISSO?</p> <p>- Como vinha de uma pessoa que eu achava muito sábia... que admirava muito ela, eu respeitava, achava ela sábia... eu... aderiria... eu... achava interessante, achava bem sensato e eu procurava fazer. Conforme... o que ela tinha me lançado, conforme o desafio, conforme... sabe? O... é... que eu me lembre todas as vezes que ela dizia alguma coisa, que ela percebia que eu tinha que fazer, que seria interessante eu ir em busca... eu respeitava. Eu nunca... batia de frente... E era uma pessoa que eu admirava muito, assim... Sabe? A postura, o jeito de falar, o jeito de... olhar a vida, assim, sabe? Ela tinha uma sabedoria, bem... que me... me conquistou! Eu gostava muito dela. Sabe?</p>	<p>Alice relata que gostava de sua psicóloga e tinha admiração por ela. Alice também afirma que achava sua terapeuta uma pessoa sábia e que por isso respeitava aquilo que ela sugeria, aderindo às suas propostas (que lhe pareciam sensatas e interessantes), sem confrontá-la.</p>
<p>Eu me sentia fortalecida. Toda vez que eu ia lá, eu podia entrar assim ó [expressando abatimento]... eu saía assim [sorrindo]! Eu saía muito bem! Eu saía... “Ai, meu Deus...”.</p>	<p>Alice afirma que a psicoterapia lhe fortalecia. Também afirma que conversar com a terapeuta lhe acalmava e acalentava, mas sem fornecer uma explicação sobre a existência</p>

<p>Né? E eu agradecia Deus. Por ter ido, por ter conversado, por ela ter me acalmado, me acalentado... Mas não dizendo: “Ah... Deus existe... seu filho tá bem...”. Não. Em nenhum momento. Né? Ela não levava pra esse lado. Mas ela é... ela era sábia, assim, não sei... não consigo...</p> <p>- ELA NÃO CHEGAVA A DAR UMA EXPLICAÇÃO, OU FALAR...</p> <p>- Não... não... É uma pessoa... ela era sábia, assim, na maneira de colocar, dela falar... e d’eu olhar e dizer: “Não... ela tem razão. Eu to sendo burra, eu to sendo mesquinha, eu to sendo egoísta... Não. O que eu disse ela entendeu... né? Ela me deu razão... mas... não adianta! Isso não vai... não vai voltar, não vai surtir efeito positivo... né? É uma coisa minha... uma dor que é minha... uma maneira d’eu... d’eu ver a vida, d’eu... Não posso querer isso pro G. [marido], nem pro G. [filho que permaneceu vivo], nem pras outras pessoas que...”.</p>	<p>de Deus ou o estado em que seu filho falecido se encontrava. Alice relata que a maneira como a psicoterapeuta se colocava e falava, fazia com que ela se sentisse compreendida e permitia que ela percebesse seu próprio modo de agir e de perceber a vida.</p>
<p>As outras pessoas também me irritavam muito. Eu tinha muita raiva, de tudo e de</p>	<p>Alice relata que após a perda do filho se sentiu enlouquecida, com raiva das outras</p>

<p>todo mundo. Assim, não posso negar, né? Por mais que as pessoas falem: “Ah... você é uma pessoa querida e tal...”. Mas eu sou humana. E quando me aconteceu, no momento da minha dor, eu queria que todo mundo morresse. Até meu fi... Eu pensava assim: “O meu filho morreu... quero que...”, sabe? Eu fiquei um bom período assim. Aí depois não... tudo isso ela foi fazendo eu ver, entender... que ninguém tinha culpa do que tinha acontecido. Né? O que q... Velho, então... pessoa de idade... eu não podia ver velho! Eu via um velho, assim, eu tinha um ódio! Era um negócio fora do comum. Aí ela... ela me fez entender e respeitar que o velho não tinha nada a ver com isso. Né? Com o meu filho... Hoje, jamaais eu penso isso! Mas na época, pra mim foi um momento muito... muito louco, assim. Foi bem esquisito. Mas no que eu percebo, assim, pra maioria da... das mães... é. É muito horroroso.</p>	<p>pessoas, desejando que todos morressem. Ela relata que a psicóloga lhe ajudou a perceber e entender que ninguém era culpado pela morte de seu filho, fazendo com que deixasse de sentir a raiva que sentia.</p>
<p>Então, ela foi muito enriquecedora... ela foi muito... é... foi muito sábia... ela... e teve</p>	<p>Alice afirma que a relação com sua psicóloga foi enriquecedora para ela. Alice afirma</p>

<p>afinidade também, né? Eu acho que isso, vocês, terapeutas, percebem, né? Quando tem pessoa que vem... e sente mais vontade, sente mais... né? Mais prazer em conversar com você, que você vê que a sua conversa faz bem pra pessoa, né? E tem outras que por mais que você fale, converse, exponha, você vê que a pessoa não sai do lugar, né? Eu acho que existe...</p> <p>- E TER ESSA AFINIDADE É ALGO QUE AJUDA ENTÃO, A...</p> <p>- Eu acho, que é fundamental!</p> <p>- FUNDAMENTAL...</p> <p>- Eu acho. Afinidade. Não é porque é psicólogo... “Ai, eu to precisando terapia, você é psicólogo...”, que no primeiro... você vai ter, né... sucesso. Eu tinha feito terapia uma vez... quando eu tinha o G. [filho que permaneceu vivo] e o G. [filho que faleceu] bem pequenininhos... E o G. [filho que permaneceu vivo], meu filho mais velho, foi um bebê muito bonzinho... muuuito calminho, muito independente. Ele é até</p>	<p>também que considerava sua terapeuta uma pessoa sábia e que teve afinidade com ela. De acordo com Alice, ter afinidade com a psicoterapeuta é fundamental para a psicoterapia e é algo particular de cada relação que se estabelece entre paciente e terapeuta. Para exemplificar, ela relatou que já havia feito terapia com outra psicóloga, quando tinha 24 anos de idade, e que não teve afinidade com ela.</p>
--	--

hoje! [ri] Ele é muito na dele, assim... E o... o G. [filho que faleceu] era o oposto. Ele era muuuito... “ranhetinha”, assim... minha mãe falava... muito... desde bebezinho... ele era genioso, sistemático... sabe? Aquele que você vai da... [grunhidos imitando bebê] E o G. [filho que permaneceu vivo] não era. Então, como eu tive eles com um ano e quatro meses de diferença... quando eu a... eu comparava muito um com o outro, né? “Ai, o G. [filho que permaneceu vivo] era assim, o G. [filho que permaneceu vivo] era não sei o que lá...”. O G. [filho que permaneceu vivo] era tudo mais bonzinho. Aí... eu também era recém-formada. E eu tinha muito ansiedade na minha profissão. E... só que eu já tinha dois filhos pequenininhos... Porque em 91 [1991], eu engravidei do G. [filho que permaneceu vivo] em março, eu me formei em julho... não. Comecei a trabalhar em junho, me formei em julho, casei em setembro e ganhei nenê em dezembro... de 91 [1991]. Né? Então, ó... eu... eu ia me formar, o que já é uma grande... né? Reviravolta, assim... Ah... uma nova fase na vida. Só que

eu engravidei em março. Daí eu me fo... eu comecei a trabalhar em junho. Porque... né... eu já queria começar, surgiu uma oportunidade e eu fui. Me formei em julho, casei em setembro e ganhei neném em dezembro. Sss... oito meses após dezembro... que eu ganhei neném, eu engravidei do G. [filho que faleceu]. Então, olhe só: eu tinha 24 pra 25 anos. Tudo isso... naquela ansiedaaade da profissão... que eu achava: “Ai... vou me formar... e vou... e vou... e vou ser dentista e... Quero ver... qual pós que eu vou fazer... Que daí eu vou trabalhar, vou ganhar dinheiro, já quero ir pra uma pós...”. De repente, eu era uma mulher casada... eu era uma dentista, uma mulher casada, mãe do G. [filho que permaneceu vivo], esposa do G. [marido], que era um marido... sistemático... era o meu namorado já de cinco anos... mas era sistemático... e... se mostrou mais sistemático ainda depois que eu casei, por causa de toda, né... a... e... com oito meses de... do G. [filho que permaneceu vivo], eu engravidei do Gugu. Então foi tudo muito, assim, muito difícil. Aí, de repente, eu tinha

dois bebês: um de um ano e quatro meio... e quatro meses e outro bebezinho. Daí o... o... G. [filho que faleceu] era meu e o G. [filho que permaneceu vivo] era do G. [marido]... né? O tempo inteiro! Daí tinha uma... empregada que ajudava e tal... E eu comparava muito. O... o... G. [filho que permaneceu vivo], com o... o... G; [filho que faleceu], né? “Ai, porque o Gugu é genioso, porque o Gugu não sei o que...”. E daí, o... daí eu fui fazer uma terapia... que uma vizinha minha indicou. Lá no Hospital Bom Retiro... sabe aquele hospital? Não sei se existe, ainda, o Bom Retiro...

- EU ACHO QUE NÃO MAIS...

- É um hospital psiquiátrico, lá no bairro do Bom Retiro... não... também nunca mais ouvi falar...

- MAS ELE ERA BEM... BEM FAMOSO, NÉ?

- Ele era... nem sei se ele existe. Aí eu fui... e lá era uma terapia, dentro do hospital. E eu me lembro, assim, que era uma terapia mais

<p>acessível... não era cara... e eu tava no começo da minha profissão, ta... e eu fui. E essa minha amiga adorava a terapeuta... Mas eu não tive afinidade neenhuma com ela. É porque vocês, na terapia, tem várias escolas, né?</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Não entendo nada de terapia, apesar de já ter feito duas vezes... E daí ela chegava lá... ela sentava, assim, num lugar... eu sentava aqui... ela falava assim: “Então, me fale...”. Aí o que que eu ia falar? Eu ia falar do G. [marido], do G. [filho que permaneceu vivo], do G. [filho que faleceu]. E eu sempre falava... e eu não gostava dela. Era o oposto da S. [psicóloga], foi uns... dez anos antes, né? Não, mais... onze anos antes.</p>	
<p>Porque daí o G. [filho que faleceu] tinha 12, quando eu fui lá o G. [filho que faleceu] tinha um ano e meio, mais ou menos, né? Aí eu... começava a falar. E era só problema, né? Problema com o filho, problema com o marido... aquelas chateação de vida de casal novo... meio conturbado, que casou meio sem</p>	<p>Alice afirma que apesar de não ter tido empatia pela sua primeira psicóloga, reconhece que uma intervenção dela foi fundamental para que ela mudasse a forma como tratava seu filho mais novo (ainda que tenha achado esta intervenção áspera, grosseira, horrorosa e odiado sua psicóloga</p>



programar a vida... uma vida de recém-casado desprogramada. Aí um dia, ela virou pra mim e falou assim: “Você não ama o G. [filho que faleceu]?”. Quando ela falou isso... mas você veja, eu odiei ela... Eu não gostava dela... e naquele dia eu odiei ela. Eu falei assim: “Como assim, não amo o G. [filho que faleceu]? Claro que eu amo, ele é meu filho!”. Ela falou: “Não... eu estou te fazendo uma pergunta... Cabe a você me responder. Se você ama ou não o G. [filho que faleceu]”. A partir dali eu odiei mais ela ainda. Mas, olha só, ela foi fundamental, porque foi como se ela me desse um tapa na cara. Você acredita que a partir dali eu nunca mais consegui falar nada assim: “Ai, porque o G. [filho que faleceu] é genioso, porque...”. Você acredita? Só que na hora, eu achei que foi... eu achei que foi um posicionamento tão áspero, tão grosseiro, tão horroroso dela... só que ele foi fundamental. Porque senão eu teria... é... é... passado todo o período da minha vida, assim... daquelas mães que você vê que tem um filho preferido? Que tem isso, né? Porque assim... “Ah, o meu filho,

naquele momento).

bebezão, meu filho não sei o que... Porque o outro é um tralha, porque...”. Eu acho que talvez eu tivesse levado pra esse rumo... E como eu olhava o G. [filho que faleceu] meio assim... eu não... acho que eu paparicava mais o G. [filho que permaneceu vivo]... apesar do G. [filho que faleceu] ser mais novo. E a partir daí... é... foi como se fosse realmente um... um tapa, assim: “M., que que é isso?”. E a partir daí, eu mudei cooompleeetamente a maneira de eu tratar o G. [filho que faleceu]. Daí eu só fazia carinho... se ele vinha fazer manha de se jogar no chão, eu chegava... fazia carinho... pegava ele, conversava... falava: “Não faça assim, eu não quero...”. Sempre com postura, eu nunca fui daquela mãe... mãe... assim, né? Mas, é... eu... comecei a entender que eu não podia levar pra minha relação com o G. [filho que faleceu]... de frieza. Foi bem forte. Só que era uma psicóloga que eu não tinha empatia nenhuma. Eu não gostava de conversar com ela... Eu acho que eu fui uns quatro, cinco meses. Depois não fui mais...

<p>Já com a outra lá, quando eu precisei, no período do luto... eu tinha muita empatia.</p> <p>- E ESSA EMPATIA ERA ALGO POSITIVO, ENTÃO...</p> <p>- Muito positivo. Que isso a gente tem, eu acho, com todo mundo: com amigo... né? Tem amigo que você tem muito mais... né? Empatia... do que com outro... Não é porque todo mundo que estuda lá na sua sala que você... né? Tem a mesma empatia com todo mundo. Por que que não... né? O profissional também, né? É como você ir à um dentista: você pode ir em cinco. Você vai dizer assim: Ah, eu tive muito mais empatia com aquele lá! Aquele eu não gostei, aquele mais ou menos, aquele eu odiei... e com essa aqui eu tive muita empatia”. Não é? E... é... psicólogo e paciente, a mesma coisa, né? Então... eu tinha muito empatia com ela,</p>	<p>Alice relata que tinha muita empatia pela psicóloga que lhe atendeu durante o seu luto. Ela afirma que a empatia é algo que está mais ou menos presente na relação que se estabelece com qualquer pessoa, seja esta uma relação de amizade ou uma relação profissional (como a de paciente e psicólogo).</p>
<p>eu admirava muito ela... ela... me falava as coisas, assim... bem sábias, que me faziam pensar... Quaaaando o que ela falava não... eu não gostava, eu não acreditava, eu passava... daí ela debatia comigo... Mas, em nenhum</p>	<p>Alice afirma que admirava sua psicóloga e que achava que ela lhe falava coisas sábias, que lhe faziam pensar. Alice relata que quando não acreditava ou não gostava de algo que a psicoterapeuta lhe dizia, as duas</p>

<p>momento ela me impunha nada... em nenhum momento ela me puxava a orelha... Só que se eu estava... é... diante da visão dela, lá... né?</p> <p>Indo pra um lado que ela não achava que era interessante, ela me questionava e ela me fazia pensar. Aí ela falava assim: “Na próxima vez você me responde então. Eu quero que você vá e que você pense”.</p> <p>- ENTÃO ELA NÃO IMPUNHA, MAS QUESTIONAVA ALGUMAS COISAS...</p> <p>- Questionava, aham... E ela fazia... Aí, quaaaando eu voltava... Aí ela sempre perguntava: “Então, M., daquilo que a gente conversou... o que ficou... o que que você tem pra me dizer?”. Aí se eu achava que era aquilo, eu chegava e falava: “Não, eu acho que é isso ainda e tal... não sei o que, não sei o que, não sei o que”. Daí ela falava: “Então... eu acho que assim, assim, assim, assim, assim”. Aí a gente debatia, conversava, né? Mas, assim, em nenhum momento ela... ela im-punha. Ela me fazia pensar. O tempo inteiro. Pensar, pensar, pensar... Então ela foi muito...</p>	<p>debatiam, mas a psicoterapeuta não lhe impunha nada, nem lhe repreendia.</p>
--	---

<p>Agora, o quaaanto, assim, ela me ajudou na época, assim... em amenizar a dor... não vou saber mais mensurar. Eu acho que isso ela não me ajudou. Ela me fez entender que eu tinha dor, que era normal... que não tinha o que fazer, que eu tinha que dar um sentido pra minha vida... e que se o lado espiritual era um lado que tava me ajudando a diminuir minha dor, que eu podia sim... me agarrar ao meu entendimento espiritual, à essa aceitação e que aquilo não... só ia me fazer bem. Né?</p>	<p>Alice afirma que não sabe mensurar o quanto a psicóloga lhe ajudou a amenizar sua dor e que, possivelmente, ela nem tenha lhe ajudado nisso. Alice relata, no entanto, que a psicoterapeuta lhe auxiliou a entender que ela tinha uma dor e que isso era normal. Alice afirma também que a terapeuta lhe orientou a buscar sentido para sua vida e ressaltou que se a espiritualidade estava lhe fazendo bem, ajudando a diminuir a sua dor e a aceitar a morte de seu filho, ela poderia se apegar a isso.</p>
<p>E que ela também... ela só dizia assim: “Eu também acredito que a vida não seja só isso aqui”, mas também não esticava o assunto naquilo... nunca me dava, assim... a oportunidade de eu falar o que eu tava lendo, o que eu tava estudando, o que eu tava vendo... né? O mundo que eu tava descobrindo dentro da doutrina espírita... também não... não tinha esse espaço.</p>	<p>Alice relata que a despeito da psicóloga revelar que também acreditava em uma vida após a morte, não dava abertura para que ela falasse sobre a doutrina espírita, suas leituras e estudos sobre o tema.</p>
<p>Aí o que era interessante, era que assim... que eu tinha o meu momento lá, que era todo sábado de tarde, durante dois anos... o estudo</p>	<p>Alice relata que nos anos de 2006 e 2007 ela tinha o seu momento de estudo da doutrina espírita, aos sábados, após o almoço,</p>

<p>da doutrina espírita. Dois anos: 2006 e 2007. Todos os sábados de tarde... eu almoçava com o G. [marido] e com o G. [filho que permaneceu vivo] no sábado... eles iam pro futebol e eu ia pro... pro estudo.</p>	<p>enquanto seu marido e seu filho jogavam futebol.</p>
<p>Me acalmou muito: ela, a medicação do psiquiatra, pra eu dormir... o... anti... paroxetina, eu tava tentando lembrar o nome do... do medicamento que eu tomei. Foi paroxetina. E... o grupo. Quando eu conheci o grupo também... foi muito, muito, muito forte. O restante eram tudo pessoas que não sabiam da morte. Aí quando eu vim pro grupo em junho... que daí tinham sete meses... daí... e com tudo que eu já tava vendo, né... com eeela, com o psiquiatra, com o estudo da doutrina...</p>	<p>Alice relata que a psicóloga, o psiquiatra, o medicamento para dormir, o antidepressivo, a participação no grupo ASDL e o estudo da doutrina lhe acalmaram após a perda de seu filho. Ela relata ainda que “o restante” eram pessoas que não tinham contato com a morte.</p>
<p>Aí quando eu caí no grupo... aí, pra mim, foi assim... um oásis mesmo. De preencher... de eu me situar, de eu me posicionar... Daí falei do grupo com ela, dividi... ela também achou super válido... não questionou... não falou: “Não vá... que você vai ver mais mães... você vai ver mães chorando... você tá se</p>	<p>Alice relata que o grupo ASDL foi para ela como um “oásis”, lhe preenchendo, situando e posicionando. Ela afirma que relatou para a psicóloga o que estava experienciando no grupo e achou interessante o fato dela lhe deixar falar sobre o grupo, respeitando aquilo que ela trazia, sem questionar, nem criticar.</p>

<p>recuperando agora... você vai cair lá onde vai ter mães chegando...”. Nenhum momento. Respeitou... né? Também acho que não sabia da existência do grupo... deixou eu falar... tudo que eu tava ve... Que eu vim quatro semanas, que foi o período de férias, né? Deixou eu relatar cada se... que eu vinha segunda e ia com ela na terça ou na quarta. Aí ela deixava eu relatar tudo que eu tinha visto... que eu tinha... sabe? Aquela conversa de relato... de fato... e ela sempre respeitando. Foi bem, bem... bem interessante.</p>	
<p>Aí, depois, quando ela me deu alta, a vida foi... O que eu posso dizer, assim, é que... quando eu senti um silêêncio, uma calma, assim... eu acho que foi até cedo. Tinha dois anos e dois meses. Alguma coisa dentro de mim, assim... meio que anestesiou... uma coisa esquisita, assim, sabe? Bem, assim, bem... um silêêncio... me deu um... uma aquietada... na dor, como se tivesse meio que dado uma selada. Aí que eu deixei de chorar, já tinha uns cinco anos. Aí um dia... eu falei: “Eu não vou chorar mais”. Aí pedi perdão</p>	<p>Alice relata que após o encerramento da psicoterapia conseguiu retomar a vida aos poucos. Ela afirma que dois anos e dois meses após a perda do filho sentiu um “silêncio”, como se sua dor tivesse sido anestesiada, aquietada. Cinco anos depois da morte do filho, ela também parou de chorar com frequência, ainda que se emocione ao falar dele.</p>

<p>pro meu filho... Falei: “Filho, eu não aguento mais chorar, eu não vou chorar mais... Se algum dia eu chorar, vai ser de saudades... né? Mas daí você me perdoe...”. Parece que eu senti assim, que eu não tinha que chorar mais, que eu não podia chorar. E daí hoje... ah... eu choro quando eu to conversando, falando dele... eu me emociono, assim, né? Mas a vida foi, aos pouquinhos, assim...</p>	
<p>Então, eu tive várias ajudas, né? Não foi, não foi só... a terapeuta. E porque eeu também quis. Eu quis me ajudar! Eu vejo assim, que tem uma ou outra mãe no grupo, alí... que não quer. Não quer ajuda, não quer se ajudar... quer ficar de vítima da sorte... né? E eu não quis isso. Eu nunca gostei de me sentir coitada, eu nunca gostei de me sentir... sabe, que as pessoas tivessem piedade de mim. Essa era uma das coisas que eu conversava com ela também. Eu não... não gosto. E daí eu fui em busca. Né? Então, com relação à terapia foi isso. Agora, é uma pena, que é muito tempo, né? Eu não consigo, assim, lembrar detaaaalhes da terapia...</p>	<p>Alice relata que recebeu várias formas de ajuda após a perda do filho, mas afirmou que o fato dela mesma querer se ajudar foi algo determinante.</p>



<p>- AH, MAS TUDO QUE VOCÊ TROUXE É MUITO RICO, ASSIM...</p> <p>- É, né...</p> <p>- AJUDA BASTANTE A GENTE A REFLETIR SOBRE ISSO, NÉ?</p>	
<p>EU NÃO SEI SE TEVE ALGUM PONTO NEGATIVO, OU ALGO DE RUIM NA TERAPIA QUE VOCÊ LEMBRE...</p> <p>- Nada. Neeem... neem de longe, assim. Eu não tive nem um momento de conflito... nem um momento de... de... mesmo o lado financeiro, que era uma terapia cara. Mas pra mim, eu tinha o maior prazer de ir, de pagar... que é uma das coisas que às vezes eu sinto nas pessoas, sabe? Que... “Ai, quanto que custa? Ai, eu não vou”. E eu... e eu... Nossa, eu não queria, sabe? Pra mim... Tanto é que quando ela passou que fosse quinzenal, eu não queria. Que é um lado, assim... é... num tipo que eu também não queria é... dinheiro pra nada, eu odiava dinheiro, eu odiava... né? Meu filho tinha ido embora. E eu... eu ia investir numa pessoa, numa ajuda que me</p>	<p>Alice relata que não teve nenhum ponto negativo em seu processo psicoterápico. Ela afirma que nem mesmo o fato do valor da psicoterapia ser alto foi algo que considerou negativo, pois após a perda do filho passou a odiar dinheiro, já que nada tinha valor para ela diante da morte de seu filho.</p>

<p>acalmava, que me acalentava. Então, não tive nada negativo. Dizer assim: “Ah, você pagou... você não pagou, você... perdeu seu tempo indo lá conversar... vo...”. Nada, nada... Assim... pra mim foi totalmente positivo. Tudo. Tudo, tudo, tudo.</p>	
<p>Só que uma coisa que eu achei interessante, assim, ficou bem situado: a S. [psicóloga], minha terapeuta... E também... nem ela, nem eu... nenhum momento confundia, assim: a S. [psicóloga] terapeuta e uma S. [psicóloga] com vínculo de amizade, né? Que foi o que eu te disse... Apesar de eu ter um forte... afinidade com ela, empatia... acabou ali, acabou ali. Interessante isso, né? E isso, claro, foi colocado por ela. Não por mim, né? Porque eu era a paciente... eu... né? A gente é inocente nisso. Talvez eu pu... quisesse até confundir as coisas: “Ai, S. [psicóloga], vou ligar pra ela...”. Porque eu tinha o celular, né? Na época... tenho até hoje. Vou ligar... vou perguntar pra S. [psicóloga] se ela tá bem, vou falar que eu to bem... Não. E pra mim ficou tudo tão bem trabalhado... que ficou</p>	<p>Alice relata que acha interessante o fato de que, apesar da afinidade e empatia que tinha com a terapeuta, sua relação com ela ficou restrita àquele momento em que estava sendo atendida por ela, após a morte de seu filho, sem nunca ter se confundido com uma relação de amizade.</p>

<p>nítido, assim, que ela tinha sido a minha terapeuta... no momento que eu precisei, que eu tava muuuito frágil, muuuito perdida... com relação à minha vida quando o G. [filho que faleceu] partiu. E que ela tinha me ajudado. A entender a morte do G. [filho que faleceu]? Não. Em nenhum momento ela... ela não tem ma... né? “E afinal, o G. [filho que faleceu] morreu por isso...”, né? Ma...</p>	
<p>Outra coisa, muito importante também, que isso eu já esqueci... Como o que vitimou o G. [filho que faleceu] foi um problema cardíaco passado por mim, ela me ajudou muito nisso também. Porque de início, eu... tendi... - acho que seria bem humano... é... bem fácil das pessoas, assim, entenderem - a me sentir culpada. Né? Nossa, eu tinha um traço, um traço... muito triste, né? Que... maligno, digamos, que... que deu a vida e a morte pro meu filho, né? E ela também me fez entender que eu também era vítima. Tanto é que hoje, eu... tendi muito a isso, a me sentir culpada. Tendi muito, algumas vezes! E isso, também não consigo te dizer como, mas ela me fez...</p>	<p>Alice relata que se sentia culpada pela morte do filho, pelo fato dele ter falecido devido a um problema genético, transmitido por ela. Alice afirma que se sentiu ajudada pela psicóloga e que, ainda que não saiba explicar como essa ajuda se deu, atribui a ela o fato de ter conseguido se libertar dessa culpa.</p>

<p>eu me libertar disso.</p> <p>- SE LIBERTAR DESSA CULPA...</p> <p>- Da culpa. Que eu tinha muuuita culpa. Eu... eu tava... tendendo a me sentir muito culpada da morte dele, tadinho... né? Porque se eu soubesse que eu tinha esse traço... tão forte... eu nem teria tido filho, né? Mas eu também fui descobrir que eu tinha cardiopatia quando foi feito o diagnóstico dele... que daí a... a... a equipe médica pediu investigação familiar, porque era um traço genético. Daí deu que eu era portadora. Mas eu não... jamais... Então ela me ajudou muito nisso também. Que era um dos fatores que eu me sentia culpada.</p>	
<p>Então, então... é muita coisa, né? Que ela trabalhou na época... Mas o mais forte, assim, foi na minha retomada de vida. Na minha... de me encaminhar, de... né?</p> <p>- NESSE RETOMADA DE VIDA...</p> <p>- Uhum... E junto com o G. [marido] e com o G. [filho que permaneceu vivo]. Mesmo com as... com as nossas diferenças diante da morte de um filho, né? Bem diferente, por sinal!</p>	<p>Alice afirma que trabalhou muitas questões com a psicóloga durante a terapia, mas que o principal foco foi dado a retomada de sua vida ao lado de seu marido e seu filho, ainda que com diferentes modos de lidar com a morte.</p>

<p>Muuuito diferente! Muito esquisito, sabe?</p>	
<p>Porque até 30 dias, todos os dias, quando tinha 15 dias... o G. [marido] voltou a trabalhar quando tinha sete, que é a licença do pai, né? Sete dias... Eu, quando deu sete dias, eu não consegui voltar. Daí eu voltei após 15 dias. Eu fiquei duas semanas... E eu não queria voltar. Eu não queria mais trabalhar no consultório, eu não queria trabalhar mais na... E o G. [marido] chegou pra mim e falou... que ele achava que eu não poderia parar de trabalhar. Que ia ser... Só que nesse período eu tava sem a psicóloga... ainda, né? Ela começou dois meses depois. Que a nossa vida continuava... que ele ia continuar... E que eu tinha uma oportunidade, eu era dentista do exército na época, né? Que eu não podia parar, que a vida ia se tornar muito vazia... Também não me lembro o que que ele conversou, mas na hora ele conversou bem foorte, assim, comigo e eu voltei. Aos cacos... E voltei. Só que eu não trabalhava, no começo. Né? Todo mundo que vinha, vinha falar, vinha falar... acho que ficou um...</p>	<p>Alice relata que ficou 15 dias sem ir trabalhar após a morte de seu filho. Ela afirma que não queria voltar ao trabalho, mas que seu marido lhe convenceu, conversando com ela de maneira firme e argumentando que sua vida se tornaria vazia se ela deixasse de trabalhar.</p>

<p>umas três semanas assim.</p>	
<p>E... aí outra coisa que eu tinha. As pessoas abriam a boca pra mim e falavam: “Ai... quebrei esse dente... quero fazer uma...”. Eu tinha vontade de falar: “Meu filho... meu filho morreu... você tá preocupada porque você quebrou um dente?”. Sabe? Né... negócio meio louco, assim... né?</p>	<p>Alice relata que quando voltou a trabalhar, as preocupações dos outros pareciam irrelevantes diante do que ela estava vivenciando com a morte de seu filho.</p>
<p>Tá. Aí voltei a trabalhar. Daí... Agora me esqueci do que eu ia falar... [silêncio]</p> <p>Credo... Eu tinha muito isso no começo... Aí voltei a trabalhar e o G. [marido] também voltou... Ah, tá! Ai, desculpa, perdi o fio da meada. Fui falar dos dentes... [silêncio]</p> <p>- VOCÊ COMENTOU QUE O G. [MARIDO] FOI MUITO IMPORTANTE PRA VOCÊ VOLTAR A TRABALHAR...</p> <p>- Isso...</p> <p>- NUM PERÍODO EM QUE VOCÊ NEM ESTAVA NA TERAPIA AINDA...</p> <p>- Aí eu voltei a trabalhar... esperei... Aí depois veio férias minha... Que eu tirava férias de... de 20 de dezembro à 20 de</p>	<p>Alice relata que quando iniciou a psicoterapia, já havia voltado a trabalhar.</p>

<p>janeiro... Então voltei, trabalhei uns 20 dias, depois emendei com férias... Aí quando eu fui nela, eu já tava trabalhando de volta... Mas eu não sei porque que eu fiz essa colocação do voltar a trabalhar... eu não... Perdi o fio da meada.</p>	
<p>Mas, em suma, daí ela foi muito importante também nisso, né? De... de eu entender que eu não tinha culpa da doença... que eu também era vítima, né? E que isso não tinha... né? Que o G. [marido] jamais ia me cobrar. Porque daí eu também tinha um pouco disso, de... de vergonha diante do meu marido... de eu ter... um traço tão forte... que tinha vitimado, que tinha sido causador da morte do filho dele. Olha que negócio esquisito, né? Ela me fez entender, assim... que o G. [marido] jamais iria me culpar, que o G. [marido] jamais iria cobrar isso de mim. Né? Porque eu tinha... eu me sentia, assim... uma mulher muito inferior. Por ter dado um filho pra ele... né, mas um filho com uma imperfeição tão grande, cardíaca, que tinha levado o filho dele à morte! Né? Então, é...</p>	<p>Alice relata que se sentia culpada pela morte do filho e envergonhada diante do marido pelo fato do gene que acarretou sua morte ter sido herdado dela. Ela afirma que trabalhou essas questões com a psicóloga, que a fez entender que seu marido não iria culpá-la por causa disso.</p>

<p>tudo isso ela trabalhou, assim, né? Diante, lá, de um ano e meio... foi bem trabalhado, bem conversado...</p>	
<p>Agora, dizer assim, ela foi fundamental? Foi... foi fundamental. Foi muito bom? Foi muito bom. Ela quem... quem me deu alta? Ela quem... quem me deu alta. Porque ela também... me dizia assim, que eu não podia ficar dependente dela... né? Que era... era normal, num período em que a pessoa tá muito fragilizada, muito perdida, depender de alguém. Pra... né? Pra se reestruturar. Mas a partir do momento que aquela pessoa está já com uma reestrutura pra começar, entre aspas, “uma nova vida”, ou... continuar aquela vida depois de um graaande incidente, que ela também tinha que libertar essa pessoa, né? E tudo isso, assim, eu admirei muito nela, porque ela... ela foi bem sábia, assim, percebeu tudo isso e... né? Então é isso, Michel, assim no...</p>	<p>Alice relata que a psicoterapia foi algo bom e fundamental para ela. Alice afirma também que sua psicóloga lhe deu alta porque não queria que ela ficasse dependente dela e que precisava “libertar” a pessoa quando ela deixava seu estado de fragilidade e dependência inicial e passava para um momento de reestruturação de vida. Alice relata que admirou esse modo de proceder de sua psicóloga, considerando que ela agiu com sabedoria.</p>
<p>- M., UMA ÚLTIMA PERGUNTA, ASSIM... É... E NO FINAL DESSE PROCESSO, NÉ... QUE VOCÊ FALOU</p>	<p>Alice relata que atualmente já não se sente enlutada. Ela afirma que sente a dor da perda, mas que essa dor já não pesa mais como</p>



<p>QUE ANTES TAVA MAIS FRAGILIZADA... PASSOU A FICAR UM POUCO MENOS... NÉ? E... MAS DÁ PRA DIZER QUE... NÃO SEI, QUE NO FINAL DESSE PROCESSO ACONTECE UMA... UMA SUPERAÇÃO OU DEIXA DE ESTAR ENLUTADO DEPOIS DE UM PROCESSO ASSIM?</p> <p>- Você diz, assim, agora, por exemplo?</p> <p>- É... DEPOIS DA TERAPIA, ASSIM...</p> <p>- Ah, logo depois da terapia?</p> <p>- E MESMO HOJE, ASSIM...</p> <p>- Não, hoje eu me sinto completamente... sem estar enlutada. Que pra mim, assim, o luto, a dor da perda... ela... Não é que ela existiu... ela não pesa mais. Eu tenho a dor da perda, mas ela não interfere na minha vida mais em nada. Em nada. Se falar assim: “Vamos ver...”. Talvez, assim, se me falassem: “Vamos ver um filminho de criança que tenha o G. [filho que faleceu]?”. Eu não tenho... coragem. Mas se falar assim: “Vamos ver fotos do G. [filho que faleceu]?”.</p>	<p>antes. Alice relata também que logo após o encerramento do processo psicoterápico ela ainda não se sentia forte, mas que já havia criado um contexto (grupos, atividades, rotina) que lhe dava o suporte que necessitava e que, naquele momento, já não ficava mais reclusa, em casa, como anteriormente.</p>
--	--

Eu vou. “Vamos falar do G. [filho que faleceu]... lá... do aniversário...”. Talvez corra um pouquinho de lágrima, assim, né? Mas eu não me sinto enlutada em nenhum momento. É... logo depois da terapia, não vou também lembrar pra te dizer, né? Mas quando eu saí da terapia, que foi um ano e meio... um ano e meio ainda é muuuito inicial, é muuuito no começo ainda da perda de um filho, é... eu ainda não era uma pessoa forte. Só que diante de um contexto, assim, que eu tinha montado ao meu redor... eu... já consegui ficar, né? Eu... eu... tinha os meus grupos, eu tinha... as... as minhas atividades, eu não era uma pessoa que ia pra casa, acordava, saía da cama, tomava café, voltava pra cama... acordava, às vezes ficava uma semana trancada dentro de casa, não. Eu tinha uma rotina de vida normal... Tinha momentos de choro, tinha momentos de... Foi o que eu te falei, que eu voltei... comecei a voltar a ter uma vida sem o grande peso da dor... eu me lembro... porque pra mim foi um marco: em dois anos e dois meses! Agora, porque aquilo

aconteceu, também não consigo te dizer.	
<p>- E AINDA HAVIA UMA DOR, SÓ QUE ELA NÃO CHEGAVA A PESAR TANTO...</p> <p>- Iiiiiisso, ela não me fazia sangraaar, assim, sabe? Que... essa dor é uma dor que você sente uma dor física. Ela não é só... assim, na cabeça, no pensamento. Ela é física, ela te dói. Você sente o seu corpo inteiro doído. Você olhar alguém, assim, que você ama, que você adora, que você... é... lembrava, assim, do cheirinho, da boca, da saliva, do olhar com vida, com... sabe, aquele negócio, assim? Da textura do fio do cabelo... da... da pele, das... das coisinhas. E de repente você lembrar, assim, e falar: “Meu Deus, aquilo tudo não existe mais?!”. Sabe, esse negócio assim... te enlouquece! Então, você... não é assim, você só pensa... você sente! Você sente, você sente... um mal estar físico... é... estômago, coração, cabeça... é horrível... essa perda, assim, de alguém que você ama muito. Porque eu... eu ficava o tempo inteiro, assim, pensando nele, no ser... sabe? Na unhinha, no... isso que eu te relatei: detalhes do</p>	<p>Alice relata que dois anos e dois meses após a perda de seu filho, a dor que sentia se anestesiou, ela voltou a sorrir, a ter interesse em outras coisas e retomou o auto-cuidado. Alice afirma que continuou sentindo dor, mas esta já não era uma dor que lhe fazia “sangrar”. Ela descreveu a dor que sentia logo após a morte do filho como sendo física, um mal-estar que era sentido em todo o corpo (estômago, coração, cabeça). Ela afirma também que sentia essa dor ao lembrar-se dos aspectos físicos de seu filho falecido, como seu cheiro, sua boca, sua saliva e seu olhar. Alice relata que pensava ininterruptamente nesses detalhes do corpo de seu filho.</p>

<p>corpinho dele. E daí eu não acreditava que aquilo não existia mais. Então, quaaaando... me anestesiou, que daí eu... meio que acordei e fiz assim... eram dois anos e dois meses. Que peelo que eu vejo, assim, é mais ou menos a média. Dois anos e meio, três anos... que as mães começam... a sorrir, começam a ter interesse... “Ah, o meu cabelo tá feio, vou ali...”, começam a valorizar outra coisa que não seja aquele ser que não existe mais. É essa média, assim...</p>	
<p>Comigo foi isso, mas... não consigo te dizer, assim, se quaaaando ela me deixou, que eu... que eu deixei a terapia, eeeela já sabia que eu estava fortalecida, que eu não ia fraquejar... né? Ela sentiu, talvez até mais do que eu, que eu não ia me perder... que a minha vida, eu... né? Diante disso tudo que eu relatava pra ela... que eu tinha voltado a trabalhar, que eu tinha voltado, né? Com... uma rotina saudável com o G. [filho que permaneceu vivo] e com o G. [filho que faleceu], com o... G. [marido]... que eu não... é... que a minha vida não tinha se tornado uma vida de</p>	<p>Alice relata que no final do processo psicoterápico, a terapeuta talvez soubesse mais do que ela de que ela já estava fortalecida para retomar a vida sem psicoterapia. Ela afirma que ao final da psicoterapia, já estava conseguindo respeitar a forma de seu marido e de seu filho lidarem com o luto, já havia retornado para o trabalho e criado uma rotina saudável.</p>

<p>conflito com o G. [marido], né? Por ele não querer falar... Nem um momento eu cheguei lá e falei: “Ah, S. [psicóloga], porque eu fui falar com o G. [marido]... e ele me cortou e ele não quis falar e daí a gente ficou brigando... e daí a gente se ofendeu e a gente brigou e acabou com o nosso final de semana...”. Nem um momento! Né? É... cheguei... então ela viu que, no decorrer de tudo isso, eu estava respeitando o G. [marido], eu estava respeitando o G. [filho que permaneceu vivo]... Aos pouquinhos a gente tava voltando a criar uma rotina saudável de vida, né? E foi! E foi assim.</p>	
<p>Eu me lembro que... quando eu fui pro Centro Espírita, quem me levou foi o G. [marido], o amigo dele me indicou. Eu fui conversar com pastor, com padre, com... com médium do Centro Espírita, é... com pessoas que faziam yoga, mais zen... sabe? Com todo mundo eu ia! Porque dentro do meu início, eu achava que existia uma maneira de eu chegar até o G. [filho que faleceu]. Não consciente, meio inconsciente. E... tudo isso</p>	<p>Alice relata que se sentiu respeitada pela psicoterapeuta em sua busca de “se conectar” com o seu filho e por meio da espiritualidade.</p>

<p>ela respeitava. Talvez porque ela visse... soubesse... que era mais ou menos saudável e que eu não tava cometendo nenhum excesso. Eu tava colhendo informação, né? Tava indo... e aos pouquinhos...</p>	
<p>E quando eu fui pro Centro Espírita, que o G. [marido] me levou, quando foi janeiro, que... meados de janeiro, ali, que eu fui começar com a terapia... e fui começar com o estudo da doutrina espírita, que era sábado de tarde, ele foi começar um grupo de futebol... que ele joga no time até hoje, Dez anos depois! E ele aaama esse grupo de futebol sábado de tarde. Então a gente saía do almoço de sábado, eu ia pro Centro Espírita, no estudo da doutrina, e ele ia pro futebol. E daí o G. [filho que permaneceu vivo] ia junto... E eu aprendi a respeitar isso. Então tudo isso eu passava... que no começo eu falei: “Que futebol, bichinho?! Você vai jogar bola? Vamo lá... vamo lá estudar... vamo lá...”. Ele chegou pra mim e falou assim: “Eu não quero, eu quero é ir jogar minha bola...”. Aí no começo, aquilo, né? Ir jogar bola?! Então</p>	<p>Alice relata que a psicóloga lhe fez entender e respeitar o modo de seu marido lidar com o luto pela morte de seu filho e que, ao final do processo psicoterápico, ela já estava conseguindo retomar a vida em família de modo harmônico, ainda que não fosse uma vida feliz.</p>

<p>tudo isso ela me fez entender... E ela viu que eu respeitava... né? Que a gente tava... harmonizando uma rotina, uma vida... Não feliz! Mas uma retomada de vida, né? De família...</p>	
<p>- A VIDA VOLTA A SER COMO ERA ANTES DA PERDA?</p> <p>- Muito tempo depois, volta... Não vou ser, assim, hipócrita e dizer que não volta, porque volta... Às vezes eu penso assim: como seria hoje, né? Com o G. [filho que faleceu] em casa, né? Teria mais um... aquele quarto, ali, estaria ocupado... teria mais sujeira, mais bagunça no banheiro, né? Teria mais bagunça na pia... é... teria uma outra namorada aqui... co... assim... Mas raramente eu penso isso. Pra te falar bem a verdade, eu comecei a pensar isso agora, de uns seis meses pra cá. “Será que o G. [filho que faleceu] é... teria uma namorada? Será que o G. [filho que faleceu] também... né? Estaria aqui?”. Porque a namoradinha do G. [filho que permaneceu vivo] dorme lá já, de sexta pra sábado e de sábado pra domingo. Ela sai da pós na sexta,</p>	<p>Alice relata que muito tempo após a perda, a vida volta a ser como antes, apesar de também afirmar que após a morte do filho “perdeu o direito” de dizer que a vida é bela. Ela afirma que nos últimos seis meses, passou a imaginar como seria a rotina de sua família se o seu filho estivesse vivo. Alice relata, no entanto, que não considera sua família uma família triste e que hoje eles vivem glórias e problemas diversos, como qualquer outra família.</p>

o G. [filho que permaneceu vivo] sai da faculdade, ele vai pra casa, depois ela chega. Então, é uma rotina, assim... né? E daí comecei a pensar: “Será que... como será que seria, né?”. Assim... mas, assim... Não penso, assim: “Ah, nós somos tristes, somos...”. Por exemplo, tem uma mãe no grupo, que ela... desculpa falar, mas ela me incomoda... que é a [nome da participante do grupo ASDL]. Ela me incomoda, assim, nos relatos, na maneira, assim, né? Eu não gosto, porque eu não penso assim! Eu penso que... nós ficamos, nossa família, que a gente... como qualquer um. A gente tem problema às vezes financeiro, às vezes tem problema de dor, às vezes tem problema de doença, às vezes tem glórias financeiras, às vezes tem glórias de saúde, né? Às vezes tem glória de momento familiar e... Aí tem pessoas que falam: “Ah...”. Mas isso tudo que eu falei, não é porque o G. [filho que faleceu] morreu. É porque a nossa vida, como é a vida de todo mundo tem alegrias e chateações. E tem pessoas que ficam naquilo, como que se: “Ah, porque tudo isso... porque o meu filho



morreu há dez anos atrás”. Eu não consigo, assim... Isso porque eeu resolvi bem a nossa vida. A única coisa que eu sinto, assim, que foi... me tirado, é o direito de dizer assim: “A vida é bela”. Eu jamais vou dizer a vida é bela! Eu não acho a vida bela. Eu acho a vida assim... um... um grande enigma, uma grande incógnita. Mas a vida não é bela, não! A vida pode ser mais ou menos boa, muito boa para alguns, que passam por essa vida quase sem perceber grandes dificuldades em todos os sentidos... né? Desde nascer bem, numa família estruturada, nascer bonito, saudável, casar bem, ter filhos saudáveis e passar por aqueles probleminhas do dia a dia, né? Mas tem pessoas que vão... num ciclo, lá, até 80 anos, tendo momentos mais difíceis, mais fáceis... e outros muito difíceis. E tem pessoas que passam por uma vida meio morna a vida inteira, vão até os 70, 80 anos... E tem pessoas que desde que nascem, é só pra sofrer. Não sei porquê também... E... pra mim... eu não acho a vida bela. Eu acho que a vida... não é bela, não. E se ela tiver que ser bem difícil, ela vai ser... não escolhe pessoa,

<p>não escolhe cara, nem... nem condição financeira. Pode ser muito pobre, passar por tudo isso que eu passei... muito rica, média...</p> <p>- E ESSA REFLEXÃO É RECENTE, M.?</p> <p>- Não. Não... ela... Eu já entendi isso há muito tempo.</p>	
<p>É... e uma... uma das coisas que eu... dos entendimentos que eu tirei, é que... eu nunca fui muito de brigar, mas... claro que eu era mais briguenta, mais... batia mais de frente, assim, com o meu marido... E hoje, eu chego e exponho meu lado. E daí ele... analisa... também ficou mais maleável, né? E, por exemplo, eu vou te dar um exemplo bem bobo: o meu marido vai no vaso, faz o pipi e sai e deixa a tampa do vaso aberta. E eu não gosto! Me irrita. E eu cheguei pra ele já várias vezes e falei: “Bichinho, não faça isso... Fecha! Principalmente dia que tá úmido, Curitiba...”. Porque... um balde de água traz umidade pro ambiente, tanto é que quando o tempo tá bem seco os médicos recomendam: “Deixe uma bacia no quarto”, não é? Então, um vaso aberto lá, dia e noite</p>	<p>Alice relata que após a morte do filho, passou a evitar brigas com o marido e com o filho, buscando fazer cada dia ser o melhor possível. Ela afirma, porém, que se sente chateada quando seu marido age de forma grosseira por razões que considera irrelevantes.</p>

<p>lá no seu quarto, né? Tá te trazendo mais umidade ainda. E o G. [marido]... [risadas] não me ouve. Então, se fosse algum tempo atrás, toda vez que eu visse o raio do vaso lá aberto eu ia falar: “Po, gente! Fecha esse vaso! Poxa! Eu peço! Você não me ouve! Você não res...” [simula uma bronca, cochichando de forma enérgica]. Lálálálálá... Né? Aquela coisa, assim... Hoje, sabe o que eu faço? Eu vou lá e fecho o vaso. Porque eu... procuro não brigar por nada... em nada. Eu procuro fazer o dia de hoje o melhor possível. Porque que eu vou brigar... brigar com o meu marido, discutir, falar alto com o meu cachorrinho, que agora eu não tenho mais... né? Falar alto com o G. [filho que permaneceu vivo]... Só que eu também não gosto... Aí quando o G. [marido] briga por qualquer coisinha, eu fico... “Nossa, você não acha que você não tá mais nessa, fase? Isso não te pertence mais?”. “O quê?!”. “Ser grosso desse jeito. Acho que isso não va...”.</p> <p>Aí ele... [risadas] Entendeu?</p>	
<p>Então ho... e isso também eu converso com</p>	<p>Alice relata que após a morte do filho passou</p>

ele. Eu falo: “Bichinho, a gente tem que fazer o hoooje feliz”. Mesmo estando um dia lá... é... 15 de novembro, que era um feriado, vamos supor... numa segunda-feira, que você planejou estar lá na praia tomando sol... Mas você nem foi... porque tá chovendo, você já viu na previsão do tempo, você nem quis descer, nem quis... quis ir pra praia, ficou aqui mesmo, não tem nada pra fazer em casa. Mas hoooje esse dia é feliz. Vou estourar pipoca, vou fazer biscoitinho de nata, vamos sentar ali, conversar... vo... vamos fazer desce dia feliz! E o G. [marido] comprou bastante, assim... essa ideia. É uma coisa que a geeente se fortaleceu. Não precisa de muita coisa pra fazer do dia de hoje feliz. Hoje, por exemplo, eu liguei pra ele e falei: “Bichinho, eu to indo lá conversar com aquele mestrando que eu te falei, da psicologia...”. “Ah, tá...”. Eu falei hoje, cinco e meia [17:30h], quando eu tava vindo: “Vamos na feirinha depois?”. Que tem feirinha na... na... Água Verde, perto do shopping. A gente... quase sempre vai. E ele falou: “Ai, bichinha... hoje não, eu tenho uns relatórios pra fazer... eu quero uma... uns

a buscar ser feliz com pequenas coisas da rotina e que seu marido também tem seguido este mesmo propósito.

<p>vídeo-aula, tal... quero fazer... a gente já foi lá duas semanas seguidas... você se incomoda?”. “Claro que não. Então eu passo ali, faço alguma coisinha pra gente”. “Então tá, beijo...”. Tudo assim, entendeu? Sereno, tranquilo... E ele também. Ele procura isso, bastante, assim... né? Porque se a gente for esperar grandes coisas pra ser feliz... às vezes você fica adiando, né? Dias... que você já pode tá feliz hoje, com pequenas coisinhas, mesmo na rotina... que às vezes a rotina é meio chatinha, né? Mas... pode ser que não seja... “Ah, porque eu não tive grandes novidades, meu dia foi chato”. E... porque tanto pode vir dias muito gloriosos, como dias muito pesados, né? Então, o ensinamento que eu tenho da vida é esse...</p>	
<p>A minha mãe, por exemplo, por mais que a gente passou por tudo isso... a minha mãe é uma pessoa que só olha a vida pelo lado pesado, assim, sabe? Eu fico olhando, pensando: “Nossa... minha mãe nunca passou por uma dor tão grande, por mais que ela diga que passou pela perda dos netos, não</p>	<p>Alice afirma que sua mãe olha para a vida de modo pesado, apesar de considerar que ela nunca passou por uma grande dor. Alice relata que não acha que sua mãe sofreu muito com a morte de seu filho e atribui isso ao fato dela não ser uma pessoa muito evoluída.</p>

<p>é...”. Sabe? Pode até ser para algumas avós, mas pra minha mãe não foi... sabe? Não foi... a gente... sabe, né? Conhece a dor... né? Que a outra pessoa... se percebe... pra minha mãe não foi... é... assim, é... me chateou, me chateou. Mas também respeito o jeito dela e... a evolução espiritual da minha mãe é bem pequena... também não questiono, não bato de frente, não imponho... né? Respeito. Mas não... Claro que me chateia, né? Mas... Foi até bom, que daí ela não sofreu muito. Né? Porque se ela fosse beem... bem evoluída, bem... sensível, ela teria sofrido mais, né? Então, como ela tem o jeito dela de ver a vida... ela diz que... ela acha que sofreu, mas ela... passou meio batido, assim, sabe? E... é isso.</p>	
<p>- VOCÊ QUER ACRESCENTAR ALGUMA COISA, M.?</p> <p>- Assim, você fala com relação à terapia em si?</p> <p>- UHUM... É. TEM MAIS ALGUMA COISA, ASSIM?</p>	<p>Alice afirma que a terapia foi fundamental para seu luto. Ela relata ainda a percepção que tem de que aquilo que faz bem para uma pessoa enlutada, não faz, necessariamente, bem para outra e que isso é algo muito particular, havendo várias possibilidades de enfrentamento do luto.</p>

- É, na verdade, eu acho que não. Que eu acho que o foco, assim, que eu tinha que te dar, assim, final... A terapia foi fundamental pra mim? Foi. É... né? Também se não tivesse sido, pode ser que eu tivesse começando... Como a... pra minha irmã, ela não se agarrou, ela não sentiu: “Não, não vai me ajudar em nada, não vai ter efeito, não vou...”. Né? “Não quero conversar com ninguém... não quero ouvir ninguém...”. Porque a minha irmã é um ser. Eu sou outro. Quando eu falei do grupo, também, ela... nnnnnão... não se abriu, não ouviu, não quis, não insisti... né? Quando falei também da doutrina espírita, não quis... não quis ler nem um livro... tudo que você deu... Assim, tudo o oposto do que pra mim fez bem. Pra ela nada disso acalentou. Ela tomou uma outra postura de enfrentar. E tá indo também, tadinha... da mesma maneira ela tá indo pra um rumo... que eu acho que é positivo. Porque ela voltou a sorrir, ela encontrou muita força no cachorrinho, que o meu cunhado deu pra ela quando tinha três meses... Agora, pra mim:

<p>foi fundamental.</p>	
<p>A terapia foi muuuuito, muuuuito proveitosa... foi muito boa, foi muito produtiva... me deu... Me ajudou a voltar pra vida? Me ajudou... Me ajudou manter o meu casamento? Ajudou... Me ajudou a... a voltar... a valorizar minha profissão? Não, em nada. Né? A ser... melhor profissional ou pior? Não. Me ajudou ser melhor mãe? Também não. A mesma postura de mãe que eu tinha, eu continuei tendo. Foi fuuundamental, assim, é... em me mostrar que a vida... apesar da grande dor, a minha vida continuava... e que... o, o G. [marido], o meu casamento... ela me fez ver que pra mim era importante... né? E que se eu... também me separasse do G. [marido], que eu ia ter dois motivos ainda pra sofrer, né? De estar sozinha, começando uma nova vida sozinha, porque eu não ia morrer, que o G. [marido] queria continuar a vida comigo e que... as coisas iam ser mais difíceis ainda e que... na verdade, uma coisa era uma coisa e outra coisa era outra coisa. Eu tinha uma diferença com o G. [marido],</p>	<p>Alice afirma que o processo psicoterápico foi bom, proveitoso e produtivo, ajudando-a em alguns aspectos de sua vida (“voltar para a vida”, manter o casamento), mas não todos (não se tornou melhor profissional, nem mudou a sua postura enquanto mãe). Ela percebe que ter feito psicoterapia possibilitou que ela não alimentasse o ódio que sentia pelo marido pelo fato dele não querer conversar sobre seu filho falecido. Alice afirma que devido ao ódio, a dor e a confusão que sentia após a perda, possivelmente teria se separado do marido se não estivesse em terapia. Ela relata que apesar de não concordar com o modo de seu marido lidar com o luto, deixou de odiá-lo por isso e conseguiu retomar a vida ao seu lado.</p>



<p>incompatibilidade de gênio. A morte do G. [filho que faleceu] não tinha nada a ver com isso, né? E que o fato do G. [marido] não falar do G. [filho que faleceu], nem da vida, nem da morte... isso não diminuiu o amor dele, nem pelo G. [filho que faleceu], nem por mim, nem pelo G. [filho que permaneceu vivo]... e que... de alguma maneira, a vida ia continuar... Então, por que não continuar junto com o G. [marido], né? Junto com o G. [filho que permaneceu vivo]... Então isso foi muito forte, assim. E dentro da minha ignorância, se eu não tivesse ido nas sessões, conversado muito com ela, dentro da minha dor, da minha confusão, eu teria... alimentado um ódio. Dentro da crítica que eu tava fazendo pro G. [marido], eu iria alimentar um ódio em relação à ele. Diante da minha ignorância, né? E daí eu não consegui alimentar. Pelo contrário. Não consegui concordar muito, né? Mas, assim... também...</p>	
<p>Teve vezes que eu falei, fui falar de Deus pra ele, que não era culpa de Deus... Daí ele falou: “Ah, fala pro seu Deus que ele fez uma</p>	<p>Alice relata que seu marido não partilha da mesma visão que ela tem de Deus, mas respeita a posição dele e não abandona suas</p>

<p>grande sacanagem com o meu filho. Não consigo! Com o meu filho! E que ele me deve satisfação”. Ele falou isso umas três vezes. Daí... chegou um dia eu falei: “Sabe o quê? É a visão dele, é o entendimento dele, né? Não vou ficar ouvindo isso, né?”. Respeitei e não falo mais. Aí só digo assim: “O meu Deus existe... a minha maneira de ver a vida existe... não... ninguém me convence”. Respeito quem não crê em Deus, quem não gosta de Deus, quem não sente falta de Deus... é... quem é totalmente do mundo palpável... cada um tem seu jeito. Mas o meu... eu si... eu sinto Deus. Então... e respeito. Daí não converso com ele. Assim, né?</p> <p>- CONVIVE... MAS CADA UM COM SUAS CRENÇAS, SUA FORMA DE LIDAR...</p>	<p>crenças.</p>
<p>- Iiiiisso... e amo ele... amo, respeito, a gente se uniu mais... né? Uma coisa que poderia ter tomado um rumo de separação até, hoje a gente é maaais unido, né?</p>	<p>Alice afirma que se no passado ela e o marido quase se separaram, hoje se percebe mais unida a ela do que antes. Ela afirma também que o ama e respeita.</p>
<p>Porque... ninguém sai... “Ah, aconteceu tudo</p>	<p>Alice relata que não se sente a mesma pessoa</p>

e a gente é igualzinho”, não. A gente hoje é até mais sensível, mais... mais... paciente, né? Mais calmo... “Mas... mudou a vida de vocês? Vocês... né? Plantavam couve, agora constroem concreto?”. Não... mudou em nada! Eu continuo dentista, ele continua propagandista, o G. [filho que permaneceu vivo] era um adolescente, agora já tá um homem... lá em casa, tem churrasco numa semana, no outro tem almoço na minha mãe, no outro tem... é... pizza na minha irmã... tem... A primeira vez que a gente celebrou o aniversário... meu, mesmo, tinha... cinco pra seis anos, porque até então eu não queria, não queria ganha parabéns. Quando tinha cinco anos eu aceitei, sabe... e... e aos pouquinhos foi indo... Aí foram [inaudível 01:35:36]... e não sei o que... carnaval... Daqui um ano, dois anos, a gente quer até sair na escola de samba no Rio de Janeiro [risadas]... Entendeu? Essas coisas vão voltando...

- VÃO VOLTANDO...

- Vão... vão sim. Agora, que você... olha a vida da mesma maneira, não, né? Só se for

que era antes de seu filho falecer e que não vê mais a vida da mesma maneira. Ela afirma que se sente mais sensível, mais paciente e mais calma. Alice também relata que algumas coisas permaneceram iguais ao que eram antes da morte de seu filho, como a sua profissão, por exemplo, e que aos poucos ela e a família retomaram a vida social, ela voltou a celebrar seus aniversários e agora também fazem planos para o futuro.

<p>muito frio, né?</p>	
<p>- UHUM... OLHA A VIDA DE UMA NOVA MANEIRA, MAS... NÃO NECESSARIAMENTE MAIS TRISTE OU PIOR...</p> <p>- Não. Eu, eu... não. Olho a vida da mesma maneira. Vou dizer: “Aaaai... a vida é bela, a vida é maravilhoosa... aaaaai, a vida”. Eu tenho medo da vida. Né? Coisa que antes eu... sabia, assim, que acontecia coisas tristes, mas parece que coisas tristes... vai acontecer pros outros, pra sua família não. Hoje, não. Hoje eu tenho muito medo, assim... Tenho muito medo com relação ao G. [filho que permaneceu vivo]... o mundo aí fora... sabe? Bandido... eu tenho muito medo... Acidente de carro... sabe? Não sou paranoica, mas eu tenho medo. E antes eu achava: “Ah, não. Isso nunca vai acontecer”.</p>	<p>Alice relata que após a morte de seu filho passou a ter medo da vida. Ela afirma que antes dele morrer, tinha a impressão de que coisas ruins nunca poderiam acontecer para sua vida, mas agora percebe que essa possibilidade existe.</p>
<p>Falei tudo será? [risos]</p> <p>- ACHO QUE SIM... MUITO OBRIGADO!</p> <p>- Então, tá! Vou levar o pão de queijo, hein?</p>	<p>Alice conversou com o entrevistador e afirmou que acha bonito o trabalho que os psicólogos e estudantes de psicologia desenvolvem junto ao grupo ASDL.</p>

<p>- AH, SIM!</p> <p>- Esse cheirinho...</p> <p>- APROVEITE!</p> <p>- Ah, obrigada... É isso! É um trabalho muito bonito, assim, o de vocês... né?</p>	
<p>Agora, o que eu sinto mesmo, é empatia! Né? Se alguma vez também não fluiu o tratamento, muito, assim... às vezes foi a empatia, né? Que a pessoa... né... “Ah, não me senti muito à vontade, fiquei meio acanhada...”. As abordagens que o profissional... fazia, às vezes pode ser isso! Não que você falou erraaado, não sei o que. Mas às vezes, né... choca, que foi o que aconteceu comigo e com a outra terapeuta.</p>	<p>Alice afirma que a empatia é para ela um elemento importante para que flua o tratamento psicoterápico. Ela afirmou também que a abordagem teórica utilizada pelo profissional é possivelmente um fator capaz de afetar a fluidez do tratamento.</p>
<p>Só que... ela foi fundamental também.</p> <p>- AINDA QUE NO TODO NÃO TIVESSE EMPATIA, AQUELA INTERVANÇÃO FOI IMPORTANTE?</p> <p>- Iiiiisso... essa intervenção foi fundamental. Porque até mesmo quando aconteceu do G. [filho que faleceu], você acredita que eu</p>	<p>Alice relata que uma intervenção feita por uma antiga psicóloga com quem não tinha uma relação de empatia foi fundamental para que ela mudasse sua forma de lidar com seu filho mais novo, que mais tarde veio a falecer.</p>

voltei a lembrar dela? Porque até então, eu...  
deixei de ir na terapia, acho que eu fui mais  
umas duas, três vezes, e... só que eu mudei a  
minha maneira de olhar, de respeitar, de  
tratar o G. [filho que faleceu]. Não de mãe  
que fica implicando com o filho que tem um  
jeitinho diferente, mais dengoso, mais  
birrento, mais manhoso... é... comecei a...  
corrigir ele, mas de uma maneira mais  
amorosa. Porque eu tinha que mostrar pra ele  
e pra mim que eu amava ele! Meu Deus! E  
quando aconteceu do G. [filho que faleceu],  
eu me lembrei dela. Eu falei: “Se ela não  
tivesse me dado aquela [estalo com a boca]...  
cuspida de frase na cara, talvez eu tivesse  
criado ele sempre mais mal-humorada, mais  
seca, mais enérgica... porque ele era mais...  
difícil... e quando acontecesse dele, eu ia me  
sentir muuuito mais... muito mais culpada,  
triste, infeliz, porque eu não tinha sabido dar  
amor pra ele, né? E a partir dali ele era meu  
grude, assim, sabe? Bem... de dormir...  
segurando o pezinho... E o G. [filho que  
permaneceu vivo] era mais quietão, mais na  
dele... e mais longe de mim. Então, aquela...

<p>intervenção lá, da terapeuta lá naquela época também foi fundamental, né? Veja [inaudível 01:39:22]... forte que é, né?</p> <p>- FOI BEM MARCANTE...</p> <p>- E me aproximou bastante...</p>	
<p>Mas é isso, Michel!</p> <p>- OBRIGADO! EU FIQUEI BEM FELIZ QUE VOCÊ PODE DAR A ENTREVISTA. LÁ NO GRUPO, ASSIM, GOSTO BASTANTE DAS COISAS QUE VOCÊ FALA...</p>	<p>Alice manifesta que não tem mais nada a acrescentar.</p>
<p>- Sim, foi assim... “Ah... você parou de chorar, porque você foi com a psicóloga?”. Não, chorei do mesmo jeito, né? “Você... é... é... diminuiu a sua dor?”. Não. Mas... né? Foi um grande alicerce! Né? Na manutenção da minha família, em toda essa construção da vida... reconstrução, né? Foi... conversando com ela.</p>	<p>Alice relata que a psicoterapia não fez com que ela deixasse de chorar ou sentir dor, mas foi para ela um alicerce para a reconstrução de sua vida.</p>
<p>Tá bom?</p> <p>- TÁ BOM. MUITO OBRIGADO!</p> <p>- Aí qualquer coisa, também, que você</p>	<p>Alice se dispõe a fornecer qualquer informação complementar que seja necessária posteriormente.</p>

<p>precisar... qualquer outro complemento, né?</p> <p>- UHUM... TÁ JÓIA!</p>	
--	--

### Análise da Entrevista – Cecília

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico
<p>- É... ENTÃO, E., VOCÊ PODE ME DESCREVER COMO QUE FOI A SUA VIVÊNCIA... NÉ... DO SEU PROCESSO TERAPÊUTICO DEPOIS DO SEU LUTO? OU, DURANTE O SEU LUTO?</p> <p>- A vivência do processo, é...</p> <p>- DA TARAPIA.</p> <p>- Da... do atendimento?</p> <p>- AHAM, É, AQUI, COM... COM A PSICÓLOGA.</p> <p>- Então, eu to me sentindo... bem, assim, acompanhada por alguém, né?</p>	<p>Cecília relata que tem se sentido bem por estar sendo acompanhada por alguém.</p>
<p>Você sente que a pessoa te escuuuta, né?</p>	<p>Cecília afirma que sente que a psicoterapeuta lhe escuta.</p>
<p>Que a pessoa é... também coloca... algumas perguntas, ou algumas, é... alguns</p>	<p>Cecília afirma que sente como se as perguntas e os direcionamentos da psicóloga</p>



<p>direcionamentos, né? Que vão te dar um... assim, um... parece que uma coluna de... né? De... de... de força pra você se apegar, eu acho, sabe? Pra você, tipo... é... não se sentir tão perdida, né?</p>	<p>lhe dessem uma “coluna de força” para que ela possa se apegar e não se sentir tão perdida.</p>
<p>Então já desde a... da época do... do... do grupo, né? Você já sente que vários, como pessoas, iguais a você, tão sentindo a perda de um filho ou de uma filha, né? Ou de um outro ser... a... aí... a gente já sente que essas pessoas passam pela... pela mesma dor que a gente passou. Diferente, né, de familiares.</p>	<p>Cecília relata que no grupo ASDL ela sentiu que haviam várias pessoas que eram iguais a ela e que estavam sentindo a mesma dor que ela sentia, de modo diferente do que ocorre com seus familiares.</p>
<p>E aqui com ela, também você sente... né, com a... a psicóloga, você se sente acolhido, né? Muitas coisa que às vezes vocês não pode dizer no grupo, ou às vezes não se sente à vontade, ou às vezes... é... até por emoção, né?</p>	<p>Cecília afirma que durante a psicoterapia, com a psicóloga, se sente acolhida e à vontade para expressar coisas que às vezes não pode expressar no grupo ASDL.</p>
<p>E junto com a... com a psicóloga, você tem essa possibilidade de poder tar... né, às vezes chorando... ou às vezes, é... colocando mesmo certas, é... certas posições da gente, ou certas dificuldades, ou mesmo desânimo, fraqueza, desconforto, é... tristeza, né? O que</p>	<p>Cecília afirma que com a psicóloga ela sente que pode chorar, expressar seus posicionamentos, suas dificuldades, ou mesmo o desânimo, a fraqueza, o desconforto e a tristeza que sente.</p>

<p>a gente sente.</p>	
<p>Enumerar tudo isso e cada... e... e cada um deles ser analisado, né? Ser analisado com ela, ser analisado com... com o que a gente está vivendo, né? E... o que... e parece, assim, é... é... é uma pessoa, né, que... que... compreende, que abraça a gente, eu acho, sabe?</p> <p>- VOCÊ SE SENTE COMPREENDIDA?</p> <p>- Sim, me sinto... me sinto compreendida, né?</p>	<p>Cecília relata que durante a psicoterapia ela consegue analisar (e ter analisado) aquilo que está vivendo. Ela afirma também que se sente compreendida e abraçada pela psicoterapeuta.</p>
<p>Ou tem alguma coisa que vem dos outros filhos, que tão às vezes cobrando, né? Que tem mais quatro, né? E... eles se sentem parece que um pouco enciumados... ou... é... “Ah, mãe, você só pensa no que foi...”, sabe? E... então às vezes eu venho e coloco pra ela, né? Como que tá sendo... E ela... com outras, vamos dizer assim, perguntas... é... e como que eu to me sentindo? E o que que eu acho que eu devo dizer? Então isso é bom, porque eu to dizendo pra ela e, ao mesmo tempo, eu me sinto mais fortalecida pra tar passando</p>	<p>Cecília relata que durante a psicoterapia fala para a terapeuta das cobranças que sofre de seus filhos, que segunda ela parecem enciumados pelo fato dela supostamente “só pensar no filho que faleceu”. Cecília afirma que a psicoterapeuta lhe faz perguntas sobre este tema, questionando como ela está se sentindo e sobre as possibilidades que ela tem diante desta situação. Ela relata que ao mesmo tempo em que responde a psicóloga, se sente mais fortalecida para lidar com esta questão em casa, com seus filhos.</p>

<p>pra eles também em casa. Sabe? Então é dessa forma que eu acho que... que ajuda.</p>	
<p>Na verdade é uma pessoa, assim, que... que te acolhe com... com muito carinho.</p>	<p>Cecília afirma que se sente acolhida, com muito carinho, pela psicóloga.</p>
<p>Com... Eu acho assim, e além, né, disso do carinho, com... com muito saber também, com a maneira de como... entende às vezes você chorando... ou você... né?</p>	<p>Cecília afirma que além do carinho demonstrado pela psicoterapeuta, percebe que ela possui um saber e um modo particular de entender seu sofrimento.</p>
<p>Então, assim, tem todo aquele... parece que aquele tempo pra você. Né? Tentando ajudá-lo da melhor maneira possível. Eu acho que tá sendo muito bom.</p>	<p>Cecília afirma perceber a psicoterapia como “um tempo que possui para si” e a psicoterapeuta como alguém que a ajuda da melhor maneira possível. Cecília relata ainda que o processo psicoterapêutico tem sido bom para ela.</p>
<p>- E VOCÊ FALOU QUE... QUE SENTE QUE É UM ESPAÇO ONDE VOCÊ PODE FALAR COISAS QUE NÃO SE SENTE À VONTADE PRA FALAR FORA DAQUI...</p> <p>- Sim...</p> <p>- DO ESPAÇO DA TERAPIA...</p> <p>- Uhum... sim. Por quê? Porque às vezes, por exemplo, é como dizem, né? Os teus... teus</p>	<p>Cecília relata que seus parentes não querem sempre ouvir suas lamúrias ou saber como ela está se sentindo. Cecília afirma também que quando os familiares perguntam algo sobre sua vida, estas são perguntas “vazias”. Ela relata, por fim, que muitas vezes não conta aos familiares sobre sua vida, pois não sente que eles demonstram disponibilidade para ouvi-la.</p>

<p>parentes não vão querer sempre ouvir tuas lamúrias, se você tá bem, se você não tá...</p> <p>“Ahhh... tá relativamente bem de saúde? Melhorou agora? Então, tudo bem”. Mas às vezes não querem saber muito do... do teu sentimento, como que você tá por dentro, né? Então, além de você estar às vezes com algum problema decorrente, né, da... como o meu que... que é relacionado, né, a... a... vamos dizer assim, a... o intestino e a mente, né? É uma doença autoimune... então tem muito a ver. Mas a pessoa às vezes pergunta: “Ah, tá tudo bem? Tudo bem em casa?”, aquela coisa mais... mais vazia, né? E muitas vezes a gente... a gente não... não chega a contar pra alguém, né? A pessoa não te ouve... exatamente... não tem aquela... ou disponibilidade...</p>	
<p>e também, talvez, até aquela... aquele embasamento pra poder tar [inaudível 00:04:37] o que que ela pode colocar naquele momento pra gente, né? Que... às vezes não é mesmo, lógico, um abraço é muito importante... né? O carinho... você sen...</p>	<p>Cecília relata que por mais que o carinho demonstrado pelos parentes seja importante, sente que eles não possuem embasamento para fazer questionamentos ou ajudá-la a analisar aquilo que está vivenciando.</p>

<p>Mas, também colocar várias posições, né?</p> <p>“Mas e se fosse assim? E se não fosse?”, ou:</p> <p>“O que você teria vontade de falar naquele momento?”, né?</p>	
<p>Então... é... eu lembro que... uma, na... uma... das... dos atendimentos, agora, recentes, meu filho me trouxe e daí também, assim, é... ele é muito querido, muito carinhoso... mas ele meio que querendo me cobrar algumas coisas, assim: “Mãe, mas você tem que... pa... você tem que se organizar, pra viver... pra...”, sabe? Claro que eu entendo que o objetivo deles é que eu seja feliz, que eu recobre o meu jeito que eu era, né? Que eu... como... como eu disse, eu sempre fui muito por eles, muito família... né? A união... a... o amor, o auxílio um ao outro... realmente eles fizeram isso com o irmão, né? Ele [inaudível 00:05:32] também era muito amigo deles...</p>	<p>Cecília afirma que se sente cobrada pelo filho para que retome a vida que tinha antes e seja feliz.</p>
<p>Mas, na verdade... parece que assim: paaassa, não que eles não sintam, mas eles tem as exigências de fora, né? Que são os trabalhos... é... esposa, né? E... é... namorados e tudo...</p>	<p>Cecília afirma que por mais que seus filhos sintam a ausência do irmão, eles possuem “exigências de fora”, como trabalho, esposa, namorados.</p>

<p>Então, é... fica mais, assim, você acaba, parece que tá... muitas vezes até incomodando. Né? Se você tá chorando eles vem e te perguntam, né: “O que tá acontecendo, mãe?”, é... “Mas não é assim...”. Sabe? Então, assim, eles tentam de uma forma, assim, mais branda, ou mais rápida. E aqui, com ela, não. Ela vai, parece que, vamos dizer assim, abrindo, né... o... o camiiiiinho, vai... mostrando, né? Como seria, ou como não...</p>	<p>Cecília afirma que se sente incomodando seus filhos quando demonstra seu sofrimento. Ela relata que eles procuram ajudá-la, mas de uma forma branda e rápida, diferente do que acontece na psicoterapia, em que sente que a psicóloga lhe auxilia a “abrir o caminho”, revelando possibilidades.</p>
<p>Então, como ela disse, ela disse... que eu falei assim: “Nossa, mas... mal eles sabem que é uma dor que você tem essa perda, é uma dor que tá... tá nas suas entranhas, né?”. Eu acho que... você gera o filho, porque você... gera no teu ventre, porque você lamenta, né? Com... com... né? Com o... então... é muito, muito ligado mesmo. E aquela ausência, aquela saudade, é muito dolorida! Então mesmo que você veja uma foto, você tem saudades da voz, você tem saudades do toque... né? Da mão... de tudo.</p>	<p>Cecília relata que possui uma forte ligação com o filho que faleceu e que a ausência dele e a saudade que sente é algo dolorido para ela. Ela afirma que por mais que possa vê-lo em uma fotografia, sente falta de aspectos corporais, como sua voz, seu toque e sua mão.</p>
<p>Então, aqui é... eu cheguei a di... é... muito</p>	<p>Cecília afirma que sente dificuldade de</p>

<p>difícil mudar. E daí, realmente, também, ela comentou comigo: “Realmente, assim, é uma... é uma... né... situação que... que é muito difícil, você vai ter que ir compreendendo, mas que ao mesmo tempo não... na... não é uma coisa que vai mudar. É uma coisa que aconteceu e que...”, né? Tanto eu tenho que aceitar esse jeito, como eles... o jeito meu, né? Pessoal... como eles tem que me aceitar que eu to mudada por essa dor, né?</p> <p>- UHUM...</p>	<p>mudar (no sentido de voltar a ser quem ela era antes) e que tanto ela quanto seus filhos precisam aceitar que ela foi transformada pela dor da perda de um filho.</p>
<p>- Então foi muito bom isso, assim, que eu cheguei... conversei um pouco com eles, assim, sabe? Consegui ter mais embasamento pra... não digo pra me defender, mas pra colocar mesmo o ponto de vista do sentimento que a gente tem, né?</p>	<p>Cecília relata que a psicoterapia lhe ajudou a ter mais embasamento para conseguir expressar aquilo que está sentindo para seus filhos.</p>
<p>Porque muitas vezes eles me perguntam: “Mãe, mas... você tem saudade só dele?”. Mas... não é assim, eu tenho saudade dela, delas, ou... dos outros filhos, mas eu to sempre em contato. Qualquer coisa você pega o telefone e liga... ou, lógico, às vezes não</p>	<p>Cecília relata que seus filhos questionam se ela só sente saudade do filho que morreu, ao que ela responde que existe uma diferença entre a saudade que sente dos filhos vivos e daquele que morreu: o fato de não existir a possibilidade de entrar em contato com ele,</p>

<p>vai atrapalhar, né? No momento do trabalho, ou alguma coisa assim... Mas você sabe que tá por ali, fica preocupado igual, né? Então... mas, assim, o outro tá, né... não há possibilidade. Então, é muita... a distância que... que... que existe, acaba existindo, né, por conta disso... né? Quer dizer, você tem também a parte que você lembra, mas é tudo recordação, é lembrança, é... tanto lembrança do sofrimento, quanto da... da infância, da juventude, né? Que você... que você também tem. Mas a figura mesmo, a... né, o ser mesmo, já não está mais aqui. Então, eu procuro é... olhar muitas vezes as lembranças dele, quero guardar tudo com muito carinho, porque eu sei que ele gostava de... de guardar muitas coisas, assim...</p>	<p>manter uma relação da mesma forma que ela mantém com os outros. Cecília afirma também que, por mais que tenha lembranças dele (que procura guardar com carinho), o seu “ser mesmo” já não está mais aqui.</p>
<p>E... e eles às vezes acham, assim, que... que eu já poderia tar de uma outra forma. Mas...</p> <p>- E., VOCÊ FALA DISSO, ASSIM, NÉ? DESSA COBRANÇA...</p> <p>- Isso...</p> <p>- NÉ, DE QUE VOLTE A TER UMA VIDA</p>	<p>Cecília afirma que seus filhos fazem cobranças para que ela volte a ser quem era antes da perda de seu filho que morreu e que na terapia a psicóloga recomendou que ela expressasse para eles como estava se sentindo. Cecília relata que seus filhos não lhe dão tempo suficiente para expor sus</p>



<p>QUE TINHA ANTES...</p> <p>- Sim, a [inaudível 00:08:40] que eu era... lógico.</p> <p>- AHAM...</p> <p>- Uhum...</p> <p>- E COMO É VIVER ASSIM, COMO ESSA COBRANÇA? E COMO QUE A TERAPIA...</p> <p>- Pois é... Então, nesse ponto que ela disse: “Então, tente você conversar com eles e colocar isso, né?”. Então, eu fui... conversei com eles, né? Eu disse: “Ó, conversei com... com a... com a minha psicóloga... né?”. E... coloquei, né... e... e é muito difícil de também... É recente, né? Quantas vezes você... de... têm dez meses, né... onze, vai, vai fazer agora, começo de novembro. Não, fez, então, agora. E... então... você... tenta colocar, mas às vezes eles vem querendo, né... eles querem cobrar e às vezes não me dão tempo suficiente pra que eu possa expor o que eu estou sentindo, né? “Não, eu sei mãe... eu sei que você tá assim e tudo, mas</p>	<p>sentimentos.</p>
---	---------------------

<p>precisa... viver, precisa sair, sair com os netos...”,</p>	
<p>porque até dos netos eu me distanciei um pouco. Pela... pelos problemas de... eu tenho dois netinhos: um de nove, vai fazer nove agora no final do ano, e um de quatro e meio. E... eles também conviveram muito, con... viram a doença do tio... tudo... Mas, assim, depois eu acabei não me sentindo muito fortalecida pra tar atendendo eles, né? Até por... por conta das sequelas do luto, mesmo, né? Que foram dando e... reverteram em processo de saúde agudizado, tudo, né?</p>	<p>Cecília relata que após a perda do filho se distanciou dos netos, pois não estava se sentindo fortalecida para estar cuidando deles devido às sequelas de seu luto, que reverteram em um processo de saúde agudizado.</p>
<p>Então é bom, porque... nas perguntas que ela vai dando você... né... vai... vai fazendo, você vai também trabalhando a tua mente, você vai... tentando ver, né? Co... sabe, parece que você consegue pegar aquilo na mão, né?</p>	<p>Cecília relata que as perguntas da psicoterapeuta fazem com que ela trabalhe sua mente. Ela afirma também que essas perguntas fazem com que ela se sinta conseguindo “pegar” aquilo que está sendo trabalhado na psicoterapia “nas mãos”.</p>
<p>E sentir... que... realmente, eu gostaria de estar, porque eu amo muito os outros que estão aqui e sei que sou importante pra eles, né? Não adianta eu querer ir atrás do meu filho, porque também não sei se vou</p>	<p>Cecília afirma que sente que não adianta ir atrás de seu filho que morreu, até porque não sabe se iria encontrá-lo ou não (o que afirma ser uma questão de crença, religião).</p>

<p>encontrar, né? Isso já é um problema, vamos dizer, de... de religião, de... né, do que acredita, do que não e que ninguém voltou contando, né?</p>	
<p>Mas... é... a gente consegue, pelo menos, ser mais compreendida.</p>	<p>Cecília afirma que se sente compreendida pela psicoterapeuta.</p>
<p>Acho que tem... alguns <i>insights</i>, algumas formas que... que ela vai fazendo eu trabalhar com isso também, sabe?</p>	<p>Cecília afirma perceber que a forma como a psicóloga conduz a terapia possibilita <i>insights</i>.</p>
<p>Então é bom, né, que... ela entende que eu também não posso ser já a pessoa que eu fui antes de todo o processo, né?</p>	<p>Cecília afirma que sente compreendida pela psicóloga no que diz respeito ao fato dela não poder voltar a ser quem era antes do processo de adoecimento e morte do filho.</p>
<p>Porque no processo de doença já é... já vai também te remetendo pro sistema nervoso, pra tudo isso, as consultas, diagnósticos, a... os resultados de exames, né? Aquilo tudo vai já te deixando meio consumida, também, né? Porque você sempre espera encontrar a coisa melhor, né? O resultado melhor... você quer, né? O efeito de remédio, a falta de ar que ele sentiu, por ser pulmonar... por tudo isso, né?</p>	<p>Cecília relata que o processo de doença do filho foi lhe consumindo e remetendo para seu sistema nervoso.</p>
<p>Então eu acho que a terapia é muito bom,</p>	<p>Cecília afirma que a psicoterapia é boa</p>

<p>muito boa, né? Por causa disso, porque... é uma pessoa que tá... assim, com o coração aberto diretamente pra gente, né? Pra entender... e tem também toda parte de estudo, né? Que ela pode colaborar de que forma vai... poder... tar me abraçando, né? Então, acho que isso é muito bom.</p> <p>- UHUM...</p>	<p>devido a presença de uma pessoa (psicoterapeuta) com abertura afetiva e com disponibilidade para entendê-la. Ela relata também que o fato dessa pessoa atuar baseada em estudos, permite que ela possa saber uma forma específica de estar “abraçando” o paciente.</p>
<p>- Tem sido bem bom... [inaudível 00:11:50] bem... bem... confortável. Fico bem confortável por estar com ela, né?</p>	<p>Cecília afirma que se sente confortável por estar sendo acompanhada por sua psicóloga.</p>
<p>- E E., EM UM MOMENTO VOCÊ FALOU QUE COM AS PERGUNTAS DELA, AS POSIÇÕES QUE ELA VAI COLOCANDO, ASSIM, É... VOCÊ SENTE COMO... QUE COLOCA... QUE... COMO É QUE VOCÊ... EU ME NÃO LEMBRO O TERMO QUE VOCÊ USOU, MAS COMO SE... TOMASSE A VIDA PELAS MÃOS? OU...</p> <p>- É, sim... nesse sentido, né?</p> <p>- COMO QUE É ISSO?</p> <p>- Como que... a gente já falou da gestação dele, por exemplo, né? Dos outros filhos, do</p>	<p>Cecília relata que em sua psicoterapia ela não trabalha apenas questões envolvendo seu momento de vida atual, mas também engloba outras fases de sua vida, como sua relação com os familiares, a forma como se tornou mãe, suas realizações e os sentimentos que “carrega” desses momentos e dessas relações.</p> <p>Cecília afirma que sente que isso tem sido bom e que tem aberto várias possibilidades de reflexão.</p>

que cada um tem... Então, ela engloba... né?  
Toda... toda a família, toda a vida... minha,  
como mãe, né? Ou mesmo antes de eu ser  
mãe, inclusive, como filha, também... como  
que eu fui, né? Como que eu... sou a filha  
mais velha, por exemplo, de cinco também.  
E... então, a gente já trabalhou isso, como  
que eu... né, o que que eu... os sentimentos  
que eu vinha trazendo, as coisas que... que  
eu... né? Vamos dizer... fui... carregando  
junto com tudo isso, né? E a maneira... do  
jeito que eu me tornei como mãe. Como que  
eu me tornei, como que eu me realizei...  
como que... né? Que eu tava vivendo cada...  
cada momento, assim. Então é muito bom,  
porque você faz um... não é só o agora, né? É  
o antes também, é a maneira que... que...  
vamos dizer assim, da minha infância, minha  
juventude, meu estudo, minha... né? Vida em  
família, depois do casamento, os filhos que  
eu tive... né? É... o que aconteceu com eles,  
como que foi... né? Então, essa... essa  
questão, assim, de... de... item por item, né?  
Fase por fase, o que você tá passando...  
Então, realmente, ela... faz isso, né? A gente

<p>não... vai buscando lá... acho que na... né? Lá dentro! Mais... onde tá mais guardadinho! Até essas coisas... e vai refletindo. Então, você sai sempre com várias possibilidades de reflexão sobre aquilo, né?</p>	
<p>É... parece que tem alguém que entende que você tá... tá impossibilitado de ser aquela E. que eu era há... né, vamos dizer há... há três anos atrás, quando começou todo esse processo e que foi agravando dele... ou... a mesma E. que eu era antes da doença também, né? Antes de tudo isso. Então... a... a gente se sente colhida, acolhida...</p>	<p>Cecília afirma que sente compreendida pela psicóloga em relação a impossibilidade de voltar a ser quem ela era antes do processo de adoecimento de seu filho que faleceu. Ela relata que se sente acolhida pela terapeuta.</p>
<p>é... orientada, né? Eu acho que... e também... é, como se diz, leva lições pra casa. Porque... você... às vezes até junto, né, aqui, a gente também comenta... mas vai com aquele pensamento, vai trabalhando de que forma, né... que eu posso é... o que que tá acontecendo, como que eu to pensando, se eu... se é fácil de, vamos dizer assim, de entender aquela situação, né, que eu to passando... eu mesma, né? Entender... Então, eu acho que é muito importante mesmo,</p>	<p>Cecília afirma que se sente orientada pela psicóloga. Ela também relata que após as sessões leva como que “lições de casa”, continuando a refletir sobre aquilo que está passando, procurando entender sua situação atual – algo que considera muito importante.</p>

<p>assim, sabe? A gente se sente muito...</p>	
<p>e tem que ser uma pessoa que... que entenda, né? Não dizer... não aquela que diga: “É, mas isso passa com o tempo”, né? Bom... você es... é meio lógico isso, né? Então... mas, não: vamos buscar no tipo de mãe que você foi, como que você era... né? O... o que você vem sofrendo, a ausência... como é que tá sendo... né? Porque você nessa situação, o que que você faz?</p>	<p>Cecília afirma sentir que é necessário que a pessoa (psicoterapeuta) lhe entenda, buscando saber que tipo de mãe ela foi, como está sendo o sofrimento da perda do filho, como está sendo lidar com sua ausência e o que ela tem feito nessa situação.</p>
<p>Você nunca se imagina, né? Que vai passar pela perda de um filho... E quando acontece isso, então... depois disso... o que que você fica? É... que lembranças você tem? Né? Algum objeto... a... alguma... Muita coisa me ajudou no começo, é... tipo... roupas dele, pra sentir o cheirinho, o perfume, sabe? Tudo você quer, né? Fotos... então... eu já trouxe, eu já mostrei pra ela minha família, já... né, já... as... as fotografias dele...</p>	<p>Cecília relata que nunca imaginou que um filho seu pudesse morrer. Ela afirma que dentre as coisas que lhe ajudaram logo após a sua morte, estavam objetos, como roupas que tinham o cheiro de seu perfume e fotografias. Cecília relata que levou fotografias de seu filho e de sua família para a psicóloga.</p>
<p>Então, eu acho assim, que alguém que parece que tem mesmo o tempo que você precisa, né? Que se dispõe nesse tempo a tar te</p>	<p>Cecília afirma sentir que a psicóloga é alguém que disponibiliza seu tempo para estar com ela e que se dispõe a, nesse tempo,</p>

abraçando, tar te endendo, a tar...	estar lhe abraçando e entendendo.
<p>é... de uma forma ou de outra, porque vocês, lógico, estudam... a tar tentando trazer alguma coisa que... que... que possa me ajudar, né, a... a me encontrar, talvez... a... a ver minha postura...</p>	<p>Cecília afirma acreditar que por meio do estudo, o psicólogo se capacita para tentar trazer algo que possa ajudar o paciente, fazendo com que ele se encontre ou perceba sua postura.</p>
<p>Porque eu também não quero, lógico, que... que os outros sofram também a minha ausência, tanto os netos quanto... quanto os filhos, né? Porque... cada um, vamos dizer, se sente de uma forma, né? E os netos são pequenos. Então, por que que... que de um tempo eu até com o meu problema de saúde, então eu não pude mais ficar recebendo muito os netos, porque... eu tava tão ruim, tão fraca, que eu não tinha muito como, né? Então eles tiveram que de uma certa forma entender. E eu sinto que o menorzinho gosta muito de mim e... e sente falta da minha casa... Agora, inclusive, no domingo, eles estiveram lá... Então: “Ah, vovó, é tão bom ficar aqui...”, porque... vó é aquela que deixa fazer tudo, que brinca, que se joga no chão, nas almofadas... né? Tudo aquilo... então ele:</p>	<p>Cecília afirma que não quer que seus netos e seus filhos sofram com sua ausência. Ela relata que deixou de receber seus netos em casa por estar com um problema de saúde, se sentindo fraca, mas notou que eles tem sentido sua falta.</p>



<p>“Ah, vamos brincar de barco pirata? Vamos brincar de...”, sabe? Então... lá... no sofá mesmo! A gente faz o mastro, faz alguma coisa... né? Então, a gente nota que... que, assim, faz falta mesmo. Né?</p>	
<p>Mas buscar forças talvez pra tentar superar, se entender mesmo... eu acho que por isso é muito importante... o acompanhamento.</p> <p>- TE AJUDA A SE ENTENDER TAMBÉM?</p> <p>- Sim, com certeza...</p> <p>- COMO QUE É ISSO, ASSIM, DE...</p>	<p>Cecília afirma que o acompanhamento da psicoterapeuta tem sido importante para que ela possa buscar forças e para que possa se entender.</p>
<p>- Com certeza, porque... ela sabe, por exemplo, como ela disse, né, que ela... que... que eles são importantes pra mim e tudo, né? E... então que era bom que eu convivesse, mas na... só também quando eu estiver me sentindo bem, me sentindo... mais apoiada...</p>	<p>Cecília relata que a psicóloga lhe recomendou a procurar perceber se está se sentindo bem e mais “apoiada” para que possa, a partir de então, retomar atividades que são importantes para ela, mas que ela deixou de realizar por se sentir impossibilitada.</p>
<p>Então, no domingo, por exemplo, eu tava com os meus outros... minhas outras filhas... caso eu tivesse mais fraca, ou mais tonta, ou mais alguma coisa assim, né? É... eu teria apoio. Agora, quando você fica com a</p>	<p>Cecília relata que sente medo da responsabilidade de ficar sozinha com os netos, pois tem se sentido fraca e teme que algo possa acontecer. Cecília afirma que aos poucos tem conseguido voltar a conviver</p>

responsabilidade toda sozinha, te dá medo. Né? Medo, porque como eu te disse, eu vivi com meu filho muitas situações onde eu e ele tavam sozinho, né? Então, agora, às vezes, também, se você não tá tão bem, como que você vai ficar com uma criança de quatro anos que às vezes... né? Não... te dá um... uma fraqueza... ou... você cai, como aconteceu que eu caí, né? Há uns 15 dias atrás... Então... eu tava sozinha. Mas consegui, aos poucos, ir me levantando, tudo... Mas se a criança tá ali, né? Então o medo que você que a criança nessa hora... faça alguma coisa perigosa, ou se assuste mesmo... você sabe que isso também deixa... marcas, né? Então, por isso. Mas então, aos pouquinhos, eu to tentando... é... conviver mais com eles, a... sabe, tar mais junto, a dar meu amor... que, lógico, a gente ama os netos também como filho, né? Então... e até, vamos dizer, é... acaba ficando com menos responsabilidade de educar, é mais brincar, é... claro, não dá sempre, né? Mas eu digo, né, eu tenho aquela... aquela coisa, assim, da... da vó sempre... é mãe com açúcar, como

mais com os netos, ainda que de uma forma mais lenta da que seus filhos tem lhe exigido.

<p>dizem, né? Então... mas eu acho, assim, que então nisso... eu acho que ajuda a gente a ir amadurecendo, tentando... É claro que devagar, eu não posso, talvez, o que os maio... o que os filhos maiores tão exigindo, assim, aquela... aquela E. de... né, de uns três anos atrás, digamos, né?</p>	
<p>Então, porque foi um... um convívio forte com esse, né, que faleceu, eu tava diuturnamente com ele, né? E ele teve o... ele era casado, mas a esposa também deixou dele durante o processo de...</p> <p>- DA DOENÇA?</p> <p>- Da doença... E eu assumi tudo. Lógico, eu já queria, já desde o começo. Mesmo quando... na primeira cirurgia e na segunda ela estava, é... eu também ficava com ele pra ela ir trabalhar, tudo, né? Mas na casinha dele. E depois, não. Depois daí... ele veio pra minha casa. Daí a terceira cirurgia já fui tudo eu que atendi, assim, só eu e ele que fomos pra São Paulo... né? Então, foi...</p> <p>- E ESSE PERÍODO DA DOENÇA,</p>	<p>Cecília afirma que acompanhou todo o processo de doença de seu filho. Ela relata que a esposa dele lhe deixou ao longo desse processo e que foi ela quem cuidou dele até o dia de sua morte.</p>

<p>DUROU QUANTO TEMPO?</p> <p>- Na verdade, ele começou... a primeira cirurgia dele foi em... maio de 2011, né? E... a terceira cirurgia foi em agosto de 2012... e então, e... a... até o final do ano, ali, que depois começou a agravar, ali a... após o Natal e o Ano-Novo, dia três ele já foi hospitalizado novamente, né... Quer dizer, ele teve várias... é... internações, assim... vamos dizer, de uma semana, dez dias, né? Foi tendo. Mas... sem... é, depois ali no dia três de janeiro que... que ele ficou mais... foi agravando mais... foi questão de respiratório. Então ele tinha que usar o a... o... aparelho, né, de oxigênio... e... daí teve que ser hospitalizado e aí no domingo ele já entrou em coma. Aí ele já foi sedado e... foi entubado e... daí não saiu mais. Faleceu no dia sete [07/01/2012].</p>	
<p>Então, mas eu acho assim que... que é bom, porque você acaba tendo alguém que parece que... ela é como um pai, uma mãe, que ajuda o filho a fazer a lição, compreende, né? Tão... ali... “Veja como que é isso...”, você às vezes</p>	<p>Cecília afirma perceber que sua psicóloga atua de forma semelhante a um pai ou uma mãe que ajuda o filho a fazer a lição da escola. Cecília relata que, da mesma forma como ocorre neste exemplo, ela sente que sua</p>

<p>não dá aquilo... pronto, né, pro filho, né? Mas você tenta... de uma certa forma é... tentar que ele... busque, né, o resultado. Que ache, né? Eu acho que assim é... é o trabalho de vocês... eu acho que vocês acabam fazendo isso.</p>	<p>psicoterapeuta não lhe dá respostas prontas, mas faz com que ela mesma as busque.</p>
<p>É... nos acolhendo, em primeiro lugar... eu acho que é importante, né... a... o carinho, a simpatia, a... o abraço, né?</p>	<p>Cecília afirma que o acolhimento, o carinho, a simpatia, o “abraço”, são importantes e devem vir em primeiro lugar na psicoterapia.</p>
<p>E... e assim, tentando... a gente vai analisando várias, né... então, já foi... eu... como eu te disse, a infância, né? Depois... né, a infância dele como foi, ele no meio, né, o terceiro, depois vieram mais dois... né? Então, tudo isso tem... tem visto e revisto, né? Também pra... pra tentar entender.</p> <p>- RETOMANDO TODOS ESSES ASPECTOS DA RELAÇÃO...</p> <p>- Isso... A relação mãe e filho, né? Mãe e filhos... porque tem os outros também, né? Com cada um e...</p>	<p>Cecília relata que analisou com a psicóloga a sua relação com seus filhos, buscando entendê-la.</p>
<p>Então eu acho que é muito importante esse atendimento, assim... e com essa, com esse</p>	<p>Cecília relata que antes de iniciar a psicoterapia com a atual psicóloga, foi</p>

<p>embasamento que vocês tem também, né?</p> <p>- E COMO QUE AJUDA ESSE EMBASAMENTO?</p> <p>- Porque eu acho assim: como eu tive contato com a outra psicóloga, que foi a psicóloga que o atendeu... e ela perguntou como é que eu estava depois... após a... o falecimento dele, tudo... e... aí ela me chamou lá... né? Mas então ela mais contou, assim, um pouco dele... é... de como... de como que ele era, como... né? O jeito que ele... reagia, né, assim, na... na... nos processos de doença que ele... que ele tinha. Então ela falou que ele tinha muita fé, que ele... né? Isso sim, que ele... Mas, é... acabou, assim, não ficando muito direto no que eu tava passando, né?</p> <p>- FOI... CHEGOU A SER UM ATENDIMENTO OU FOI MAIS...</p> <p>- Assim...</p> <p>- UMA CONVERSA SOBRE...</p> <p>- Ela chamava lá pra... pra tar indo, eu... no começo eu fui uma vez por semana, né? Mas não foi, assim... ela teve... o intuito dela era</p>	<p>atendida pela psicóloga que acompanhava seu filho em seu processo de doença. Cecília afirma que a intenção dessa psicóloga era fazer um acolhimento após a morte de seu filho. Ela relata também que os atendimentos eram esporádicos e que não eram focados naquilo que ela estava vivenciando, mas em esclarecer aquilo que seu filho estava sentindo pouco antes de falecer.</p>
---	--

de ajudar, assim, vamos dizer... de acolher, talvez!

- UHUM...

- Mas, aí... acabou ficando mais esporádico: quando eu podia ou quando eu não podia... sabe? Ela também, né... tinha as... os... seus... assim, impossibilidades, às vezes, por causa de horário e tudo, né? Então não era uma coisa tão específica, né? E... então acho, assim, que... eu não pude sentir com ela sobre isso, né, assim... questão de... né, se... como ela trabalharia talvez comigo... assim, com essa sensações que eu to tendo, né... a... agora, após a perda dele, né?

- E., MAS SÓ PRA EU ENTENDER: ESSA ERA A PSICÓLOGA QUE ATENDIA O TEU FILHO DURANTE...

- É. O processo. Isso.

- A DOENÇA DELE? E... E O QUE QUE TE LEVOU A PROCURÁ-LA DEPOIS? SERIA MAIS POR...

- Não, ela... ela...

- UMA CURIOSIDADE?

- Isso, ela mais que se ofereceu, queria saber como que eu tava! Daí minha filha falou: “Ó, a mãe tá desesperada... a mãe tá assim...”. “Então pede pra ela que venha no consultório... né? Pra gente...”. É, ela foi tentar, assim, também, fazer acho que um acolhimento... seria, né? Mas não propriamente dito um... um acompanhamento... né, como hoje eu to fazendo, né?

- FOI ALGO MAIS PONTUAL, ASSIM, NÃO TINHA A IDEIA DE SER UM PROCESSO...

- Isso... é... aham, foi mais assim, só pra... pra... que ela tava acho que viajando na época que ele faleceu... e... então, como ela tinha mais contato com ele, assim, né, no sentindo... das coisas interiores dele, tudo, né? De como, então, que ela tentou... tentou... que ele tinha consciência... ela colocou que ele tinha consciência que a doença dele tava grave... Sabe? Assim, né... ele tinha muitas



dores também.	
<p>Mas isso nós tivemos momentos, assim, que... em casa mesmo, que ele dizia: “Ah, mãe, eu não sei até quando eu aguento, até onde eu aguento...”, né? Porque começou a espalhar muito... Inclusive, assim... de um, aqui, acima... do... do... do olho, né? Esquerdo... tumor... e o olho ficou pressionado... sabe? Então já tava difícil... Ele conseguia dirigir carro automático, de repente já não conseguiu mais... Então as coisas foram, né? Daí tinha vários nódulos pelo... pelo corpo, né? Espalhados... e... daí você não podia às vezes nem dar um abraço mais... sabe aqueles abraços de urso, que dizem, né? Não podia... Então, às vezes eu... o que eu fazia: às vezes ele tava sentadinho na cama com as... com as pernas, né? Pra poder [inaudível 00:25:00] manter na posição... e às vezes eu me ajoelhava na frente dele, pegava nas mãos dele... e nós dois falávamos, nos agradávamos, assim, mas... né? E... chora... choramos juntos, tudo, né? Daí eu dizia assim pra ele, que eu tava</p>	<p>Cecília relata como foi o processo de doença de seu filho, o modo como o câncer foi se agravando, as dores e limitações que ele sofreu por consequência disso e o modo como os dois conversavam e se agradavam antes dele falecer.</p>

<p>sempre em busca de um milagre, que eu achava que alguma coisa ia aparecer que... que ia dar resultado, né? Acho que é aquela fé que você tem, né?</p>	
<p>Mas daí ela me falou que ele tava, assim, mais consciente. Sabia, assim, que a coisa estava agravando... né?</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Então foi mais isso, assim, né? Então...</p> <p>- PRA ENTENDER O QUE ELE ESTAVA SENTINDO...</p> <p>- Isso. Uhum. Isso... sim.</p> <p>- PASSANDO, ASSIM, NAQUELE MOMENTO...</p> <p>- Aham... é.</p>	<p>Cecília afirma que a psicóloga que atendia seu filho lhe contou que ele estava consciente de que sua doença estava se agravando. Cecília relata que os atendimentos que teve com a psicóloga que acompanhava seu filho tinham o intuito de esclarecer o que ele estava passando antes de falecer.</p>
<p>- E... EM RELAÇÃO À... À PSICÓLOGA AQUI [CLÍNICA DE PSICOLOGIA APLICADA – UFPR], COMO É QUE... COMO É QUE FOI? O QUE QUE TE LEVOU A QUERER FAZER O ATENDIMENTO?</p>	<p>Cecília relata que buscou atendimento com sua psicóloga por sentir confiança nela e nos demais psicólogos e estudantes de psicologia que acompanhavam as reuniões do grupo ASDL. Cecília afirma que essa confiança surgiu quando ela percebeu o modo de acolher desses psicólogos e estudantes, os</p>

<p>- Porque eu achei que... vamos dizer assim, que... que nem todo mundo tra... é... trabalha com o luto, né? Pelas informações que eu tenho ou... ou... eu acho que assim, ficou mais específico, sabe?</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Principalmente vendo vocês, ali, acompanhando às vezes o nosso... a nossa reunião, né... do grupo [GRUPO ASDL], é... as... os próprios depoimentos de vocês, assim, né, foi perguntado pra vocês algumas coisas ali, ou mesmo alguma coisa que um... um se aproximou de vocês em separado, mesmo eu, né? Aquele acolhimento já... inicial, assim, aquele contato inicial, já me deu confiança. Né? Aí fui conversar com vocês, pra saber... e... saber sobre o luto, né? Tudo isso... então, eu achei que vocês tavam mais... é... bem preparados pra tar lidando com isso. Né?</p>	<p>depoimentos dados por eles ao longo das reuniões e a partir das conversas particulares que teve com alguns deles, fazendo-a acreditar que estariam mais preparados para lidar com o tema do luto.</p>
<p>Porque... até a... minha filha comprou alguns livros pra mim, pra mim ir lendo... né? Mas muitas vezes você... os termos, né? Você... claro, você conhece os nomes, né: Freud, né,</p>	<p>Cecília relata que acha bom poder discutir sobre aquilo que lê em alguns livros sobre o luto com sua psicóloga. Ela afirma que tem achado interessante ler sobre a relação mãe e</p>

<p>e... então... mas às vezes você... é difícil entender o Freud quando você não estudou a psicologia, né? Então, é bom que você daí pode estar discutindo também, né, alguma coisa, né? Com... com ela desse aspecto, né?</p> <p>A ques... a questão do livro que eu to lendo, né? Eu acho que tá sendo... bem interessante!</p> <p>Né? E... essa relação mesmo, da... da mãe com o filho, da mãe com o bebê, da mãe amamentando, né? Tudo que... né, como é que mãe sente, né? Aquele capítulo que... que... que a G. [psicóloga] está, né?</p> <p>Acho que você tá junto, ou não?</p> <p>- NÃO...</p> <p>- Não, você está num outro, né?</p> <p>- É... AHAM!</p> <p>- Uhum, mas então é muito interessante isso, né?</p>	<p>filho em um capítulo de livro escrito por sua psicóloga.</p>
<p>Porque você sente que parece que existe hoje... é... como até eu li... eu li pra ela nesses... mas agora eu esqueci a palavra, nesses... nesses livros que eu li sobre a doença, sobre... mesmo algumas... é... um</p>	<p>Cecília relata que leu recentemente em um livro algo sobre hospitais voltados especificamente para pacientes sem possibilidade de cura.</p>

livro com ensinamentos budistas, né? Então esses que tem esses... é... como que chama os... hospices, ou... como é que é? Hospices, né? Que tem alguma... que são em hospitais, né? Ou lugares, assim, que tem... onde a pessoa vai... vai trabalhando e... a... esse que tá, vamos dizer assim, né, já em uma fase final de vida... com os familiares. Eu acho que... que eu comentei com a G. [psicóloga] e ela... ela sabia disso, sim. Mas só que eu não lembro se... como é que se pronuncia também, se é hos... hospices ou... como quase como se fosse hospício, mas não é, né? É como se fosse, assim, um lugar... onde tem, onde trabalha, especialmente, né... os pacientes terminais. Sabe?

- QUE INTERESSANTE...

- É... ela falou... ela disse, é e aqui... não tem parece, não sei, em São Paulo... alguma região daqui do Brasil que tá começando a... ter isso...

- ESSES CUIDADOS...

- Esses cuidados, né?

<p>Porque... muitas vezes você, o que que acontece... você se sente também, isso eu já comentei com ela e to trabalhando também, aquela questão da culpa. Né? Porque... por que que eu... eu não exigi, eu ter ido com ele, ficado em São Paulo? Talvez teria tido outro recursos... que... ele conheceu uma pessoa durante o processo da saúde dele, só que o dela é melanoma metastático. É grave também, mas ela... menos grave que o dele. E... e ela ficou muito amiga dele, sabe? Então, foi uma pessoa muito boa também que... que fez um contraponto com ele bem bom pra... de amizade, de carinho, de amor, assim, com ele. E... e ela, ela... a primeira fase dela foi no... no A. C. Camargo, sabe? Ela... ela... foi tratada. E agora ela tá fazendo aqui em Curitiba um tratamento que eles chamam de... como é a palavra? Assim... protocolo! Então, protocolo pro melanoma metastático. Então, ela faz de 15 em 15 dias, tipo... uma quimioterapia. Ela tá melhorando, sabe?! Graças a Deus tá... Então, por isso que digo, então você se sente culpada, né? Não fui pros Estados Unidos, né... em busca de</p>	<p>Cecília afirma que se sente culpada por não ter exigido ir com seu filho que faleceu para São Paulo, no hospital A. C. Camargo (que ela considera um hospital melhor do que aqueles em que seu filho foi tratado em Curitiba), para os Estados Unidos, ou outro Centro [médico] em busca de novos recursos para o tratamento dele. Ela relata que sente culpa por não ter se imposto em relação aos médicos que, segundo ela, não buscaram algo de novo para tratar seu filho. Cecília afirma também que comentou sobre a culpa que sente com sua psicoterapeuta e que tem trabalhado esta questão com ela.</p>
--	--

alguma coisa... ou... eu não... sabe, eu não fui... digamos assim, que a primeira cirurgia que ele fez, ele... a biópsia foi no Hospital Nossa Senhora das Graças. E depois ele quis... ele... ele e a esposa não gostaram muito, disseram que as atitudes do médico que operou, que era um médico, assim, conceituado aqui em Curitiba... e... aí ela, eles, ficaram meio... assim... daí procuraram lá o Erasto Gaertner. Daí eu fui junto, eu acompanhei, tudo, fui em consultas também, sabe? Mas... eu acredito que... não que os médicos é... não fossem bons, ou... ou, assim, não nesse sentido. Mas no sentido de... sabe? De ficarem assim... sem buscar mais uma outra coisa. Ou às vezes dizer: “Bom, se tá difícil isso, com essas recidivas, então vamos à... é... à outro Centro, vamos à São Paulo, vamos ver lá... Porque não é possível, você com tan... com tantas biópsias que você fez... né? Tá tudo, aparentemente, só células gigantes e benigno...”. E daí recidivava e aquilo foi... tanto que depois, assim, o pé dele ficou bastante danificado, né, o esquerdo. Né? E... então eu achei, assim, uma diferença

<p>de... tratamento daqui, por exemplo, pro A. C. Camargo que... que a gente acabou conhecendo pouco, mais com consultas, ou por atendimento, que eu te disse a primeira vez que eu tava contando, né? Então... a gente... mas eu... eu tenho... essa sensação eu tenho, de culpa, de não ter me... me imposto mais: “Vamos pra lá! Vamos ficar lá! Vamos dar um jeito!”. Sabe? Né? Talvez teriam visto antes. Porque... você... é... acho incrível! Ou pelo menos a questão de laboratórios, né? Porque, é... aqui o laboratório envia... e lá foi mandado as mesmas peças... né? Inclusive, estão lá no A. C. Camargo ainda, e... e já lá viram que era osteossarcoma de altíssima malignidade.</p>	
<p>- E E., COMO QUE ESSA QUESTÃO DA CULPA É TRABALHADA NA TERAPIA?</p> <p>- Então, daí... daí, ela... ela... eu... a gente tem trabalhado essa questão da... da culpa no sentido de que... é... assim, tipo assim, quase até como... como... outras mães também relatam, que quase... você tem culpa em toda... toda situação, né? Culpa por não ter</p>	<p>Cecília relata que um dos sentimentos mais evidentes em seu luto é a culpa e afirma que outras mães também relatam que se sentem culpadas. Cecília relata que além da culpa, sente raiva (de como um médico atendeu seu filho, da forma como a biópsia foi feita) e busca encontrar uma falha que possa justificar a morte de seu filho. Ela afirma</p>



<p>cuidado direito, vamos dizer da... da tua plantinha, de... né? Ter regado... então... é uma... é um dos sentimentos que aparecem muito, né? Então, a culpa e a raiva eu acho que... que vem, né? Então, a raiva de tal pessoa, de tal médico, de como atendeu, de... como a biópsia foi feita... alguma falha você quer encontrar, né? Pra... pra talvez justificar. Né? Eu não sei se eu sabendo... ou se isso aí vai... que é uma coisa que [inaudível 00:32:30]... com ela também. Né?</p>	<p>ainda que não sabe o que aconteceria caso encontrasse essa justificativa.</p>
<p>Porque existe a possibilidade de eu entrar... contra o laboratório, né? Por causa disso. Mas é muito difícil! Porque... você precisa de um médico que... que ateste que houve um erro. E geralmente é uma coisa mais fechada, que eles não... não se dispõe muito a isso, né? Um, tipo... um não quer falar mal do outro... e sabe, isso existe mesmo, né? Então, é... eu não sei, eu to... né? Até ela falou: “Veja como você acha que você vai se sentir... mais confortada”. Mas na verdade, eu acho que, por exemplo, assim, meu filho não vai voltar mais mesmo, mas eu acho até pra... pra</p>	<p>Cecília relata que está na dúvida se deve ou não entrar com uma ação contra o laboratório que realizou as biópsias de seu filho e que sua psicóloga lhe orientou a refletir sobre o que a faria se sentir mais confortada. Ela afirma que apesar disso não trazê-lo de volta, poderia servir para alertar outras pessoas para que não fiquem à mercê daquilo que dizem os médicos, aguardando de “braços cruzados”. Cecília relata que um médico com quem seu filho se consultou afirmou que poderia ter tirado seus nódulos se ele tivesse ido se consultar com ele um ano antes, o que</p>

<p>alertar, sabe? A... população, as pessoas, a...      é... Que você acaba recebendo o resultado e...      e você vai seguindo aquilo, meio que... não      digo de braços cruzados, porque você não      fica assim, né? Mas eu digo, parece que você      fica... esperando que o médico seja... um...      um Deus, ali, um... Semideus, digamos, né?      Que possa tar te dando todas as... “Ai, não”,      tudo que eles dizem, né? “Ah, tudo que eu      tiver de ter de mais moderno, nós vamos      passar pra você, vai...”, sabe? Mas algumas      coisas, já, por exemplo, quando eu fui      naquela consulta, que eu te falei que o      médico disse: “Nossa, por que não veio um      ano atrás aqui? Eu teria tirado esses      nódulos...”. Sabe? Que existe... que eles já      tinham um... um paciente que ele tinha feito      isso e tava convivendo. Assim, tava      conseguindo ainda tar vivo, né? Então... você      começa a se deparar com certas, sabe?</p>	<p>a fez pensar que se isso realmente tivesse      acontecido, seu filho poderia estar vivo.</p>
<p>Daí, quando você não... você liga... não      encontra um médico... exis... teve uma      situação dessas, porque o dele foi pro      pâncreas também, e... ele ficou muito ruim</p>	<p>Cecília relata um momento do processo de      adoecimento do filho em que seu câncer      chegou ao pâncreas, ele sentiu dor extrema e      eles não encontravam nenhum médico para</p>

<p>em outubro, e... teve que ir... e não achava médico na clínica dele, ninguém podia atender... tava todo mundo ocupado, sabe? A gente ficou desesperado! Eu liguei até pra uma outra clínica... E daí eles falaram: “Mas como?! Quando um viaja pra ir em... em congresso, deixa outra pessoa!”, né? Aí depooois de muito implorar e tal, conseguiram arranjar uma médica que... pra interná-lo no Hospital das Graças, pra saber o que que era. E era... problema do pâncreas . Que tava ali... Então, diz que é uma dor mesmo... ele não tinha posição, ele... ele... vinha pra cabeceira da cama, de repente ficava de bruço... sabe? Nossa, foi assim... um... uma noite e um dia seguinte inteiro. Porque daí, no final do outro dia que ele foi internado, sabe? Então, foi muito...</p>	<p>lhe atender, até que, enfim, conseguiram encontrar uma médica disponível.</p>
<p>E os médicos te dizem assim: “Ah, a gente vai sempre tar te informando tudo... e te dizendo, né... se isso tem solução... mas a gente ainda deve buscar algumas coisas...”, mas não bem assim que acontece, sabe? Então... eu queria até com essa amiga dele</p>	<p>Cecília afirma que apesar dos médicos lhe terem dito que a manteriam informada sobre a situação do filho e que buscariam soluções para seu problema, ela sentiu que isso não ocorreu. Cecília relata que deseja criar um blog ou algo do gênero para que as pessoas</p>

<p>que... que se tornou... ela também é... pesquisa bastante, também... é... ela tinha vontade de montar um blog, alguma coisa, assim, sabe? Pra que as pessoas não... não fiquem assim, tipo... sei lá... Ah, então... como é que se diz: bateu o martelo, é aquilo. Sabe? Né?</p>	<p>possam buscar informações que vão além daquilo que os médicos falam.</p>
<p>Porque talvez a gente teria revertido alguma coisa. Ou mesmo, po... por que que os médicos daqui não disseram: “Tem como amputar um pé ou uma perna”? Porque eles viram que o... que o diagnóstico era... era... benigno. Né? Mas talvez se tivesse amputado, não teria ido pro pulmão, né? Então... que metastizou. Então, um problema... muito sério é quando metastiza, né? Me... metas... é, metástase, né? Uhum...</p>	<p>Cecília afirma que acredita que o câncer de seu filho poderia ter sido revertido caso os médicos tivessem amputado sua perna, antes que ocorresse a metástase.</p>
<p>- E EM RELAÇÃO A ISSO A PSICÓLOGA ORIENTA VOCÊ...</p> <p>- É... é...</p> <p>- BUSCAR AQUILO...</p> <p>- Siiim!</p>	<p>Cecília afirma que, diferente de sua família que lhe desaconselha a entrar com uma ação contra o laboratório que fez a biópsia de seu filho, a psicoterapeuta lhe orienta a buscar perceber de que forma se sentiria melhor em relação a isso e a tentar compreender qual a sua motivação para entrar com essa ação.</p>

<p>- QUE...</p> <p>- Que você acha, né?! Então, por exemplo, quando eu vou às vezes falar com a minha família... às vezes eles dizem: “Ah, não, mãe, eu acho que não vai adiantar naaada...”, sabe? “Ele não vai mais voltaaar...”, aquilo. Mas... ela me deu assim, ela me disse: “De repente você pode... ver como você se sentiria melhor. Porque às vezes a tua intenção pode ser de ajudar ou... o... ser humano. A tua intenção pode ser de esclarecer alguma coisa, né?”.</p>	
<p>Eu entrei em contato já com o advogado. Até com um que veio no gru... no... do luto, ali, o... Dr. G. [advogado], ali... Não sei se você já viu ele... é um...</p> <p>- AH, ACHO QUE SIM! UHUM...</p> <p>- É um... um... escritório... que tem nome, assim, mas agora eu esqueço... Ai, como eu te disse, às vezes eu esqueço a palavra, eu esqueço... Sabe? To com a... com a coisa ali... e não vem, não tá fluindo.</p>	<p>Cecília relata que entrou em contato com um advogado que acompanha as reuniões do grupo ASDL para falar sobre a possibilidade de entrar com uma ação contra o laboratório que fez a biópsia de seu filho. Cecília esqueceu o nome do escritório de advocacia desse advogado. Ela relata que esses esquecimentos têm ocorrido com frequência.</p>
<p>Então, eu acho assim, que é muito bom,</p>	<p>Cecília afirma que se sente apoiada pela</p>

<p>porque... ela te explica, mais ou menos, né? “Se você tem vontade... de fazer, né? Como seria... vamo em busca, vamo... é... te apoio, se a causa é assim, se você tá se sentindo bem... né?”. E com certeza se eu disser: “Ah não, eu mexi com alguns papéis... e... e acho que não vai valer a pena, ou vai dar muito trabalho, não vou me empenhar nisso”.</p>	<p>psicóloga e relata que a psicoterapeuta lhe dá liberdade para fazer aquilo que faz com que ela se sinta melhor.</p>
<p>Mas eu penso assim: até com essa pessoa que eu te disse, que ela se chama D., é... de se empenhar pra colocar... a... algumas coisas, assim, que até do meu filho, quando a gente pesquisa... pesquisava, osteossarcoma tinha muito pouca coisa... muito quem... quem tinha... é... tratado, sabe, muito... é... Na verdade, eu tenho até um livro de bioquímica lá em casa e... que é do meu pai, e... foi lá pra casa já quando o meu marido tava... tava ruim, e eu comecei a ler e tudo, sabe?</p>	<p>Cecília relata que não há muito material disponível sobre a doença de seu filho. Ela afirma que chegou a ler até um livro de bioquímica de seu pai que estava em sua casa.</p>
<p>Então, tanta coisa, assim, que... que eu achei que os médicos daqui não... não viram essa possibilidade, sabe? Inclusive, eu tenho um dado... que eu não tenho muito como provar, né? Mas... é... porque eu não estava. Eu tenho</p>	<p>Cecília relata que sente pena de ter perdido seu filho, que ela descreve como uma pessoa inteligente, com a “cabeça boa”, advogado, e afirma acreditar que sua morte poderia ter sido evitada se ele desde o início tivesse sido</p>

<p>duas sobrinhas que são médicas já formadas e na ocasião elas estavam, assim, em final de curso... Na primeira cirurgia, foi uma... uma sobrinha que... que foi, acompanhou. Ela fazia... lá no Erasto Gaertner, o... estágio, né?</p> <p>E na segunda cirurgia foi outra, que fazia lá... ela fazia no... como é que é aquele... a outra faculdade... Evangélica! Mas, ela pediu pra... pra tar acompanhando os médicos. E um dos... eram, daí, dois médicos que participaram da cirurgia, e um dos médicos falou, durante a cirurgia, pra ela... que tinha aspecto de células de sarcoma. Então, isso foi em novembro de 2011. Sabe? E... a biópsia não deu! Tanto a biópsia do Erasto, quanto a biópsia do... dali do Nossa Senhora das Graças... né? A gente pediu pra um outro laboratório daqui tar verificando... o laboratório mandou pro primeiro, mesmo, que lógico que daí não deu... Aí foi à São Paulo, voltou também... laboratórios particulares, digamos, né? E... e na terceira cirurgia também mandaram pro outro laboratório o diagnóstico, lá de São Paulo, queeee... se tem como bom laboratório e tudo,</p>	<p>tratado no hospital H. C. Camargo e descoberto antes a doença. Cecília relata que houve diversas falhas médicas ao longo do tratamento de seu filho. Ela afirma que sua sobrinha (estudante de medicina) acompanhou uma das cirurgias dele e ouviu o médico dizer que percebeu células de aspecto de sarcoma. No entanto, a análise de nenhum laboratório acusou isso nos resultados. Cecília afirma acreditar que os hospitais que atenderam seu filho não estavam preparados para tratar do tipo específico de câncer que ele tinha.</p>
---	---

mas que também não... viu nada. E só o Erasto Gaertner que... que conseguiu... Porque então, eu acredito que seja um hospital mais bem aparelhado... né? Eu não sei se aqui em Curitiba falam bem do Erasto Gaertner, mas não sei, eu acho que alguma coisa tá... tá... tá... talvez tá faltando pra este caso! Talvez pro câncer de mama, pra... câncer de próstata, outro câncer, eles seja mais... né? Mas, pro osteossarcoma, ali, eu achei que... que não... que não... que não... não vi já indícios de que poderia tar... né, com esses próprias recidivas, que daí o oncologista clínico falou: “Ó, mas essas...”, e ele tinha os oncologistas que acompanhavam, dois, né? E mais um que acompanhava o pulmão! Aonde não se acompanhou muito o pulmão foi quando foi pra fazer a terceira cirurgia... em... São Paulo, que ele não pediu uma nova tomografia. Sabe? Então, isso que eu to dizendo. Então, várias... escapadas, erradas, escorregadas, sei lá, né? E... então, eu acredito mesmo que, nesse ponto eu não posso dizer, se tivesse se tratado no A. C. Camargo ele tivesse se curado, ou tivessem



<p>visto antes... né? Mas os médicos, que a gente contato lá... tudo... nos deram, assim... tipo assim, a gen... é... assustador... o resultado, entende? Assim, a gente ficou... né? E com certeza se tivesse descoberto antes, ele já podia tar, né... o mesmo, como diz, né? [inaudível 00:40:30] mas tar sem... uma perna ou um pé, né? Não tem o... quantos aí que você sabe que corre, né? Com... pé... como é que chama? O... prótese, né?</p> <p>- AHAM...</p> <p>- Próóótese... aquele outro, Lars Grael, lá aquele, né, também, então... você... Que ele tinha uma cabeça tão boa, era inteligente, advogado... e tudo assim, sabe, então... Então, isso que dá pena, né? De ter perdido... sabe?</p>	
<p>Então, eu acho assim, mais por um alerta, mesmo, sabe? É... pra... pra que as pessoas... teria que pesquisar, mas pra ver como que... né? Tão sendo atendidas.</p>	<p>Cecília manifesta o desejo de pesquisar como as pessoas com a doença de seu filho estão sendo atendidas para fazer um alerta.</p>
<p>Você sabe que até... eu conheci uma outra</p>	<p>Cecília relata ter conhecido em São Paulo</p>

<p>         pessoa lá de São Paulo que também foi...          livrou-se de um câncer, eu não lembro bem          agora qual... em... um dos outros grandes          hospitais, lá! Porque lá eles tem vários, né,          também que tratam, né? Mas nós chegamos a          consultar o... no Sírio Libanês, no... no outro          lá, que até esses dias... diz que agora          domingo vai dá... o Dr. Paulo Hoff, é... lá de          São Paulo vai... vai dar, que eles tem um          assunto de saúde pública, não sei de que          cânceres ele vai falar, naquele da... da... da...          Gabriela, lá, que entrevista, né?            - UHUM...            - Que vai ser que... Então eu quero até          assistir.       </p>	<p>         uma pessoa que se curou de um câncer. Ela          também relata que um médico conhecido          daria uma palestra sobre algum tipo de câncer          em breve e que ela gostaria de assistir essa          palestra.       </p>
<p>         Então, eu sempre sou... eu sou muito curiosa,          de ler muito... e... sempre quis... né? Buscar,          assim, tipo... Então, por isso que eu acho que          alguma coisa eu teria que fazer, sabe? Pro...          pra um alerta, pra uma busca, pra... ou          exatamente sobre essa... esse câncer, em          especial, ou mesmo qualquer outro, né?       </p>	<p>         Cecília relata que, por ser curiosa e gostar de          ler, pensar em fazer alguma coisa para alertar          as demais pessoas sobre o tipo específico de          câncer que seu filho teve ou qualquer outro          tipo de câncer.       </p>
<p>         Porque... e essa pessoa de São Paulo diz que       </p>	<p>         Cecília afirma que a culpa que sente está       </p>

<p>lá também, o pai ficou hospitalizado... o filho, né, que ele tava me contando, que ele ficou hospitalizado... e melhorou. [inaudível 00:42:12] se não me engano. E... claro, que hoje em dia você vê, que alguns que... que acontecem mais, né... alguns tipos de câncer mais comuns, eles tão... desenvolvendo mais... quimios... né? Mais... é... alternativas pra poder, né... ou mesmo cirurgias, né, tudo... E... e ele talvez perdeu isso. Então, essa sensação, assim, sabe? Que a gente tem, né? Com essa culpa, com essa... com essa... Culpa, vamos dizer assim, atrelada à não tomada de decisão... ou mesmo de... ter arregaçado mais ainda a manga do que arregaçou, ou de confiaar muito nas pessoas também, sabe? Então são umas três... umas três questões que me... tão sempre me instigando, assim, né?</p> <p>- NA TERAPIA VOCÊS FICAM FALANDO SOBRE ISSO?</p> <p>- Iiiiisso... Falamos, falamos sobre isso também.</p>	<p>atrelada ao fato de não ter tido uma tomada de decisão, não ter “arregaçado ainda mais as mangas” ou ainda, por ter confiado demais nas pessoas que estavam tratando seu filho. Ela relata que fala sobre isso com sua psicoterapeuta.</p>
<p>Então cada dia, dependendo, vem com</p>	<p>Cecília afirma que o tema abordado nas</p>

<p>alguma coisa também, né? Às vezes é aquilo que tá... mexendo comigo, né, ou não, né? E...</p> <p>- QUAIS SÃO AS COISAS, ASSIM?</p> <p>- Por exemplo: na semana passada, eu conversei muito com ela sobre isso dos filhos estarem cobrando, né... a minha... a minha postura... e... eu tar me entregando muito, ou tar, né, só pensando no falecido, né? E... daí uma outra, teve isso, essa questão de... de eu tar decidindo se eu quero entrar, né, com recurso contra... contra os laboratórios, né, que seria... e... Com o objetivo, mesmo, de... claro, o meu não vai voltar mais, mas, assim, tipo... sabe quando aquilo fica te... na tua cabeça? “Será que foi? Será que não foi?”, né? É... ou, se... poderia ter sido diferente?</p>	<p>sessões de psicoterapia depende do dia, mas que às vezes elas conversam sobre aquilo que está “mexendo” com ela. Ela relata que já conversou sobre a cobrança de seus filhos, sobre sua postura diante da morte do filho, o fato de estar só pensando nele e sobre a possibilidade de entrar com um recurso contra os laboratórios que fizeram sua biópsia, por exemplo.</p>
<p>Mas eu acho, assim, para algumas pessoas, né? Porque... a... poderia tar alertando, ou verificando, né? Porque hoje em dia tem tanta coisa que você... às vezes não consegue o remédio, importar o remédio... Por exemplo: na... naquela questão da... né, que não seria exatamente um câncer, mas naquela</p>	<p>Cecília relata que aconteceram falhas no tratamento de seu filho e que ela deseja lutar para que algo de parecido não volte a acontecer com outras pessoas.</p>

<p>questão de tar usando... a... derivado da maconha, né? Que... que alguns pais su... pediram, né? Pro... pro governo, né? E eles não quiseram liberar, né? Aí conseguiram com liminar. E essa menininha tinha não sei quantas convulsões por dia. E agora, esses dias, ela apareceu num programa da TV com a mãe, que já tá bem melhor, bem mais contida, né? Porque tá usando... Daí parece que agora vão liberar a cannabis. Medicamentosa... Então, por que toda essa... sabe? Essa questão? Né? Política... pra pode tar... se... se pode fazer bem? Então, quantas pessoas passam por isso, né? Esse sofrimento. Então, é... eu gostaria às vezes de... de tar... como se diz, arregaçando as mangas pra lutar pra que ninguém mais passe por isso, porque é muito, né... muito triste. Claro, muitas vezes você... é... Sabe que tá tudo certinho, que não deu realmente, né? Mas houveram algumas, existem algumas falhas... algumas coisas que a gente se preocupou muito com isso... e tem...</p>	
<p>Então, tem dia que você tá... né? Então, às</p>	<p>Cecília relata que os temas das sessões</p>

vezes depende de como eu chego, né? Ela me pergunta como eu passei a semana... como né, que eu to vindo toda quarta-feira, como que eu passei a semana, o que que aconteceu... o que que... né? Então... po... porque assim, tem horas que eu to mesmo, sozinha, pensando... ou... lendo, mesmo, né, sobre... essas questões, vamos dizer, é... de saúde, ou de... de... de doenças, de tudo, ou mesmo as questões do luto, ou as questões, assim... né? Livros que te dão embasamento, pra você tar entendendo, né? E... aí às vezes a gen... depende do que... daquilo que você chega, né? Naquela...

- UHUM... VOCÊ QUE DECIDE O QUE...

- Aquela... aquela urgência. Praticamente... sim.

- O QUE QUER FALAR?

- Sim! Ela pergunta como foi a semana, o que que aconteceu, né? O que que... é... o que que foi bom, o que que não foi... né? No que que eu tava... no que que foi mais... se salientou mais... né? E... o que eu gostaria de, né...

variam de acordo com o dia. Ela afirma que, por vezes, conta como foi sua semana, outras vezes, traz questões sobre algo que está lendo (sobre saúde, doenças, luto). Cecília relata que a psicoterapeuta costuma lhe perguntar sobre sua semana, o que foi bom e o que não foi e depois pergunta o que mais se salientou e que ela gostaria de estar falando naquele momento.

<p>naquele momento tar colocando.</p>	
<p>Que naquele dia coincidiu, na... na semana passada, que o meu filho me trouxe, daí veio... assim, me cobrando mais... “Ah... a gente...”, que esse meu filho casou agora, recente, né? Então, ele também quer que... que eu, que eu passei junt... quer que eu passe o Natal junto, com a família dele, lá, né, no caso... Mas eu tava falando com ela, né? Eu disse assim: “Eu não sei se eu vou tar bem, se eu vou tar mais triste, se eu quero ficar mais no meu... no meu ninho, no meu...”, sabe? Então to resolvendo com as minhas filhas meninas, né... e... então que... tão em casa e... e resolver o que a gente vai fazer, né? Que... tem que ser... Muitas vezes a gente faz pra agradar os outros e não se agrada, né? Então tem que pensar também muito bem nisso. Então, acho que tem... existe a possibilidade de você... tar... podendo... decidir, né, sobre isso. E... e eu sempre gostei de... de agradar muito os outros, de... sabe? De... né, de... de fazer... Já desde a questão dos filhos... né, muitas vezes:</p>	<p>Cecília relata que tem o costume de pensar antes nos filhos e netos do que em si mesma e que, com a psicoterapia, tem passado a prestar atenção naquilo que lhe faz bem, dando mais “vazão ao seu eu”, ao seu interior, aquilo que ela está vivendo. Cecília afirma que volta para casa refletindo sobre o que trabalhou na sessão com a psicóloga, elaborando essas questões, e que isso tem sido algo bom para ela.</p>

<p>“Ai, vou deixar pra ele, porque se ele quiser... comer aquilo, pode ser que se eu comer, não... na... na... não vai ter pra ele”, né? Mãe sempre faz isso e... vó, né, tudo... Então, essas coisas assim, eu sou muito de... é, primeiro eles, primeiro, né... e quase... esqueço da gente, né? Então, eu também comento às vezes sobre isso, que eu também... às vezes me deixo, né? E acho que talvez agora... eu to conseguindo dar mais vazão ao meu eeu, né, o meu interior... O que eu to passando, o que eu to vivendo, o que eu to... vou pra casa, vou... né? Pensando nisso, vou elaborando essas questões... Então eu acho que de todo é muito bom, sabe? Eu acho que... que tem sido... a gente vem com...</p>	
<p>claro, teve alguns dias que eu... que eu também tive que... não pude vir, porque não tava bem... né? Ou... o dia que eu caí, caí na terça, né? Na quarta eu tava toda terrível, mas é... assim, a gente vem... vem... com ânimo, né? Pra... pra... pra sessão.</p>	<p>Cecília afirma que vem com ânimo para as sessões de psicoterapia, apesar de algumas vezes ter faltado aos atendimentos por não estar se sentindo bem.</p>
<p>- UHUM... ALGUMA COISA QUE VOCÊ NÃO GOSTOU DA TERAPIA? OU QUE...</p>	<p>Cecília afirma que não teve nada na psicoterapia que ela não tenha gostado.</p>



- Não...	
ontem até a minha filha pergunta, a mais nova, ela não conhece a G. [psicóloga], nem nada e ela me... me pergunta: “Mãe, como que é a tua psicóloga?”. “Ah, é um amor, ela... é uma querida, é muito... é... assim... né... me atende muito bem...” e... e...	Cecília relata que considera sua psicóloga “um amor”, uma pessoa querida que lhe atende bem.
sempre, com certeza, se eu dizer: “Ah, não quero falar sobre isso, quero falar sobre outra coisa”, eu tenho liberdade... Então eu acho assim, eu to tendo liberdade, eu to tendo... espaço... onde eu posso... muitas vezes chorar, já aconteceu... muitas vezes... é... lembrar, né de... de alguns momentos mais dolorosos... né? Mas, muitas vezes também rir de alguma coisa, né?	Cecília afirma que durante a terapia se sente com liberdade para falar sobre aquilo que ela quiser. Cecília também relata que na psicoterapia ela sente que tem um espaço onde pode rir e chorar.
Então, eu acho que assim que você tá... mesmo... se sentindo acompanhando com alguém que tem todo esse cuidado, com alguém que tá mais especializado pra justamente te acolher, te... te... dar uma proteção, né? Te...	Cecília afirma que se sente acompanhada pela psicóloga. Cecília relata que sua psicóloga é cuidadosa, além de ser alguém especializada pela lhe acolher e lhe dar proteção.
Porque às vezes, tipo assim, essa filha mais	Cecília relata que sua filha mais nova, que já

<p>nova que... que... que me acompanha muito, porque também entende muito, assim, né do... como a psicologia foi boa pra ela, e ela tava fazendo faculdade e ela teve depressão... né? Então, aí... ela... a gente consegue conversar melhor, né? Os outros é um pouquinho mais difícil, né?</p>	<p>fez psicoterapia, consegue conversar melhor com ela do que os demais.</p>
<p>Porque, por exemplo... a outra filha mais ve... [ri] mais velha, que eu digo que é a mais nova, né? Ela... chegou um dia e falou assim: “Meu Deus, mãe! Vou ter que arranjar uma babá pra você, porque você tá caindo?! Tá não sei o que...vou ter que...”, sabe? Aquela... aquela coisa, assim, né... a... “Desse jeito não dá!”. E... sabe, então assim, cada... né? Às vezes você... também se assusta, assim, que... às vezes você teve tanta paciência, né, com eles... na infância, na... né, na... na adolescência, tudo, e... às vezes quando é pra... no caso, a gente, né? Se... você fica doente... Assim, até que... mesmo eu quando tive essa problema da doença de Crohn, os meninos atenderam muito be... atenderam muito bem, que... eu... sabe, eu cheguei a</p>	<p>Cecília afirma que às vezes se assusta com certas falas de seus filhos em que eles demonstram falta de paciência com ela, mesmo após toda a paciência que teve com eles quando eram mais jovens.</p>

<p>ficar prostrada na cama, eu não tinha vontade de comer, eu não podia sentir cheiro de comida e eu não podia... assim, muito fraca. Fraca, fraca, fraca, porque... ia muito ao banheiro, e... assim, bebia líquido, água, água de coco, depois outras coisas, Gatorade, tudo, assim... mas depois já com mais medicamentos. Mas, assim, os meus momentos, né? Então, a gente fica bem... Mas eles me atenderam, assim, até bem, né? Mas eu digo, mas existem certos momentos, às vezes que... né? Uma... uma fala... uma frase, às vezes, não te entra bem. Né? Tem alguma coisa que...</p>	
<p>O... exemplo do meu filho: “É mãe, mas... você precisa reagir mais... é...”. Mas... muitas vezes também você quer reagir, mas... você também tem que respeitar isso, que eu acho que to entendendo um pouco agora, de... de poder... é... é... dar razão ao meu interior também, a... ao que eu to sentindo, né? Essa saudade, essa... né? Talvez trabalhar com isso, mesmo, justamente... é... tentar... ver de que forma, né, eu posso tar... é... trabalhando,</p>	<p>Cecília relata que enquanto seus filhos cobram dela uma reação diante do sofrimento da perda de seu filho, com a psicóloga ela se sente livre para expor aquilo que está lhe causando dor, lhe judiando, podendo também levar fotos do filho que faleceu e trabalhar com ela a sua tristeza, sua saudade, a falta que sente dele. Cecília afirma que tem entendido que pode “dar razão” ao que está sentindo e respeitar isso.</p>

<p>assim, com essa saudade, com essa tristeza, com essa falta... né? Então... eu, eu... eu conto, eu já trouxe fotos pra G. [psicóloga] ver, de família... né, de... de... do meu filho, de... cada um, né? O... então... a gente tem, parece que... liberdade de abrir, né, o que... o que tá... te judiando, o que tá doendo... né?</p>	
<p>Ou mesmo, até o momento que você tá... parece que você tem uma pessoa especializada que possa tar ali te... te apoiando, nos momentos de alegria, de tristeza... E como eu digo, especializada. Ela sabe, né, que... Como eu digo, a gente vai pegar um livro, a gente sabe que tem essa questão da raiva, da culpa, de tudo isso, né? Que... né, dos... das... dos pais, das mães, né? Que passam por isso... né? “Por que que eu deixei sair naquela hora?! Por que que...”, né? Você faz muito isso... e... mas... é...</p>	<p>Cecília afirma que sente que sua psicóloga é uma pessoa especializada e que pode estar lhe apoiando nos momentos de alegria e de tristeza.</p>
<p>então você tem essa... essa liberdade de ter uma pessoa que parece que tá te ouvindo, mesmo, tá te escutando. Acho que isso é... te deixa falar, te deixa... né? Porque... por exemplo, você... às vezes eles chegam em</p>	<p>Cecília afirma sentir que sua psicóloga realmente lhe escuta, lhe ouve, permitindo que ela fale. Cecília relata que não encontra essa escuta em sua casa, com seus familiares.</p>

<p>casa... “Ah, filha, senta aqui comigo que eu quero te contar... hoje... que eu to... né? Como que a mãe tá se sentindo, como que eu acordei, como...”. “É, mãe, mas espera aí que eu tenha que mandar esse e-mail, eu tenho que fazer não sei o que...”, sabe como? E não, aqui não.</p>	
<p>Aqui você... como eu te digo, aqui além de você encontrar uma pessoa, assim, né, que te abraça, que te acolhe... é... você sabe que também existe todas a... toda a justificativa... né, da, psicológica, mesmo, do estudo de vocês... que sabem como orientar, que sabem como é... direcionar... né? Até mesmo através de uma pergunta: “Mas e se não fosse assim? E se fosse daquele jeito?”, né? Que te dá uma... um insight.</p> <p>- ESSA ORIENTAÇÃO SE DÁ POR MEIO DE PERGUNTAS, ENTÃO?</p> <p>- Isso... por meio de perguntas, né, ou mesmo... “Pense, na próxima vez você me diz...”, “Como se sentiria se...”, que a gente já discutiu um pouco isso de Natal, né? “Se você fosse lá? O que que cê acha? Como</p>	<p>Cecília afirma que além de se sentir acolhida, “abraçada”, pela psicóloga, também percebe que ela é uma pessoa que sabe como lhe orientar, lhe direcionar. Cecília relata que essa orientação se dá por meio de perguntas, respondidas no momento da sessão ou após seu término (como um dever de casa).</p>

<p>você ia se sentir? Muitas vezes é coisa pra... dever de casa, mesmo. Muitas vezes você expõe aqui, consegue, né?</p> <p>- VOCÊ ATÉ USOU UMA IMAGEM DO... COMO SE FOSSEM PAIS OU PROFESSORES ORIENTANDO...</p> <p>- Sim. Uhum... é... Isso que eu digo, então é bom, né... a gente se sente muito bem... é... por isso, né? Eu acho que além do... do acolhimento, do carinho... que eu acho que... né? Sempre vai um abraço... sem...</p>	
<p>Porque como eu diss... às vezes o filho tá levantando, de casa, né? Eu to saindo, porque tenho horário, tenho que chegar, tal... né? Sabe aquilo? Né? Então, quer dizer, hoje o meu filho foi lá, ele... daí esses dias que eu venho pra cá, porque eu não to dirigindo nem nada, né, nem tenho aquele estado de... né? Tranquila, pra estar dirigindo... Então ele foi almoçar lá em caaasa, né, daí me trouxe. Então amanhã, quando ele... eu tenho que... vem... pro horário da G. [psicóloga], ele também vai. Porque ele trabalha aqui perto na Gazeta do Povo, então pra ele é bom, daí...</p>	<p>Cecília relata que seu filho é quem lhe traz para as sessões de psicoterapia, pois trabalha próximo ao local onde ocorrem os atendimentos.</p>

<p>né... já... Daí às vezes eu volto de ônibus, sozinha, de táxi... Conforme, né, eu esteja. Porque daí é... bem fácil pegar aqui na praça, tudo tranquilo, não tem problema nenhum. Mas [inaudível 00:54:29] é que fica esses horário um pouquinho mais apurado, porque eu também venho às duas [14:00h], né?</p>	
<p>Então eu acho que... que... que é bom, né? Assim... então, claro, você ganha um beijo e tal, né? Mas às vezes você quer um abraço mais demoraado, você quer alguém que... né, que te entenda, porque você tá chorando aquele dia, porque você já chega meio triste... né? Então eu acho que... que é muito bom, isso, né, que...</p>	<p>Cecília afirma que apesar de receber carinho de seus familiares, sente falta de alguém que tenha disponibilidade para lhe acolher de modo mais “demorado” e que procure lhe entender, entender seu choro, sua tristeza. Cecília relata que é isso que tem sido feito por sua psicóloga e que tem sido bom para ela.</p>
<p>Porque às vezes a... o que que vocês fazem? Vocês vão buscar dentro da gente né, até, as respostas. Vão buscar dentro, além do... do conhecimento, vocês sabem como questionar, ou investigar... pra que a gente mesmo... é... tenha a resposta, né? “Você pensou sobre isso? E daí... que conclusão você chegou?”, né? Então, não é uma coisa que é impoosta, é uma coisa que você sente que é trabalhado</p>	<p>Cecília afirma sentir que sua psicóloga tem um modo de questioná-la que faz com que ela mesma encontre uma resposta para suas questões. Ela relata que nada lhe é imposto pela terapeuta e que ela se sente trabalhando com o seu “interior”. Cecília afirma que esse modo de trabalhar da terapeuta faz com que ela se sinta apoiada e acolhida, despertando o desejo de vir às sessões.</p>

<p>do... com o interior da gente mesmo, né?</p> <p>Com a psiquê da gente... e... eu acho que isso que... que dá... um apoio pra gente, que dá... um acolhimento, né? Que dá uma... uma vontade de vir, de... né, de tar até, é...</p>	
<p>muitas vezes no grupo até, às vezes fica um pouco difícil, né? Porque às vezes os novos querem falar, né? E às vezes você vem e... escuta, mas às vezes você não pôde falar.</p> <p>Apesar de que eles fazem que cada um fale um pouquinho, né? Mas normalmente, que às vezes eu acho, no grupo, é assim, que você acaba se apresentando, porque... a... como vai vindo, às vezes, outras pessoas novas... né?</p> <p>Então quase que aquilo se resume ao que aconteceu com você, quem você perdeu... isso, né? E... muitas... não dá, às vezes, pra interagir tanto, né? Assim, é claro que aqui é mais direto, né? Se você tá... [inaudível 00:56:04]. Então acho que... isso também tem um grande diferencial do atendimento, né?</p> <p>- UHUM. POR TER MAIS TEMPO E... MAIS INTERAÇÃO?</p> <p>- Isso, éééé... Mais direto, lógico, né?!</p>	<p>Cecília relata que às vezes ela não consegue falar no grupo ASDL, pois falta tempo para que todos participantes possam falar livremente. Cecília afirma que, diferentemente do que acontece no grupo, percebe a psicoterapia como sendo mais “direta”, permitindo uma maior interação e propiciando que ela fale mais sobre sua vida.</p>



<p>Porque... é... você... ali no grupo, mesmo, quem tá dirigindo, né... ou, que tá coordenando, né? Tem que ouvir todos, lógico, porque tá todo mundo com a sua dor, né? É mesmo... mas a... [inaudível 00:56:26] um momento, quem coloca, também ajuda, né? A... você vai... colocando as tuas dúvidas, as tuas coisas.</p>	
<p>Mas, digo, aqui, às vezes é mais direto a tua personalidade, o teu eu, né? Com a pessoa que tá ali. Então é uma interação mais pessoal, mesmo, né? Interpessoal! Mas, digamos... né, mais direta, né? De... de, de um com outro, né? Então acho que... que... porque... to... to me vendo e vendo... né? Porquê eu to sofrendo, porquê eu to alegre, porquê eu to triste, porquê eu to... né? Em dúvida... porquê eu to angustiada, porquê eu to... né? Com certas buscas... Então eu acho que... passa a ser como que... alguém que... né, tá ali te... um anjo que tá te cuidando, ali, que tá dizendo, né... Ou se não tá dando resposta certa, né, mas... “E se fosse assim? E se você... né? O que que mudaria? O que</p>	<p>Cecília afirma que tem se sentido bem com a psicoterapia, pois percebe que nos atendimentos o foco está em sua personalidade, seu “eu”. Ela relata que na psicoterapia estabelece uma relação interpessoal com a psicoterapeuta que é mais “direta” do que a relação que estabelece com os demais participantes no grupo ASDL. Ela afirma se sentir cuidada pela psicoterapeuta, que não lhe dá uma “resposta certa” para seus questionamentos, mas lhe ajuda a explorá-los por meio de perguntas.</p>

<p>que...”, então acho que essas propostas são interessantes, né? Então, to me sentindo bem com... com esse trabalho. Acho que bem... bem... valioso</p>	
<p>e... e... acho que tão de parabéns, porque... eu nunca tinha ouvido, mesmo... até quando minha filha soube que... que essa pessoa conhece a... esqueci o nome da outra que não tá vindo agora... você sabe quem é...</p> <p>- A S. [participante do grupo ASDL]?</p> <p>- A S. [participante do grupo ASDL], é! Uhum... Então... Não é que eu esqueci! Eu tenho na cabeça, mas às vezes não me vem na hora! Eu to um pouco assim... E... e daí ela não tá no... faz tempo que eu não falo mais com ela, né?</p>	<p>Cecília relata que nunca tinha ouvido falar em nenhum trabalho voltado especificamente para enlutados.</p>
<p>Então... e ela uma vez também, eu acho, assim, uma contribuição muito bonita que eu achei dela, que ela... que ela leu uma vez uma carta, não sei se você já viu ou não, que às vezes também não está... né, no... ali no grupo, é... que um dos filhos... ela também perdeu, né? Que um dos filhos...</p>	<p>Cecília relata que uma contribuição bonita que uma participante do grupo ASDL fez, foi ler uma carta escrita pelo filho em que ele aborda o fato de que durante o luto você “não vê quem está ao seu lado”. Cecília afirma que isso acontece com ela e que ela está buscando dar atenção aos seus filhos. Ela relata que</p>

<p>- UM BARCO [carta comparava o luto com um barco em meio a uma tempestade]...</p> <p>- Escreveu uma carta... Isso, né? É muito linda, né?</p> <p>- LINDO, LINDO.</p> <p>- E isso é muito lindo! E eu falei: “Nossa, você deveria pedir pra ele pra publicar, porque isso é maravilhooso”, né? Eu achei... Porque realmente, isso acontece, às vezes você não tá vendo o outro, que tá ali do meu lado, né? Tá... no... né? Eu tenho mais quatro, ali! Pra... né? Mas olhe, com tudo isso, eu atendi aquele que... foi operado, né, que o... mais velho foi operado, tava... com essa pedra no rim, né? No uretério... Fiquei o dia todo no hospital, à noite... fique até um tempo, depois minha filha trocou, foi com ela... ficou com ele... de manhã cedo, seis horas da manhã [06:00h], já voltei, até que ele fosse... que recebesse a alta! Aí no outro dia, depois de três semanas, eu fui com ele tirar esse cateter, que tinha uns... 32 centímetros de cateter, que tinha que tirar, né? Porque... é, doía, também, pra urinar,</p>	<p>está conseguindo dar conta disso, mesmo com sua dor permanecendo presente e com ela sentindo que falta um pedaço de seu coração.</p>
---	---

<p>tudo... Então assim, tudo que eu posso, eu também... to tentando dar conta. Né?</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Porque sei que os outros filhos também tão aí e precisam, né? Mas eu digo... a tua dor também tá ali presente, né? Então, você... teu coração, como é que a gente diz, tá meio [inaudível 00:59:19], meio... né? Faltando pedaço... mas, também, to conseguindo dar conta, to... como se diz, perfeita você não consegue ser, né?</p>	
<p>Porque eu acho que é... é uma... cheguei a conclusão que voltar a ser o que eu era é muito difícil, mas... Não a ser até o que eu era na maneira de ser! Mas na maneira de... sentimental. Né? De, de, de, de... porque você tá com aquilo, com aquela ferida, com aquela... dor, com aquela falta, aquela ausência. Que bom poder discutir com ele tal coisa, que bom se ele viesse pro jantar, né? Na... que ele já tinha casado... né, depois... claro, ficou ali, mais em casa... Né? Que bom que... que, né? Que... que pudesse ligar pra ele: “Oi, filho! Tudo bem?”, não s... sabe?</p>	<p>Cecília afirma que será difícil voltar a ser quem ela era. Ela relata que sente essa dificuldade devido à dor causada pela ausência do filho, a falta que ele faz em situações cotidianas que ficaram impossibilitadas por sua morte.</p>

<p>Ouvir a voz dele... tudo, né? Então... essa falta eu tenho que trabalhar, eu tenho que ver como que eu vou conseguir... né?</p>	
<p>- SIM, MAS SENTE QUE TÁ DANDO CONTA DE ALGUMAS COISAS, MAS... CONTINUA COM AQUELA DOR...</p> <p>- Isso, sinto... é... sim... é, lógico, é verdade... aham... então...</p> <p>- AS DUAS COISAS ANDANDO JUNTAS, ASSIM...</p> <p>- Sim... sim, lógico... é...</p>	<p>Cecília concorda que tem dado conta de algumas coisas após a morte do filho, ao mesmo tempo em que tem sentido dor por sua perda.</p>
<p>então, eu acho que... é muito importante. E por isso que eu digo, eu acho que... eu não sabia, assim, mesmo que... que já existia alguém, assim, preocupado com isso, né? Com o luto, o luto materno, ou outros lutos também, né? Lógico. Mas... é... assim, especificamente, sabe? Pra poder trabalhar, pra poder... né? Porque... E também, até foi a grande pergunta que eu fiquei instigada quando eu vim pra cá, pra vir, né? Se existia, assim, já... essa... essa... esse trabalho, né, com o luto, porque você não vê muito, né?</p>	<p>Cecília relata que até conhecer o grupo ASDL não tinha conhecimento de nenhum trabalho voltado especificamente para enlutados. Ela afirma que, mais tarde, soube da existência de outros grupos semelhantes, mas que o fato de psicólogos acompanharem este trabalho é um diferencial que ela percebe do grupo ASDL. Além disso, ela relata que gosta de participar desse grupo, em particular, por uma questão de praticidade, já que as reuniões ocorrem em um local próximo à sua casa e ao trabalho de seu filho.</p>

Durante... é, não se fala, não se comenta, né?  
Depois eu comecei a conhecer, né? Até...  
disseram acho que um dia, ali, também, que  
tem outros grupos também... não sei se a  
Igreja das Mercês, ou alguma coisa, né?  
Mas... aqui pelo menos vocês, ali, psicólogos,  
tando ali, eu acho que já... já existe mais...  
né, não sei como é que é lá na igreja, né, não  
fui também, porque é bem mais distante pra  
mim, aqui é bem mais fácil. Eu moro aqui...  
pra cima, ali no Jardim Social, então é bem  
mais fácil, né, pra mim também vir aqui. E tá  
perto, perto do filho... qualquer coisa... se eu  
demorar mais aqui pelo centro, volto com  
ele... Então tem, né? E além do que eu acho  
que... é importante que a gente saiba que tem  
psicólogo aqui, eu acho que... eu acho bem...  
procurar, né, ajuda no lugar certo. [Ri]

- UHUM... VOCÊ, QUANDO PROCUROU  
PSICÓLOGO, SENTIA NECESSIDADE DE  
UMA AJUDA?

- Sim! Aham... sim! É, por isso que daí eu já  
levantei, já perguntei: “Ah, e tem...”, então,  
porque eu não sabia até então, né, se tinha

<p>alguém já é... preocupado... vamos dizer...</p> <p>No mundo, a gente sabe que tem, tem muitas pesquisas, muitas coisas, né? Mas... tinha alguém que era preocupado com isso, tinha uma... um... vamos dizer assim, uma... uma direção para o luto, né? Pra... o luto, inclusive, seja materno, paterno, ou... de ambos, ou mesmo outros lutos! Né? Por exemplo, uma filha que vive muito com a mãe, ali... quando perde a mãe... né? Só ela e a mãe, muitas vezes, eu sei, já percebi, assim, é o grupo que... que tem, né... muita... muita... dor também, né? Então, você sabe que, né? Então vários...</p>	
<p>- E E., VOCÊ SENTIU ALGUMA MUDANÇA AO LONGO DESSE PROCESSO, ASSIM? É... COMO QUE FOI ISSO, ASSIM, DE FEVEREIRO... NÃO. VOCÊ COMEÇOU EM JUNHO, MAIS OU MENOS...</p> <p>- Não, não. Junho com a... É, junho eu acho que... eu até tenho que ver bem direitinho, pena que eu não to hoje com... com aquela, [inaudível 01:02:52], né? Com o cartãozinho,</p>	<p>Cecília afirma que acredita ter iniciado a psicoterapia em junho, após ter participado das reuniões do grupo ASDL.</p>

<p>ali... É... é, no grupo que eu acho que vim em fevereiro ou em março. Foi... né? Que indicaram primeiro o grupo. E daí, depois que eu fui perguntando, questionando pra vocês, vendo... né? E... e daí... que eu comecei, daí com a... com a... G. [psicóloga], quando ela pode me atender. Então... você perguntou?</p>	
<p>- SE VOCÊ PERCEBE ALGUMA MUDANÇA EM RELAÇÃO AO... DESDE O INÍCIO DO PROCESSO COM A G. [PSICÓLOGA], AQUI, ATÉ O MOMENTO.</p> <p>- Sim, eu acho que sim. Eu acho que... que eu já... Como eu te disse, até eu melhorei de saúde, eu consegui, né... Tudo isso é coisa que tá... Claro, eu continuo, eu até... até isso eu trouxe pra ela. Porque, na verdade, os médicos que tão... mu... mudei de médico nesse processo, né? A minha médica era uma clínica... e como eu fiquei tão ruim, a ponto de ir pra um hospital, minhas filhas disseram: “Onde é que nós vamos internar?”. Porque não é todo hospital que sabe o que é doença</p>	<p>Cecília manifesta sua percepção de que ao longo de processo psicoterápico até a sua saúde tem melhorado. Ela afirma que a morte de seu filho afetou seu problema de saúde (ele tem doença de Chron), já que a “cabeça” e o intestino estão ligados.</p>



de Crohn. Né? Então... Tem a retocolite ulcerativa e a doença de Crohn. E daí, por exemplo, eu não posso tomar anti-inflamatório. Né? Então, às vezes você vai pro pronto-atendimento... eles querem te dar, por exemplo: “Ai, caí aqui, machuquei...”, já querem te dar... né? Anti-inflamatório. E... não posso. Então tenho sempre que avisar isso. E... então, aí, a... a... eu fiquei muito ruim e aí lá eles começaram a me dar medicamentos, né, tudo... Tava tomando bastante... corticoide! Né? Começou uma terapia bem intensa de corticoide, que daí ela... ele acompanhou nisso... e... Aí eles também... é, propuseram de eu tar utilizando a a a-za-tio-pi-na. Que é... um imunossupressor. Só que pra você... é, esse remédio se retira na saúde, mas pra você... retirar esse remédio na saúde, você tem que preencher uma autorização... que você sabe que pode dar câncer, que pode dar não sei o que... sabe? Tá. O outro que eu to tomando, que é o mesalazina, eu já venho há três anos tomando, né? 2000... final de 2011 que ele deu! 12 [2012], 13 [2013], 14 [2014], fez três

<p>anos. Agora já vai dar quase quatro anos no final do ano. E... ele me... me segurou depois que eu tive, assim, uma fase bem aguda da doença. E eu consegui vir bem com ele. E ele também, eu tive que assinar, também tem umas contraindicações... cai o cabelo, faz isso, faz aquilo... Mas... é, eu me dei até bem com o remédio, fui... vindo bem. Só que agora, por causa do falecimento, né? Isso veio... veio... a descarga veio pro... pro problema de saúde, mesmo, né? Diz que isso já é esperado, é normal, né? Porque mexe, né... e como eu te falei, até hoje lendo ali, fala que... né? Vamos dizer, a cabeça e o intestino são devidamente... é... ligados, né?</p>	
<p>Então, aí a gente... a gente... eu fiquei com medo de aceitar a usar tomar essa azadiopina, porque... as duas falam em... as imunossupressor, falam em câncer, né? Então, perde... perdi duas pessoas, né? Meu marido com câncer e meu filho com câncer. Tudo bem que é diferente. Que, por exemplo... é... esse remédio pode me dar... o nome do câncer, meu Deus do céu, agora...</p>	<p>Cecília relata como foi a última consulta médica que teve para tratar de sua doença inflamatória intestinal e para, possivelmente, mudar o medicamento que está usando. Ela afirma temer que o novo medicamento possa lhe causar algum tipo de câncer como efeito colateral e justifica seu temor pelo fato de já ter perdido seu marido e seu filho por câncer. Cecília afirma, por fim, que iria à São Paulo,</p>

linfoma! Diz que também não é bolinho, né?

- UHUM...

- Pela minha idade... então, eu sou um grupo que posso... vir a ter linfoma. E aí esses médicos, que aquela médica lá não tava vencendo durante le... mandou pra mim, nessas, nesse... centro ali da Nossa Senhora das Graças, que atende as doenças inflamatórias intestinais, então é um grupo de médicos, tem preceptores, tão ali treinando os... os que fazem mestrado disso, né? Não é bem mestrado, como é que chama?

- RESIDÊNCIA.

- Residência! É. Residência... E... só que daí teve a última consulta que eu fui... é... que daí entra primeiro os que estão aprendendo, aí fazem todo o... né? Por... por internet, todo o... o... como é que chama? Anamnese!

- ANAMNESE.

- Anamnese. E aí... fez tudo isso, tal... aí depois começam a entrar os médicos. Aí entrou... uma... uma médica, depois outra... e daí não entrou o que eu... o que eu gostei

consultar-se com médicos de lá e que foi recomendada a não tomar medicamentos até o dia de sua consulta.

mais, digamos, que é um homem. E... aí ele disse: “Olha, eu prefiro... antes eu era muito rápido pra... pra canetear, assim, e dizer: vai e toma. Agora eu prefiro ser mais... é... condescendente, assim, mais... devagar, né?”.

Isso... eu gostei, porque eu acho que eu sou assim, sabe? Veio a calhar comigo, né? Só que daí as outras duas entraram nessa consulta e daí falaram que não: que então... que eu tinha que tomar essa azatiopina. Daí minha filha tava junto, a mais nova, daí ela falou: “Mas... a mãe tem tanto medo disso, porque, né... ela vem com dois problemas de câncer na família, tudo e...”. “É, pela sua idade, poderia ser o linfoma. Mas também se a senhora não tomar, você pode ter o... o câncer de intestino”. Sabe? E daí, depois, por sorte, acho que eu fiz tanta figa, que... que a doutora entrou. Aí eles começaram a discutir entre eles... sabe? “Ah, mas lembra que o professor tal falou tal coisa? Não sei o que...”. Ficou uma situação até... horrível, né? Aí... ela disse, ela... uma das médicas chegou a dizer assim: “É, porque então, de repente ela tá pegando... é... o remédio e não

<p>tá adiantando, a [inauível 01:08:17] salazina e... tá achando de outro, que pode tar usando”. Sabe? Mas se nesses três anos ajudou... Aí procurei até ver se ele tinha um consultório particular pra ir. Ser atendida por ele, né? Lá. Mas não encontrei dele, encontrei das outras... da... de uma da... delas eu encontrei. Mas daí já sei a opinião dela. Então eu to procurando entrar em contato com pessoas que tem... em São Paulo tem todo um centro. Por isso que eu digo, né? Não é porque... não sei, porque... São Paulo... tem tanta coisa que... que, né? Que é interessante... Então, eles tem sobre... um grupo das... que trata das doenças inflamatórias intestinais. E eu preciso falar com eles, lá, com os médicos, pra ver, né... o parecer. Agora, no dia primeiro, eu tenho uma outra consulta lá. E eles queriam que daí, essa... ela falou assim: “É, então se você vai... Então é melhor que você tire o remédio, que fique sem nada!”. Sabe?</p>	
<p>Mas daí, também... nesse momento que eu to... eu também fico com medo de... de</p>	<p>Cecília relata que tem sentido medo de tudo e se assustado com frequência, algo que ela</p>

<p>repente, né? Pelo emocional... porque eu to com muito medo, essa é uma coisa que eu to trabalhando com a G. [psicóloga], sabe? Eu tenho medo de tudo. Eu tava um dia no carro com o meu filho e o da frente... é... freou e ele tava meio próximo e... eu: “Aaaaai!!!”, não sei o que, assim, sabe, esse medo. Me assustei! Depois, outro dia, com uma das meninas... sabe? Então... Parece assim, o medo tá muito... me assustando muito as coisas, né? E... também a gente tá trabalhando isso. Então, daí, eu também fico com medo de tirar, eu não tive... conforto em tirar o remédio, sabe? Agora. Mas eu vou dizer pra eles isso e eu vou... né? Ter que...</p>	<p>tem trabalhado na psicoterapia. Ela afirma que foi devido a esse medo que ela não se sentiu confortável para deixar de tomar seu remédio para a doença de Chron.</p>
<p>- MAS VOCÊ PERCEBE UMA MUDANÇA EM RELAÇÃO À SAÚDE FÍSICA DESDE QUE COMEÇOU A TERAPIA, É ISSO?</p> <p>- Sim, com certeza. Lógico. Sim, sim... É, daí eu consegui vir me... me... né, me equilibrando mais. Então, veio...</p> <p>- SE EQUILIBRANDO...</p>	<p>Cecília relata que com a psicoterapia sente que está se equilibrando mais e que esse apoio tem sido bom para ela.</p>

<p>- Sim, lógico... Daí depois que passei do... do... corticoide, né? Aí eu voltei pro remédio... né? Aquele que eu tava tomando, né? E... e fiquei, assim, melhor. Agora, claro, amanhã eu vou fazer uns exames de sangue pra levar... pra fa... pra levar na... terça-feira lá... pra ver como que... que isso tá... indo, né? Intestino... observando... Eu tive até que ir numa nutricionista! Nutricionista teve que me dar uns suplementos, né? Cheguei a engordar... né? E... então, é... a gente tem, né? Acho que esse apoio tá sendo bom.</p>	
<p>Eu acho que tá... eu to mais... ágil, já. Porque antes eu não conseguia fazer nada em casa, era uma coisa... agora não. To conseguindo fazer alguma coisa... a questão de comida... né? Pra... pra eles... que é uma coisa que a G. [psicóloga] já descobriu que... que sempre eu gostava de fazer pra agradar um, pra agradar outro... sabe? Né? Então, o que que eu fiz pro Natal, pro exemplo, né... Então, tipo, bem... isso eu herdei muito da minha mãe, minha mãe era muito mãezona, assim, sabe... então... acabei, né... então.</p>	<p>Cecília relata que se sente mais “ágil”, conseguindo fazer algumas coisas em casa que antes não conseguia. Ela afirma que está retomando algumas atividades, como cozinhar para os filhos, por exemplo (algo que sempre gostou de fazer para agradá-los), e que a psicoterapia tem lhe ajudado nisso.</p>

<p>- ENTÃO SENTE QUE TÁ... RETOMANDO ALGUMAS ATIVIDADES?</p> <p>- Sim, retomando [inaudível 01:11:06]. Sim, com certeza. Aham. Então tá sendo muito bom, porque eu acho que... tá me ajudando.</p>	
<p>- TEM MAIS ALGUMA COISA QUE VOCÊ QUEIRA FALAR, E.? SOBRE A VIVÊNCIA DA PSICOTERAPIA, ASSIM?</p> <p>- É, eu acho que... basicamente é... é... é esse encontro mesmo que se dá, vamos dizer assim, encontro mais individualizado, né? Pelo... ao passo, que quando você tem uma... um psicólogo te acompanhando, né? É... tem toda essa... vamos dizer assim, essa... esse olhar pra... né, para... o que você passou, teu momento, né... teu luto, né? Tua dor... né? Que... consegue entender melhor, né?</p>	<p>Cecília afirma que a psicoterapia é um “encontro mais individualizado”. Ela relata que, nesse encontro, se tem o acompanhamento de um psicólogo, que possui um olhar voltado para aquilo que se passou, para o atual momento do paciente, para o luto e para a dor (e que consegue “entender melhor” essas questões).</p>
<p>Eu não sei se... qualquer outro psicólogo saberia, porque eu achei que... achei bem interessante, aqui, esse... trabalho, assim, né, conjunto... que vocês vão ver o que pessoal tá relatando no grupo, vão ali estudando, o livro que vocês lançaram... né? Então, eu acho</p>	<p>Cecília relata que o fato de estar sendo atendida por uma pessoa que acompanha um grupo de ajuda mútua para enlutados, realiza estudos e faz publicações sobre o luto, possibilita que ela se “entregue” mais à psicoterapia, pois ela sabe que sua psicóloga</p>



<p>que... que... assim, tá mais completo. Você consegue também se entregar mais pra... pro trabalho, porque... você vê que é... é aquilo que você tá precisando, né? Não adiante eu ir lá... vamos dizer assim, num outro psicólogo que... que... que não dê, vamos dizer, a... atenção ao luto... ou não saiba de que formas vai poder chegar a trabalhar, né? Porque lógico, às vezes eles vão lá, você vai... vai... “Ah, por que você tá depressiva?”, né? Então, tra...</p> <p>- ENTÃO, PERCEBER...</p> <p>- Isso! É! Que tá ligado...</p> <p>- QUE O PSICÓLOGO TÁ LIGADO COM ESSA ÁREA DE ESTUDO...</p> <p>- Isso! Isso! É, baseado em estudo a atuação...</p> <p>- TE AJUDA A SE ENTREGAR MAIS...</p> <p>- Sim, lógico... confiar!</p> <p>- CONFIAR. UHUM...</p> <p>- Confiar, né? Então você confia mais... então você se sente, como se diz, mais em casa,</p>	<p>dá atenção ao luto e sabe de que formas vai poder trabalhar com essa questão. Cecília afirma que confia em sua psicoterapeuta por saber que ela realiza estudos sobre o luto e que essa confiança faz com que ela se sinta “mais em casa” em seu processo psicoterápico.</p>
---	---

<p>mais... acompanhada mesmo.</p>	
<p>Porque de repente você vai num psicólogo lá, como eu disse, a gente chegou a ir naquele primeiro psiquiatra que eu cheguei... ele não é psicólogo, era psiquiatra. Mas que... olhava pra você e... caneteava o exame, não perguntava nada pra você! Tendo... plano de saúde, né? Unimed, antes... pro meu filho e pra mim! Sabe? Daí, nos acabamos indo nesse outro. Mas, por que, né? Ser assim... eu acho que você tem que fazer seu trabalho, faz o seu trabalho, né... de acordo.</p> <p>- DEPOIS DE PERDER TEU FILHO, VOCÊ CHEGOU A PROCURAR UM PSIQUIATRA?</p> <p>- Sim! Daí... daí... daí, esse que atendeu... a... que tá atendendo minha filha... que minha filha disse: “Não, vamo lá no outro!”. Sabe? “Vamo no outro lá, no psicólogo... no psiquiatra!”. Daí fomos lá nesse psiquiatra... e daí agora, a minha filha, na época que o meu filho faleceu... que daí eu não tava indo no psiquiatra, né? Eu tava só com... com... assim, de... psicólogo... vamos dizer assim,</p>	<p>Cecília relata diferentes experiências que teve com psiquiatras. Ela afirma que antes de seu filho morrer, se consultava com um psiquiatra que não lhe perguntava nada, apenas “caneteava” exames e receitava medicamentos. Cecília relata que após a morte do filho, passou a ser acompanhada por outro psiquiatra que, diferente do primeiro, interage com ela, faz perguntas sobre como ela estava se sentindo, trabalhando de modo semelhante a um psicólogo (de acordo com aquilo que ela considera ser o trabalho de um psicólogo).</p>

com esse psiquiatra que... que só dava o nome do remédio! Que não... não atentava para muitas coisas, assim. Ele sabia que o meu filho tava assim, tudo e... não fazia muita coisa. Eraaa... dez minutinhos que você entrava e... e vinha o próximo.

- E O OUTRO PSICÓLOGO QUE VOCÊ FOI...

- Esse não!

- DEPOIS DE PERDER O TEU FILHO...

- Iiiiisso...

- ELE É DIFERENTE?

- É. Sim.

- COMO QUE...

- É, daí... daí essa que eu fui que... que... atendeu ele? É essa que você tá falando?

- NÃO, VOCÊ COMENTOU QUE FOI NUM PSQUIATRA... NÉ? DEPOIS DO FALECIMENTO DO SEU FILHO...

- Não, ti... tava indo antes! Antes!

<p>- AH, TÁ... DEPOIS NÃO CHEGOU A IR...</p> <p>- Não, depois não. Daí na época do falecimento, meu filho entrou em contato com ele... né? E daí ele... falou mais ou menos o que que deveria dar, porque eu nem queria dormir à noite, tava bem, né, complicado, tudo... e aí... já marcou consulta com... com esse. Então, vamos dizer, esse... atendeu... atende minha filha, atendeu o filho que faleceu e tá me atendendo agora.</p> <p>- ENTENDI.</p> <p>- Sabe? É. E... então... é diferente, né? Você... ali... você conversa, como... um trabalho... como o psicólogo tem, é toda aquela interação: “O que você tá sentindo? Como que é? Como...”, né? Não é só o remédio e pronto, né? Então, teve... diferenças. E... e aí a gente tá... ele também tá me acompanhando, né?</p>	
<p>Então... [inaudível 01:15:01] doença de Crohn, às vezes é perigoso, porque às vezes a pessoa vai... tem que ser hospitalizada e... e dá... um problema de intestino, ali, que não</p>	<p>Cecília relata questões relacionadas à doença de Chron e o cuidado que ela deve ter devido a esta doença.</p>

<p>reverte mais! Então... eu tenho que cuidar também, né?</p>	
<p>Então, agora eu to nessa decisão, então isso eu coloquei pra G. [psicóloga] também: “G. [psicóloga] do céu! Eu to apavorada! Não sei o que eu faço, né? Porque... eu tenho que decidir...”. Porque daí eles dizem assim: “Ah, a senhora que sabe! A... se a senhora quer tomar ou não”. Né? Então, assim, os médicos meio que discutiram, assim. O ponto de vista não era igual. Então, isso que me deixa, assim, um pouco preocupada... em todos os sentidos! Vamos dizer, da... da medicina. Que às vezes cada um vê de uma forma, né? E... então você tem que tar mesmo mais... é... mais abalizada, né? Assim, pra poder... resolver. Então eu to pesquisando, to vendo outros... outros médicos, pra poder... me darem uma orientação que que é melhor fazer, né? Pra... pe... ou então, senão, eu vou chegar lá e vou dizer, agora é isso que eu disse, vou dizer: “Ó, não me senti em confiança pra... pra parar de tomar o remédio”. Né? Até ver onde chega, né?</p>	<p>Cecília afirma que leva questões para a psicoterapia que não estão diretamente ligadas ao seu luto, mas à sua vida. Ela relata, como exemplo, o pavor que estava sentindo por não conseguir confiar no que dizem os médicos a respeito do medicamento que ela deve utilizar para tratar a doença de Chron e o medo que estava sentindo de parar de tomar o remédio que toma atualmente, como sugeriu a última médica que lhe atendeu.</p>

<p>Porque... é muita coisa daí, né?! Aí você...  teve a... a [inaudível 01:15:03] da doença em  junho. Aí, agora, de repente... eles já querem  que... eu pare com esse remédio. Nunca, nem  a outra clínica, nunca me mandou parar!  Então... é complicado. Então eu que acho  assim, então você também discute tudo...  todas essas questões, né... X aí que precisa...  resolver, discute com quem tá te atendendo,  né?</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Independente de ser só o luto, mas que tem  relação com quem passou pelo luto! Né?</p> <p>- UHUM... TRAZ OUTRAS QUESTÕES  TAMBÉM... NÃO...</p> <p>- Sim, acho que isso! Sim...</p> <p>- NÃO PRECISA ESTAR DIRETAMENTE  LIGADO COM O LUTO.</p> <p>- Sim! Uhum... é.</p>	
<p>Então acho que é importante por isso, né?  Porque... a gente... Isso que eu disse, eu acho  que hoje em dia a coisa mais delicada é você</p>	<p>Cecília afirma que hoje o que há de mais  delicado é perceber se o profissional que lhe  atende em qualquer situação que envolva sua</p>

<p>tar ali em algum lugar, em qualquer situação que envolva tua vida pessoal, que seja... um médico, um dentista, um... psicólogo, um psiquiatra, né? E que... você não sabe se... né... você pode assinar embaixo? Se aquela pessoa... é abalizada pra ver o que você tem, por exemplo. Né? Então, você precisa... parece que fazer uma... peneira! Peneirada, ali, pra ver, né? O que que você encontra. Quem... uma pesquisa, né, na verdade. Quem você... quem é mais especial nisso, quem é aquilo... né?</p>	<p>vida pessoal está abalizado (ou, tem competência) para aquela função, transmitindo confiança ao paciente. Ela relata que é necessário fazer uma seleção criteriosa dos profissionais, avaliando quem é o mais especializado para lidar com determinada questão.</p>
<p>Então, eu acho que... [inaudível 01:17:34] eu tenho uma prima, que é uma prima como irmã, assim, sabe? Então, mas... é aquilo, né: “Ah, como é que cê tá?”... Ou alguma coisa assim, a gente sai junta... ela me ligou pra uma aula de pintura, alguma coisa... mas... pra me distrair, pra tudo isso. Mas mesmo assim: é... não é a mesma coisa de quem... de vocês, que tão entendendo, que veem toda essa... essa turma aí, né? Passando as dores que passam, né? É... e... e tem o seu... estudo de vocês que conta também, né? Porque...</p>	<p>Cecília relata que apesar de ter uma prima que pergunta como ela está e sai junto com ela, fazendo atividades que a distraem, considera que isso não é a mesma coisa que ser atendida por um psicólogo que entende o que é o luto por acompanhar pessoas enlutadas e por estudar o tema. Ela afirma que a família não pode fazer milagres e não tem a disponibilidade para estar o tempo inteiro com o enlutado e que por isso é preciso da ajuda de alguém (psicólogo), para que seja possível “ir se resolvendo”.</p>

<p>por isso que eu disse, não é... a família não vai fazer milagres! Não vai tar podendo tar todo dia com essa pessoa, ou tar vivendo com ela... teus filhos também tem suas obrigações... né? Então você tem que... ir se resolvendo, né? E... você precisa de alguém... Né?</p>	
<p>Como eu falo da questão de médico, né? Talvez, aqui, os médicos não deram conta. Mas eles deviam ter me dito então: “Vai em São Paulo, vai em tal lugar”, né? “Vai ali... buscar... alguma referência”. Mas, parece que às vezes você sente, que um tempo de... que tem tan... E a gente fazia coisa de internet, tudo! Ele tem... bastante coisa, assim, que ele imprimiu... sobre... né, osteossarcoma, tudo, né? As coisas... Maaas... ia no médico, o médico: “Não. Agora isso, agora aquilo...”, sabe? Então... e aí a coisa foi, né? E... por isso que eu digo, então você não pode deixar... a gente tem que ter... uma... vamos dizer assim, um... tar bem... é... tar bem... confiante, né? A... com quem você tá lidando. Aquele profissional que tá lidando.</p>	<p>Cecília afirma que é preciso ter confiança no profissional com quem se está lidando, o que consequentemente fará com que seja possível sentir-se acolhido, “abraçado”.</p>



<p>Que aí você se sente, como que eu digo, acolhido, abraçado... né? Você tem... confiança.</p>	
<p>Por exemplo, se eu vou lá no psiquiatra e também quero conversar alguma coisa do meu filho, né, ou que eu to sentindo medo, ou que eu to sentindo isso, ou que eu to sentindo aquilo... Até ele me deu um remedinho por causa dessa questão do medo, que eu tava, né? Com bastante... Mas aí a minha filha achou que talvez eu podia ter caído por causa disso. Então até ele me falou que agora é pra mim ir antes do que... do previsto, sabe? Então, te... são todas essas coisas que tem que ir vendo como é que tá o cliente, né? Observando mesmo.</p>	<p>Cecilia afirma que o profissional deve observar diversos aspectos da vida do cliente. Ela relata que, com seu psiquiatra, por exemplo, ela conversa sobre variadas questões (sobre seu filho, sobre o que está sentindo).</p>
<p>Mas... a gente tem que procurar, mesmo, quem é mais especializado... né? Pra poder... Então, aqui, eu acho que eu senti isso. Senti esse... um... apoio... né... muito, muito importante, um... um abraço, como eu te digo... né? Uma coisa... é... que vem de dentro, uma coisa... questão, assim, que... e... e... tem uma opinião, né, baseada, né... bem</p>	<p>Cecília afirma que tem se sentido apoiada e acolhida pela psicoterapeuta. Ela relata que acha importante que se procure pelo sempre pelo profissional que seja mais especializado e afirma que, para lidar com a questão do luto, percebe que sua psicóloga é alguém abalizada por seu estudo.</p>

<p>abalizada no seu estudo... na... na... nessa... justamente direcionada para o luto. Então acho que isso vale a pena.</p>	
<p>- OBRIGADO, E.!</p> <p>- Obrigada você. Desculpa aí, que alguma coisa eu não lembro às vezes do nome, às vezes a palavra tá na ponta da língua, tá me acontecendo isso, sabe? E eu... não lembro...</p> <p>- AH, MAS...</p> <p>- Ou às vezes esqueço lá em casa alguma coisa, eu penso tal coisa ali, daí de repente me perguntam, eu também... sabe? Eu acho que um pouco é, né? Por ter passado tudo isso também, né? Porque... a gente parece que leva um choque... geral, né?</p> <p>- É UM IMPACTO GRANDE, NÉ?</p> <p>- É verdade... é...</p>	<p>Cecília se desculpa por ter se esquecido de algumas coisas ao longo da entrevista e afirma que isso pode ser consequência do choque que teve com a morte de seu filho.</p>
<p>Mas obrigada você também, eu espero que eu tenha...</p> <p>- MAS, OBRIGADO, PRA GENTE É TÃO RICO, ASSIM, UM RELATO COMO O</p>	<p>Cecília relata que se sentiu bem durante a entrevista. Ela também afirmou que suas filhas gostam quando ela vem ao grupo ASDL e às sessões de psicoterapia.</p>

<p>TEU...</p> <p>- Sei... é... creio, eu. Não... e eu me senti bem e a minha fil... as meninas gostam quando eu venho, com... atendimento mesmo ali, aqui com a G. [psicóloga] e também o... né, junto ali com o grupo, também é bom!</p> <p>- QUE BOM, ENTÃO... FICO FELIZ!</p> <p>- É verdade. É... Mas brigada também você! Tuuuudo de bom!</p> <p>- OBRIGADO. OBRIGADÃO!</p>	
<p>- É... e vamo, continue nessa... que é tão bom ver profissionais, assim, bem... que podem... acrescentar coisas pro... pro ser humano, né? Eu acho que isso é... é importante, né? Podem ajudar...</p>	<p>Cecília incentiva o trabalho dos estudantes de psicologia e afirmou que é bom ver profissionais que podem estar acrescentando algo para o ser humano.</p>
<p>É que nem a G. [psicóloga] disse: “Ai, eu acho que você também vai poder fazer alguma coisa, assim, de... é... você também tem essa... um... um... uma personalidade parece que de curar, de querer fazer... coisas... né? Pro ser humano, pra ajudar, sabe?”. Então... aí... aí... eu disse: “É, eu tenho vontade de fazer. Fazer o bem... Né?”</p>	<p>Cecília relata que sua psicóloga lhe disse que ela parece ter uma personalidade de quem deseja fazer algo para ajudar as pessoas. Ela afirma que tem vontade de fazer o bem e orientar as pessoas para o lado correto e que está satisfeita e feliz, pois aos poucos está conseguindo fazer isso.</p>

<p>Pra... poder orientar as pessoas pro... pro lado... correto, né?”. Mas eu to satisfeita, assim. To feliz que... acho que aos pouquinhos...</p>	
<p>[pega objeto que estava esquecendo] É, não dá pra esquecer. [ri] Obrigada. Obrigada mesmo. Valeu a pena!  - OBRIGADO.</p>	<p>Cecília pega seus pertences, agradece ao entrevistador e afirma que valeu a pena ter concedido a entrevista.</p>

#### Análise da Entrevista – Cora

Unidades de Significado	Expressões de Caráter Psicológico
<p>- ENTÃO C., NÃO SEI SE CHEGUEI A EXPLICAR MUITO BEM... MEU INTUITO NESSA ENTREVISTA É ENTENDER COMO É QUE AS PESSOAS VIVENCIAM A TERAPIA DEPOIS DA PERDA DE UM FILHO OU UMA FILHA. ENTÃO A IDEIA É FOCAR NESSA QUESTÃO DA TERAPIA MESMO, O QUE AJUDA, O QUE FOI RUIM, O QUE NÃO GOSTOU... ENFIM, É PRA PODER FALAR BEM LIVREMENTE.  - É que antigamente Michel, eu dizia assim</p>	

<p>que quem ia pro psicólogo, não to, não pense que vou ofender você, dizia assim, é só pra louco. Hoje, Michel, hoje eu digo assim, eu dou graças a Deus que eu tenho vocês que escutam, com a J. [psicóloga por quem era atendida], com a M. [estudante de psicologia], nossa, eu tenho chorado bastante.</p> <p>- E COMO QUE FOI PRA VOCÊ A TUA VIVÊNCIA DA TERAPIA?</p> <p>- Pra mim tá sendo muito bom Michel, foi bom e tá sendo bom e eu preciso voltar porque é...</p>	
<p>eu consigo um pouco trabalhar com meu marido e meu filho, porque os dois se revoltaram, né? O meu marido, no sábado, sempre sábado e domingo ele vai me levar café na cama, né, que é o dia que a gente não trabalha, sábado e domingo. Então, quando ela tava, sempre quando ela era pequena, quando ela morava com nós, ele levava café pra mim e pra ela na cama, ele dizia assim, é: “O café das minhas duas princesas, eu to trazendo”. E agora, ele vai levar café, eu tenho até fugido, sabe, Michel, sabe assim,</p>	

<p>eu levanto antes da cama, sabe, às vezes não dá tempo. Ele vai levar café, ele vai chorando, Michel, ele leva as duas bandejas, a minha e a dela, faz dois anos e pouco, mas ele leva as duas bandejas, a minha e a dela. Então machuca muito sabe Michel, ver ele sofrer. Então eu to trabalhando com ele sobre isso, aí né, até eu queria trazer ele aqui, ele não quis.</p>	
<p>Então lá em casa nós fizemos um acordo: a gente não fala muito sobre ela. Aí não machuca nem um nem outro. Eu venho ali na reunião, eu choro, eu...</p>	
<p>eles ficam bravos quando eu falo, eu comprei uma arma... eu realmente comprei, Michel, não vou negar, falei pra J. [psicóloga] porque não pra doença da minha filha que eu quero matar meu genro, eu quero matar o que ele fez com ela.</p>	
<p>Ela pegou ele na cama com outra, aí ela ficou 15 dias internada depois piorou sabe, ele não foi ver ela, ela faleceu, ele não foi no enterro, não foi no velório, não foi nada. E ela ficou esperando ele, sabe. Com isso, a J.</p>	

<p>[psicóloga] já trabalhou comigo sobre isso aí sabe, eu até entendo que ele não é culpado da morte dela, mas eu culpo ele o que ele fez pra ela, porque foi o amor da vida dela.</p>	
<p>E meu filho se revoltou bastante, então, porque eu tinha só os dois, a nossa vida era assim, era nós quatro, sempre foi nós quatro, é meu marido, eu, depois os dois filhos, era nós quatro, então faltou um</p>	
<p>e a gente fez acordo de não falar sobre ela, sabe, então a gente, eu to trabalhando com eles assim, sabe.</p>	
<p>- E COMO QUE É ISSO NA TERAPIA, COMO VOCÊS TRABALHAM ESSA QUESTÃO DA RELAÇÃO EM FAMÍLIA E ESSA QUESTÃO DA RAIVA DO GENRO QUE VOCÊ FALOU QUE SENTE.</p> <p>- Eu tenho, tenho mesmo. Tenho e eu falei já, ele não deixa eu passar se a gente tiver de carro, se eu ver ele e tiver de carro eu passo por cima e eu dou a ré. E me entrego, não tem problema.</p>	
<p>Porque Michel, você enterrar sua mãe,</p>	

<p>porque foi assim, eu perdi minha mãe, um ano depois que minha mãe tinha falecido, de repente eu perdi meu irmão mais velho também, deu enfarte fulminante. Fazia seis meses da morte do meu irmão, veio a doença da minha filha, sabe? Não tive tempo de batalhar, trabalhar a morte da minha mãe. Ainda minha filha dizia assim pro meu marido: “Pai do céu, a mãe vai morrer por causa da vó”, porque, assim, eu que fazia tudo pra ela, né?</p>	
<p>E ela era minha mãe que, minha mãe já era do sítio, ela não tinha aquele, sabe, aquele amor, assim, ela não demonstrava aquele amor pros filhos, ela tinha oito filhos, né? Então eu com meus filhos, eu já demonstrava, a gente sentava no chão, a gente ia brincar, a gente conversava. E minha mãe não. Depois que eu casei, eu vi que, sabe, ela tinha amor, mas era aquele amor fechado, sabe? Ela não demonstrava, sabe, se a gente ia dar um beijo nela, ela ficava assustada, sabe? E com meus filhos já não, sempre tivemos aquele amor, eu com meus</p>	



<p>filhos, e meus filhos aprenderam a fazer isso, e já chegavam lá, meu guri principalmente, ele chegava lá e já abraçava minha mãe, ele já sabe. Minha mãe já ficava meio assim com ele, ele já brincava com ela. Hoje eu tento trabalhar com eles do mesmo jeito né, que eu trabalhei comigo mesmo pra pegar minha mãe,</p>	
<p>porque o pai, eu não gosto muito de falar Michel, o pai eu não, eu não tive, praticamente, porque ele tentou me estuprar, daí minha mãe me tocou de casa, me mandou embora pra uma tia minha. Depois que ele ficou bem mal, daí eu voltei pra ajudar ela a cuidar dele. Daí fiquei em casa, mas eu já tinha 16 anos quando voltei pra casa. Então, pai, eu pra mim, eu nunca tive. Mãe, eu...</p>	
<p>sei que trabalhei com meus filhos de amor, amor, amor, ter amor um pelo outro e nossa, minha filha sempre teve, assim.</p>	
<p>Eu to tentando trabalhar com eles assim, sabe? O que eu aprendo aqui, eu tento falar lá com ele, mas pra mim, é difícil. A gente a... senta, a gente conversa, eu digo: “Nego,</p>	

<p>vamo lá na reunião, você vai ver, você vai consultar”, é...</p>	
<p>ele mesmo diz: “Deus? Onde que tá Deus? Não existe”. Não existe mesmo, Michel, não existe. Não existe, se você não lutar, você não tem nada, Michel, nada. Porque quando minha filha tava bem mal, eu ele fomos lá na Santa Casa, deixamos ela lá no quarto e fomos até a capela da Santa Casa. Daí nós fizemos um acordo, já que Deus existe, já que nós acreditava tanto em Deus né, então Deus que levasse ou eu ou ele, e deixasse ela. Que ela queria ser mãe, ela queria. E não... justo aquela semana ela foi né. Então a gente perdeu. Perdi, e tá difícil de conseguir lá em casa, ninguém mais, nenhum dos 3, né? E nós somos bem católico, já não somos mais, hoje não somos nada.</p>	
<p>Agora, o guri, até to meio conseguindo trabalhar com ele... ele, sabe Michel, ele ficou um tempo, ele ficou uns anos sem sair de casa. Ele ficou trancado, ele não queria nada com nada, porque pras festas, pras baladas... era ele e ela que ia, né? Os dois</p>	

<p>juntos, às vezes um carro só, às vezes cada um com seu carro... então ele se abalou bastante. Só que ele eu consegui né, trabalhar um pouco.</p>	
<p>- E NA TERAPIA, C., VOCÊ CHEGA, É... COMO É QUE ISSO É TRABALHADO, ASSIM? ENTRE VOCÊ E A JULIA, VOCÊ SENTE ALGUMA DIFERENÇA DESDE QUE COMEÇOU A...</p> <p>- Ah, bastante Michel, bastante. Sabe por que, Michel? Porque em casa eu não choro, eu choro se eu to sozinha.</p>	
<p>Sexta-feira que você me ligou, é, eu tava, eu to meio revoltada de novo, mas, minha irmã foi fazer exame mamografia, deu problema na mamografia dela, ela me ligou essa semana que passou e ficou meio, meio pesado. Eu disse pra ela: “Não vai ser nada, você vai ver”, só que ela é bem carola né, então vamo ver.</p>	
<p>E eu fazia 1 mês e pouco que eu não venho, porque tinha a casa da minha filha, invadiram. Os maloqueiros lá invadiram.</p>	

<p>Gastamos com advogado, com coisa pra tirar o pessoal lá de dentro, né.</p>	
<p>E meu filho assim, eu consegui, eu convenci ele a sair um pouco, convenci ele que a vida continua, né, não é a mesma coisa, mas continua.</p>	
<p>Tanto que você veja só, o meu marido com a morte da minha filha, deu... o stress que ele ficou, não sei como que o médico falou lá, ele caiu tudinho os dentes dele, Michel, tudinho caiu os dentes. Ele ficava, às vezes ele não queria comer, ficava deitado assim na mesa, com a cabeça abaixada, quando ele levantava caía um dente. Daí o médico disse que foi do sistema nervoso dele, sabe. E eu tento, a gente conversa assim, saio com ele bastante, a gente ta indo pro Largo da Ordem, e, mas a nossa conversa assim é não falar sobre ela, Michel. Cada um tem ela dentro de seu coração e a gente fica quieto. Só que quando ele começa a chorar muito, aí eu converso com ele, digo a ele que ela tá em bom lugar, né? Mas ele não acredita, Michel, não adianta.</p>	

- E NA TERAPIA, VOCÊ FALA SOBRE ELA?

- Só sobre ela que a gente fala. Porque Michel, ela era minha filha mais nova, quer dizer, eu só tinha o casal né, e os dois meus são muito brincalhão, tanto o guri como a menina era sabe, sempre brincalhão. E ele sempre dizia, me chamou: “Ô véia, vem cá”, sempre brincando comigo assim. E ela não, ela dizia assim: “Ô pirigete”, porque eu sempre fui mais pirigete, eu sempre gostei de brinco grande, eu sempre gostei de roupa extravagante, bastante jóia nas mãos... e ela dizia assim: “Mãe! Ô pirigete! Vamo comigo no shopping”. Eu dizia: “Ah minha filha, vá com seu marido”, né, eu falei. “Ah mãe, ele é chato pra comprar, você não”. E ela nunca teve o mesmo gosto que eu, não. Então, eu e ela sempre fomos agarradas, sabe? Guri já não, guri já dizia assim: “Ô veia, cê vai lá e compra uma roupa pra mim?”. Então a roupa que eu comprasse pra ele tava bom né. É, eles nunca ia... diziam assim que vão pro centro comprar, sempre

<p>era eu que ia, eu com a menina. A gente sempre foi agarrada, então na minha terapia só o que eu falo é dela né Michel, porque ela me faz falta mesmo. Falta assim, vamo dizer assim, de companheira, sabe Michel. Nossa, nossa, ela me faz uma falta enorme.</p>	
<p>Hoje, pra falar a verdade Michel, esse mês nós nem saímos de casa. Porque eu convidei meu marido pra sair: “Num vô, num quero, vamos deixar resolver o negócio da casa dela lá...”. Eu disse assim: “Enquanto o juiz não assinar a ordem de despejo, não adianta, M. [marido], nós ficar dentro de casa”. Mas tamo ficando lá, a gente conversa, a gente joga, sabe, eu e ele jogamos bastante. E eu tenho tablet... eu gosto muito de jogar paciência, e ele gosta de jogo, então nós ficamos sentados. A minha casa é um sobrado, então nós tamo assim, Michel, ele fica lá embaixo, eu fico lá em cima. Só subimos pra dormir.</p>	
<p>E a gente conversa, eu conto o que acontece aqui, ele tem a mesma opinião que eu tinha, Michel, que psicólogo é pra louco e ele disse que não tá louco, que o que vai fazer ele</p>	

<p>voltar de volta a sorrir é a filha dele. E não volta né, Michel, não adianta que não volta.</p>	
<p>- E C., ESSA OPINIÃO DE QUE PSICÓLOGO É PRA LOUCO, VOCÊ MUDOU...</p> <p>- Mudei bastante, Michel!</p> <p>- MAS ISSO FAZENDO TERAPIA?</p> <p>- Fazendo terapia.</p> <p>- E O QUE MUDOU ASSIM NESSA TUA VISÃO DO QUE QUE É O TRABALHO DO PSICÓLOGO?</p> <p>- O que que é Michel, o psicólogo, é, não sei se é porque eu tinha isso na minha cabeça, porque eu tenho um primo meu, que quando o pai dele faleceu, ele brigou com o pai, ele morava em Joinville, ele brigou com o pai e ele foi embora pra São Paulo. E o pai, acho que como eu sou mais velha, Michel, a gente sempre foi: “Bença, mãe. Bença, pai”, e ele também né. E meu tio dizia pra ele, ele morava lá em Joinville, meu tio dizia pra ele: “Ô C. [primo], ô C. [primo], cê num vai dar bença pro pai pra você viajar?”. “Eu não,</p>	

num preciso de tua bença”. Ainda falei: “Credo, C. [primo], não faz isso pro seu pai, filho”. Ele disse: “Porque não é o seu pai”. Eu falei: “O meu tá lá no inferno”. E quando ele chegou em São Paulo, chegou a notícia que meu tio tinha morrido. Aí ele virou as costas, meu tio teve enfarte e morreu na hora. E aí ele ficou fora de juízo, sabe Michel. Então ele teve que consultar psicólogo, daí ficou internado, consultar psicólogo. Daí eu... pra mim o psicólogo era pra louco, sabe, que ele ficou fora do juízo, até hoje ele tá.

- POR CAUSA DESSA HISTÓRIA...

- Por causa dessa história, sabe Michel. Então ah, psicólogo é pra louco, não vê o C. [primo] que é louco, né? Tem dia, tem época que ele tá com a barba desse tamanho, tem época que ele corta a barba, tem época que ele ta com o cabelo comprido, não trabalha mais, é... Sabe, ele ficou totalmente. Então pra mim psicólogo era pra louco, Michel. Hoje não, hoje pra mim o psicólogo, o psicólogo, a psicóloga me ajudou, me ajuda, nossa, bastante! A J. [psicóloga] me ajudou



bastante!	
<p>Porque, sabe Michel, quando aconteceu o negócio comigo, com meu pai, eu nunca contei pra ninguém, sabe? Só contei pra minha mãe, e daí ela mandou eu pra casa da minha tia, e aquilo ficou guardado dentro de mim, sabe Michel? E meu pai tinha muita mania de dizer que, que eu sempre desde que eu era menina, eu sempre fui, assim, a minha mãe dizia que eu era espantada, sabe? Eu sempre gostei de... meu pai dizia que eu queria ser mais do que os outros. Eu fu... eu fumava, eu nunca usei droga, mas eu fumava, eu, eu queria, quando eu fiz 18 anos eu já sabia dirigir, eu queria meu carro, sabe, eu sempre fui assim, queria... sabe? E com meu pai não dava certo, ele dizia que eu não passava de uma vagabunda, né? Então, nunca contei, e com a J. [psicóloga], a J. [psicóloga] foi conversando, foi conversando, e eu abri, sabe, isso, sabe? Hoje, Michel, você veja bem, que na época se eu tivesse feito né, consultado com um psicólogo, talvez minha cabeça tinha mudado. Então hoje eu não</p>	

<p>tenho vergonha de falar mais isso, assim, sabe? Até a primeira vez que eu contei pra J. [psicóloga], eu disse: “J. [psicóloga], não fique brava, que eu não consigo olhar pra pessoa e contar o que aconteceu comigo”. E hoje não, hoje pra mim isso aí, nossa, me abriu assim os caminhos, sabe? Única coisa que eu contei foi pra minha filha e meu filho, quando eles ficaram mocinhos. Ainda eu expliquei pra minha filha, eu disse, não contei o que tinha acontecido sabe, eu só contei que eu tinha sido abusada pelo meu pai. E não queria falar sobre isso, mas falei assim, sabe, e ficou. Hoje, Michel, você veja que me ajudou tanto que hoje eu falo sobre isso, sabe, hoje eu falo sobre isso aí, não tenho vergonha de falar, porque não fui eu culpada, sabe, eu nunca fui o que ele dizia que eu era. Então pra mim, psicologia hoje, assim, como vocês fazem... nossa, foi uma beleza. Da minha filha também...</p>	
<p>Só que a minha cabeça ainda, Michel, todo mundo fala, a H. [participante do grupo ASDL] ainda acabou por dizer: “Ah, você</p>	

<p>não veio, pensei que tava caçando o teu genro”. Falei: “Não preciso caçar ele”, eu falei, falei pra H. [participante do grupo ASDL] ainda agora. Ela disse assim: “Faz mais de mês que você não veio, aconteceu alguma coisa?”. Eu falei: “Não, é que entraram na casa da minha filha, aconteceu um monte de coisa, o negócio da minha irmã, então não dava pra mim vim, né”, eu disse. Mas pra mim, aqui no grupo e consultar com a J. [psicóloga], nossa, foi a melhor coisa que teve.</p>	
<p>- VOCÊ TROUXE ESSE PONTO, ENTÃO, DE PODER COLOCAR PRA FORA...</p> <p>- Pra fora...</p> <p>- COISAS QUE TAVAM GUARDADAS...</p> <p>- Que, cê veja, eu fui morar sozinha, Michel, quer dizer, “sozinha”, modo de dizer, com a minha tia em Santa Catarina, eu tinha 11 anos. E eu já tinha, e eu já, como é que vou dizer pra você... Meu já, já fazia um ano que ele me atentava, sabe Michel, eu conseguia fugir... e aí aquela vez não deu certo, é como</p>	

diz, eu acho que eu tenho sangue mesmo pra matar alguém, porque ele veio pra me pegar, eu passei a mão na faca e pegou nele aqui assim, sabe Michel? Eu disse pra ele, disse... nunca mais tocar a mão em mim, eu falei: “Nunca!”. E ele sempre vivia tirando o negócio pra fora, pra me amostrar, sabe? Então, isso pra mim... nossa, isso pra mim era tão [com ênfase] difícil Michel, que eu tinha vergonha, Michel! Eu acho que, eu falei pra J. [psicóloga] ainda, eu acho que é por causa disso Michel, talvez se eu tivesse consultado, quando eu era moça, minha mãe tivesse me levado né, eu era menina, eu num tinha acontecido assim, um... talvez eu tinha namorado bastante, tivesse... Não, conheci meu marido, namorei 5 anos meu marido pra depois eu casar. Quando eu casei, no começo eu me arrependi, sabe? Eu dizia: “Meu Deus, tava tão bom sozinha...”. Mas minha mãe começou a me encher que eu tinha que casar, porque é... precisava casar, porque nós estávamos em situação difícil, então era um a menos pra sair de dentro de casa, embora eu ajudasse a sustentar a casa né, e meu marido

<p>era um homem que tinha posses, né? Mas... sabe, eu penso assim hoje, se naquela época minha mãe tivesse feito uma consulta com... né?</p>	
<p>- E C., QUANDO VOCÊ VEIO AQUI, NÉ, PROCURAR TERAPIA, É... O TEU INTUITO ERA FALAR SOBRE TEU LUTO...</p> <p>- Só meu luto!</p> <p>- OU... SOBRE A...</p> <p>- Não, só meu luto!</p> <p>- MAS AÍ DESENROLOU NESSAS QUESTÕES...</p> <p>- Desenrolou...</p> <p>- COMO É QUE FOI ISSO?</p> <p>- Ah, como é que foi... A J. [psicóloga] só pergunta né, ela põe você sentada e vo... e... fui e fui contando. Daí um dia eu disse pra ela assim, eu disse J. [psicóloga]... [emocionada] a dor que eu passei quando era nova... que né, minha mãe me desprezou, tudo né, eu falei num foi tão grande, sabe</p>	

<p>Michel, quando perdi um filho. Daí ela perguntou: “Mas como assim?”. Aí eu falei, falei ó, vou te contar, aí começou a desenrolar e eu contei pra ela, porque eu nunca tinha falado assim, sabe Michel, nunca. Que isso aí pra mim era uma coisa tão vergonhoso, sabe Michel, que nossa, isso aí pra mim era a pior coisa. E com a J. [psicóloga] foi desenrolando, eu chegava, conversava, e conto e...</p>	
<p>falei pra ela, falei J. [psicóloga], comprei uma arma, sabe. Ela [inaudível 00:20:33], riscada, não sei lá como que chamam lá, falei: “Não tem problema”, eu falei: “Porque hora que eu encontrar meu genro, não sei se vou matar ele”, eu falei. E não faz mal, porque meu filho já tá bem de idade, já tá com 34 anos, tá ótimo onde ele... né? Meu marido já tá... eu falei: “Não pela”, porque no começo eu achava que ele era culpado pela doença dela, sabe, porque ele foi machista nesse ponto, eu dizia pra ela: “Filha, você tem que ir no médico, você tem que fazer o preventivo”. “Ah, mãe! O K. [genro] disse</p>	

<p>que, que vive só... só em médico é, é... mulher que não tem o que fazer”. Eu dizia: “Não minha filha, você tem que ir minha filha, você não vê que a mãe faz todo ano preventivo?”. “Ah, um dia eu vou, um dia eu vou”. Vo... de um dia, um dia, ela levou oito anos de casada e ela não foi nenhuma vez, Michel. Um dia eu perguntei, ela disse: “Não, eu fui, eu fui, já fiz os exames, tá tudo bom”. Ela nunca tinha ido Michel. E ele não, sabe, assim, ele era um rapaz... aí, manja, bem radical, sabe. Tanto que eu e ele, nós nunca se dava, nunca se demos, nunca.</p>	
<p>- C., EU SÓ QUERIA RETOMAR UM POUQUINHO NO ASSUNTO, É, FALAR SOBRE ESSA QUESTÃO DO ABUSO DO TEU PAI OU MESMO FALAR AS QUESTÕES DESSE TEU DESEJO DE MATAR O SEU GENRO, ISSO TE AJUDA EM ALGUMA COISA, ASSIM NO TEU...</p> <p>- Me ajuda!</p> <p>- TRATAR NÉ, ABORDAR ISSO NA TERAPIA?</p>	

- Me ajuda.

- E COMO QUE É A AJUDA?

- Me ajuda, sabe por que Michel? Eu vou te falar... eu tenho mais ódio. Eu guardo mais ódio do meu genro. Isso pra mim me fortalece tanto, Michel, porque... você não é casado, é?

- NÃO.

- Você não é pai ainda... Quando você tem um filho, Michel, não sei se é caso, o meu marido é filho único né, é só ele e daí duas filhas mulher mais velhas que... e... ele também não tinha amor de mãe assim, porque a mãe dele ainda era mais... mais chucra que a minha ainda, assim, sabe. Eles são os G. [sobrenome família marido]. O sobrenome deles eram G. [sobrenome família marido] lá, a minha sogra. Então ela era... polaca, polaca, sabe, bem fechadona. E minha mãe ainda com tudo, a minha mãe não era, ela era chucrona assim, mas ainda ela, sabe, depois que via os netos assim, ela começou mais a se soltar um pouco, né. Mas



<p>a minha sogra já não, tanto a minha sogra, quando fui conhecer ela, ela não... eu cheguei na porta, meu marido falou: “Mãe, queria apresentar minha namorada”, ela pegou e fechou a porta na minha cara. Ela é chucrona assim, sabe. E... aí quando nós casamos, tivemos nossos filhos, a gente deu tudo carinho e amor que a gente não tinha, nunca teve, sabe, a gente deu pra eles,</p>	
<p>e meu genro desprezou minha filha desse jeito, achei que isso aí não é justo, tendeu. Ele tanto, que eu ainda um dia eu falei pra ele, eu falei ó, eu falei: “Você não é um genro que eu gosto, você não é bem-vindo na minha casa”. Eu falei: “Eu to aceitando você porque ela é apaixonada por você, então portanto você não brinque comigo, não magoe minha filha”. “Não, eu gosto dela”. Eu falei: “Ela é dengosa” – falei - “porque meu marido sempre deixou ela ser dengosa, ela... ela, em casa ela tem todo o amor, o carinho, se ela precisa das coisas eu e meu marido se viramos pra dar”, eu falei. “Portanto, não se... toma cuidado rapaz!”. E</p>	

ele não soube fazer isso pra ela. Tanto que ela pegou ele... novembro pra dezembro ela pegou ele na cama com outra mulher, né. Aí ela chegou lá, ela voltou pra casa, quando ela tava em casa ela tinha feito a quimio, e o médico falou assim: “S. [filha que faleceu], você só tá com 80% do câncer só, estava com 1200”. Então, é, contagem de glóbulos que eles fazem lá, né? “Você vai durar muito ainda, menina”. Aí no outro dia ela chegou de manhã cedo, ela levantou, ela disse: “Ai mãe, e me abraçou e me beijou e beijou o pai dela, e o pai dela carregou ela no colo, e começaram a descer da escada brincando, sabe? “Eu vou lá em casa, vou contar pro K. [marido da filha que faleceu] porque não sei quê, porque não sei quê”. Falei: “Filha, é cedo ainda...”. “Não, eu vou pegar meu carro. Pai tira o carro teu de lá, que eu vou tirar o meu e não sei quê...”. Ela chegou lá e ele tava na cama com outra. Daí ela voltou, daí ela veio depois, daí ela disse: “Mãe, eu vou pedir só um favor pra você e pro pai e pro mano” – ela chamava o irmão de mano - “não faça nada contra o K. [marido da filha que

faleceu] porque eu amo ele, não adianta mãe, eu amo ele, deixa ele. Vocês prometem pra mim que não vão fazer nada? Porque o pai não faz, mas você... porque se você falar pro pai 'fique sentado aí', o pai fica, o pai obedece você até não querer mais. Agora, você, eu sei que você tem raiva dele. Você jura pra mim que você não vai fazer nada contra ele, pra mim". Falei: "Não, não vou fazer". "Não, mas você jura? Ele não me deu"... aí que ela me falou, sabe Michel: "Ele não me deu o amor que eu tinha". Eu falei: "Filha, eu cansei de falar pra você, que eu não gostava dele, mas eu prometo pra você que eu não vou fazer nada enquanto você tá aqui na Terra", eu falei. "Porque antes de eu morrer, eu ainda pego ele", eu falei pra ela. E ela ficou quieta, não falou nada. Aí o irmão dela tava descendo também, daí ela disse: "Mano, quero falar com você". Ele disse assim: "Nem peça pra mim, porque você acabou de pedir pra mãe, eu escutei você pedir pra mãe". Meu filho deu um tiro nele. Mas o meu filho nunca atirou na vida, passou de raspão, assim, sabe? Ele tava dentro da

pizzaria, meu filho tava no carro, meu filho passou, mirou e deu, mas pegou de raspão. Meu filho disse: “Não, não adianta pedir pra mim o que você pediu, a mãe ensinou nós ser honesto, ter compaixão, ter amor pelos outros, e ele não teve amor por você”. Aí eu tive que mandar meu filho embora, até que depois que minha faleceu. Porque ele, o meu filho quis matar o meu genro por toda lei, sabe?

- C., EU ACHO QUE AGORA FICOU MAIS CLARO PRA MIM, ASSIM, O MOTIVO DESSE TEU ÓDIO TODO DO TEU GENRO, MAS EU QUERIA ENTENDER COMO QUE TRABALHAR ISSO NA TERAPIA TE AJUDA EM RELAÇÃO AO LUTO. /

- Ao luto. Como é que eu vou te dizer... Michel, o luto pra mim... eu não to de luto. Minha filha não morreu pra mim, Michel. Tendeu? [choro] A minha filha, pra mim ela não morreu, ela tá comigo, onde eu to ela tá comigo, sabe? Eu entendo assim, é, como é que eu vou te dizer, Michel... Ela tá viajando.

Foi isso que eu falei ainda pra J. [psicóloga], falei: “J. [psicóloga], ela pra mim tá viajando”, porque ela sempre viajava, ela fazia curso em São Paulo, ela vivia fazendo os cursos dela aí. “Ela pra mim tá viajando, uma hora ela volta”. Sabe? Então, a terapia pra mim, eu fiz assim, sabe Michel, eu pus isso na minha cabeça e assim eu continuo. Entendeu? Ela não morreu, não aconteceu nada com ela, Michel, nada, por isso que eu digo: Deus? Nossa, eu implorei pra Deus não levar ela e Deus não me escutou, então Deus não tem. Ela vai voltar, ela tá fazendo uma viagem. Ela tá fazendo uma viagem, ela vai voltar. Pra mim, ela vai voltar. E o meu filho é a mesma coisa. Meu marido ainda não, meu marido não, sabe, ele ainda não pegou bem assim. Ele chora muito, porque ela, mesmo quando ela casou, todo dia ela ia lá ver ele, porque ela, como diz meu filho, ela era a queridinha dele, né? Ele, pra ele foi, tá sendo pior, Michel. Tendeu?

- MAS PRA VOCÊ PENSAR ASSIM  
DESSA MANEIRA...

<p>- Foi...</p> <p>- TE AJUDOU...</p> <p>- Me ajudou, é...</p> <p>- A LIDAR COM A AUSÊNCIA DA TUA FILHA?</p> <p>- Com a ausência da minha filha.</p>	
<p>Pra mim, ó, dia dois de finados, eu disse pro meu marido: “Eu não quero ir no cemitério”.</p> <p>Daí eu cortei um pouco o cemitério, porque todo sábado ele queria ir, queria ir, queria ir, sabe Michel? Se não ia sábado, ia domingo.</p> <p>Eu falei: “Não, isso aí pra mim é muito pesado”. Porque no começo, Michel, eu dizia assim, eu queria tirar ela lá de dentro, sabe.</p> <p>Então eu comecei a cortar com ele, eu falei: “Nego, não adianta nós ir lá”. Então a única coisa que eu deixei ele fazer, ele tem porta-retrato, os porta-retrato que ele tem, é onde ele vai, ele compra, tem pela casa inteira dela, sabe? É, quando ela foi modelo lá, na adolescência dela, nos 14, 15 anos ela foi modelo, então, tem, mandou fazer o book dela, então tem foto pra tudo quanto é lado, e</p>	

ele, daí ele... foi o acordo que eu fiz com ele.

Eu deixava ele colocar as foto, mas ele não ia lá no cemitério. Aí quando foi dia dois, eu disse pra ele: “Eu vou viajar”, eu sempre... eu viajava, como dizia minha filha: “Pai, você não liga que a mãe..”, ele: “Não, deixa sua mãe viajar quando ela quer ir, eu não me incomodo filha, deixa ela”. Então ela começou a fazer isso com o marido dela também, sabe? Ela dizia: “A mãe vai viajar, eu vou com a mãe.” Porque sempre ela ia comigo, né? E depois que ela casou ela dizia, no começo não, no começo ela meio se fechou, assim, mas depois ela, não sei se ela já teve uma desilusão antes, Michel, porque ela não contava, ela, sabe, se fechou-se, ela sabia que eu não gostava dele, ela se fechou-se. Então dia dois de novembro, agora, eu disse pra ele: “Não, não vou”. Daí quando foi na quarta-feira antes, eu fui no Municipal que é onde minha filha tá, e fui no Boqueirão que é onde tá a minha mãe e meu irmão. Aí eu falei pra ele, falei: “Você não vai, tá?”, na segunda-feira. Eu falei: “Eu vou pra praia, a minha irmã disse que quer ir pra praia,

<p>convidei ela pra ir junto comigo, nós vamos pra praia. “Ah, então tá bom, pode ir”. Ele foi, Michel. Daí ele falou assim pra mim: “Ai, eu fui no cemitério”, quando cheguei na segunda-feira à noite. Eu falei: “Por que você foi no cemitério, nós já não falamos?”. “Ai, eu não aguentei, eu fui”. Eu falei: “Nego, não adianta, é pior a gente ir no cemitério”. Eu falei: “Ela tá aqui dentro com nós, ela não tá lá”, falei. Porque pra mim lá, Michel, no cemitério, é o que eu falo pra J. [psicóloga], é dolorido, Michel, você ir no cemitério. É dolorido, pra mim é dolorido. Então eu não vou no cemitério.</p>	
<p>Depois das cinco horas [17:00h], cinco e meia [17:30h], pra mim sair de casa, Michel, começa a me dar uma agonia, começa a me dar um... ainda falei com meu marido, meu marido disse assim: “Não, vai lá com a tua reunião, vai lá que você quer dar uma entrevista pro Michel e não se preocupe, venha que eu to, seis horas [18:00h], cinco e meia [17:30h] eu to aqui no terminal te esperando. Porque começa a me dar uma</p>	



<p>agonia, um desespero, Michel, porque foi a hora que ela, sabe, ela faleceu, então aquilo pra mim começa a me dar uma agonia.</p>	
<p>E eu e meu marido foi o acordo que nós fizemos, dele não ir no cemitério, Michel. Então deixei colocar foto, tem foto pela casa inteira dela, sabe. É onde eu consegui um pouco trabalhar e um pouco ele, ele, sabe, aceitar um pouco, sabe Michel.</p>	
<p>Porque Michel, eu sempre fui assim, eu sei que ela morreu, Michel, mas eu não ponho isso na minha cabeça, eu ponho que ela viajou, Michel, ela viajou, ela vai voltar. E eu fico esperando, sabe, eu fico esperando. Então eu tentei trabalhar com ele sobre isso aí, sabe, eu digo pra ele: “Nego um dia ela vai voltar, você sabe que ela sempre viajava, uma hora ela volta, você vai ver”. E a vida a gente vai levando, Michel,</p>	
<p>então, psicólogo hoje pra mim... é, como é que eu vou dizer, é muito bom, Michel. É uma coisa assim que me ajudou bastante, me trouxe coisas, Michel, do fundo do baú que eu tinha, sabe. Eu consegui hoje mexer, sabe,</p>	

<p>com meu luto, com luto por causa da minha mãe, do meu irmão, porque era meu irmão mais querido que eu tinha, sabe, que era meu irmão que nós se dava mais, que, sabe. Então isso eu aprendi bastante com a psicóloga, sabe.</p>	
<p>E o luto da minha filha eu faço assim. Eu sei que ela faleceu, sabe, mas a gente não fala sobre isso lá em casa, ela não faleceu. Isso aí nem eu, nem meu filho, nem nada. Outro dia meu filho falou assim, afinado, ah... não sei com quem nós tava conversando, acho que tava o marido, o marido da minha irmã, o mais, que também ela ficou viúva né, faz anos já, e agora ela vai casar de novo, e ele tava lá em casa e nós tava conversando, e ele não conheceu minha filha. E ela disse, meu filho disse: “Ah, minha querida finada”, ele falou né. [choro] Aquilo me doeu tanto, Michel, tanto, que depois quando minha irmã saiu eu falei pra ele assim: “Você nunca mais fale isso, porque tua irmã não é finada, tua irmã tá aqui”, eu falei, não é finada. E assim eu acho que pra mim, nossa, foi ótimo,</p>	

Michel.	
<p>Agora, ódio que eu tenho do meu genro, ninguém vai me tirar, Michel. Ninguém vai me tirar. Ninguém vai me tirar esse ódio que eu tenho dele, sabe. Porque [choro] eu dei amor pra minha filha, dei carinho, sabe, pra ela e pro guri, nossa. A minha mãe dizia: “Nunca vi, você é pior que, que, que, por isso que tua filha chama você de piriguete”. Porque eu toda vida, sentava no chão, diz que queria comer pizza, nós pedia a pizza e sentava tudo no chão lá da sala, um jogava almofada no outro, ficava sempre brincando, sabe? Então o que eu não tive Michel, eu dei pros meus dois filhos, e meu marido foi a mesma coisa. Meu marido é a mesma coisa, o que ele não teve também ele deu pros filhos, ele ensinou os filhos a ter amor, ensinou os filhos a respeitar os outros, sabe. E, com esse meu genro aí, se eu tiver de carro e eu ver ele, eu passo por cima. Se eu tiver, se eu ver ele, eu vou, eu mato ele, eu já falei que eu mato ele, só do ódio que eu fiquei do que ele fez pra ela.</p>	

Porque ela faleceu bem no domingo de páscoa, era domingo de páscoa, e ela tava no hospital. Daí meu marido até hoje Michel, tanto, a páscoa, ele compra bombom. Sempre foi de comprar bombom pros filhos, e ela tava no hospital e meu marido comprou uma caixa de Ferrero Rocher, aqueles que é douradinho, que ela gostava, e nós chegamos lá no hospital, porque a noite quem passava com ela era minha irmã, mas ela tava boa assim sabe, não tava ruim aqueles dias, aí meu marido chegou e beijou, ela não viu, ela viu eu entrar né, ela falou ainda: “Não falei pra vocês que a piriguite vinha hoje?”, ela falando pras outras pacientes, né? “A piriguite vinha cedo hoje aqui”. Daí minha irmã ainda disse assim, ai teia, eu disse assim: “Mas eu sei porque ela tá contando, eu sei porque ela tá falando”, aí ela viu que eu tava sem nada na mão, ela olhou e disse assim: “Você sabe que dia é hoje?”. Eu falei: “Sei, filha”. “E você com essa mão desse jeito aí, por quê?”. Eu falei: “Minha mão, o que tem minha mão?”, ela tava esperando chocolate, né, daí meu marido chegou por

trás dela, ela tava sentada assim, a porta era atrás né, ele beijou ela no pescoço, ela falou: “Sai de perto de mim rapaz, eu já falei que não quero você” - que ela achou que era o marido dela, sabe? Daí eu falei assim pra ela: “Filha, é teu pai”. Aí ela disse: “Ô, pai”, aí eu vi que ela não tava enxergando, sabe Michel, eu vi que ela não tava enxergando direito. Se você chegasse perto ela enxergava, mas meio de longe ela não enxergava. Daí ela disse: “Cê trouxe, né pai? Porque a piriguete não trás nada”. Ele disse: “Não, eu vim trazer pra você, vou deixar tua mãe aqui, daí vou pra casa, depois eu passo pegar ela pra nós almoçar, você quer almoçar com nós? Eu peço pro médico dar licença pra você”. “Não, não, depois a gente vê isso aí”. Aí minha irmã viu que começou a escorrer lágrimas dos meus olhos, né, daí ela disse: “Vamo lá fora”, né? Eu falei: “Vamo”. Daí deixei o meu marido com ela, e daí nós fomos pra fora, eu disse pra ela: “Essa menina não tá enxergando”. Ela disse: “Como é que você sabe?”. “Porque o pai dela beijou ela e ela tava procurando ele assim, e não viu, ela não

tá enxergando”. Então Michel, tudo que ele fez pra ela, pra minha filha, o meu genro, porque ela ficou esperando, ela fala, ela achou que não era, que era, sabe, pela voz dela assim, Michel, ficou tão feliz que sabe, ela viu que ele beijou no pescoço, que ela achou que era ele, sabe? Mas ela pra se fazer de, sabe, que não queria ele, aí quando falei pra ela: “Mas é teu pai”, aí ela, sabe, ficou meio desinchavida. Ainda falei pra minha irmã: “Ela espera esse miserável ainda na frente dela”, eu falei.

Mas quando ela começou a ficar ruim, tinha proibido ele de ir lá em casa sem ela saber, eu encontrei ele, eu falei assim: “Ó, você não põe o pé na minha casa, cara, porque eu não gosto de você”. Falei: “Não gosto de você” – falei - “evite, olha, evite, porque você vai passar vergonha se você for na minha casa”. Quando ela ficou meio ruim, como dizia minha mãe, fui lá botar meu rabo no meio das pernas e fui lá falar com o cara de novo. Aí eu peguei, fiquei quieta, falei, ela tava mais tempo comigo né, daí eu fui lá e disse

assim: “Ô K. [marido da filha que faleceu]”, apelido dele era K., nome dele é, era A. Falei “K. [marido da filha que faleceu], pela doença da S. [filha que faleceu]...”, ele nunca veio me perguntar o que é que ela tinha, sabe Michel, aquilo foi, sabe, foi me dando raiva, sabe Michel, dele fazer isso. Eu disse “K. [marido da filha que faleceu], pela doença da S. [filha que faleceu], ela tá mais tempo comigo, você pode ir lá em casa a hora que você quiser”. “Eu não preciso da sua casa”, bem assim. Eu disse pra ele: “Pois é, você não precisa da minha casa, você mora na minha casa, que a casa onde vocês tão é minha, você usa o restaurante que é meu”, falei pra ele. “Você não precisa de nada do que é meu?”, falei. “Você é muito ignorante, rapaz”, falei. “Vai trabalhar, vai estudar, rapaz”. E ele mesmo não ia lá em casa, ele não ia, nossa, aí depois que ela pegou ele, aí que acabou de uma vez, mas ela esperava muito. Então, Michel, eu, isso aí pra mim, sabe, eu ensinei os filhos a dar amor e ganhar amor, e eu fico com tanto ódio dele,

que esse ódio Michel, não tem psicólogo que vai tirar de mim. Não tem, Michel. O luto ainda é o que eu falei pra você, o luto da minha filha eu digo não, ela vai voltar, um dia ela vai voltar, ela tá viajando, tá fazendo curso, e vai passando, sabe Michel, o tempo, vai correndo, vai, vou arrumando outras coisas pra mim fazer, eu gosto muito de fazer excursão, eu gosto muito de viajar, sabe? Então eu to fazendo isso aí, Michel. Eu trabalho, eu faço marmitex industrial, a gente faz pra fora, agora, vai chegando dia 10, dia 11 de dezembro a gente vai fechar, vai viajar de novo, quando é dois dias, três dias eu viajo, daí eu deixo a mulher fazendo. E eu faço assim, Michel, na casa da praia, tem o quarto da minha filha lá, tá lá, sabe? Então a minha irmã vai, ela fica no quarto da minha filha. A minha casa aqui tem o quarto dela, tá lá, sabe? Única coisa que eu peguei e fiz, foi sala do computador. Eu coloquei o computador no quarto que era da minha filha, tá lá, que eu fico lá, às vezes, lá. Então isso eu aprendi, sabe Michel, a trabalhar com isso aí. Agora com o ódio não, Michel, com o



<p>ódio não tem, não vai ter psicólogo que vai tirar o ódio dele de mim, sabe, não vai, Michel.</p> <p>- E NA TERAPIA...</p> <p>- Não vai, Michel, não vai...</p> <p>- EU QUERO DIZER ASSIM, VOCÊ SENTE É</p> <p>- Eu tenho prazer de falar do meu genro, se é isso que você quer saber!</p>	
<p>- SIM EU QUERIA DIZER ASSIM SE A PSICÓLOGA ELA TRABALHA NO SENTIDO DE ACABAR COM ESSE ÓDIO OU SE NÃO, SE ELA...</p> <p>- Não, a J. [psicóloga] não chegou ainda, assim, ela só escuta eu falar né, então ela diz assim: “Cê acha que cê tá certa, né? Que cê tá, né?”, ela diz assim. Ela fica só escutando eu falar, né. E pra mim, Michel, pode ser Michel, que talvez eu falando tanto dele eu vou tirar um pouco o ódio, mas vai ser difícil, Michel.</p> <p>- VOCÊ SENTE QUE FAZ BEM FALAR</p>	

<p>BEM DESSE ÓDIO...</p> <p>- Sabe, nossa, faz ótimo, nossa, Michel.</p>	
<p>Você vê ó, minha filha... A mãe, a sogra dela lá ficou bem mal, minha filha largou tudo aqui, foi lá ajudar a cuidar da sogra, o meu querido genro um dia se queimou-se o braço inteiro, ficou internado no Hospital das Clínicas ali, ela me ligava, ela dizia: “Ô piriguete, vamo comigo lá no hospital vê o..”. Eu dizia: “Ah, meu Deus...”, mas eu ia, Michel, como sabe, porque eu ia com a minha filha, então ia, sabe. E quando ela ficou doente, Michel, ainda ela, o, ele saiu do hospital, ele teve que usar aquele... um colete, sabe? Que queimou aqui, assim, o braço dele, ficou tudo enrugado assim, sabe? Ela disse assim: “Mãe”, não, ela pediu pro pai, daí o meu marido disse assim: “Filha, é tudo com a sua mãe, você sabe, banco, dinheiro, é tudo com a sua mãe”, porque o meu marido não tem boca pra nada, Michel. Os filhos, que eu sempre cansei de dizer pra ele, os filhos mandavam nele, ele ficava quieto... “Ela quer ir na festinha, deixa ela”,</p>	

<p>ele dizia, né? Eu dizia: “Tá, então você vai levar e buscar ela, ela não vai sozinha pra uma festinha, porque o irmão não quer ir junto com ela”. “Ai, eu levo...”. Até hoje, o menino tem 34 anos, Michel,</p>	
<p>ficou tanto medo, porque o meu filho não contou pra ninguém, Michel, que ele deu um tiro no, no cunhado, né. Ele contou, que quando ele chegou em casa chegou branco, falei: “Que foi que você fez?”. Ele começou a tremer. Falei: “O que você fez?”. Falei: “Você matou alguém, meu filho?”. Ele disse: “Não cheguei a matar mãe, mas gostaria de ter matado”. Eu falei... daí ele me contou a história, eu fui lá descobrir, sabe, tentar ver se tinha machucado ele, alguma coisa assim por cima, né? Pedi pra uma amiga minha ir lá buscar, comprar uma pizza lá na pizzaria que era da minha filha, né, pra ver se ele tava lá, tudo. Aí eu falei pro meu filho: “Morreu essa história”, falei. “Morreu, não vou contar pra ninguém, morreu, você não matou esse miserável ainda, mas não quero que você suje a mão”, falei. “Nem você, nem teu pai, pode</p>	

deixar que eu sujo”, falei. “Não precisa vocês se sujar”. E meu filho tinha caminhonete, a Cherokee que nós demos, sabe Michel, meu marido vendeu, ele me encheu tanto a cabeça depois que minha filha morreu, me fez, sabe, que ele me fez vender essa Cherokee. E... coitado do meu filho, ficou sem carro, porque daí ele vai levar e vai buscar meu filho, depois que meu filho fez isso, né, passar com a Cherokee na frente do restaurante da minha filha e dar um tiro. Agora to comprando outra, essa semana quero ver se compro outra.

- E COMO VOCÊ SE SENTE FALANDO DAS COISAS ASSIM NA TERAPIA?

- Com vocês, como é que eu vou falar, eu me sinto tão bem, sabe. Que não fica aquilo aqui dentro guardado comigo, sabe. Não precisou ficar anos como eu fiquei com o negócio do meu pai, sabe, anos que eu fiquei, hoje não. Então, pra vocês esse negócio do meu filho eu contei, falei pra J. [psicóloga] da arma, falei: “Não, J. [psicóloga], não adianta, ninguém vai me tirar da minha cabeça”, falei.

<p>Pode ser, Michel, que um dia eu não vou fazer isso, não sei, mas com o ódio que eu tenho do meu genro um dia é capaz de eu fazer, Michel.</p>	
<p>- E ESSAS SÃO COISAS QUE VOCÊ FALA TAMBÉM FORA DA TERAPIA, ASSIM? OU...</p> <p>- Ah não, até um dia ali na nossa reunião...</p> <p>- NO GRUPO?</p> <p>- No grupo ali, eu falei que tinha vontade de matar meu genro.</p> <p>- E COMO É QUE FOI?</p> <p>- A H. [participante do grupo ASDL] veio... num dia: “Cê já matou?”. Falei: “Ainda não, H. [participante do grupo ASDL], por quê? Você quer...?”. Eu já ando grossa e curta, falei: “Você quer a vaga pra você?”. Ela ficou me olhando assim, sabe? Hoje ela falou a mesma coisa... Hoje ela disse assim, é... “Ah, você não apareceu, ainda falei com as meninas, quer ver que a C. matou o genro dela?”. Eu disse... não, não,</p>	

eu disse isso porque ele... fazia 15 dias que minha filha tinha falecido, daí eu falei: “Nego do céu, falei, vai lá na pizzaria e veja como é que tá a pizzaria, luz, água, os funcionários lá, como é, eu... tá tudo aquilo lá”, porque aquela - perdão da palavra -, aquela bosta daquele cara lá, ele queria ser tão inteligente que nem dirigir ele sabe, ela que corria com tudo, porque ele nem, ele nunca teve carteira. Aí que meu marido chegou lá, ele se assustou, chegou lá e tinha um cara no caixa. Daí ele falou... porque o ponto era alugado né, mas, o imóvel era alugado né, mas as coisas que tavam lá dentro eram tudo nosso né, era meu, eu tinha dado, emprestado pra ela, né? Daí o rapaz perguntou: “O que que o senhor deseja?”. Aí o M. [marido]: “Queria falar com o K. [marido da filha que faleceu]”. “K. [marido da filha que faleceu]”, o homem falou. “Não conheço”. “Não, com o dono daqui”. “Não, o dono sou eu”. Daí meu marido falou: “Como é você?”. Aí ele falou: “Eu comprei do seu A. [marido da filha que faleceu]”. Ele vendeu, ele trocou por um dos carros lá tudo que

<p>tinha e fugiu. Ele fugiu. Porque ele sabe que eu tava, to caçando ele, ele sabe disso.</p>	
<p>- E QUANDO VOCÊ FALA DISSO NO GRUPO, VOCÊ SENTE QUE É...</p> <p>- É...</p> <p>- COMO QUE É?</p> <p>- Como que é no grupo lá, é isso que você tá perguntando?</p> <p>- É, COMO VOCÊ SENTE, FALAR ISSO NO GRUPO?</p> <p>- É... A E. [participante do grupo ASDL] falou assim pra mim: “C., você tem que aprender a perdoar. Porque a minha filha”, é... acho que mataram a filha dela, né, estupraram, mataram. Eu disse pra ela: “Mas eu não tenho o sangue que você tem”- falei - “eu não tenho o sangue que você tem, E. [participante do grupo ASDL], me desculpe, mas eu não tenho”.</p>	
<p>Porque a minha filha, dentro da minha casa ela tinha amor, ela tinha carinho, ela tinha bens material, hoje, hoje, Michel, pra mim</p>	

isso aí não vale nada. Minha casa não é um espetáculo de casa, mas é uma casa que tem tudo de bom, mas pra mim hoje se você chegar lá e dizer assim... eu faço assim, o meu marido fica só me olhando: ele tinha um tapete enorme. A minha, a minha prima foi lá esses dias e disse: “Nossa, que tapete lindo!”. Falei: “Enrola pra mim?”, ela enrolou. Eu falei: “Você pode levar”. Ela ficou me olhando... ela disse: “Não”. Eu falei: “Pode levar!”. Eu disse: “Gostou?”. “Nossa, achei lindo”. “Pode levar” - falei - “não faço questão disso aqui nada”, falei. “Não é isso daqui que vai me trazer minha felicidade de volta”. / Então ali no grupo eu acho assim que... Michel, eu não sei perdoar, eu não sei perdoar, eu sou assim, se você me fizer alguma coisa, Michel, a única coisa que eu faço, eu me afasto, eu me afasto. Agora eu perdoar, eu não perdoar. Eu não perdoar mesmo.

- E É DIFERENTE A FORMA QUE VOCÊ SENTE DE FALAR ISSO NO GRUPO [EU ACHO BEM DIFERENTE] QUE NA



## TERAPIA?

- É... a terapia aqui pra mim, eu falo o que eu sinto, o que eu acho, ali eu já, como eu falei pra J. [psicóloga], eu venho porque meu marido, ele, sabe, ele me enche muito pra mim vim, porque se eu fico em casa, é, eu to no tablet, ou então eu to lá em cima no computador e ele não quer, porque eu nunca fui mulher de ficar dentro de casa, entendeu? Ele, eu sempre fui mulher de sair, de ir pros bingos, de viajar, de... Então ele fica bravo que eu fico dentro de casa. Ele: “Ai, que bom que você vai! Vai, vai, vai, vai...”, sabe. Ele não, ele é homem de ficar dentro de casa, ele sempre foi, sabe. Eu chego em casa agora, ele tá me esperando no terminal, quando eu chego Michel, se meu filho não vem pra casa, que às vezes ele vai na namorada dele, traz a talhinha, os frios que ele fez, uma garrafinha de vinho pra nós tomar, toma meia taça eu, uma taça ele, e ali fica o resto e joga fora. A gente não é muito de beber assim, nem de jantar a noite, então a gente come uma talhinha de frios que ele faz... ele gosta de

<p>ficar assim, sabe, e pra mim ele inventa de fazer a mesma coisa. Então pra mim, conversando com você, nossa, ou eu com a J. [psicóloga], com a M. [estudante de psicologia], nossa me faz assim, eu falo o que eu tenho vontade de falar. No grupo já não. No grupo, eu falei pra J. [psicóloga], eu falei: “J. [psicóloga], eu venho no grupo por causa do meu marido”. O grupo é bom, mas é... eu vejo assim que perdoar, como a E. [participante do grupo ASDL] fala, perdoar, a S. [participante do grupo ASDL] fala a mesma coisa, que mataram o filho dela, perdoar, eu não perdoo.</p>	
<p>Eu não perdoo que você dê um tapa no meu filho. Nunca, nunca deixei ninguém, não, o dia... o meu irmão pegou meu filho e brigaram os dois entre os dois, sabe, são mais ou menos da mesma idade, e meu irmão começou, ele disse assim: “Te dou um bofetão”. Então eu falei: “Se você for bem homem, se você honra o que você tem entre as pernas, você dê um tapa no meu filho”, falei. “Mas você dá mesmo” – falei - “porque</p>	

<p>você vai dar e você vai ficar caído aqui no chão”, falei pra ele. Minha mãe falou assim: “Credo”. Falei: “Mãe, eu nunca deixei, nunca encostei um dedo nos meus irmãos e nem nos meus sobrinhos”. Eu tenho 24 sobrinhos. Eu falei: “A senhora acha que eu vou deixar um irmão meu bater num filho meu?”- falei - “jamais eu deixo”.</p>	
<p>Ainda no fundo... eu ainda falei, assim, né, pra minha mãe: “Eu jamais vou deixar, sendo mãe como eu sou, eu vou deixar um filho, eu vou dar valor pra um marido, pra um irmão do que dar pra um filho”, eu falei. “Eu não vou, eu não sou dessa pessoa”. Eu quis jogar, Michel, na hora eu não pensei, mas eu quis jogar assim, que ela me desprezou e ficou com meu pai, entendeu? Mas aí depois, Michel, eu comecei a entender, sabe Michel, com a terapia, daí eu comecei a entender. Sabe, que naquele tempo, jamais... é casado, é ficar casado, né? Não pode se separar, não pode é falar nada. E eu já não, Michel, eu acho assim, que eu tenho que falar o que eu tenho vontade.</p>	

<p>E ali no grupo, ah, você tem que falar da filha, chorar e acabou-se, você não pode, assim, ficar má, entendeu?</p> <p>- AQUI VOCÊ PODE FALAR...</p> <p>- O que eu tenho vontade de falar.</p> <p>- O QUE TEM VONTADE.</p> <p>- Sabe, ali você fala só da... Uma que não dá tempo mesmo, né? Você só fala da morte e acabou-se. E não acho que é assim, eu não acho. Eu acho que você tem que falar o que você tem dentro de você, e eu, eu...</p>	
<p>Hoje ainda, Michel, eu disse assim: se eu tiver um prato na mão e eu tiver com tanto ódio como eu tava essa semana, eu joga na parede, faço voar na parede. E meu marido falou assim: “Que que foi?”, é, eu tava com um copo de refrigerante e... Ela tinha paixão pela música que é do... Gustavo Lima, “Aquele meu bebê”, que ele canta lá... é, “se meu bebê, bom dia meu bebê” lá, era a música dela pra ele, sabe? E... me deu tanta raiva, porque... Ela tinha comprado lá e deu pra ele: “Ai, mãe...”. Falei: “Ele gostou,</p>	

filha?”. “Ai mãe, ele gostou”, mas a gente via que ele não... sabe? Daí num dia ela disse assim: “Mãe, queria tanto conhecer, assim, um homem igual o pai, o pai... não é que o pai deixa você fazer o que você quer, o pai confia em você, o pai acredita em você”. Eu falei: “Por quê? O seu não acredita em você, minha filha?”. Você pergunta pra ele, tá na cara, o que que ele tem de atravessado”, né. E aquele dia eu tava assim, começou a tocar essa música que ela tinha deixado o CD lá em casa... [voz de choro] Ai Michel, fiquei com tanto ódio, Michel, com tanto ódio, porque... Ela, ela era assim... é, dengosa, sabe, mas ela: “Ai, eu vou fazer uma lasanha, me empresta aquela toalha que você trouxe da Amazônia lá”, que eu trouxe uma toalha uma vez que eu fui, toda bordada. “Ai, eu quero pôr na mesa, quero arrumar, empresta o castiçal”. Eu falei: “Leva, por mim pode levar”, pra fazer pra ele, sabe, à noite. E... aquela música eu vi que ela tinha comprado e ele não tinha gostado, sabe, sei lá. Aí eu tava com o copo na mão, começou a cantar aquela música, mas Michel, eu fiz voar longe assim,

<p>que escorreu assim, aí depois falei: “Meu Deus do céu, eu não suporto essa música”. Não gosto porque acho que ela quis agradar ele e ele não... sabe? Então eu sento mesmo, sento no, na parede, meu marido só fica olhando, assim. E nunca respondi minha mãe assim, nada, né? Hoje, Michel, eu debato com qualquer um. Com qualquer um eu já mando pra aquele lugar, eu...</p>	
<p>Mas sei lá se eu aprendi a soltar um pouco, sabe Michel, o que tiver preso. Que a J. [psicóloga] ainda disse assim: “Fale o que você quer falar, tudo que você quer falar”, e eu vou falando, sabe Michel? E ali não, ali no grupo você... só fala da morte, morte, morte, não, não é isso que eu quero, falar sobre a morte, quero falar sobre o ódio, sobre a raiva, sobre... Então é isso... Eu venho ali, pode ver que às vezes eu não quero falar. Desde aquela vez que eu falei e... a H. [participante do grupo ASDL], sempre que ela me vê e começa a tirar sarro da minha cara, até o dia que eu mandar ela pra aquele lugar...</p>	
<p>e eu mandei a M. [participante do grupo</p>	

ASDL] esses dias, por isso que eu não vinha muito mais aí, a M. [participante do grupo ASDL] disse assim pra mim: “Ai, C. do céu, arrumei um negócio pra você!”. Eu falei: “É?”. “Ah, você vai melhorar, você vai ver uma coisa, você vai pôr o amor que você tinha pela tua filha lá”. Falei: “Aham, que que é M. [participante do grupo ASDL]?”. “Ah, tem uma cadela que deu cria, eu vou trazer um cachorrinho pra você, você vai por amor que você tinha da sua filha no cachorro”. Falei: “Vai tomar no cu que você ganha mais”, falei só isso pra ela. Porque, eu vou por o amor que eu tinha na minha filha num cachorro, Michel? Uma coisa, é coisa é, o dia que o cachorro dela morreu ela veio: “Ai, porque o cachorro pra mim significava o G. [filho que faleceu]”, filho dela se não me engano. Eu falei: “Ai meu Deus, eu não sirvo pra isso”, Michel, eu não tenho bicho, não, não judio de bicho nenhum! Não judio, mas vou botar o amor que eu tinha na minha filha num cachorro, Michel?! Ela falou, eu falei pra ela, ficou me olhando, falei: “Vai tomar no cu que você ganha muito mais”. Aí ela

<p>ficou assim pra mim... Depois eu pedi desculpa, né? Eu falei: “Meu Deus do céu...”. Mas acho aquilo ali... é... Como é que você vai botar o amor que você tem num filho, num cachorro, Michel? Entendeu, então acho ali um pouco, ali... A pessoa vem... Igual uma outra que veio ali esses tempos, Michel: “Ai, porque tadinha da minha filha”, que se matou, não sei se estudava na faculdade aí, não sei que que... “Ai, tadinha, você vê, era tão comportadinha, ela”, tomou veneno lá, não sei que que ela tomou, remédio, veneno: “Vomitou dentro do carro, e pra não vomitar dentro do carro, ela vomitou assim, do ladozinho”. Ah, para com isso, Michel! Isso aí pra mim não serve!</p>	
<p>Sabe, então eu, é, pra mim a terapia que eu faço com a J. [psicóloga], eu falo tudo que eu tenho vontade de falar, sabe. Eu achei que aquilo ali pra mim assim... é... Como é que eu vou te dizer, Michel, ali, eu acho que um pouco a pessoa vem... Querendo por outra coisa no lugar, querendo tampar o sol com a peneira ali, sabe.</p>	



<p>- TAMPAR O SOL COM A PENEIRA...</p> <p>- Eu acho, Michel, eu acho assim, não que eu to certa, que eu ponho minha raiva pra fora, tendeu.</p>	
<p>Cê vê, Michel, meu pai antes de morrer, ele morreu hoje Hospital do Trabalhador, mas na época que meu pai morreu era um sanatório lá. Meu pai morreu com câncer nos brônquio, e... Um dia, uma noite antes dele falecer, era com freira né, eu tinha internado ele lá, quando cheguei do hospital ele fazia três dias que ele tava internado lá. Eu fui lá, internei ele, quando cheguei em casa, a minha vó, ela dizia assim pra mim: “Você é maldita, você veio só pra infernar minha vida”. Eu disse: “Vó, não dá pra ficar com ele em casa, vó”. Ele fazia [faz barulho de tosse], aquilo mal cheiro, e se eu ia levar comida pra ele, mesmo com 17 anos, eu já tinha 16 pra 17, ia levar comida pra ele, ele ficava com coisa pra fora, Michel. Aquilo ia me, sabe, então eu pensava assim: “Meu Deus, ele tá morrendo, eu não posso fazer nada”. Mas o ódio meu Michel, era pegar aquele prato e jogar na cara</p>	

dele, sabe? Mas eu dizia assim pra ele: “Tá aí sua comida!”, sabe? Aí eu consegui internar ele, falei: “Vó, não dá pra ficar com ele em casa, vó, eu não posso cuidar dele” – falei – “eu não dou conta e a mãe também não dá”.

Tá, daí ele ficou internado, minha mãe foi umas duas vezes lá e eu não fui. Na noite antes dele morrer, era uma sete horas [19:00h], seis horas [18:00h], acho que é por isso que fiquei com raiva também um pouco de andar à noite. Não sei que tudo acontece à noite pra mim. É... lá não tinha telefone, a vizinha tinha, nós deixamos o telefone lá com a vizinha, aí a vizinha disse: “Olha, dona M. [mãe], mandaram chamar a senhora lá no hospital, mas a freira quer a dona C., quer a C., sua filha”. Eu falei pra mãe: “Eu não vou! A senhora quer ir, vai, eu não vou!”. Tá. Minha mãe foi né, minha mãe disse assim... falei: “Que que ele queria?”. “Ah, ele não tá bem...”. Falei: “Ah mãe, mas a gente sabe que ele não tá bem”. Falei, né: “A gente já sabe que ele não tá bem...”. Quando foi de manhã cedo, era umas cinco horas [05:00h], seis horas [06:00h] da manhã, a vizinha

chamou, ela disse, daí minha vó que atendeu, minha vó tava acordada, minha vó atendeu, aí só escutei: “Eu falei que ela ia internar ele, essa mulher veio só pra desgraçar a vida nossa” [voz de choro], aí eu levantei eu falei: “Que foi, mãe?”. Ela disse: “O pai faleceu”. Eu falei: “Ô meu Deus...”, aí a vó gritou né: “Você que é a culpada, você que é a assassina!”. Falei: “Sou mesmo assassina!” - falei pra minha vó - “sou com o maior prazer!”. Falei: “Vocês não sabem que que eu passo” – falei - “que que eu passei já”. Aí virei as costas, daí fui mexer com o serviço... eu... eu que ajudei meu irmão que faleceu né, nós fomos mexer com os papel, aí a comprar caixão, comprar as coisa, que nós não tinha dinheiro, tivemos que... Meu Deus do céu.

Então Michel, eu falando isso aqui pra mim, é bom Michel! Sabe, eu vou pra casa, Michel, eu não passo a noite acordada quando eu vou conversar com a J. [psicóloga], que eu vinha conversar com a J. [psicóloga]. Nossa, eu ia pra casa, eu consigo dormir, sabe, parece que eu consigo dormir,

<p>sabe, parece que saiu aquele peso da minha cabeça.</p>	
<p>Ali eu venho, eu acho assim... Como é que eu vou te dizer... Ci... não acho a palavra certa, mas é tudo assim, ensaiado pra falar, entendeu?</p>	
<p>E... esses dias ainda falei pro meu marido, qualquer hora eu vou pegar a H. [participante do grupo ASDL] e vou perguntar se ela tá em falta, porque ela tá me enchendo o saco, cada vez que ela me vê ela me pergunta se eu já matei meu genro. Vou perguntar se ela quer entrar na fila ou vou dizer alguma besteira pra ela. Então até meio evito, sabe? Eu até meio... evito.</p>	
<p>- E QUANDO VOCÊ FALA COM A J. [PSICÓLOGA]...</p> <p>- Eu, sabe...</p> <p>- VOCÊ ACHA QUE SAIU UM PESO ASSIM?</p> <p>- Sai aquele peso de cima de mim!</p> <p>- POR QUE ISSO?</p>	

<p>- É... Vamos dizer assim, o que eu queria falar pra H. [participante do grupo ASDL] parece que... ficou trancado, ficou sossegado, sabe? Se ela não mexer não, não... sabe. Aí eu vou pra casa, eu faço um chá, às vezes meu marido tá me esperando com uma tábua de frios, então... pão de queijo, porque ele sempre inventa essas coisas, né? Aí a gente conversa, ele pergunta: “Como é que foi lá?”, né? Aí eu explico pra ele, falo, aí eu tento por na cabeça dele, né que, da morte da filha... tá. Pra mim passa, sabe Michel, daí eu durmo aquela noite, na outra noite eu durmo, porque daí desengasgou-se, sabe. Hoje pessoalmente eu quase que mandei, mas olha, me faltou, me faltou pouco. E pra mim, psicólogo, hoje, é muito bom. Eu não vou dizer que não é, que é ótimo, porque pra mim antigamente era pra louco, né?</p>	
<p>Tanto que esse dia eu fui pra Santa Catarina, esse meu primo começou a sacudiar perto de mim, ainda falei: “Para com isso”, eu falei, falei: “Para com isso”, mas ele é meio, ele tá meio bem... Não é que ele tá fora do juízo,</p>	

que se cê der uma nota de cemzão ele não rasga, não. E não come, eu já falei pra ele. E daí a minha tia faleceu esses tempos, que é mãe dele, e as irmã não querem ele. Aí eu falei pras minhas prima: “Escuta, cês já fizeram, é... ele já passou em psicólogo, ele já fez análise? Alguma coisa, porque às vezes ele tem alguma coisa entalada nele”, sabe? “Ah, isso aí não adianta!”. “Olha, não sei não se não adianta, não”, falei. Mas quem sou eu pra falar, né.

- MAS VOCÊ SENTE QUE TEM ESSA FUNÇÃO DE DESENTALAR, ENTÃO, NÉ?

- Sabe, dele desentalar, sabe, ele tem aquilo ali, sabe... Você vai lavar a louça na minha tia, ele tá atrás de você, aí ele abre a torneira, fecha a torneira. E... Eu sempre fui brincalhona, a minha filha era brincalhona com ele também. Aí eu dizia pra ele: “C. [primo], sai de perto de mim!”. Aí a minha prima disse assim: “C. [primo], deixa a C.”, eles não me chamam por C., eles me chamam só por T.: “Deixa a T. em paz, para de

encher”. “Mas ela tá gastando água, ela tá...”, sabe? Ele tem aquelas mania, então talvez se ele conversasse com uma psicóloga, sabe, talvez se ele... eu acho... que talvez a morte do meu tio, ele se sente culpado, tendeu? Porque... Ainda falei, meu tio disse pra ele: “Ô filho, você não vai pedir bença pro pai?”. “Bença o caralho” - ele disse - “bença, bença nada, eu to indo embora!”. E ele se foi pra São Paulo, quando ele chegou em São Paulo, meu tio faleceu. Quando ele voltou, já não deu mais tempo, já tinha enterrado. Depois quando ele voltou ele começou a já... Já voltou meio, sabe? Que, que... O corvo tava atrás dele, mas ele assim, tinha hora que ele voltava assim, tinha hora que ele... sabe? “Aí o pai morreu, eu não... Eu vim pra cá e...”. Eu disse: “Não, você tem que ir pra Joinville, C. [primo], eu vou levar você lá em Joinville ainda, a gente, né?”. Mas ele ficou assim perturbado. Talvez se ele tivesse arrumado um psicólogo, tivesse trabalhado, não. Sabe o que fizeram? Internaram ele lá num Pinel, sabe? Então, lá no Pinel era drogado, era

coisa, não... não tinha psicólogo.	
<p>Você vê, o meu, o meu irmão que é... bem mais novo que eu, acho que quase uns 10 anos mais novo que eu, quando minha mãe faleceu, ele morava com a minha mãe, ele com a mulher, ele entrou na droga. Bom, cigarro era uma coisa, eu sabia que ele fumava, não vou negar pra você, dizer que é mentira, não vou botar um tampão assim, porque não adianta, nós já sabia, ele desde solteiro nós já caçava ele. Mas ele depois casou, melhorou bastante, não usava mais nada, ele nunca foi agressivo, ele sempre foi quietão assim. Minha mãe faleceu, ele era motorista do Expresso... Ele começou a não vim pra casa, minha cunhada me ligou... Aí eu fui caçar ele, eu com minha filha, aí eu falei: “Mas esse miserável tá na droga”. Ainda eu peguei, eu fui falar com ele, aí ele falou assim: “Você é culpada da mãe!”. Eu falei: “Pó parar!” - eu falei - “pó parar! Eu sou culpada não”.</p>	
Eu falei: “Você tava junto comigo, eu dei banho na mãe, eu falei ‘mãe, deixa a porta	



aberta que a senhora não tá boa hoje’, que ela tava se queixando de dor no braço”, eu falei. Mas a gente já tinha levado ela no médico, o médico disse que não era nada, que ela tinha dormido em cima do braço. Eu falei: “Mãe, deixa a porta aberta”, que ela tinha um restaurante ali na... perto do Teatro Paiol, ali onde tinha o antigo Normadin, e eu dava almoço e janta pro pessoal. Eu dizia: “Eu venho posar com a senhora, e já marquei com a doutora T. [médica]” - que eu pagava Unimed pra ela - “e vou levar a senhora na doutora T. [médica] amanhã, e vou posar com a senhora’, e daí deixei ela pra tua mulher”, eu falei. Minha mãe morava na frente, e minha cunhada, esse irmão morava encostada na casa da minha mãe, assim, meio, aí falei pra minha cunhada, falei: “Ó, a mãe não tá boa, deixa ela aqui, depois quando for umas sete hora [19:00h], oito hora [20:00h], cê leva ela lá pra casa, ela já tomou banho e tudo, de manhã vou levar na doutora T. [médica], quero ver essa dor no braço dela”. No fim eu virei as costas, ela faleceu.

[voz de choro] De repente.	
<p>Aí falei pra ele: “Não vem me dizer que sou culpada, vai pra puta que pariu!” - eu falei - “não sou, não senhor”. Eu falei: “Você se meteu na droga por causa de mim também?”, eu falei. “Eu não to!”. Eu falei: “Tá, você tá na pior, você tá na pedra! E sendo motorista de ônibus, carregando um ônibus carregado igual você carrega tudo aquela gente dentro do ônibus” - falei - “você é louco!”. Aí internei. Aí ele saiu, ficou internado seis meses, daí ele saiu, aí... Voltou de novo.</p>	
<p>- C., ESSAS HISTÓRIAS QUE VOCÊ TRAZ DA TUA FAMÍLIA, ASSIM, VOCÊ TAMBÉM TRAZ PRA TERAPIA?</p> <p>- Trago.</p> <p>- E ISSO TE AJUDA...</p> <p>- Bast! Nossa, Michel do céu! Cê nem sabe como. Hoje eu não falo com meus irmão, Michel. Muito difícil! Eu falo só com a minha irmã de São José e com a minha irmã lá de Reserva. Porque... Sabe Michel, eu fui a única, não que eu to dizendo que eu nunca</p>	

pedi nada em troca, mas eu fui é... Desde nova, Michel, eu trabalhava, e meu ordenado era tudo pra minha mãe, sabe? Pra ajudar, porque meu pai, é, ele era jogador, então ele gastava tudo o dinheiro. E nós éramos quatro já adulto e quatro criança pequena. Então vou ajudar minha mãe a sustentar esses quatro pequeno. Então pra mim, Michel, [voz de choro] isso traz, nossa, me tira um pouco a raiva dos meus irmão que eu tenho. Porque quando a minha filha faleceu, eles foram tudo no velório, no enterro, nossa. Eu vim pra casa, nunca mais eles apareceram, Michel, sabe? Nem pra perguntar: “Você precisa de alguma coisa?”. Eu nunca precisei de dinheiro, nada, deles, eu sempre fui à luta, mas... Sabe, Michel? Você queria aquele carinho, aquele... Aquele amor, sabe, então vim um abraço deles, eu não tive, Michel. Então isso pra mim... sabe, eu conversar com a J. [psicóloga], isso pra mim foi ótimo. Que... a dor que eu sinto, Michel, um dia eles vão sentir. E eu desejo isso, não desejo logo, Michel, sabe, mas eu desejo que eu esteja viva pra ver eles ter a mesma dor que eu tive,

<p>entendeu? Então isso pra mim, nossa...</p> <p>- MAS FALAR DISSO NA TERAPIA, TE AJUDA COMO, ASSIM?</p> <p>- Ah! Tirar um pouco o rancor que eu tenho do meus irmão.</p> <p>- SENTE QUE TIRA O RANCOR QUANDO VOCÊ FALA?</p> <p>- Muito. Eu, eu, eu sinto assim, no fundo, pena. Tendeu, Michel? Eu sinto pena.</p>	
<p>Até última vez agora que eu falei com um deles por telefone, com meu irmão mais novo, é... Eu mandei fazer o cemitério da minha mãe, mandei fazer a placa dela e tudo, e... Eu não sei como foi a história lá, que fizeram novamente o túmulo da minha mãe, e sumiram com a placa da minha mãe e do meu pai. Cê vê que eu sou tão ruim, que mandei fazer a placa pra aquela praga lá, eu mandei fazer. E sumiu a placa. E fizeram um túmulo novo. Daí eu tive lá no cemitério, o cara lá disse que não sabia quem foi. Tá, aí eu falei com meu irmão, eu falei: “Você tenta descobrir pra mim quem foi que, que, que...”</p>	

<p>Eu quero a placa da mãe, do meu pai eu não faço questão, mas da minha mãe eu quero a placa dela lá”. Daí meu irmão disse assim: “Ah, num sei pra quê que você quer! Cemitério! Deixa o cemitério lá!”. Eu falei: “Deus ajude!”, daí eu falei pra ele assim pro meu irmão, sabe: “Que você nunca precise”, eu falei. Porque... é no Boqueirão lá, né: “Eu não preciso de lá” - eu falei - “eu tenho o Municipal, se eu não precisasse disso, seria tão bom”, eu falei. “Reze pra você nunca precisar”.</p>	
<p>Esses tempos a menina do meu irmão, ela é minha afilhada, e esses tempos ela foi atropelada, e parece uma coisa, eu tava junto, Michel. [voz de choro] Tava junto não, eu tava perto. Aí quando meu irmão me ligou me falando, eu corri lá, peguei o carro eu corri, cheguei lá ela ainda tava indo pra ambulância. Ainda falei pro meu marido: “Leva o carro que eu vou com ela na ambulância”. Daí o médico ainda disse assim: “Ela bateu a cabeça e tá...”, tava dando coágulo de sangue. Michel, eu não</p>	

acredito mais em nada, nem em espiritismo, nem em Deus. Mas é que me deu dó, sabe Michel? Aí eu falei, eu ainda pedi pros anjos da guarda né, que fizesse, que não deixasse acontecer nada de grave pra ela. Aí eu fiz assim, Michel [som de movimento]: “Ô meus orixá, ajuda essa minha sobrinha”, eu fiz assim, Michel, o meu, o meu nariz, aquilo lavou, sabe, que começou a escorrer assim que o, o... o rapazinho que trabalhava na ambulância, ele ficou assim pra mim... ele falou: “A senhora tá se sentindo bem?”. Falei: “Num...”, e aquilo começou a escorrer, e a cabeça dela começou a esvaziar, Michel, sabe? Aí ele olhou bem pra mim, assim... ele falou: “A senhora tá precisando de alguma coisa?”. Eu falei: “Não”. Aí ele foi, ele ia mexer, eu falei: “Não mexe”, e fiz pra ele assim que não mexesse. Aquilo começou a escorrer, ele, ele formou-se assim, Michel, aquele sangue coagulou na hora, sabe, ele escorreu, assim, ficou aquela vela, assim. Aí eu só fiz assim pro cara me dar um pano, né? Quando acabou, aí eu limpei. E o outro tava dando na rádio que ela ia, tinha que ir lá

<p>pro... pro Hospital do Tabalhador, pra cirurgia, porque tinha pegado a cabeça dela.</p> <p>Aí ela foi... chegamo lá, tudo. Aí eu vi que o cara começou a falar lá né, com o outro médico, que meu nariz tava escorrendo, que ele queria que me atendesse, eu falei: “Não, não precisa não, não precisa, não se preocupe”. Daí ele... esperamo a cirurgia tudo, cabou, daí o médico disse: “Graças a Deus o sangue não tem”... eu falei: “Eu sei que não tem”, falei pro médico.</p>	
<p>Então Michel, assim, precisou, eu sempre tive ali. E na hora que eu precisava de um carinho, de um abraço, Michel, eu não ganhei dos meus irmão. Então isso pra mim falar... Nossa, faz um bem, Michel, que você não queira saber.</p>	
<p>É a noite que eu mais durmo, Michel! Se não eu tenho que dormir à base de remédio. Embora eu to deixando um pouco o remédio, eu to largando. Sexta pra sábado eu não dormi, passei a noite inteira sentada. Se você quer saber os filme que tinha, eu te conto todos eles, sábado assisti Altas Horas, assisti</p>	

<p>é... aquele filme daquele moreno, aquele, não sei se cê já assistiu, ele dá os órgãos dele pra um pessoal que ele acha no jornal lá que tá precisando dar, daí ele pega uma aluna, não sei que que é lá que dá o veneno nele e já tira o, aí ele já tira o... assisti tudo isso aí eu assisto. Eu passo a noite assistindo quando eu não converso, Michel.</p> <p>- E QUANDO VOCÊ FALA COM A JULIA...</p> <p>- Eu durmo!</p> <p>- VOCÊ SENTE QUE CONSEGUE DORMIR, ASSIM, MELHOR?</p> <p>- Uhum! Sabe, porque acho que minha raiva passa, sabe Michel, minha raiva passa.</p>	
<p>E na sexta-feira que você me ligou, [diminui o tom de voz] eu tenho um retrato dela bem grandona assim, ela num... não, ela tá, ela tá de vermelho, esse que tá assim, bem assim na estante, uma tomara-que-caia assim, com uma rosa vermelha, sabe? Ela tinha uns 15, 16 anos, tá lá a foto. Aí eu peguei, disse assim, você acabou de desligar, eu olhei, eu</p>	



<p>disse: “Minha filha do céu” - falei [voz de choro] - “vou falar de você de novo pro Michel”. Aí eu desabei, desabei a chorar, eu chorei, chorei, chorei, chorei, Michel do céu! E isso... era o quê? Umas duas horas [14:00h], acho que né, mais ou menos. Eu sei que daí eu tomei um banho, Michel, [mais voz de choro] embaixo do chuveiro chorei, chorei de novo, aí eu dormi das três e meia [15:30h] por aí, eu dormi até às sete horas [19:00h] da noite, Michel... sabe.</p>	
<p>Se eu falo, assim da raiva que eu tenho por dentro, pa mim é bom, não sei se porque eu guardei tantos anos do meu pai, aí sabe, eu guardei raiva assim da minha mãe... né? Porque ela num foi a meu favor, hoje eu guardo raiva dos meus irmão... Não que, como eu falei pras minhas irmã, eu nunca precisei do dinheiro, se eu não tenho, eu me viro e... eu, eu faço horrores. Eu prometi que ia dar outra Cherokee pro meu filho, to comprando, Michel. Eu me viro, eu, eu não tenho preguiça de trabalhar, sabe. Eu faço viagem, e-eu faço excursão, eu faço qualquer</p>	

<p>negócio, falei. Gosto de viajar, eu, eu procuro dinheiro, mas eu precisava, eu, eu queria assim... um amor. Não que meu marido, coitado do meu marido, ainda falo lá pro pessoal, eu digo assim: “Olha, eu tenho 40 anos de casado, eu escuto todo dia ‘eu amo você’”, sempre ele fala, né? Eu digo: “Mas eu queria um, sabe, abraço dos meus irmão”, acho que por, sabe? Então pra mim falar deles, pra mim é ótimo, Michel, é a melhor coisa que tem.</p> <p>- PODER FALAR DESSE SENTIMENTO DE RAIVA...</p> <p>- Sabe, raiva...</p>	
<p>- ASSIM... E EM RELAÇÃO AO TEU GENRO É A MESMA COISA?</p> <p>- Mesma coisa, Michel. Só que do meu genro, Michel, eu acho assim que ele não... Como é que vou te dizer, ele não foi suficiente. Então aquilo me ferve, sabe, Michel. Me ferve de raiva. Do do meu genro assim, da... eu pus na minha cabeça assim ó, eu to deixando, Michel. Eu to deixando. Um</p>	

dia eu encontro ele. Até, é, semana retrasada que eu fui na minha, no, na manicure, e a manicure conhecia, nossa faz anos que eu conheço ela, aí ela disse assim, ela conversando sobre minha filha, porque minha filha é da idade da filha dela, daí ela disse assim: “Pois é, o J. [amigo da filha que faleceu] ficou com tanta raiva do K. [marido da filha que faleceu]”. Eu falei: “Por quê?” - o J. [amigo da filha que faleceu] era amigo da minha filha que ele era agiota, emprestava dinheiro pra minha filha, pra mim - “porque... era o J. [amigo da filha que faleceu] que queria comprar a pizzaria e... o K. [marido da filha que faleceu] não vendeu pra ele, vendeu pra um outro e hoje eles moram perto e não se falam”. Aí eu falei pra ela: “Então você sabe onde ele tá, você é bem sem-vergonha”, eu falei pra ela. Ela baixou a cabeça e não falou nada. Eu falei: “Onde é que o João [amigo da filha que faleceu] tá morando?”. “Ai, eu não sei...”. Eu falei: “Não precisa falar” – falei - “não precisa falar”. Falei: “Ó, faz... faz 15 anos que eu conheço você” - eu falei - “hoje você acabou de perder

uma cliente”. Levantei da cadeira, falei pra ela: “Você acabou de perder uma cliente” – falei - “porque você sabia onde ele tava e você nunca me falou onde ele tá”. “Não, não é isso, é que... é que hoje não se fala...”. Falei: “Não, você acabou de perder uma cliente” – falei - “não sou mais sua cliente”. Falei: “Não sou mais”. E ela sabia onde ele tava. E eu já, eu, eu andei caçando ele, várias vezes, mas ninguém sabe onde ele tá. Pergunto pra um, não sabe, não sabe... Eu falei, aí eu pus na minha cabeça: “Não tem problema, não precisa vocês falar pra mim onde ele tá, eu vou encontrar ele, uma hora eu encontro”. E... No fundo, sabe Michel, eu peço assim que na hora Deus me segure. Mas... ao mesmo tempo, Michel, eu quero que a mãe dele passe a mesma coisa que eu passei. Que eu passei pela minha filha. Porque minha filha deu amor pra ele, porque minha filha deu carinho pra ele, e ele não soube retribuir. Nem a mãe dele, nem as irmãs dele não foram no velório, não foram no enterro... sabe? Então pra mim falar, nossa, Michel do céu, você não sabe como é

bom. Quando eu saio daqui, eu saio até meio feliz, sabe? E não saio [ênfase] feliz assim, porque felicidade pra mim faltou minha filha, / e aprendi a pôr na minha cabeça, Michel, que a morte, a minha filha não morreu, minha filha vai voltar, minha filha tá só viajando. E eu to pondo isso aí na cabeça do meu marido e do meu filho. Até meu filho agora tá entendendo melhor.

Ainda hoje falei pra ele: “Você vai arrumar sua carteira de motorista que tá estragada”. Eu vou lhe dar um presente. Ele ficou me olhando... Ele tem um Golzinho dele. Mas ele, toda a vida, a paixão dele foi a Cherokee, né? E meu marido encheu tanto, que meu marido ficou com medo, né, eu vendi a Cherokee dele. Agora to comprando uma verde pra ele. Eu eu sempre fiz, Michel, pros dois, eu fiz tudo que eu nunca tive na vida, Michel, eu dei pros meus filho. Eu nunca deixei ninguém pisar em cima dos meus filho, agora vem um miserável daquele pra pisar? Não, ele vai ter o que ele merece. Ele tem filho, sabe, a minha filha não tinha, mas

ele tem com outra mulher. Esses tempos ainda eu falei: “Ele não sabe a dor que é perder um, uma filha, eu falei. Ele vai, um dia ele vai encontrar o dele”. Mas eu jamais faria uma coisa pros filho dele, jamais. Quero fazer pra ele. E ele é cagão, ele, nossa senhora, ele tinha um medo de mim, que se pelava. Tanto que ele vendeu e se mandou-se embora. Que a mãe dele é de São Paulo, não sei aonde que é, que eu nunca fui na casa deles lá, né? E minha filha, quando ela chegava, ela dizia: “Ai, que fui lá... São Paulo”. Eu falei: “Não quero nem saber de cacete lá”, eu dizia, eu nunca soube onde ele morava. Sei que é São Paulo. Aonde que é, eu não sei. É São Paulo. Nunca, eu vi o pai dele que veio no casamento dela tudo, mas eu nunca perguntei o nome dele. Nunca perguntei.

Então a terapia pra mim é isso aqui, a psicóloga pra mim hoje, vou te dizer o quê, Michel... Ai, é uma coisa assim que... É uma amiga que eu nunca tive. Tendeu? Vamos supor, você, a J. [psicóloga], a... aquela outra

<p>menina...</p> <p>- A M. [ESTUDANTE DE PSICOLOGIA]?</p> <p>- A M. [estudante de psicologia], é meu assim, que não é psicólogo pra mim, cês são amigos, que cês me escutam que que eu quero falar, né? E ali morre o assunto, e não sai aquela, sabe, aquela fofocarada. Se você for, se eu for falar pras minhas irmã...</p>	
<p>Bom, a minha irmã já disse assim pra mim: “Ela tá no...” - que minha irmã é carola, que Deus o diga, só que eu deixo ela, sabe, ela fala - “ai, a S. [filha que faleceu] tá no colo de Jesus”. “Na puta que pariu de Jesus” - eu falei - “não no colo de Jesus, na puta que pariu”, eu falei. “Precisa de muito colo pra botar essa gente que morre, porque você não sabe, você ir no hospital Erasto Gaertner, você ver uma criança, se Deus existisse, não existia as criança morrendo não” - eu falei - “você vai no hospital? Você nunca foi no hospital Erasto Gaertner pra você ver uma criança: ‘Tia, você sabe que que eu ganhei de presente da minha madrinha?’. Eu falei: ‘Não, amor’. A minha filha foi consultar lá</p>	

uma vez, ela disse assim, ela abriu a caixinha assim: ‘Olha aqui, tia’. Eu falei: ‘que que isso?’. ‘É meus olhos tia... porque o bichinho comeu esse aqui, e ela me deu esse aqui pra mim por aqui agora’”. Porque o câncer tinha comido os olhos, sabe, e a madrinha deu uns olhos de vidro pra ela. [voz de choro] Então aquilo, Michel, você vai, você vai, sabe, vai, vai, vai te machucando. E eu dizia assim, minha filha não tem essa doença, minha filha não tem essa doença, minha filha não vai morrer, não vai morrer, não vai, não vai, não vai, não vai. No fim, não me escutou, sabe? Então por isso, Michel, eu falo pra J. [psicóloga], eu falei: “Não entro numa igreja!”. Vou lá no Carmo, na quarta-feira ajudar o pessoal no brechó lá, mas Michel, eu não entro em outra igreja. Porque eu acho que aquilo ali foi... pra mim, Michel, aquilo ali... foi falsidade do mundo. Igual o mundo é falso hoje, mesma coisa. Aquilo ali foi uma falsidade enorme, da igreja. Então eu vou lá, ajudo elas lá, vamo lá fazer lanche, o... Então marca um chá, eu vou lá, mas eu não entro em outra igreja, Michel! Não entro. Eu fui



<p>pra... Nossa Senhora Aparecida esses tempo, também. Eu não entro em outra igreja, Michel. Não entro. Eu vou lá, eu entro naquela feira lá, faço compra, faço bagunça, mas eu não entro, porque eu acho aquilo ali pra mim tudo falsidade, tudo.</p>	
<p>E... no fundo, Michel, eu vou te dizer uma coisa, assim, eu acho que ali na reunião, eu acho que tem muita falsidade. Sabe, Michel? Cê falar: “Tadinha da minha filha, talvez ela não queria...” - talvez a pessoa põe aquilo na cabeça, sei lá - “ai, ela não queria vomitar no carro, no chão, vomitou assim do ladinho, morreu”. Então, eu não sei que que é o luto então, Michel. Porque pra mim o luto é tão doído, Michel. Eu acho que a pessoa falar, falar isso,</p>	
<p>a S. [participante do grupo ASDL]: “Ai, eu, é...” - ela mostrou a nota que ela tem de um real, né? Pegou bem assim, tem um furo - “ai, tá aqui guardada, mas eu perdoo”. Falei: “Eu perdoar? Eu mato um miserável que fazer uma coisa com o meu”, daí todo mundo ficou quieto.</p>	

<p>Então eu acho assim, que eu falo pra você, pra M. [estudante de psicologia] e pra J. [psicóloga], eu to sendo sincera, tendeu? Eu to falando o que eu sinto, Michel! E ali eu não posso falar o que eu to sentindo.</p>	
<p>Eu já vi que... me acharam... com cara de... Pet shop. Porque queria me dar um cachorro. Eu não gosto de animal. Outra me tira sarro da minha cara porque quero matar meu genro. Já até: “Cê num veio esse mês, achei que cê tava, cê matou teu genro”. Eu falei: “Não saiu na Tribuna ainda”. Então eu acho ali meio... sabe? Igual eu fui ver pra estudar pra psicologia aqui, que tem pra terceira idade, né, que tem esse curso aí. Achei aquilo ali muito... Pra mim não é o que eu quero.</p>	
<p>E, pra mim a J. [psicóloga], nossa, a J. [psicóloga] foi ótima! A J. [psicóloga] abriu pra mim assim, minha cabeça, assim, mil, minha cabeça.</p> <p>- COMO ASSIM, “ABRIU MINHA CABEÇA”?</p> <p>- Abriu minha cabeça assim, é... Pra mim</p>	

entender a morte da minha filha, entendeu, Michel? Pra mim entender. Então eu pus assim na minha cabeça que ela não morreu. Ela tá viajando. E... sabe, eu não choro tanto mais, Michel, assim, sabe? Antes eu chorava todo dia, hoje eu já não choro, hoje fico quieta, eu já posso falar sobre meu pai, eu já falo sobre meus irmão, que antes eu ficava quieta, não falava nada. A raiva que eu tenho, joga na parede, joga mesmo, sabe, quebro mesmo. Pra mim, pra mim... Tanto faz como tanto fez. Não tem problema.

- A TERAPIA TAMBÉM TE AJUDOU A ENTENDER A MORTE, NÉ?

- Uhum, enten... sabe. Então... eu...

Outra coisa, Michel, [voz de choro] chegou na morte da minha filha... Eu tinha medo de, de ficar sozinha. Que eu achava que a morte ia me achar, sabe? Então eu comecei a sair pra, pra... que a morte não ia me achar eu no meio do povo, tendeu? Cê vê, isso hoje eu já, né... É bobagem. Pra mim isso aí foi, pior, mas eu pus na minha cabeça, que a morte ia me achar. E... Daí foi que eu descobri, que eu

<p>tava com problema de, de... da tireóide, tenho tireóide, é... Eu tenho diabetes, com a morte da minha filha me arrumei diabetes, fui descobrir que eu tenho cirrose hepática, não sei se peguei no hospital com a minha filha, não sei se eu peguei antes, não vou te dizer, porque eu nunca tive hepatite. Eu tenho a, a... Não desenvolveu, como o médico disse, mas eu tenho, uma hora ou outra, ela vai se desenvolver.</p>	
<p>Só que eu acho assim, Michel, nem o meu marido nem meu filho precisa saber. Tendeu? Eu conto pra você e conto pra J. [psicóloga], ou conto pra M. [estudante de psicologia], já é o suficiente pra mim. Tendeu? Eu acho que é... Vocês me escutam, então eu falo, eu contei pra J. [psicóloga] que eu tinha tudo isso, a J. [psicóloga] disse: “E teu marido?”. Falei: “Não precisa saber”. Nem meu marido, nem meu filho, e nem minha filha ela soube que eu tinha. A hepatite, cirrose né, cirrose hepática que chama. Eu falei, eu fiquei mal um dia no hospital, o médico foi ver, ele me pediu os exames, eu fiz lá, daí ele falou pra</p>	

<p>mim, ele disse: “A senhora não sente nada?”.</p> <p>Falei: “Não”. Ele disse: “A senhora tem cirrose hepática... A senhora teve hepatite?”.</p> <p>Falei: “Não, nunca tive hepatite. E também não quero saber”. Falei pra ele. “Mas...”.</p> <p>“Não quero saber como tá. Tá aqui, deixe que tá” – falei - “tá aqui”.</p>	
<p>Daí, a minha tireóide, ela, aí o médico me explicou, que minha tireóide, por isso que eu tava com depressão, teve a morte da minha filha, depressão, eu tinha medo da morte. Porque eu perdi minha filha e ficava com medo da morte. Tendeu, que eu ia perder meu filho, ia perder... E eu comecei a me esconder, não ficar sozinha dentro de casa. Eu tinha que sair pra fora, eu tinha que tá no meio de bastante gente, que a morte nunca ia me achar.</p>	
<p>E isso aí, com a J. [psicóloga], hoje eu não tenho mais, sabe. A J. [psicóloga] trabalhou sobre isso aí... Hoje eu não tenho mais. Então pra mim, eu... O médico pra mim, é médico. Só que com a J. [psicóloga]... é... nossa! É mil vezes melhor que médico. Porque um</p>	

<p>médico, ele já chega, ele num... ele num deixa cê conversar. Com a J. [psicóloga] não, com a J. [psicóloga] eu contei, conversei, e... sabe? Eu acho assim, que pra mim, a terapia foi o ótimo, excelente, sabe? Eu acho nessa opinião, sabe?</p>	
<p>Então, aqui, acho meio... cê não pode falar muito assim. Uma porque... Cada um tem a sua dor, né, é o que vocês falam né, cada um tem sua dor, cada um tem seu jeito. Meu jeito é esse, eu mando pra aquele lugar, eu xingo, se eu tiver uma coisa na parede, eu joga, faço avoar mesmo, e... corro atrás. Corro na luta, / então, pra mim, psicólogo hoje é melhor do que um médico.</p>	
<p>Agora, a primeira vez que eu fui num psicólogo, foi assim que minha filha faleceu... C. [psicóloga] é o nome dela, até tenho o cartãozinho dela, não sei onde que eu pus lá em casa. Ela disse pra mim: “Cê tem restaurante, isso que cê falou?”. Falei: “Tenho... não é restaurante” - falei - “é cozinha industrial”. “Ah, porque eu tenho restaurante, não sei o quê...”. Eu fui falar do</p>	

<p>meu problema, e ela me falou, sabe, dela, aí eu achei aquilo ali... Ainda falei pro meu marido: “Eu num vou na puta que pariu nenhuma” – falei - “ninguém sabe que que é uma dor”, falei. Me falar em restaurante. Então, a primeira experiência que eu tive com psicólogo, foi com ela, com essa C. [psicóloga]. Não gostei.</p>	
<p>Depois que eu peguei a J. [psicóloga], aí eu, sabe, eu vi que eu comecei a conversar, falar, me abrir coisa de 50 anos atrás, pra mim foi ótimo. Foi excelente, sabe. Então eu acho que psicólogo pra mim, eu acho ótimo.</p>	
<p>Tanto que eu queria fazer a cabeça das minhas prima pras minhas prima levar o meu primo lá, né? Só que eu acho que o dele já faz tantos anos já, que ele não... Não vai melhorar nunca, mas talvez ele se abria um pouco.</p> <p>- QUER ACRESC... OPA, DESCULPA!</p> <p>- Porque agora com a morte da mãe dele, ele ficou mais ainda, tendeu. Ele ficou mais ainda. Ele ficou mais... Mais perturbado</p>	

<p>ainda. Agora, não sei. Quero ver se eu volto semana que vem pra lá, antes do Natal, quero ver como é que ele tá.</p>	
<p>- QUER ACRESCENTAR ALGUMA COISA, C.? SOBRE A TERAPIA...</p> <p>- Não, foi ótimo, você viu que eu não chorei tanto. Hoje, não, sem brincadeira, porque a primeira vez que eu vim falar com a J. [psicóloga], eu não conseguia falar, só chorava. A segunda também, mas aí já foi melhorando.</p>	
<p>Hoje já... me dói um pouco quando falo da minha filha, porque... Michel, você é um menino que eu falo pra você, você tem a vida inteirinha pela frente. Então você tem sonhos! A minha filha também tinha sonhos. E... acho que você é noivo, né?</p> <p>- UHUM...</p> <p>- Quer dizer você com a sua noiva fazem sonhos, vocês sonham, vocês tem, planejam um monte de coisa. E minha filha... Talvez ela planejava com ele, porque... tanto que ela disse: “Mãe, eu quero ir pra um</p>	



<p>apartamento”. Falei: “Filha, dá um tempo pra mim vender essa casa... dá um tempo pra mim pensar...”, sabe? Quer dizer, ela, o sonho dela não... Sabe? Ela tinha sonhos, não ele, ela tinha sonho. E eu acho isso aí então... sabe? Ela não teve a chance que muita gente, que ele hoje tá tendo lá sozinho, né? Quer dizer, sozinho não tá, que ele deve tá com outra já, né?</p>	
<p>Então eu acho assim, que pra mim, nossa, é ótimo, Michel, cê nem queira saber como é ótimo. Eu vou pra casa hoje, sem brincadeira nenhuma, vou aliviada, Michel. Porque eu falei, sabe, o que eu tinha que falar, sabe? Então, eu acho assim, que pra mim é muito bom.</p>	
<p>Então... cê vê, essa semana passada eu to lutando o negócio da casa da minha filha, eu to lutando lá no negócio, e to lutando com o médico porque eu peguei tipo uma cistite. E eu já fui no médico toda semana e toda semana e toda semana ele manda fazer exame. Amanhã eu tenho médico de amanhã, eu vou mandar o médico tomar no cu, juro</p>	

<p>por Deus. Eu vou mandar aquele médico praquele lugar. Porque... o remédio que ele dá não tá adiantando porcaria nenhuma. E... aí uma senhora bem de idade, conversando com ela, e ela me disse: “Não, filha, esse teu é assim assim, assim, cê lava com isso e isso”. Cabou, Michel, tendeu? Então um médico pra mim hoje não serve pra nada. Eu fui porque meu marido começou me encher, né: “É, que cê pegou isso aí aonde se você, talvez foi no ônibus de viagem, ou esses hotel que a gente fica, né? Eu falei: “Pode ser”, falei. Pode ser, não vou dizer que não, e eu vou no médico e o médico: “Não, dona C., não é esse fungos que você pegou, tem que ser outro fungos, toma esse remédio e espera mais uma semana”, e amanhã eu tenho médico. E eu fiz exame terça-feira. Então amanhã é o dia que eu tenho médico amanhã de volta pra ver o resultado. Mas vou mandar ele praquele lugar, falei pro meu marido. Falei, não tenho paciência mais, Michel.</p>	
<p>E sei lá, eu com vocês, assim, converso, eu posso passar uma tarde inteirinha</p>	

<p>conversando, Michel, sabe? E... Agora, com um médico, ele só olha assim. Ainda digo assim: “O senhor tem filho?”.</p>	
<p>Ah, ele falou assim pra mim: “Dona C., será que não foi o sistema nervoso que deu cistite na senhora?”. Falei: “É, já faz três anos quase que minha filha morreu, será que agora que tá me dando é... sistema nervoso?”, falei pra ele. Levantei da cadeira e saí, Michel. Vou falar o quê? Se faz três anos, vai fazer em março, se faz três anos que minha filha morreu, agora que vai me atacar o cistite de sistema nervoso? Ah, não é... Não vem pra mim dizer que é, porque não é. Então eu já mando já.</p>	
<p>Mas graças a Deus pra mim a conversa, sabe? Uma que eu já gosto de conversar, né, Michel. E outra que pra mim é ótimo, nossa. Hoje é o dia que eu vou pra casa, eu chego em casa tomo um banho, assisto uma televisão, jogo um pouco de paciência, se ninguém me ligar me perturbar. Aí eu durmo que vou uma beleza, não precisa tomar o Rivotril. Se não eu tenho que tomar o</p>	

Rivotril,	
<p>e eu to já faz duas semanas que eu larguei de uma vez, Michel, não consigo dormir. Eu tenho passado a noite sentada. Aí meu marido fala assim: “Cê dormiu? Eu dormi, não vi se você...”. “Eu dormi a noite inteira!”. Ele olha pra mim, ele diz: “Aham, eu vi que cê dormiu”. Falei: “Dormi!”. Agora em casa é assim, a televisão tem que ficar ligada, se eu desligar, não vai também. Depois que minha filha morreu, nossa televisão tem que ficar ligada pra mim ter alguém que eu to escutando. Acho que ficou na minha cabeça, sei lá.</p>	
<p>- ACHO QUE DA MESMA FORMA QUE VOCÊ DISSE QUE FICA ALIVIADA DE FALAR, ASSIM, A... EU FICO FELIZ, NÉ, DE PODER ESCUTAR, EU FICO MUITO FELIZ TAMBÉM, MUITO GRATO DE VOCÊ PODER DAR ESSE RELATO QUE É MUITO IMPORTANTE PRA GENTE QUE TÁ TENTANDO ENTENDER O LUTO, A CLÍNICA DO LUTO, NÉ?</p> <p>- É, como vocês dizem, né Michel: cada luto</p>	

<p>é um jeito, né? Só que eu acho que, todo mundo acho que, sei lá, o luto pra todo mundo é difícil, Michel. É difícil. Que você se enterrar uma mãe... Você já tá, você sabe que isso aí já é, né, de praxe, de vida. Mas você enterrar um filho, Michel...</p>	
<p>Por isso que eu digo, é, como que é o nome daquele rapazinho de barba...</p> <p>- O J. [ESTUDANTE DE PSICOLOGIA]?</p> <p>- Não, não, aquele meio ruivo... J. [estudante de psicologia]? J. [estudante de psicologia], é, é, eu disse: “J. [estudante de psicologia], você falou pra sua mãe que você ama ela?”. Ele falou: “Já”. Eu falei: “Não, não já” - eu falei – “pelo jeito você nunca falou”, porque meus filho... a minha filha, ela dizia: “Ô piriguete, eu amo você, piriguete...”. Eu falei: “Sempre diga pra sua mãe que você ama, porque, sabe Michel, eu vou me deitar, eu escuto às vezes ela dizer: “Mãe, eu amo você”, porque ela sempre, sabe, sempre me dizia. “Mas eu amo mais”. Meu marido é careca, né: “Eu amo mais o careca, eu amo mais meu pai. Você, hora que você ficar</p>	

velha, eu te ponho você num asilo. Meu pai eu cuido”. Que ela sempre foi puxa-saco do pai dela, né? Então eu sempre digo pra, pra, né, pra essa piazada de hoje, vocês assim, né, já que você ama teu pai, tua mãe, porque na minha adolescência jamais ia falar isso pra minha mãe, pro meu pai, jamais que eles davam o direito de falar, né? E eu não, eu sempre dei direito, o meu filho, Michel, tem 34 anos, olha só, os amigo dele fica bobo de ver: “Como é que você fala isso pra sua mãe?”. “Ah, não sei porque, que que você tá achando”. / Ele diz assim: “Mãe, reza pra mim hoje comer uma boceta bem gostosa hoje”, bem assim, Michel, ele fala. Os amigo dele tudo dá risada. Aí eu disse assim, mas é, sabe o que é? A gente foi... fala o que você tem vontade de falar, e né, e ele sempre, sempre foi de falar. A menina dizia assim, tanto que quando ela perdeu a virgindade primeira vez, ela veio assim... falei pra ela: “Que que aconteceu?”. “Ah, nada, mãe”. Falei: “Aconteceu alguma coisa”. “Nada, por quê?”. E ela saiu pra trabalhar. Quando ela voltou, eu falei pra ela, ela tinha 15 pra 16

anos: “Acho bom você contar pro seu pai, pra mim você não precisa nem contar, mas conta pro seu pai”. “Tá louca, mãe? Eu não vou contar isso pro meu pai que ele vai me matar!”. Falei: “Então tá bom” - eu falei - “não engravida”. Falei: “Você quer comprimido? Você quer camisinha? Eu compro” – falei - “vou na farmácia e compro”. “Não, mas você sempre falava disso, eu já comprei antes”. Falei: “Ah, então tá bom”. Então os amigo do meu filho sempre dizia assim: “Como é que a senhora deixa ele falar isso pra senhora? Olha o que o Alexandre fala...”. “Mãe, eu já to indo, não esquece de rezar por mim, hein?”, ele fala bem assim. Mas é que sempre a gente teve conversa, a gente sempre foi aberto pra ele... No meu tempo, Deus o livre, Deus o livre se minha mãe me escutasse falar isso. Minha mãe...

Então, sabe Michel, hoje eu tenho raiva quando alguém fala: “Ah, porque aquele lá é vagabundo, vagabundo”. Eu digo: “Não...”. O dia que eu fui lá na casa da minha filha,

tava brigando com a mulher lá que entrou na casa da minha filha, falei pra ela: “A senhora é uma vagabunda!”. Eu disse assim pra ela, ainda fiz assim, Michel, falei: “Desculpe”. Eu quis falar vagabunda, mas não de vagabunda, porque essa palavra vagabunda pra mim, Michel... tinha... sabe? Parece que tava enterrando uma faca no meu coração quando meu pai me dizia: “Você não passa de uma vagabunda, tá morando lá em Santa Catarina”. Aí eu dizia pra ele: “Tanto que essa vagabunda te traz o dinheiro aqui pra você jogar no mês pra você pagar os cara que você deve. Só que eu trabalho honestamente no laboratório, eu não sou vagabundo”. E sabe, essa palavra pra mim me liga muito, sabe, que ele dizia: “Essa daí é uma vagabunda!”. Então eu ensinei meus filho nunca a chamar ninguém de vagabundo, e o dia que eu fui brigar com a mulher lá que entrou na casa da minha filha, eu disse pra ela: “A senhora é tão vagabunda que a senhora veio aqui ver a casa”. Aí depois eu fiz assim, Michel... Eu falei: “Ai que palavra mais pesada”, Michel, de chamar os outros



<p>de vagabundo. Então eu não admito que chame assim: “Ah, porque é vagabundo”.</p> <p>Não, vagabundo no termo de serviço: não quer trabalhar. Não naquele termo pesado, sabe?</p>	
<p>Então sempre fui aberta com meus filho. E eu não tive essa chance nem com meus irmão aí, Michel. Nem com meus irmão. Ainda falei, ainda comento sempre com a J. [psicóloga], né? Eu digo: “Nem com meus irmão eu tive chance”.</p>	
<p>E ajudei, Michel, ajudei bastante eles. “Ah, porque não tenho dinheiro pra pagar a luz”, a C. paga... “Ai não tenho dinheiro pra fazer isso”, a C. dá... “Não se incomode”. Eu tinha loja, eu tinha mulherada que vendia roupa pra mim, então eu tinha dinheiro na época, sabe Michel? Então eu não me incomodava de emprestar. E hoje eu cobro... Eu não cobro deles, sabe, mas eu cobro de mim. Depois é na hora que eu mais precisava dos meus irmão, eu sempre tive ali na hora do dinheiro, eu não precisava do dinheiro, Michel, eu precisava dum ombro, sabe? Escutar eu</p>	

<p>chorar, escutar eu falar da minha filha, e eu não tive. Eu fui encontrar isso com vocês aqui, isso eu digo pra você e assino embaixo. Eu consegui encontrar isso, Michel, foi aqui dentro, com a J. [psicóloga], e com a M. [estudante de psicologia], que foi as duas primeira, que me consultavam. Então... Eu não posso falar mal do psicólogo porque pra mim foi a melhor coisa que me aconteceu, tendeu?</p>	
<p>Só que... é como eu digo, lá dentro no luto pra mim não resol... não tá resol... sabe, eu só vejo assim,</p>	
<p>eu escuto as mulherada falar, que é que perdeu a filha, eu digo: “Nossa, que dor que deve ser, né?”. Ai meu filho, derrubaram ela do prédio ali, ela é minha vizinha assim, da quadra de trás. Eu falei pra ela um dia, ela não gostou: “Ah, eu venho falar da morte do seu filho, eu moro ali”. “Eu não moro lá!”. Eu falei: “Tá bom, não mora, não mora, pronto acabou. Eu ia convidar uma turma pra nós ir lá na sua casa”, porque ela não quer comer, ela não quer beber, ela não quer nada,</p>	

<p>não quer trabalhar. “Mas morreu aqui”, falei.</p> <p>A senhora não quer um ombro, não vou lhe dar. Porque na hora que você precisa, o que mais você precisa é um ombro, você não quer dinheiro, você quer um ombro, Michel, um ombro.</p>	
<p>Ainda vi que falaram assim pra mim: “Nossa, você fez o enterro da...” - tadinho do meu sobrinho que tem 10 ano - “mãe, você viu..”, que minha filha adorava ele, porque ele tem idade do meu neto né, que a gente não... Tem o neto por ter, porque não conheço, pouco vi, porque... Ele disse assim: “Mãe” - meu sobrinho falou pra minha irmã - “você viu aonde a S. [filha que faleceu]”, ele chamava ela de S. [filha que faleceu], “onde a S. [filha que faleceu] tá morando? Vai ficar morando, nossa ai que palacete que é!”, o Municipal lá, né, mas é do meu sogro, né? Aí eu disse assim... ainda falaram assim: “Nossa, mas você gastou, né?”. Falei: “Não, eu nunca pedi dinheiro pra ninguém pra fazer o enterro da minha filha, não precisei de dinheiro”. Aí uma irmã minha tava lá junto, falei assim:</p>	

<p>“Se você não sabe, aqui é do meu sogro, lá no Municipal era da minha mãe, ô, no Boqueirão era da minha mãe, aqui é meu, mas é da minha mãe, e se você não sabe, eu tenho plano funeral e você e teus filho tá aqui no meu plano”. Minha irmã ficou me olhando... Então, sabe, Michel, não que eu dei aquilo pra ela e eu queria... Não, eu só queria um ombro amigo, sabe?</p>	
<p>E às vezes, sabe Michel, que foi tão bom não ter esse ombro amigo, que lá eles não me deram, porque eu vim pra cá, Michel, eu tirei coisa de quase 50 anos, Michel, que tava dentro de mim, tendeu?</p> <p>- VEIO PRA FALAR DO LUTO E ACABOU FALANDO SOBRE COISAS QUE...</p> <p>- Isso, cabei falando as outras coisas, sabe?</p>	
<p>Então pra mim, Michel, foi ótimo. Às vezes eu digo assim... As minhas irmã vai lá em casa, essa de São José, e essa de Reserva, até nós brigamo esses tempos, porque... Ai! Não sei que que foi fazer nos mato lá, eu não</p>	

gosto de mato. E... Mas eu falei: “Eu não quero nada, não preciso de dinheiro” – falei - eu dou meus pulo, eu corro pra lá, corro pra cá, eu dou meus pulo, mas o que eu queria era um ombro pra mim chorar da morte da minha filha, e eu não tive. Então nós somos amiga, ainda minha irmã disse: “Ai, quando é que você vai pra praia?”. Eu disse: “Nem sei quando é que eu vou pra praia”. Ainda meu marido falou assim esses dias: “Sabe que cê vai fazer? Vai acabar o teu, o negócio que eu tenho lá, do Carmo lá, pra ajudar as mulher que acaba dia 13, e você vai, vai pra praia, vai ficar na praia. Aí quando for dia 24 eu vou com o A. [filho]. Aí minha irmã disse: “Ai, queria ir junto, posso?”. Eu falei: “Pode, não tem problema”, ainda falei pro meu marido, falei: “Claro que pode. Luz, água, comida de graça, e casa de graça” – falei – “que bom, que coisa boa que é, né?”. Aí depois: “Nossa, como sou ignorante falar isso, falei. Meu Deus, né? Mas é que, sabe Michel, me dá raiva porque, porque eu falo pra você, eles precisam de mim, porque que eu precisei deles e não me ajudaram na hora?

Igual ela falou: “Nossa, cê veja o túmulo da S. [filha que faleceu] que você fez, você gastou um monte”. Falei: “Não, não gastei nada, porque o túmulo lá é do meu sogro e da minha sogra. Eu só mandei fazer novo. E o plano” – falei – “e eu tenho plano funeral”, eu falei. Ainda falei pra ela, eu falei, porque ela é viúva, né? É ela e os três filhos, né? Então eu fiquei com pena né, que se eu fizesse só pra mim, pro meu marido e pros meus dois filho, era pra 12 pessoa, falei: “Não, então vou por essa minha irmã”. E a minha mãe tinha, que eu pagava, mas era plano do meu irmão, né? Aí eu pus essa minha irmã com as criança. Falei: “Não. Que que você tá tão preocupada, né?”, falei. “Se você não tivé onde você enterrar” – falei – “você enterra aqui”, eu falei. “Não vai nem comprar caixão que você e teus filho tão no meu luto lá”. Ela ficou me olhando, assim... eu nunca cobre nada ela, ela ficou me olhando assim, daí ela, ainda falei assim: “Até por sinal preciso te dar uma cópia” – falei – “pra você ficar”, eu falei. “Porque se eu morrer antes, eu sou a tutora, sei lá como

chamam lá” – falei – “e eu preciso deixar uma cópia pra você”. Ela ficou me olhando, falei: “Não, já vai fazer uns cinco anos, seis anos, que eu tenho esse luto. Paguei dois anos e agora to pagando uma vez por ano. Não se preocupe não, que to pagando pra você: é você, os três filhos teu”. Agora, o marido dela, ela que se vire com o marido dela que ela arrumou, novo lá. E eu... Assim, é o que eu penso, sabe Michel, então nunca quis ai dinheiro.

Hoje pra mim, dinheiro hoje eu corro atrás, não vou dizer que não, mas pra deixar pro meu filho, tendeu? Mas também eu falei, eu falei pra ele ainda hoje ainda, falei: “Ó, toma jeito, porque você também não quer tomar muito jeito” – falei – “porque a casa da sua irmã é só o juiz assinar a ordem de despejo dele”, eu falei. “Eu vou vender. Você toma jeito, porque... Vai comprar um apartamento pra você, vai se virar, rapaz”. Mas depois eu pensei assim: “Pra que?”. Eu tenho esse grande sobradão enorme de 200 e pouco metro quadrado, eu não tenho pra quem

<p>deixar. Eu ia deixar pra minha filha né, que ele ficava com a casa pra ele, mas não tem pra quem deixar, vai ficar pra ele mesmo. Depois que eu vim ali no ônibus, eu tava pensando, falei: “Nossa, que bobagem, corri tanto atrás de casa, tem a casa da praia...”.</p>	
<p>Não tinha, nunca comprei uma só, Michel, se eu ia comprar era duas, uma pra ela e uma pra ele. Sempre. Sabe. Então quando comprei a casa na praia, comprei duas na construtora. Comprei uma numa quadra, outra noutra quadra. Uma pra ela, uma pra ele. E aqui tinha o sobrado e tinha comprado a outra casa. Ainda falei pra ela: “A casa de lá vai ficar no nome do teu irmão e o sobrado vai ficar pra você”. Aí ela: “Ah, então tá bom mãe”. Ela aceitava, assim, que a gente sempre foi de conversar. Eles aceitavam e não falavam nada.</p>	
<p>E hoje, Michel, pra mim, não sei se é por causa da morte da minha filha, se você chegar lá em casa e dizer: “Nossa, que linda essa cortina é...”. Pode tirar, pode levar, não ligo.</p>	



<p>Então eu faço assim, eu peço lá pás minhas amiga, empresto, porque acho que na amizade você nunca tem nada, é difícil arrumar um amigo. “Ó, o que não serve pra vocês, me avise que eu venho buscar, separe, eu venho buscar, eu levo lá no Carmo ou levo pra dona L.”. É, o Carmo vende e a dona L. dá, sabe? Então se você tem cortina, se você tem isso, eu divido, sabe? Metade pro Carmo, metade lá. O Carmo põe lá no brechó pra vender né, aí vende pra comprar cesta básica pra dar pro pessoal lá. E a dona L., não. “Ai dona L., vamo lá na minha casa”. “Ah, é?”. Então nós vamo lá ver, ela vai lá ver, ó tá precisando disso, tá precisando daquilo, então ela separa, sabe? E eu arrumo as coisa assim, me enfiei nisso aí depois que minha filha morreu. Sabe, fazer assim um pouco de caridade. Entre aspas, porque não se faz caridade, os outros rouba, o governo nosso só rouba, né? E eu aprendi assim, agora, sabe? Agora faço isso aí. Pra mim, isso aí agora eu deixo o barco correr.</p>	
<p>Só que eu gosto de conversar, sabe Michel?</p>	

<p>Eu gosto de falar, eu gosto de falar do meu passado... Antes não falava, né? Antes tinha medo. Hoje, não. Hoje eu falo do meu passado.</p>	
<p>Não converso com meus irmão sobre passado, porque eu acho assim que no fundo, Michel, eles vão olhar pra mim e vão pensar, sabe, eu acho assim que vão pensar o que de mim. Então eu não falo assim sobre meu passado pra eles, o que eles não tiveram, o que eles não passaram, né, eu passei e o que eles não passaram. Porque minha irmã mais velha, que é essa que mora em Reserva, já é velha, ela tinha acabado de casar, né? E eu nunca contei pra ela, ela... Meu irmão mais velho morreu, daí vem outro irmão e eu. Aí tem mais quatro que era de menor. Então sobre meu assunto do passado, assim, com meus irmão nunca conversei, e nem sobre minha filha depois que ela faleceu. Eles não dão brecha, eu também não dou. Então eles não vão na minha casa, eu não vou na casa deles. É muito raro eu ir lá, sabe? Se eu tiver que fazer alguma coisa é por telefone.</p>	

<p>Ainda esses dias o meu filho veio, o meu filho foi na casa do meu irmão lá: “Mãe, o tio M. [irmão] parece que vai se separar da tia M. [cunhada]”. Falei: “Esse assunto é dele, ó. Eu lavei a mão”. Eu falei: “Quando ele foi pra casar, eu avisei, ela é seis anos mais velha que ele, ela gostava de bagunça e ele é quietão, não se entrosava com ela. Falei: “Criaram, tem três filhos, agora já tão...”. A mais velha tem, que a minha afi... não, a afilhada é do meio, a mais velha tem 20. Falei: “Teu tio agora vai dançar” – falei – “eu não posso fazer nada”. “E dentro da minha casa” - eu falei – “eu não quero”. Porque esse irmão mais velho não... era separado, mas ele vivia na casa dele. Mas quando ele se enchia ia lá pra casa. E ele ficava lá, aí nós sentava, nós conversava, ele com a minha filha ia pros baile, a gente conversava, a gente ria, e entre meus irmão eu não tive muita chance, mas também nunca me abriram como esse meu irmão mais velho, nunca.</p>	
<p>- C., SOBRE A TERAPIA, VOCÊ QUER FALAR MAIS ALGUMA COISA, ASSIM?</p>	

- Não, Michel, já falei tudo que tinha que falar, foi muito bom, espero que você dê pra pegar alguma coisa.

- FOI MUITO RICO TUDO QUE VOCÊ FALOU.

- Se precisar, me chame que eu to de volta, tá?

- TÁ, ENTÃO. MUITO OBRIGADO.

- Nada Michel, magina.